

J.R.
JOHANSSON

LOUCURA

Sonâmbulos
Livro 3



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J.R.
Johansson

LOUCURA

Sonâmbulos
Livro 3



LOUCURA

LOUCURA

Sonâmbulos
Livro 3

J.R.
Johansson





Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Thaíse Costa Macêdo
Tradução: Alexandre Boide
Preparação: Carla Bitelli
Revisão: Flávia Yacubian e Natália Chagas Máximo
Diagramação: Juliana Pellegrini

Capa original: Lisa Novak
Adaptação: Juliana Pellegrini
Imagem da capa: © Armin Staudt/www.shutterstock.com
Título original: *Mania*

© 2015 J.R. Johansson. Publicado originalmente em 2015 pela editora Flux. Direitos de tradução geridos por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

© 2013 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-953-8

1a– edição, 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Johansson, J. R.

Loucura, livro 3 [livro eletrônico] / J. R. Johansson; [tradução Alexandre Boide]. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2016. – (Série Sonâmbulos)

2 Mb; ePUB

Título original: *Mania*.

ISBN 978-85-7683-949-1

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título. II. Série.
15-10497 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

*Para os Seizure Ninjas.
Este livro e esta série jamais estariam completos
sem suas habilidades insanas.
Obrigada!*

1

Jack

Olhei para o buraco que engoliu todas as respostas de que eu precisava; ainda podia sentir a terra tremer e o calor do fogo contra o meu rosto. Os gritos frenéticos dos prisioneiros que libertamos ecoavam nos meus ouvidos. Cada fragmento de memória da explosão na Base Aérea de Benton – quando perdi meu pai, meu mentor – estava vívido na minha mente. Só tinha se passado um mês, mas eu sabia que seria impossível me esquecer de algo que roubou o ar dos meus pulmões e arrancou o chão dos meus pés.

Principalmente porque, a cada vez que me recordo daquela noite, sinto como se tudo estivesse acontecendo de novo.

O vento atingiu minhas costas e me enregelou, apesar do sol quente de verão. Eu estava na beirada da cratera, me equili-brando sobre o vazio. Olhei para as sombras profundas lá embaixo, desejando que o conhecimento que Danny – *meu pai*, me corrigi mentalmente – levou consigo pudesse de alguma forma se erguer no ar como poeira e chegar até mim.

Porque, pelo que pude apurar, essa seria a única maneira de resolver este maldito quebra-cabeça.

– Pena que não pôde ser de outro jeito – Parker murmurou a alguns metros à minha direita.

Em geral, eu ia até ali sozinho, mas desta vez ele me convenceu a trazê-lo comigo. Eu já estava começando a me arrepender. Era ali que eu sempre ia quando não conseguia resolver alguma mensagem enigmática ou alguma missão passada pelo meu pai. Neste ambiente, Parker é uma distração. Meu pai me deu um papel com instruções e pistas para decifrar a fórmula de uma nova droga e disse que eu era a única pessoa capaz de resolvê-la.

Você vai saber o que fazer.

Só que eu não era a solução... nem sabia o que fazer.

Mesmo assim, ainda mantinha a expectativa de acabar com a guerra entre os Sonâmbulos, um conflito que vinha acontecendo desde que me entendia por gente. Ah, e para realizar isso precisava resolver o quebra-cabeça do meu pai, fazer os Apropriadores interromperem sua matança para me ouvir e criar uma droga mágica – capaz de salvar todo mundo – e que, até onde sei, nunca foi testada.

Pressão pouca é bobagem.

– Este é um lugar bem assustador para fundar uma sociedade, não? – questionou Parker. Ele se dirigia a mim, então eu não podia continuar em silêncio.

– Foi o pai que escolheu.

– Ah... – Meu irmão pareceu um tanto frustrado quando acrescentou: – Pois é, esse é o tipo de coisa sobre ele que eu gostaria de saber. Por que escolher um lugar assim?

Um grunhido escapou dos meus lábios, e deu para ver que Parker ficou todo tenso. Era por isso que eu não queria que ele viesse. Fui até ali para pensar, e ele não estava ajudando em nada.

– Por causa da estrutura sólida, do espaço de sobra e do fato de que boa parte da construção é subterrânea – respondi.

– Agora faz sentido – Parker falou baixinho. – Obrigado.

Eu me sentei na beirada do buraco, apanhei algumas pedras e joguei lá dentro. A última coisa que eu queria era magoar meu irmão, mas era difícil até olhá-lo, pois cada vez mais ele me lembrava nosso pai. No fundo, não era culpa do Parker que ele me causasse tanto sofrimento.

Desisti de mantê-lo calado e resolvi amenizar um pouco o clima.

– O que mais você quer saber sobre este lugar?

– Por que os Apropriadores mantinham tantos prisioneiros aqui?

– Parker hesitou um pouco antes de se sentar ao meu lado.

– Eles achavam que alguns deles eram Observadores como nós. Mas a maioria era só chantageada mesmo. Eles só queriam arrancar o que precisavam. Nós sabemos muito bem o que uma pessoa é capaz de fazer quando um ente querido é sequestrado.

Parker fez que sim com a cabeça.

– Mas, se a base é tão grande assim e a maior parte é subterrânea, como pode ter certeza de que os Apropriadores foram embora?

– Percorri cada corredor que restou... Eles foram embora, sim. A explosão que o pai causou destruiu quase todo o espaço que eles estavam usando – expliquei. Enquanto Parker apertava os olhos para avistar o outro lado da base, continuei: – Pois é, é gigante. Muito maior do que você imagina. Devem ter sobrado uns dois terços.

– Então *por que* eles foram embora? – Parker pegou um punhado de areia e jogou no buraco. – Eles estavam tomando cada vez mais corpos em Oakville, pareciam estar tramando alguma coisa grande. Por que não ocupar o outro lado da base e recomeçar de onde pararam?

Minha voz ficou mais séria:

– Porque eles sabiam que eu ia voltar.

Parker não respondeu, mas percebi que virou a cabeça para me olhar.

– Além disso, o plano inteiro dependia do Eclipse e de um esquema montado para os Apropriadores tomarem os corpos dos Sonhadores e não devolverem mais. – Ergui os ombros e tentei desfazer o nó que sentia nos músculos. – Como o pai destruiu o Eclipse e todas as pistas sobre como fabricá-lo, no momento eles não têm mais nada. Mas, quando se reorganizarem, sem dúvida virão atrás de nós.

Pensei nas poucas vezes em que o nosso lado – o dos Sonâmbulos Construtores e dos Sonâmbulos Observadores – conseguia algum progresso contra os adversários nesta guerra de 20 anos. Os Apropriadores sempre voltavam com mais força e violência. Sempre havia mortes. Esperar que se reagrupassem era como esperar uma bomba cair do céu: ninguém sabia ao certo quando aconteceria e não havia como impedir.

Levantei, esfregando as mãos na calça jeans.

– Quando eles vierem, precisamos estar preparados.

– Você acha que dá pra fazer isso trabalhando na fórmula que o pai deixou? – Parker ficou de pé ao meu lado, mas não tirava os olhos da cratera. – Não acha que pode acabar dando errado, como o Eclipse?

– O Eclipse surpreendeu o pai porque permitiu que os Apropriadores tomassem os corpos dos Sonhadores de forma permanente. – Senti meu estômago revirar. Sentia o mesmo medo que Parker tentava disfarçar. – Tenho certeza de que isso não vai acontecer de novo.

Eu me virei para voltar ao carro de Parker, mas meu irmão me segurou pela manga. Suas perguntas estavam me massacrando, e

precisei me controlar um bocado para não puxar o meu braço com agressividade e me livrar do seu toque.

– Jack, o pai era um Dividido. No fim da vida, praticamente não era mais ele mesmo... – Parker deixou a frase pairando no ar. Foi difícil de ouvir.

– Confio nele. – Me virei para encarar meu irmão, apesar da dor que me causava ver seus olhos azuis, que lembravam tanto os do meu pai. Olhar para ele era como reabrir feridas ainda recentes demais. – E você também deveria.

– Tudo bem, tudo bem. – Parker ergueu as mãos em sinal de rendição e deu um passo para trás.

Imediatamente me arrependi da reação. Até pensei em pedir desculpas, mas em vez disso me virei para voltar ao carro.

– Só me diga uma coisa. – Ele precisou correr uns três passos para me alcançar. – Essa nova fórmula então serve pra ajudar os Apropriadores a dormir como os Sonhadores... como pessoas normais?

Confirmei com a cabeça.

– E funcionaria com os Observadores também? Isso pode fazer a gente não precisar mais dos Construtores?

Era uma boa pergunta, que eu também fiz a mim mesmo quando meu pai estava começando a trabalhar na fórmula.

– Não. Cada tipo de Sonâmbulo tem uma química cerebral. O medicamento não teria o mesmo efeito sobre os Observadores, porque foi criado pro cérebro dos Apropriadores.

Parker coçou o rosto.

– Certo, faz sentido. Bom, pelo menos isso colocaria a gente mais em pé de igualdade, não?

– Como assim? – fui falando sem parar de andar.

– Os Observadores morrem se não tiverem os Construtores pra ajudá-los a dormir. Então esse medicamento, em teoria, faz o mesmo que os Construtores... só que com os Apropriadores. É isso, não é?

– Sim... O que você tá tentando dizer, afinal? – Quando cheguei ao carro, abri a porta do motorista, mas Parker sacudiu a cabeça.

– Você não vai voltar dirigindo – ele falou.

– Por que não? – Será que tudo com ele precisava virar uma discussão? Toda vez que conversávamos, era como se eu estivesse nadando contra uma correnteza.

– Porque o carro é *meu*.

Parker baixou o queixo, mas eu simplesmente o encarei e fiquei esperando. Eu queria ter vindo de moto. A única razão para ter pegado essa porcaria de carro foi porque ele insistiu em vir também.

E ele sabia. Eu só precisava esperar que notasse.

Com um suspiro, ele me jogou a chave e sentou no banco do passageiro.

Depois que liguei o carro, ele continuou:

– Minha pergunta é: se a fórmula que estamos tentando descobrir é pra ajudar os caras, por que não avisá-los? Não é do interesse deles?

Dei risada.

– Que foi? – Parker estava ficando mais irritado. – É verdade que a Chloe é a única Apropriadora que conheço, mas ela não me parece *tão* irracional assim.

– Claro, claro. – Encolhi os ombros e o encarei. – Ela só tentou tomar o corpo do Finn pra nunca mais devolver e queria matar você por ter descoberto.

Parker franziu a testa.

– Mas ela ajudou na libertação dele e não tentou mais nada desde que voltou pro próprio corpo.

– Que a gente saiba...

– Você não tem certeza disso.

– As pessoas não mudam, Parker. Não é da natureza delas. – Sacudi a cabeça com firmeza e agarrei forte o volante.

– Por que você precisa ser sempre tão chato? – Ele grunhiu baixinho a última palavra, que mesmo assim ecoou dentro do carro pequeno.

– É melhor tomar cuidado com o que fala. – Engatei a marcha. – Você tá parecendo *e/e*.

Parker se encolheu imediatamente, como se tivesse levado um soco no estômago. Quase me arrependi, mas ele precisava manter o controle, certo? Caso contrário, como impediria que seu lado sombrio se libertasse de novo?

Ele deslizou no assento e permaneceu totalmente calado enquanto eu dirigia. Cada minuto de silêncio aumentava minha culpa, e preenchi o vazio com a resposta que ele me pediu no início da conversa.

– Os Apropriadores não iam colaborar com a gente porque não encaram a coisa como uma escolha simples, do tipo “viver” ou “morrer”. Eles achavam que com o Eclipse tinham poder pra ser como deuses e querem dar um jeito de ter isso de volta. – Parker virou a cabeça para mim o suficiente para mostrar que estava escutando, então continuei: – Pra eles, é uma escolha entre viver como deuses ou perder essa habilidade e virar pessoas normais.

Parker se afundou no assento.

– Durante muito tempo, eu teria feito qualquer coisa pra ser normal. Quer dizer que nenhum deles escolheria isso?

– Os que escolheriam seriam bem difíceis de encontrar, e mais ainda de mobilizar. O pai me contou que eles passaram anos sofrendo praticamente uma lavagem cerebral comandada por um cara chamado Steve Campbell. Ele era o líder dos Apropriadores e foi quem começou esta guerra.

Só de falar o nome de Campbell a raiva começou a crescer dentro de mim. Eu tinha escondido de Parker os detalhes sobre esse homem e sua colaboração para arruinar a nossa vida.

– Ele já morreu – continuei –, mas fez muito estrago enquanto esteve por aqui. Convenceu os Apropriadores de que eles têm sorte, porque, mesmo vivendo menos que os Observadores e os Construtores, a capacidade de usar o corpo das pessoas e invadir sua mente é a fonte de um poder imenso. Por causa dele, os Apropriadores acreditam que vivem *mais* em 20 anos do que uma pessoa normal em uma vida inteira.

Parker sacudiu a cabeça.

– Isso é loucura.

– Pois é.

2

Jack

O papel amassado no meu bolso parecia um ferro em brasas prestes a me marcar com o sinal da decepção, do fracasso. Até depois de morto, meu pai conseguia me impor desafios que pareciam impossíveis.

Olhei pela quarta vez para a tela do laptop, mesmo sabendo que não havia nada ali que pudesse me ajudar. A verdade era bem simples: ou meu pai tinha feito besteira, ou eu estava deixando passar alguma coisa importante.

Encostado na parede, examinei todo o equipamento de laboratório que consegui tirar dos depósitos de meu pai nas últimas semanas. Ele alugava espaços de armazenamento fora de Oakville e mantinha laboratórios completos dentro deles. Dessa forma, sempre havia um laboratório para ir, e ele não precisava carregar todo o equipamento consigo quando precisávamos sair de casa subitamente no meio da noite.

Quando a mãe de Parker me deu permissão para usar o depósito que ficava entre o quarto dele e a garagem, tenho certeza de que ela não esperava que eu montasse um laboratório, mas também não disse nada.

Ou talvez esperasse, sim... afinal, ela foi *casada* com o meu pai.

Apesar de todo o meu esforço, porém, o equipamento e os produtos químicos estavam quase intocados. Nada, nem minha visita à Base Aérea de Benton no dia anterior, parecia capaz de me inspirar ou proporcionar as respostas de que precisava.

– Jack? – Chloe me encarava, esperando apoiada em uma mesa do outro lado do laboratório.

Ela vinha fazendo a mesma pergunta todos os dias havia um mês: “Quando a nova droga para os Apropriadores vai ficar pronta?”. E eu ainda não tinha a resposta.

A fórmula que meu pai me entregou era bem básica, nada muito complicado. O único problema era que três componentes estavam indicados com os números 1, 2 e 3, em vez de com o nome dos ingredientes (meu pai adorava enigmas e estava bem paranoico no fim da vida). Eu não estava conseguindo preencher essas lacunas. Esperava encontrar uma pista em um de seus laboratórios, mas não havia nada.

Precisaria contar a verdade para Chloe.

Eu não sabia nem por que estava tentando preparar aquela fórmula, para começo de conversa. Os Apropriadores eram os culpados pela morte da minha mãe e do meu pai. Por que me esforçar tanto para salvar as pessoas que passei a vida toda odiando?

Mas eu sabia a resposta: meu pai havia me pedido. Ele queria que a guerra entre diferentes tipos de Sonâmbulos terminasse e tinha certeza de que a chave para isso era a fórmula.

Então eu precisava resolver o enigma... mesmo se isso significasse o meu fim.

Mas havia uma razão para eu ter ido à base. Ao final da fórmula, tinha uma palavra a mais rabiscada: “enterrado”. Apesar de não ter

conseguido nada de útil por lá, precisava acreditar que estava ali por alguma razão.

Não era uma palavra muito animadora, mas meu pai era assim mesmo...

– O novo medicamento ainda não está pronto, nem vai estar tão cedo.

Fiquei de pé e endireitei as costas, acreditando que, caso jogasse limpo com Chloe, ela me deixaria em paz por alguns dias. Ela estava passando cada vez mais tempo na casa de Parker desde que ele a separou do corpo de Finn. Isso não era tão ruim... tipo, quando não está me enchendo o saco, ela é obviamente muito gata.

– Estou tentando – acrescentei. – Só não vai ser tão simples quanto eu esperava.

– O acordo foi: eu ia ajudar o seu irmãozinho Parker a salvar seu amiguinho Finn e você ia me ajudar a sobreviver. Certo? – Chloe deu um passo à frente. Sua postura parecia relaxada, mas seu olhar era tempestuoso. Como sempre, era o de alguém a fim de uma boa briga.

Uma briga que eu era capaz de dar conta, mas os sinais de privação de sono visíveis em seu rosto me fizeram desviar os olhos. Aquilo era uma lembrança de que o último desafio imposto pelo meu pai estava tomando mais tempo do que qualquer um de nós gostaria.

Chloe era a única Apropriadora com quem já passei mais de cinco minutos sem tentar esfaquear. Na verdade, não era bem assim. Atirei uma faca nela uma vez, mas só quando se apropriou do corpo de Finn, e errei a mira de propósito. Esfreguei o punho nos rebites do bolso da calça jeans, tentando decidir se esse ataque contava ou não.

Peguei a pilha de roupas limpas que estava em um canto e joguei na bolsa de viagem, por cima de todo o resto que nunca me dei ao trabalho de tirar. Mantive um tom de voz totalmente calmo:

– Sim, foi esse o acordo, mas...

– Mas o quê? – ela perguntou. – Pra mim estava tudo bastante claro!

Fechei o zíper da bolsa, verifiquei se tinha mesmo guardado o celular. Respirei fundo e me preparei mentalmente para a briga que estava fadada a acontecer depois que eu revelasse toda a verdade.

– Então, estou tentando, mas a fórmula que o meu pai deixou... não está completa.

Ela se afastou da parede, e todo o fingimento de se tratar apenas de uma conversa casual foi deixado de lado. A voz dela se transformou em um sibilo:

– Quê?

Mantive a postura e olhei bem em seus olhos, apesar de eu ter prometido a mim mesmo que *já* nunca faria isso com um Apropriador.

– Ele me entregou a maior parte e deixou uma pista pra descobrir o resto, mas eu preciso de mais tempo.

– Nem sempre podemos ter mais tempo. – Chloe deu mais um passo na minha direção. Ela disfarçava bem, mas o turbilhão de sentimentos por trás de sua expressão durona era inconfundível. – Não entendo. Se ele criou essa fórmula pra ajudar os Apropriadores, por que não entregou a coisa toda?

– Porque anos de experiência o ensinaram a não confiar em gente como você.

Ela desviou os olhos, mas eu ainda não tinha terminado.

– Porque, mesmo quando ele estava tentando ajudar os Apropriadores, sentiu que precisava de algumas garantias. Precisava manter os filhos vivos. – Dei um passo na direção dela, que me

encarou de novo. – Ele não queria que seu tipo pusesse as mãos na fórmula, matasse Parker e eu e fabricasse o medicamento sozinho.

– Tudo bem – ela murmurou. – Entendi.

– Ótimo.

– Mesmo assim. – Ela esfregou o olho com a mão direita, o que fez sua olheira se destacar ainda mais. – Você não acha que devia ter me contado esse detalhe *antes* de fazer o acordo?

– Estou trabalhando pra resolver esse problema. – Pus a alça da bolsa de viagem sobre o ombro.

– Só isso não basta, Jack.

Ela cerrou os punhos nas laterais do corpo. Depois da nossa última conversa, eu sabia que ela não tinha receio de usá-los caso fosse contrariada. Meus reflexos em dia foram a única coisa que evitou que seu soco me acertasse. Não que eu a culpasse por se sentir frustrada. O que ela estava vivendo era terrível. Uma morte lenta, com a mente se erodindo pouco a pouco em virtude da privação de sono. Qualquer Observador entenderia. Mais um motivo para essa fórmula ser tão importante.

Passei por ela a caminho da porta.

– Bom, mas precisa bastar. Essa responsabilidade é minha, é...

– Dane-se a sua responsabilidade! É a *minha* vida, Jack!

Chloe me agarrou pelo ombro e me puxou até me obrigar a encará-la. A essa altura sua máscara não estava mais lá, e o desespero e o medo ficaram evidentes. Absorvi tudo, desejando que ela acreditasse que eu estava *mesmo* do seu lado.

Não podia garantir que estivesse *sempre* do seu lado... mas por enquanto estava.

Eu entendia muito bem a responsabilidade que pesava sobre os meus ombros: o fardo de ter que salvar não só a vida dela, mas de

muito mais gente. A vida de todos os Apropriadores, além das pessoas comuns que eles matariam se eu não conseguisse detê-los.

Os Observadores da minha geração tinham sido criados para odiar os Apropriadores. Éramos opostos perfeitos em diversos sentidos. Os Observadores aprenderam a se camuflar quando estavam na mente de alguém que sonhava; nós tentávamos o máximo possível não causar transtornos para os Sonhadores. Já os Apropriadores faziam o contrário: tomavam o corpo dos Sonhadores enquanto dormiam, e na maior parte do tempo deixavam um rastro de problemas.

Afastei esses pensamentos. Os Apropriadores eram meus inimigos de longa data, mas por ora eu precisava me concentrar em outro aspecto da nossa relação: as similaridades. Os Apropriadores também eram Sonâmbulos, como eu. E, por mais que os detestasse – o que, às vezes, incluía a própria Chloe –, ainda precisava dar um jeito de salvá-los. Meu pai se sacrificou para salvar Parker e eu, então era preciso terminar a tarefa que ele me havia confiado.

Chloe sempre tentava parecer durona, mas seus dedos tremiam quando agarraram meu braço.

– Sei *exatamente* o quanto isso é importante, Chloe. – Fiz questão de pronunciar perfeitamente cada sílaba enquanto andava de costas na direção da porta do depósito, e ela me largou. – Então, por favor, me deixe fazer o que eu preciso fazer. Ainda quero cumprir o que prometi.

A porta se abriu atrás de mim, acertando meu calcanhar, mas não me virei. Então ouvi a voz do meu irmão:

– Hã, estou interrompendo alguma coisa?

– Não.

Dei um passo à frente e ajeitei a bolsa no ombro para que Parker pudesse acabar de abrir a porta. Quando me virei, percebi que

olhava para a minha bagagem. Ele me encarou, e eu saquei o celular, olhando para a tela como se ali houvesse uma revelação fascinante.

– Você tá indo embora? – Ele franziu a testa.

Não tirei os olhos da tela para responder:

– Avisei ontem que ia voltar pra base.

– Pois é. – Ele esfregou o polegar no queixo e acrescentou: – Mas você falou a mesma coisa anteontem e no dia anterior também.

A cabeça do Finn apareceu pela fresta da porta, com os cabelos caindo sobre os olhos.

– Você vai mesmo?

Soltei um grunhido.

– Sim, se vocês saírem da frente.

Finn estremeceu quando viu Chloe atrás de nós, e se afastou bem depressa dali. Ele vinha evitando a presença dela – ou melhor, o contato visual com ela – o máximo possível. A convivência entre os dois era bem estranha depois de ela ter tomado o corpo dele... E não era nada difícil entender.

Obviamente, havia muito mais a levar em conta na conexão entre Sonhador e Apropriador do que o simples erro de olhar nos olhos de um Apropriador. O Sonhador, no caso Finn, teria que ir dormir logo depois do contato visual, e Chloe precisaria se deitar e entrar na versão dos Apropriadores de sono – que até parecia sono, mas era mais como um estado de coma. Além disso, Chloe não poderia fazer contato visual com mais ninguém depois. Apesar de Finn, na prática, saber de tudo isso, não se sentia à vontade perto dela de forma nenhuma. Pelo jeito, quando alguém prende a pessoa dentro da própria mente e usa seu corpo para matar, o perdão não é algo tão simples.

Com seu braço comprido, Finn puxou Parker pela camisa e o tirou do meu caminho. Aproveitei para dar uma lida rápida na camiseta do Finn – “Se a história se repetir, vou querer ter um dinossauro” – antes que ele sumisse de vista. Apesar de ainda não conhecê-lo direito, tinha de admitir que o cara era divertido.

– Enfim, acho que agora sei pra onde ir. – Enfiei o celular no bolso e ajeitei a bolsa no ombro. Depois que Chloe saiu, tranquei a porta do laboratório e passei por Parker.

– Pra onde?

Parker me seguia pelo corredor estreito com uma expressão sombria no rosto. Mesmo sem olhar para ele, já sabia o que iria dizer.

Olhei ao redor para me certificar de que Chloe não estava por perto. Ao longo do último mês, fiquei preocupado que ela estivesse monitorando nossos passos e mantendo os outros Apropriadores informados, apesar de não haver nenhuma evidência disso. Nas primeiras semanas, às vezes eu a seguia e fuçava em seu telefone à procura de ligações para seus irmãos. Se Parker não tivesse concordado em ajudá-la depois que ela se separou do corpo do Finn, eu jamais permitiria que Chloe ficasse por perto. Ela era um perigo... e dos grandes.

– Uns anos atrás, o pai e eu moramos em um trailer perto de Longdale – contei. – Preciso ir até lá. – E murmurei só para mim a parte que mais me preocupava: – Eu acho.

– E como isso vai ajudar? – questionou Parker.

– A fórmula tem uns números no lugar dos ingredientes faltantes. E a palavra “enterrado”. Longdale pode ter sido o lugar onde o pai enterrou alguma coisa que quisesse que eu encontrasse depois. – Atravessei a cozinha e me encostei no balcão, tomando o cuidado de não esbarrar em Finn, que revirava a geladeira.

Parker estalou os dedos da mão direita.

– Então você acha que ele enterrou uma lista num trailer?

Encolhi os ombros.

– Talvez ele tenha passado a informação pra alguém e enterrado suas anotações. Ou talvez não tenha nada por lá. Pelo menos é um lugar pra começar.

– Será que ele enterrou os ingredientes também? – Parker parecia incrédulo, e eu não podia negar que também tinha dúvidas.

– Não sei, Parker. – Aquilo estava começando a parecer um interrogatório, então fiz o meu melhor para cortar o assunto antes que ele começasse a fazer mais perguntas. – Acho que o Danny... digo, o pai... não queria que ninguém soubesse fazer essa fórmula sem a minha ajuda. Isso é um seguro de vida pra nós dois, porque, se os Apropriadores fizerem alguma coisa contra nós, vou queimar tudo o que restou dela, e eles que morram.

Quando me virei, dei de cara com Chloe parada na porta. Ela me encarou por cima do ombro de Parker e, ao ver a expressão magoada dela, imediatamente me arrependi do que falei. Não que alguma coisa do que disse não fosse verdade... mas eu preferia que ela não tivesse me ouvido.

Finn atravessou a cozinha em silêncio e assumiu um lugar no canto oposto ao de Chloe.

Parker não disse nada, só contorceu a boca em uma linha reta. Em seguida, soltou um suspiro.

– Certo, então me dê cinco minutos pra arrumar minhas coisas.

– Não precisa. Se tudo der certo, volto logo. É só uma hora de viagem até Longdale, e vou manter você informado de tudo.

Passei por ele, abri a porta que dava para a garagem e deixei a chave da moto em cima do balcão.

Parker sacudiu a cabeça, parecendo frustrado.

– Você quer que eu fique aqui?

– Sim, por enquanto. – Eu me preparei para a discussão que viria. – Você pode levar minha moto lá pra trás e jogar uma lona por cima? Deve estar atrapalhando sua mãe, e eu preciso ir.

Parker já estava balançando a cabeça em negativa antes mesmo de eu terminar de fazer o pedido.

– Eu vou também.

– Não – respondi, tentando deixar claro no meu tom de voz que não havia espaço para argumentação.

– Você precisa da minha ajuda.

– Não desta vez. – Joguei a chave da moto, que ele pegou por instinto antes que o atingisse no peito. Chloe tinha ido embora, provavelmente irritada com o que eu disse, mesmo assim baixei o tom de voz ao continuar: – Você vai ajudar muito ficando aqui, caso as coisas demorem mais do que prevejo. Pra ficar de olho em tudo. Vigiar a Chloe, não deixar que ela entre no laboratório... Os Apropriadores ainda estão sem condições de fazer muita coisa. O estrago que o pai causou arruinou um planejamento de anos. A explosão destruiu o pouco de Eclipse que eles tinham, além do único acesso à fórmula. Mas, como falei, eles estão se preparando para um ataque em breve. Você precisa ficar atento aos sinais.

Parker ainda parecia disposto a discutir, então virei as costas e saí para pegar a van antes que ele pudesse retrucar. Na verdade, eu estava certo, apesar de ele não querer admitir. Alguma coisa me dizia que os Apropriadores não iam perdoar o fato de o meu pai ter explodido metade da base, toda a fórmula do Eclipse e alguns dos Apropriadores que o mantinham prisioneiro... além de si mesmo.

Meu coração se apertou com o vazio que senti no peito, e afastei esse pensamento.

Ter um alvo grudado nas costas nunca foi confortável, mas sempre vivi assim. Meu pai me ensinou a ser esperto e sobreviver nessas circunstâncias. Para Parker, ele queria uma coisa diferente, mais normal. Eu faria de tudo para que continuasse sendo assim, mesmo em uma situação como esta.

Quando passei pela garagem, peguei uma pá e um pedaço de corda.

– Então estamos planejando enterrar alguém, é? – Finn perguntou com uma voz brincalhona atrás de mim.

– Pode ser... ou então desenterrar.

Eles devem ter percebido que eu não estava para brincadeiras, porque não fizeram nenhum comentário.

Soltei um grunhido e joguei minhas coisas no assento da van que roubamos da base dos Apropriadores. Ficamos sabendo que Mason, um dos prisioneiros libertados, não tinha destruído o veículo como combinamos, então pedimos de volta. A van viria a calhar para projetos em que só minha moto não seria suficiente.

Olhei ao redor no jardim da frente para ver se Chloe tinha ido para lá. Queria pelo menos me despedir com um aceno antes de sair, mas ela não estava por perto. Devia ter sumido de novo. Não era muito surpreendente. Se aprendi alguma coisa a respeito dela ao longo daquele último mês, era que tinha uma tendência de aparecer e desaparecer quando estava a fim, sem dar satisfação.

Nesse sentido, era bem parecida comigo.

Parker estava apoiado na porta do motorista da van quando contornei o veículo. Eu o abracei rapidamente pelo ombro, um gesto que também me ajudou a tirá-lo do caminho.

– Se cuide. Eles sabem quem você é, mas devem estar com medo de fazer alguma retaliação, porque estão desesperados para

ter o Eclipse de volta. Devem pensar que nós somos as únicas pessoas que têm alguma ideia de como fabricar a droga.

– Você é a única pessoa que tem alguma ideia sobre isso. – Parker se afastou e franziu a testa. – Essa fórmula que o pai deixou são só rabiscos para mim.

– Pra começo de conversa, eles não sabem que você não entende, e é melhor que nem fiquem sabendo. – Eu o encarei, me forçando a ver a expressão em seus olhos. – Além disso, sem os três ingredientes que faltam, essa fórmula é inútil pra todo mundo. Inclusive para mim.

– Certo. – Parker não saiu de onde estava, o que me impedia de fechar a porta e ir embora. – Tem certeza de que não pode esperar mais um dia ou me deixar ir junto? Ainda tenho muitas perguntas, e você prometeu me contar mais sobre o pa...

– Tenho certeza. – Eu o afastei com um dos braços e fechei a porta. – E vamos ter tempo pra perguntas e respostas mais tarde, depois que eu resolver isso.

Virei a cabeça para o outro lado, me esforçando para não pensar muito na mágoa que meu irmão tentava esconder. Era uma conversa complicada, e eu estava louco para sumir dali. Estava mais que cansado. Fazia muito tempo que eu não descansava nos sonhos de um Construtor. Addie, a irmã do Finn, era a única Construtora que eu conhecia na cidade e, como Parker e ela se acertaram de novo, seria estranho pedir alguma coisa para ela. Isso sem contar que Addie já estava ocupada sendo a Construtora *dele*.

Quanto mais tempo eu passava com Addie – acordado ou dormindo –, mais era preciso me lembrar de que ela não estava disponível. Eu evitava ao máximo seus sonhos, recorrendo a ela somente quando as coisas estavam quase insuportáveis. E, apesar de sua outra amiga Mia não ser Construtora, seus sonhos induzidos

pela auto-hipnose me ajudaram mais do que eu imaginava. Ainda assim, não era a mesma coisa que os sonhos de um Construtor.

Descobrir a fórmula do meu pai exigiria que eu estivesse alerta e descansado. Por isso tinha ao menos uma certeza: depois de passar em Longdale, eu iria até a sede dos Sonâmbulos rebeldes em Cypress Crest para ver Libby. Estava muito cansado, e ela era a melhor Construtora que já conheci. Além disso, estava com saudade. Aqueles dois meses com Parker foram o maior período que fiquei longe dela desde que éramos crianças. Era estranho ficar tão distante dela.

E, com o namoro de Addie e Parker e o clima romântico entre Mia e Finn, não faltavam motivos para eu me mandar. As coisas estavam ficando bem *melosas* ultimamente.

Mas tinha de admitir que ver Chloe interagir com Addie e Mia quase fazia tudo valer a pena. Ela assumia uma postura defensiva e desconfiada sempre que uma das duas estava por perto; era como se temesse que uma das garotas a tocasse e a transformasse em uma molenga.

Se Chloe pedisse minha opinião, eu diria que um pouco de delicadeza cairia bem. (Deve ser por isso que ela nunca pediu.)

– Bom, é melhor eu ir logo. – Olhei para Parker pela janela da van. – Estou levando meu celular. Mantenha contato e se cuide.

Ele assentiu, relutante, e deu alguns passos para trás.

Me despedi de Finn com um aceno e engatei a marcha ré. Não era exatamente um veículo em bom estado, mas instalei placas novas depois de pegá-lo com Mason, e agora era meu. Parecia uma opção melhor que a minha moto para esta missão, já que eu não sabia o que precisaria transportar. Além disso, eu podia dormir no banco de trás se a paranoia do meu pai transformasse a tarefa em um trabalho longo e cansativo.

Parker se aproximou de novo da janela, então manteve o pé no freio.

– Faltam três coisas, é?

– É.

– Você acha mesmo que consegue descobrir?

Soltei o ar pela boca com força, embaçando o velocímetro. A tensão provocada por essa pergunta se espalhou por todos os meus músculos da cintura para cima. Se tivéssemos como ajudar os Apropriadores a dormir – e, portanto, a sobreviver–, *talvez* pudesse haver paz entre nós. A Sociedade dos Sonâmbulos poderia enfim ser aquilo para o qual havia sido criada: um refúgio para pessoas que vivem em um mundo de pesadelo; um lugar para ter uma vida que vale a pena viver. O que meu pai sempre quis que fosse, e eu também.

– O pai achou que sim. – Engoli em seco e olhei meu irmão nos olhos.

Imediatamente, senti meu coração apertar. Parker já lidava fazia anos com a ideia de nunca mais ver nosso pai, enquanto para mim era coisa de um mês... e o vazio que ele deixou não parecia estar nem perto de ser preenchido.

– Acho que isso vai ter que ser suficiente – acrescentei.

Parker pôs a mão no meu ombro e deu um apertão de leve.

– Pra mim, já é.

3

Jack

Demorei uma hora para chegar a Longdale, e mais 30 minutos para encontrar o terreno escondido onde o trailer ficava quando meu pai e eu morávamos ali. Pouco depois de a minha mãe morrer, ele voltou a Cypress Crest para me buscar. Quando me tirou da sede dos rebeldes e me trouxe para o meio do nada, fiquei em dúvida sobre quais seriam suas intenções a meu respeito.

Saltei da van e peguei a pá no banco do passageiro. O mato estava bem alto, muito maior do que alguns anos antes, quando nós dois estávamos ali. Um arbusto em particular parecia um tanto diferente de quando meu pai me mandava esconder nele. Eu quase era capaz de ouvir sua voz ecoando pelo espaço aberto e vazio do lugar: "Agora, Jack... VAI".

Isso acontecia com frequência. Às vezes havia alguém se aproximando. Às vezes ele só estava querendo me testar.

De qualquer modo, fiquei muito bom em me esconder.

Era estranho poder dizer livremente que Danny era meu pai. Eu sempre soube, nunca foi um segredo, mas também nunca compartilhei a informação com ninguém. Ele contou a algumas pessoas que eu era filho de um amigo; a outras, disse que estava me treinando – a mentira que se adaptasse melhor a cada situação.

Mas eu *nunca* pude chamá-lo de “pai”, nem mesmo quando estávamos a sós. Ele tinha medo de que eu acabasse cometendo um ato falho em público e de alguma forma revelasse nosso segredo. Sua única vulnerabilidade era Parker. Ele morria de medo de que alguém usasse Parker para atingi-lo. Seu filho era seu ponto fraco.

Ele jamais permitiria que seus inimigos descobrissem que tinha mais de um.

No fundo da minha mente, eu guardava a lembrança da única vez em que o chamei de pai. Tinha 8 anos, e em questão de segundos ele me arrancou do chão e me grudou contra a parede.

– *Danny*, e não *pai* – ele grunhiu, olhando por cima do ombro, apesar de estarmos sozinhos. – *Nunca pai, nunca...* entendeu?

Meus pulmões ficaram em chamas, desesperados por ar, mas orgulhosamente mantive minhas emoções sob controle. Ele me largou e deslizei até o chão.

Ele pode ter sido bruto, mas o método funcionou. Nunca mais voltei a cometer esse erro.

Olhei ao redor do terreno, tentando me lembrar de como era na minha última visita, cinco anos antes. A uns três metros à frente, havia os restos do fogão improvisado em que cozinávamos na maior parte das noites. A uns três metros à minha direita, o local onde o meu pai montou um alvo e me ensinou a atirar com um estilingue, depois com uma arminha de pressão e, por fim, aprendi a lançar facas. Mais de um quilômetro adiante, em uma elevação à esquerda, ele montou um estande de tiro e me ensinou a manejar fuzis e pistolas. Passamos mais tempo ali que em qualquer outro lugar, mas os sinais da nossa presença quase não existiam mais. A natureza era capaz de apagar rastros em um piscar de olhos.

Meus pés me levaram para um ponto mais distante do terreno sem que eu me desse conta. Havia ali uma clareira onde nada

crescia. Não tinha mato nem flores selvagens – a beleza da flora local era incapaz de vencer esse solo. Uma lembrança vívida voltou à minha mente: meu pai tinha jogado tanto sal grosso nesse local que provavelmente nada jamais voltaria a crescer. Abri um sorriso tenso, e meu peito apertou com uma pontada de alegria. Nem mesmo a natureza era capaz de apagar totalmente as marcas do meu pai.

Uma brisa começou a soprar e a poeira se remexeu ao redor. Eu ainda podia ver meu pai do outro lado do terreno vazio, esperando pelo meu ataque, me ensinando a lutar, me ensinando a matar.

– Pode vir com tudo. – Ele dobrou os joelhos e esperou.

Seus olhos, sempre com olheiras fundas e sinais de exaustão, de alguma forma ainda conseguiam permanecer alertas e prontos para qualquer ataque que eu fosse capaz de elaborar.

Circulei ao seu redor, com as mãos erguidas, atento à sua postura e aos seus olhos, em busca de fraquezas. *Encontre a fraqueza, e a vitória é sua.* Ele me ensinou essa lição diversas vezes. Sempre havia uma fraqueza.

Então eu vi: um leve manquejar em seu pé direito, uma pista sutil de que havia algo errado. Ele tinha sofrido uma emboscada dos Apropriadores alguns dias antes. Eu sabia que um enfrentamento havia acontecido, mas quando voltou ele falou que estava tudo bem. Endireitando as costas, baixei as mãos e dei um passo à frente.

– Você se machucou?

Ele atacou antes mesmo que eu terminasse de falar. Ergui um braço a tempo para absorver o impacto de seu punho, mas o golpe com o pé direito – o que ele arrastava momentos antes – me atingiu, e caí de costas no chão, com seu antebraço pressionando minha garganta em um piscar de olhos.

Lutei para me livrar dele, empurrando com todas as forças, me esforçando para respirar. Mas eu só tinha 11 anos, e ele era mais

forte e mais habilidoso em todos os sentidos. Como sempre, meu pai continuou me estrangulando até minha visão ficar turva e meu corpo todo se debater antes de me soltar e me deixar respirar.

Tossindo, rolei de lado e o encarei enquanto o tão desejado oxigênio voltava aos meus pulmões e às minhas veias. Ele andava de um lado para o outro diante de mim sem nenhum sinal de contusão; o leve manquejar tinha desaparecido. Quando fiquei de pé, minha cabeça latejava.

– Você... não está machucado? – Ainda zozzo, apoiei as mãos nos joelhos para me equilibrar.

– Não. – Ele parecia meio triste apesar do sorriso, e fiquei me perguntando se o havia decepcionado.

– Então por que...?

– Por quê, Jack? – Ele sacudiu a cabeça e suspirou. – Porque eu estava explorando a *sua* fraqueza.

Caminhando pelo mato alto do terreno, ouvi um passo leve atrás de mim. Em um instante, meus instintos arrastaram minha mente de volta para o presente. Tinha mais alguém ali e meus sentidos ficaram em estado de alerta.

Dei mais um passo à frente, tentando me conduzir exatamente como antes, mas com o foco totalmente voltado para meu perseguidor, fosse quem fosse. Chutei uma pedra e fiquei olhando enquanto ela quicava ao baixar minha pá para o chão.

De novo alguém pisando a terra, atrás de mim, à esquerda. Em seguida, um passo abafado, então um segundo... Fiquei à espera de novo, só mais um pouco, até que ele chegasse à distância certa. Agora...

Me virei ainda agachado e agarrei os dois pés posicionados diante de mim. Só reconheci os cadarços roxos berrantes quando já os tinha puxado.

Chloe despencou de costas no chão, e eu a imobilizei antes que pudesse reagir. Seus olhos acinzentados me encaravam em choque, arregalados, enquanto ela tentava recobrar o ar que o tombo lhe roubou. Uma mecha de cabelos loiros platinados caiu sobre as sobrancelhas pretas e a fez piscar, numa tentativa de se livrar do incômodo.

Com uma das mãos, afastei os cabelos para o lado. Minha atitude a pegou de surpresa, e eu a observei com atenção, ouvindo sua respiração ofegante. Meu coração estava dispara-do dentro do peito. Rapidamente saí de cima dela. Chloe era muito inteligente, e já sabia muito bem como me tirar do sério.

Eu não estava a fim de mostrar que havia outras maneiras de fazer isso.

– O que você está fazendo aqui? – Mantive um tom de voz baixo e a raiva sob controle, escondendo meu sentimento de culpa quando ela fez uma careta e começou a esfregar a nuca.

– O que você acha, gênio? Que eu me escondi no fundo da van porque gosto do cheiro de combustível queimado e estofado velho?

– Ela se apoiou sobre os cotovelos. – Estou aqui pra ajudar.

– Você não devia ter vindo. – Fiquei de pé e estendi uma das mãos, mas ela me olhou feio e se levantou sozinha.

– Me deixe ajudar. – Havia uma folha de mato presa no cabelo sobre o cenho direito. Fiquei olhando para esse local, me perguntando se era uma boa ideia tocá-la de novo.

Ela apoiou o peso do corpo sobre um dos pés e passou a mão na calça jeans para espanar a poeira. Sem tirar os olhos de mim por um instante sequer, ela enfim questionou:

– Tá olhando o quê?

Soltei um grunhido baixo. Ela ficou paralisada com a aproximação da minha mão, me encarando com desconfiança.

Dando mais um passo à frente, fechei os dedos sobre seu ombro e tirei a folhinha do cabelo. Quando a soltei, segurei o pedacinho de mato diante de seus olhos antes de jogá-lo no chão.

– Por quê? – perguntei.

Ela limpou a garganta duas vezes.

– P-por que o quê?

– Por que você queria vir aqui comigo?

A pele de seu ombro estava quente sob meus dedos. Quando a soltei e voltei meu braço para a lateral do meu corpo, abri e fechei a mão algumas vezes.

Ela se inclinou para a frente, baixando a cabeça e sacudindo os cabelos para se livrar do mato e da poeira. Em seguida, se endireitou e, de repente, estava bem perto de mim – perto demais –, mas eu não estava disposto a recuar.

Ela enfim respondeu:

– Porque eu queria ter certeza de que você não ia desaparecer nem me deixar na mão, Jack. Isso é importante demais para mim... para todos nós.

Soltei um suspiro.

– Você não confia em ninguém?

– Não.

– Por que não vai pra casa, ficar com a sua família?

Fiquei à espera de sua reação. Depois de monitorá-la de perto nas primeiras semanas, relaxei. Considerei que minhas opções eram ou deixá-la livre, e caso nos traísse não salvá-la com a nova fórmula, ou mantê-la amarrada e sob vigilância constante. Eu não tinha tempo para isso, e a mãe de Parker certamente não ia gostar de ter uma prisioneira no depósito.

– Eu... – Ela desviou os olhos e recuou um passo, dando as costas para mim. – Não podia deixar você esquecer o nosso acordo.

– Tudo bem, mas se por acaso você fizer qualquer coisa que me atrapalhe ou me atrase...

– Isso não vai acontecer. – Ela me olhou por cima do ombro, e seu sorriso repentino me deixou abalado.

Eu me agachei e peguei a pá, resmungando enquanto caminhava até o local onde nosso trailer ficava estacionado.

– É só uma questão de tempo.

Pela expressão no rosto de Chloe, ficou claro que me ouviu e não gostou nada do que eu disse. Ela apontou para o local em que eu estava caminhando antes.

– Sem querer interromper e tal, mas você vai ficar andando em círculos e olhando para o chão o dia todo ou vai fazer alguma coisa?

Apertei a testa com força, tentando resistir à onda de lembranças que ameaçava me pegar e destruir o que restou de mim.

– Nós vamos fazer uma coisa.

– E o que é? – Ela cruzou os braços.

– Nós vamos cavar, não sei exatamente quanto. – Minha voz soou mais séria do que eu gostaria, mas a postura dela estava me irritando, e nem tínhamos começado.

Quando ela se aproximou, entreguei-lhe a pá com um sorriso frio no rosto.

– Você começa.

4

Parker

Estava sentado no sofá com o Finn vendo o *making of* de um filme do Bruce Lee. A camiseta do Finn era uma das minhas favoritas: “Querida matemática, eu não sou terapeuta. Resolva seus próprios problemas”.

Um clássico.

Addie e Mia iam chegar dali a pouco, e eu mal aguentava esperar sentado. Eu precisava da Addie. Minha relação com meu irmão estava bem estranha ultimamente, e ela de alguma forma sempre sabia o que dizer ou fazer para que eu me sentisse melhor.

Jack tinha saído fazia mais de uma hora. Já devia estar em Longdale. Como sempre, seu primeiro impulso foi me excluir. Com certeza eu poderia ajudá-lo em alguma coisa... se ele deixasse.

Eu estava ficando de saco cheio de ser excluído.

A campainha tocou. Levantei num pulo e fui atender. Dos degraus da varanda, Addie abriu um sorriso radiante e minha tensão começou a se dissipar. Atrás dela, Mia fez um leve aceno de mão.

– Estão prontos? – Addie perguntou.

– Sim, Jack foi embora. Entrem. – Eu me inclinei para ganhar um beijinho rápido antes de ir até o meu quarto. – Vou pegar o laptop, e a gente se reúne na mesa.

Addie estava com um bloquinho e uma caneta na mão quando voltei. A TV estava desligada, e os três me aguardavam cheios de expectativa.

Addie passou os olhos pelas anotações.

– Então, da última vez que a gente procurou referências ao Eclipse, não deu em nada...

– Isso se vocês tiverem certeza de que dá pra excluir referências a vampiros... – interrompeu Finn.

– A gente tem certeza. – Dei risada enquanto ligava o computador.

Mia sorriu e balançou a cabeça para Finn antes de me lançar um olhar cheio de compaixão.

– E antes disso a gente pesquisou sobre o seu pai.

– Pois é. – Estalei os dedos da mão direita e me esforcei para não mostrar o quanto falar sobre ele me deixava magoado. – E não achamos muita coisa além dos informes da polícia quando a minha mãe denunciou o desaparecimento dele.

– E vamos pesquisar o que agora? – perguntou Mia.

Cocei a nuca e pensei por um momento.

– Vamos começar procurando notícias sobre a Base Aérea de Benton.

– Certo. – Addie anotou minha sugestão em sua lista e eu digitei as palavras no navegador. Finn se esgueirou na ponta da mesa para ler por cima do meu ombro.

– A maioria é sobre o fechamento da base, em 1987... – Olhei para Finn enquanto rolava a página. – Me avise se encontrarem algo diferente.

Ele fez que sim com a cabeça e apertou os olhos para ler melhor.

No meio daquilo tudo, encontrei uma matéria do mês anterior.

– Aqui tem uma. – Fiz uma leitura rápida, citando as partes mais importantes em voz alta. – “A base era usada como centro de treinamento para novos pilotos da Força Aérea... estava vazia e abandonada há anos...” – Parei quando li as palavras seguintes.

– Que foi? – questionou Addie, mas não consegui dizer nada.

Finn respondeu por mim, parecendo se sentir culpado por ler aquelas palavras:

– “Até que uma explosão sacudiu a base inteira na madrugada de ontem. Relatórios iniciais apontam que um vazamento de gás pode ter causado a explosão, mas a investigação ainda está em andamento.”

Engoli em seco e continuei rolando a página.

Finn retomou antes que eu precisasse abrir a boca, o que me deixou grato.

– “Relatos dão conta de que corpos foram encontrados entre os escombros, e acredita-se que sejam de moradores sem-teto das proximidades que recorriam ao local em busca de abrigo...”

Fiquei olhando para aquelas palavras. O corpo do meu pai pode ter sido um dos encontrados. Pode ter sido enterrado um mês atrás sem lápide e sem nome. Esse pensamento me deixou enojado, arrastei minha cadeira para trás bruscamente e fiquei de pé. Meus amigos não disseram uma palavra quando saí para o quintal.

Um minuto depois, Addie saiu para ficar comigo. Em silêncio, ela pôs a mão sobre a minha. Eu estava observando uma família de pássaros em um ninho poucos metros adiante. Eles pulavam de galho em galho, piando uns para os outros, cantando. Era bonito. Tranquilizador, de certa forma.

– Finn terminou a pesquisa. – A voz de Addie estava suave, com um leve tom de preocupação. – Foi a única matéria que escreveram sobre a base nos últimos dez anos.

– E se eles tiverem encontrado meu pai e enterrado em algum lugar? – perguntei depois de meio minuto de silêncio, olhando para seus olhos cor de âmbar. – E se ele estiver em alguma cova e a gente não conseguir encontrar? Nem pra fazer uma visita... nem pra velar seu corpo. Sem ter nem um funeral, sem ninguém por perto.

– Vocês estavam por perto. – Addie sacudiu a cabeça firmemente. – Você e o Jack tentaram salvá-lo, mas foi ele que salvou vocês. O significado desse gesto não pode se perder.

– Eu sei. – Suspirei e me inclinei para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Addie passou a mão de leve nas minhas costas. – Só queria ter um lugar pra ir quando quisesse me sentir mais próximo dele. A base era a única coisa que eu tinha... e agora, sabendo que eles tiraram alguns corpos, não sei se vai ser a mesma coisa.

– Seu pai não parecia ser do tipo que ficava muito tempo no mesmo lugar. – Addie passava a ponta dos dedos de leve na minha mão enquanto pensava. – Se pudesse escolher, ele não ia querer ter um túmulo. Pela forma como viveu, provavelmente ia preferir ser espalhado no vento.

Fechei os olhos, sentindo a certeza daquelas palavras acalmar minha dor aos poucos. Jack nunca respondeu à maior parte das minhas perguntas sobre o nosso pai, mas eu sabia que pelo menos isso era verdade.

– E se precisar de um lugar pra se sentir mais próximo dele... – Addie se inclinou na minha direção, apoiando a cabeça no meu ombro – ... você pode escolher onde vai ser, pode encontrar seu próprio jeito de se despedir. Sabe que a gente vai estar sempre do seu lado.

Endireitei o corpo e a enlacei com os dois braços, beijando-a de leve.

– Já sabe que eu amo você, né?

– É melhor amar mesmo. – Ela sorriu para mim e deu uma piscadinha. – Eu sou meio que demais.

– Você é totalmente demais.

– Que bom que acha isso. – Addie mexeu no meu cabelo e depois beijou meu pescoço de leve, fazendo meu coração disparar. – Porque eu também amo você – sussurrou.

Finn limpou a garganta, parado na frente da porta, e nós nos afastamos para olhar. Ele estava com o rosto voltado para o céu, como se não suportasse a visão de nós dois juntos.

– Já pode olhar. – Addie deu risada. – Ver a gente se beijar não vai deixar você cego nem nada do tipo.

– Hã... melhor não arriscar – Finn murmurou enquanto ia até nós com um envelope amarelo nas mãos. – Acabou de chegar. Está endereçado pra você, Parker.

Quando o peguei, pensei que fosse material informativo de alguma faculdade. Agora que minha mãe e eu concordamos que eu tenho um futuro para planejar, com certeza ela devia ter requisitado informações sobre todas as universidades deste lado do rio Mississippi.

Mas, quando virei o envelope para ver de qual faculdade se tratava desta vez, não vi nenhum sinal do remetente. E, ao ler meu nome, senti meu coração disparar. Aquela letra... Eu posso não ter entendido nada da fórmula que o meu pai deixou para o Jack, mas olhei aquele papel por tempo suficiente para reconhecer aqueles garranchos descuidados.

Não sabia como nem por quê, mas tinha acabado de receber um pacote do meu falecido pai.

5

Jack

Tinha que ser *ali*. Já havia um tempo que eu pensava nisso, era o único lugar que fazia sentido. Meu pai sempre planejou enterrar alguma coisa naquele terreno. Ele tentava deixar alguma miudeza enterrada em todo lugar onde morávamos, e ali foi o lugar onde ficamos mais tempo.

Parei de cavar por um minuto. O tempo estava ficando mais quente e, apesar de ainda ser de manhã, era verão, por isso o trabalho manual me fez suar. Passando a mão pela testa, olhei para Chloe, que tinha estendido minha jaqueta sobre o solo arenoso e estava sentada sobre ela.

Lembrei-me do meu pai usando essa jaqueta enquanto me explicava por que o local entre a árvore e a terra ressequida em que praticávamos lutas corporais era o melhor lugar para enterrar objetos.

– Você não pode escolher os lugares com base em coisas que podem mudar – ele falou, andando de um lado para o outro entre os dois pontos de referência para se manter aquecido no tempo gelado de outono. – Os arbustos e as plantas variam de acordo com a estação. Pedras são fáceis de mover e chutar, a não ser que sejam

rochas grandes e pesadas. Árvores crescem e ficam cada vez mais fáceis de encontrar.

Meu pai sorriu para mim, e eu retribuí, enquanto ele desenhava um X na minha frente com o dedo do pé:

– Aqui é perfeito.

Sacudi a cabeça, sem entender direito.

– Por quê? A árvore fica a uns três metros daqui.

– Bem debaixo da árvore é o primeiro lugar onde eu procuraria, você não? – Ele foi até o local onde tinha matado todas as plantas com sal grosso e se virou para a árvore. – Então é preciso encontrar dois pontos de referência que não vão mudar. E enterrar bem no meio.

Virando para observar a árvore, tive certeza de que estava no lugar certo, desde que ele tivesse de fato enterrado as respostas aqui. Eu só precisava continuar cavando. Meus olhos pousaram sobre Chloe outra vez, e percebi que minha jaqueta estava ficando imunda. Fechei a cara e cerrei os dentes. Acho que deixá-la sentar nela era o que um cavalheiro faria... Só não sabia se “cavalheiro” era uma palavra apropriada para se referir a mim.

Afinal, meu pai tinha me ensinado tudo o que eu sabia fazer: brigar, atirar, arrombar fechaduras, fazer um bom coquetel molotov – obviamente, já fui chamado de muitas coisas por isso –, mas ele não dedicou um minuto sequer a me mostrar como ser um cavalheiro.

Saí do buraco de quase um metro de profundidade, agarrei a beirada da jaqueta e puxei violentamente de baixo dela.

Chloe soltou um palavrão ao tombar para o lado. Pelo seu linguajar, logo ficou claro que ela também não tinha recebido nenhuma orientação sobre como ser uma dama.

– Que diabo foi isso, Jack?

Ela ficou de pé em um pulo, cerrando os dois punhos. Nós dois já tínhamos ajudado a cavar, e Chloe estava com as mangas da camiseta arregaçadas para tentar se refrescar.

– Você disse que queria participar desta minha busca, certo? – Mantive um tom de voz completamente neutro enquanto batia a poeira da jaqueta e a dobrava no meio. Quando a encarei, ela fez que sim com a cabeça com um aceno leve. – Então é sua vez de cavar.

Ela resmungou e chutou a lateral do meu sapato ao pegar a pá e voltar ao buraco. Me encostei contra a árvore e fiquei observando. Mechas de cabelo loiro platinado caíram da presilha com que ela tentava mantê-los no lugar. Toda vez que ela se curvava para enfiar a pá no chão, tinha que soprar o cabelo do rosto, apenas para segundos depois eles pousarem de novo sobre seus olhos.

Escondi o sorriso atrás da mão para caso ela olhasse para mim. Chloe era inteligente, bonita, divertida... e um pé no saco. Mas no fundo eu estava contente por ela ter vindo. Assim eu não me distraía com tantas lembranças. E, no momento, as únicas que surgiam eram as que me causavam dor.

Além disso, ter a companhia de Chloe não era nada mau... quando ela não ficava gritando comigo. Vindo de mim, isso é um elogio e tanto, principalmente quando a pessoa em questão é uma Apropriadora.

Ela meteu a pá no chão de novo, mas dessa vez ouvi o som de uma pancada seca, e ela parou. Com um único movimento, saltei para dentro do buraco e segurei seu braço para impedi-la de baixar novamente a ferramenta.

– Para! Você pode fazer disparar!

Eu a puxei com mais força do que pretendia, e ela perdeu o equilíbrio, caindo por cima de mim e lançando nós dois sobre a

lateral do buraco. Segurei firme em sua cintura e a puxei para junto de mim para que não caísse sobre o que havia acabado de descobrir. Suas mãos aterrissaram sobre o meu peito, e sua testa, contra a minha boca.

Ficamos os dois paralisados. O cabelo dela se movia ao ritmo acelerado de sua respiração, e um cheiro leve de baunilha invadiu minhas narinas. Ela era mais macia do que parecia, e nos lugares certos. A cada segundo que passava, a posição em que estávamos ficava mais constrangedora.

– Fazer disparar *o quê?* – Chloe ergueu o rosto e murmurou. Seu tom de voz e seus olhos estavam cheios de medo, com um leve toque de algo que não consegui reconhecer.

Sacudi a cabeça e, quando tentei falar, minha voz não saiu. Depois de limpar a garganta, segurei em seus pulsos para tirá-la de cima do meu peito.

– A armadilha que o meu pai montou nessa caixa.

– Tem uma armadilha aí? – Ela arregalou os olhos ainda mais. – Não gosto nada dessa sua mania de deixar pra contar as coisas só no último segundo.

– Se está difícil pra você se habituar... – comecei, ignorando o contraste entre o calor dela em um dos lados do meu corpo e a terra fria e áspera nas minhas costas – ... então é melhor voltar pra casa.

Ela franziu a testa e apoiou o peso do corpo sobre os pés para se afastar de mim. Tive que desviar rapidamente para o lado para ajudá-la a se erguer antes de acabar levando uma joelhada *acidental* no estômago.

– Ops – ela falou.

Eu a ignorei, direcionando minha atenção para a superfície de madeira que apareceu no meio da terra.

– Nos últimos anos, o meu pai anda... andava... meio paranoico. Não sem razão, claro.

– Que beleza. – Ela se agachou para olhar melhor. – Então, de que tipo de paranoia estamos falando? Do tipo “preciso embrulhar tudo em papel alumínio” ou do tipo “se apertar este botão você morre”? Pela sua reação, acho que é a opção dois, certo?

– Com certeza a opção dois. – Eu me ajoelhei diante da caixa e comecei a espanar a poeira de cima com cuidado. Chloe seguiu meu exemplo, e em poucos minutos ela já estava quase liberada.

Observei os botões de madeira na frente da caixa, cobertos com entalhes rústicos. Cada um estava sobre um dos quadrados grandes, e percebi imediatamente que só havia uma resposta certa para o enigma e cinco erradas. Meu pai era um químico, não um artista. Tentei reconhecer algo dos códigos que ele me ensinou. Percebi que as marcações eram em russo, o que fazia sentido. A Rússia era o local do surgimento da droga que deu início a tudo, lar do experimento durante a Primeira Guerra Mundial que levou à criação dos Sonâmbulos. Ele não me ensinou muita coisa sobre russo, mas eu sabia o suficiente para reconhecer as palavras: семья (família), доверие (confiança), лояльность (lealdade), страх (medo), предательство (traição) e боль (dor).

Eu só precisava descobrir que quadrado empurrar.

A opção mais óbvia, *família*, teria que ser eliminada de imediato. Meu pai jamais escolheria *família*. Precisava ser alguma coisa relacionada a mim: eu era a pessoa para quem essa caixa foi deixada, então a resposta precisava estar em algum lugar na minha mente. Vasculhei meu cérebro, repetindo sem parar essas palavras mentalmente.

– E ago...? – Chloe começou.

– Shhh... Estou pensando – interrompi, tentando manter a concentração.

– Ah, está aí uma coisa rara. Não vou interromper, então. – Ela se afastou da caixa e ficou olhando para mim.

Repeti as palavras incessantemente na minha cabeça, tentando pensar tudo, qualquer coisa que pudesse fazer sentido.

Família, confiança, lealdade, medo, traição e dor.

Chloe se sentou ao meu lado e olhou para as palavras.

– O que essas marcas significam?

Quando contei, ela ergueu uma das mãos e coçou a orelha.

– Você tem ideia de qual escolher?

– *Família* não é. Ele jamais usaria essa palavra para se referir a mim. A resposta certa deve ser *lealdade*. Ser leal era uma coisa importante pra ele... – Parecia que toda a energia tinha sido drenada do meu corpo, a minha voz saía sem vida. – Durante um tempo ele acreditou que eu estava sendo desleal, e quase me matou. A resposta poderia ser também *traição*.

Eu me sentei no chão arenoso em um silêncio perplexo. Cada batida do meu coração ecoava agudamente nos meus ouvidos. Chloe me observava em silêncio. Meu pai seria capaz de escolher a palavra *traição* para mim?

As lembranças do que aconteceu na última vez em que nos encontramos – quando ele me atacou – reverberavam na minha mente. Ele me imobilizou no chão de sua cela e me acusou de uma coisa que eu jamais faria. A emoção desse momento voltou com toda a força, me esmagando sob seu peso doloroso. Os hematomas que seus dedos provocaram no meu pescoço só tinham desaparecido totalmente duas semanas atrás. Se Parker não o tivesse tirado de cima de mim, meu pai teria me matado. Sem dúvida nenhuma. Ele estava convicto. Apesar de em parte isso se

dever a seus delírios, ele ainda acreditava que eu era capaz do pior tipo de traição.

E isso me doeu mais do que qualquer hematoma que suas mãos fossem capazes de causar.

Chloe não disse nada, mas ergueu a mão como se estivesse disposta a me oferecer um consolo, e, em seguida, a deixou cair novamente. Isso era uma coisa que jamais pensei que veria... uma Apropriadora querendo me confortar.

Foi quando tive um estalo. Ele me imobilizou no chão de sua *cela*.

– Esquece. Não é *traição*. – Meu alívio estava bem claro na minha voz. – Meu pai só começou a achar que eu o tinha traído quando foi pego pelos Apropriadores. Não poderia ter enterrado a caixa enquanto estava no cativeiro. Deve ter sido antes.

Chloe abriu um sorrisinho sarcástico e sacudiu a cabeça.

– Certo. Estava na cara que era loucura pensar que seu pai escolheu a palavra *traição* pra deixar uma mensagem pra você.

– Por quê? – Meu tom era de desconfiança, e quase senti medo de ouvir a resposta. Eu sabia que, se ela contasse que passou um tempo com ele enquanto estava no cativeiro, isso poderia me fazer mudar de ideia sobre ajudá-la.

Ela pareceu hesitante, mas por fim respondeu:

– Jack, escute a palavra de alguém que estava do outro lado. A gente sabe tudo sobre seu pai e passou anos tentando pôr as mãos nele. A única palavra que não faz sentido nenhum nessa caixa é *traição*.

Me senti aliviado com a resposta, mas a expressão no rosto dela era o oposto. Ombros caídos, uma ponta de dor no fundo dos olhos refletindo algum sentimento escondido... Eu não entendia por que

era *ela* quem estava se sentindo assim nesse momento. Tudo isso sumiu quando ela voltou a se concentrar no enigma.

– Não é *família* nem *traição*. Então sobram *confiança*, *lealdade*, *medo* e *dor*?

– Isso.

– *Medo* e *dor* fazem algum sentido? – Ela mordeu o lábio e ficou olhando para a caixa.

Refleti por um instante e sacudi a cabeça.

– Na verdade, não. Ele sempre falou que a gente precisava tirar essas coisas da cabeça pra fazer o que fosse preciso.

Chloe balançou a cabeça.

– Bom, então só sobram *confiança* e *lealdade*... mas essas duas coisas não são meio parecidas?

Me encostando contra a lateral do buraco, tentei me lembrar de algo que pudesse me ajudar a escolher entre *confiança* e *lealdade*.

– Meu pai sempre me disse pra nunca confiar em ninguém. – Encolhi os ombros.

– O meu também. – Chloe se virou para mim com um sorriso. – Se a gente fosse como os outros, ia poder reagir a isso do jeito mais normal, com anos e anos de terapia paga pelos nossos pais.

Não consegui segurar o sorriso. A imagem de uma espécie de grupo de apoio para filhos de Sonâmbulos era bizarra demais.

– *Lealdade*, então – eu disse, e ela balançou a cabeça com firmeza. Me aproximei da caixa e, para minha surpresa, ela fez o mesmo. – Espero que eu esteja certo, mas é melhor você voltar pro carro. – Eu me agachei e fiz um sinal para Chloe sair do buraco.

– Se você morrer aqui, eu morro junto. – Ela se abaixou junto de mim, com o maxilar cerrado. – É melhor que seja rápido e indolor do que longo e doloroso, não é?

Suprimi um estremeamento de medo e dei um apertão no botão que continha a palavra *lealdade*. O mundo ao nosso redor ficou paralisado enquanto eu esperava mais que tudo conhecer meu pai tão bem quanto ele imaginava.

6

Parker

– Isto... acho que é do meu pai. – Essas palavras pareciam ter saído de mim carregadas de uma vibração estranha.

Não desviei os olhos do envelope, mas ouvi Finn murmurar alguma coisa para Mia, e os dois vieram ficar de pé ao meu lado no quintal.

Meu coração latejava nos ouvidos enquanto eu abria cautelosamente o envelope. Meus dedos se fecharam sobre algo liso com textura de couro. Quando puxei, a primeira coisa que vi foi o símbolo da Sociedade dos Sonâmbulos: um crânio com dois tapalhos e ossos em "x" – a caveira cega.

Meu pai tinha me mandado sua carteira. Eu me lembro de vê-la quando criança, e o mesmo símbolo estava bordado na jaqueta de Jack. Por que eu estava recebendo aquilo? E como meu pai conseguiu fazer com que me mandassem isso se ele estava no cativeiro dos Apropriadores?

Uma folha de papel dobrada caiu da carteira para o meu colo. Eu a apanhei e abri com dedos trêmulos.

Parker,

Se você está recebendo isto, é porque não pude impedir que fosse enviado. Me desculpe por não estar aí com você. Saiba que

morri lutando por você e pelo seu futuro. Procure por Jack no camping de trailers de Cypress Crest e diga que fui eu que lhe mandei – ele tem todas as respostas de que você precisa. Entregue este bilhete para ele.

Sinto sua falta todos os dias. Nunca duvide.

Seu pai

Cada batida do meu coração parecia abrir um buraco dentro de mim. Lendo suas palavras, seus pensamentos... me dando conta de que ele sempre teve um plano para que eu soubesse da verdade. Isso me tocou mais do que eu imaginava ser possível.

No fim da página, a mensagem continuava:

Jack,

Agora é com você. Diga para Randall que eu falei que está na hora de começar. Confie em Parker e em mais ninguém. Está na hora de contar tudo para ele, e de vocês trabalharem juntos. Ele é seu aliado, e está na hora de agir assim. Você consegue. Eu sei que sim. Nunca duvide de si mesmo.

Me desculpe por tudo que não pude fazer.

Seu pai

Fiquei boquiaberto com aquelas palavras. Não era à toa que Jack parecia tão amargurado e invejoso quando nos conhecemos. A diferença de tratamento que o meu pai dedicava a mim e a ele era bem clara. Estava na cara que meu pai temia que algum inimigo pudesse pegar aquela carta e usá-la contra ele, e o mesmo valia para Jack desde o instante em que nasceu. As coisas entre eles eram assim.

E aquilo me deixou abruptamente triste pelo meu irmão.

Não consigo nem imaginar como deviam ser as coisas para ele: sempre saber quem era o pai, mas sem nunca poder ter um pai de

verdade. Ver o nosso pai falar sobre mim de um jeito totalmente diferente de como tratava seu outro filho deve ter sido um inferno.

Mas, pelo menos, Jack o conhecia. Eu daria qualquer coisa por essa chance.

– O que o seu pai escreveu? – Finn perguntou, e entreguei o papel a ele, que o leu e o passou para Addie e Mia.

Saquei meu celular e apertei o botão de ligar. O aparelho não tinha tocado, nem vibrado, nem apitado, mas eu o peguei mesmo assim, e fiquei olhando para tela como se ali pudesse estar a resposta sobre o que Jack estava fazendo e se estava tudo bem com ele. Rolei a tela como se estivesse esperando por alguma manifestação. Como se, por estar sendo manuseado, o telefone pudesse de repente me transmitir a informação que eu queria. Mas não, não havia nada.

Jack precisava voltar, e o quanto antes, para ler aquela carta. Eu não sabia se algo ali poderia ajudá-lo a decifrar a nova fórmula, mas, fosse como fosse, ele precisava ler.

Abri a tela de mensagem e escrevi para ele:

Você precisa voltar.

– Quando foi que seu pai mandou? – perguntou Addie.

– Não sei. Em algum momento antes de ser capturado. – Alonguei o pescoço para um lado e para o outro, tentando me livrar da tristeza causada por aquela carta. – Ficar tanto tempo exausto, ainda mais sendo um Dividido, mexeu com a cabeça do meu pai. Parece que ele estava se preparando fazia um tempo.

– Sinto muito – Mia falou, inclinando-se para me abraçar.

Retribuí o abraço, contente por poder contar com o apoio dos meus amigos. Abri a carteira, que ainda estava no meu colo, e vasculhei lá dentro, mas estava vazia. Aparentemente, a não ser pelo símbolo na superfície de couro, era só uma carteira normal.

– Você não acha melhor ligar pro Jack? – Addie apoiou a cabeça no meu ombro de novo.

– Mandei uma mensagem pedindo pra ele voltar. Não acho uma boa ideia ler por telefone, e também pode ter algum significado escondido que eu não consigo decifrar, mas ele sim. Talvez entenda melhor do que se trata essa mensagem. Por enquanto, acho que a gente só pode esperar. – Fiquei de pé, e Finn percebeu que eu não estava mais a fim de falar sobre esse assunto, porque pegou a bola de basquete e a jogou para mim.

Fiquei batendo bola sob o sol da tarde, me concentrando em sua textura e na maneira diferente como ela quicava ao atingir cada rachadura existente no cimento. Qualquer coisa podia servir como distração. Só percebi que meus amigos ainda estavam conversando quando me virei para eles e os vi olhando para mim.

– Desculpem, eu estava distraído. Vocês disseram alguma coisa? – Arremessei a bola, e Finn a apanhou depois de passar pela cesta. Addie veio até mim e me envolveu pela cintura.

– Não era nada. A gente só estava vendo se ia fazer alguma coisa hoje à noite. Você tá cansado? – Ela me deu uma olhada de canto de olho, e seu rosto ficou um pouco vermelho.

Percebi sobre o que ela estava falando e torci para os outros não repararem. Nas últimas noites nos sonhos dela, passamos mais tempo nos amassos do que exatamente dormindo. Era um dos riscos – e atrativos – de sua namorada gatíssima ser também a Construtora que o ajudava a dormir e permanecer vivo.

– Um pouco. – Limpei a garganta e endireitei as costas. A verdade era que sim, eu estava meio cansado e teria de me controlar e conseguir dormir pela menos *um pouco* nos sonhos de Addie naquela noite. – Vocês tiveram alguma ideia?

– Não... – Addie e Finn responderam simultaneamente.

– Nada que todo mundo tenha concordado – acrescentou Mia.

– Isso não é surpresa. – Abri um sorrisinho para eles e parei de tentar evitar o assunto sobre o qual estávamos todos pensando. – Estou preocupado com o Jack e esse lance da fórmula.

– Nossas buscas por informação não estão dando muito certo, e ele ainda se recusa a responder à maioria das perguntas – comentou Finn. Depois de acertar um arremesso, ele se virou para mim. – O que mais a gente pode fazer pra ajudar?

– Não sei.

Passei as mãos pelos cabelos, que tinha deixado crescer um pouco mais nos últimos dois meses. As pontas se enrolavam na altura da nuca, e eu as puxei para baixo, usando as pequenas pontadas de dor para tentar manter minha mente concentrada em encontrar uma ideia que pudesse ser útil.

Na verdade, minha vontade era fazer exatamente o que Jack *não queria* que eu fizesse. Passei o dia todo tentando pensar em uma maneira de não o irritar e, ao mesmo tempo, ser útil. Mas talvez não fosse possível. Talvez fosse melhor desistir de agradá-lo. No fundo eu sabia que era o medo que me movia. Estava com medo de que, se eu o irritasse, ele fosse desaparecer de novo, como meu pai já tinha feito. Como ele mesmo já tinha feito antes.

Mas eu não podia continuar assim para sempre, nem queria.

Os irmãos irritam uns aos outros às vezes, não? Para mim, aquele era o momento exato de descobrir como meu irmão mais velho reagiria quando isso acontecesse.

– Não posso ficar aqui esperando os Apropriadores atacarem de novo. A gente sabe que eles vão fazer isso, só não sabe quando, onde nem como. Não quero ficar aqui esperando acontecer, não interessa o que o Jack disse.

Olhei para os meus amigos e, apesar do medo também presente em seus olhos, ninguém parecia disposto a contestar a ideia de partir para a ação.

– Precisamos fazer *alguma coisa*. Só não sei o quê.

Mia se manifestou de repente, com uma voz surpreendentemente firme:

– Talvez seja melhor tentar descobrir o que *eles* estão fazendo.

Desde que começou a fazer terapia, algumas semanas antes, Mia estava cada vez mais saindo da concha. Mas ela ainda me surpreendia às vezes. Foi aconselhada na terapia a retomar as aulas de pintura. Isso acendeu uma faísca dentro dela, e era uma coisa bonita de ver.

Addie segurou minha mão, parecendo apreensiva. Eu me sentia do mesmo jeito. Principalmente porque todas as maneiras que imaginava de tentar descobrir o que os Apropriadores estavam fazendo me provocavam calafrios por dentro.

– Como a gente pode fazer isso? – perguntei.

Mia deu de ombros.

– Não sei, mas o seu lado não deve ser tão indefeso assim contra os Apropriadores, certo?

– Sinceramente, espero que não. – Minha voz soou bem séria. – A gente precisa reagir de algum jeito.

– Não sei, não. – Addie apertou minha mão com tanta força que estava quase cortando a circulação do sangue. – Jack falou que você ia estar mais seguro aqui, que poderia ajudar mais desse jeito.

– Ele só estava falando sobre guardar a moto.

Soltei um suspiro e olhei para Addie. Era terrível ver o medo em seus olhos e saber que era por minha causa. Mas esse medo jamais iria embora até a guerra com os Apropriadores terminar. Nós

podíamos fingir o quanto quiséssemos que os Apropriadores não existiam, mas isso não ajudaria em nada.

– Essa luta não é só do Jack. Eu preciso ajudar. Vou fazer de tudo pra me manter a salvo, mas não vou ficar sentado sem fazer nada. Já chega. Vou bolar algum tipo de plano. Vou ajudar.

Addie ainda parecia amedrontada, mas, depois de apertar mais uma vez a minha mão, trocou um olhar com Finn e com Mia, que concordaram com um aceno de cabeça.

– Então a gente está dentro, seja lá o que você decidir.

Antes de eu abrir a boca para argumentar, ela me repreendeu:

– Nem comece. Se aprendemos alguma coisa no último ano, foi que tudo funciona melhor quando nós quatro trabalhamos juntos. Nem tente impedir.

Em vez de discutir, bufei e dei risada.

– Tudo bem, então.

Addie sorriu, mas a expressão no rosto de Finn era de tudo, menos de satisfação.

– Eu estava pensando... – Finn estremeceu e me lançou um olhar que deixou claro que ele não queria dizer aquilo que estava prestes a falar. – O Jack não quer contar pra gente sobre os Apropriadores e tal, mas ele não é mais a única pessoa pra quem podemos perguntar.

Percebi imediatamente o motivo de sua relutância. Com certeza ninguém ficaria muito ansioso para lidar com a pessoa que se apropriou de seu corpo durante vários dias.

– Chloe.

Addie e Mia pareciam hesitantes, então tratei de tentar convencê-las.

– Pois é... Mas ela é a única opção que ainda não tentamos. Será que não vale a pena arriscar?

Finn olhou para o chão, mas as meninas concordaram com um aceno.

– Legal. Alguém tem ideia de como falar com ela?

Addie e Mia franziram a testa, mas Finn fechou os olhos e soltou um grunhido.

– Acho que eu lembro...

Ele pegou meu celular e adicionou um contato como “Invasora de Corpos” antes de sair andando e resmungando:

– Não quero ter que explicar.

Imediatamente mandei uma mensagem curta para Chloe, e meu telefone zumbiu com a chegada de um SMS. Eu esperava que fosse de Chloe ou Jack, mas em vez disso vi o rosto sorridente da minha mãe.

A mensagem era meiga, e me proporcionou algo com que me distrair.

Precisamos conversar sobre o Jack. Estou indo para casa. Me encontre lá.

7

Jack

Chloe ficou toda tensa quando apertei o botão e a caixa de madeira sibilou. Alguma coisa lá dentro foi acionada, e o som que se seguiu foi o clique de uma fechadura sendo aberta. A parte frontal da caixa se ergueu levemente, e então se fez o silêncio.

Esprei um minuto inteiro por algum tipo de gatilho entrar em ação, mas não ouvi nada. Baixei o corpo para o fundo do buraco e vi a pequena abertura sob o canto da tampa. Soltei o mínimo possível de ar pelo nariz para não disparar nada.

Fiquei assim durante vários minutos, me mexendo poucos centímetros por vez, como meu pai me ensinou. Com paciência e sem buscar atalhos, pensando antes na segurança. Foi assim que nos mantivemos vivos.

Tenha cuidado.

Mantenha o controle da situação.

Sempre.

Na terceira vez que ouvi Chloe bufar atrás de mim foi também quando vi algo brilhar – uma luminosidade mínima – na fresta aberta na ponta da caixa. Chloe se levantou, mas eu mal percebi, com a atenção toda voltada para aquele espacinho aparentemente vazio.

– Anda logo, Jack – Chloe resmungou atrás de mim. – É uma caixa. Você escolheu o botão certo e ela abriu. Pega logo essa coisa.

– Shhh... – falei, observando o fio quase invisível com atenção, tentando ver onde estava ligado para desconectá-lo.

Chloe estendeu a mão por cima do meu ombro para abrir a tampa da caixa, e as pontas dos seus dedos passaram pelo fio antes que eu pudesse detê-la. Aparentemente, ela sentiu o contato com o fio pouco antes de eu segurá-la pelo pulso. Seus lábios formaram uma expressão de choque. Uma pontada de arrependimento surgiu em seus olhos antes que eu arremessasse a caixa para fora do buraco com a maior força possível e a lançasse para o chão junto comigo.

A explosão fez o chão tremer ao nosso redor. Uma chuva de terra, pedras, pedaços de papel e madeira queimada. Ficamos agachados dentro do buraco enquanto os segredos dos quais eu precisava voavam pelos ares em uma onda irrefreável de caos. Algumas lascas de madeira arranharam a lateral do meu rosto, me forçando a cobrir melhor a cabeça com os braços.

Quando o mundo voltou ao normal, fiquei de pé com movimentos lentos para examinar a destruição. Não havia sobrado nada. Tudo que poderia me ajudar estava destruído. Cerrei o maxilar e soltei um palavrão enquanto analisava a mancha preta deixada na terra no local da explosão.

A raiva pulsava dentro das minhas veias como uma coisa viva. Eu quis pôr minhas mãos em Chloe e machucá-la pelo que tinha feito. Em vez disso, me esforcei para ficar absoluta-mente imóvel até me acalmar. Até ter certeza de que não faria nada de que fosse me arrepender. Ouvei Chloe tossir atrás de mim, mas, pelo menos desta vez, ela não disse nada.

O movimento de puxá-la para baixo e salvá-la foi sem pensar. Puro instinto. Não precisei refletir a respeito, nem havia tempo. Era o que meu pai faria, então fiz o mesmo.

E Chloe teve sorte, porque se eu tivesse tempo para pensar poderia tê-la lançado para fora do buraco junto com a bomba que ela disparou. Talvez fosse a melhor opção... para nós dois.

Eu me repreendi mentalmente por esse pensamento, por ter soado mais cruel do que realmente era. Na verdade, teria sido um ato de bondade. Pelo menos eu não precisaria vê-la no canto do meu campo de visão, com o olhar horrorizado de alguém que via todas as suas esperanças se esvaírem.

Se ela morresse, pelo menos eu não precisaria confirmar que a única chance de salvar sua vida estava arruinada.

– Eu... Eu não... – Ela não terminou de falar, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas, piscando sem parar. – Eu não sabia...

A não ser que arruinar meus planos tenha sido sua intenção desde o início.

– Por que você veio? – Com um imenso esforço, mantive o tom de voz o mais tranquilo possível.

– Eu... Eu falei... – Ela se afastou de mim, parecendo sem graça.

– Não. Por que você veio *de verdade*? O que os Apropriadores mandaram você fazer? Me atrasar? Garantir o meu fracasso?

Eu me aproximei até projetar minha sombra sobre ela. Pela primeira vez, Chloe estava apreensiva. Com medo de mim. E tinha um bom motivo. Respirei fundo várias vezes, me segurando, mantendo a raiva sob controle, como tinha sido treinado.

– Eu *nunca* concordei nem em *tentar* fabricar o Eclipse de novo, com a fórmula nova funcionando ou não. Você sabe, né? Sabe que o que está tentando fazer acabou de assegurar a destruição da sua vida e de todos os outros Apropriadores, não sabe?

– Pode achar o que quiser de mim, não estou nem aí. Vim aqui porque *quero ajudar*. – Ela ficou de pé em um pulo, com uma raiva comparável à minha.

– É *isso* que você chama de ajuda? – grunhi.

Seus cabelos se moveram com o sopro do meu hálito. Ela ergueu o queixo, determinada a não demonstrar medo.

– Bati no fio sem querer, desculpa... mas ainda não estou a fim de desistir. *Você* está?

Não respondi. Não era preciso. Ela sabia o que tinha feito. Fui andando para o carro. Não que eu tivesse algum lugar para ir, mas havia algumas garrafas de água por lá, e eu precisava molhar a garganta. *Caso* ela estivesse falando a verdade, provavelmente também precisava. Se a água era a única opção, sem problemas.

Quando voltei com as garrafas, Chloe estava ajoelhada nos destroços, com o rosto tão próximo da terra que parecia querer cheirá-la. Por um momento, pensei que estivesse chorando, então vi suas mãos se movendo logo abaixo do rosto.

– O que você está fazendo? – Pus a garrafa dela ao seu lado e abri a tampa da minha.

Meu telefone vibrou no meu bolso e o tirei de lá, incomodado. A mensagem de Parker não era muito clara. Era bom que fosse alguma coisa importante. Quando guardei o celular, Chloe enfim respondeu à minha pergunta:

– Acho... Acho que encontrei alguma coisa. – Ela me olhou com uma expressão de cautela, como se estivesse com medo de ficar esperançosa de novo. Diante dela havia uma pilha de papéis rasgados que deviam estar na caixa. Os pedaços maiores estavam em suas mãos trêmulas e estendidas para mim.

Estreitei os olhos e me agachei ao lado dela, tentando decifrar as palavras que, até onde eu podia ver, se repetiam sem parar. Estava

prestes a descartar tudo isso para despistar Chloe, mas então pensei na seriedade da tarefa que meu pai tinha me passado. Ele não ia querer que o que escreveu se perdesse para sempre só porque algum Apropriador chegou antes. Me concentrei em suas palavras, com aquela caligrafia que eu jamais seria capaz de esquecer.

O crânio do segundo contém a chave...

O crânio do segundo contém a chave

Minha mente se voltou totalmente para essas palavras, tentando decifrar seu significado.

O telefone de Chloe vibrou, e depois de ler a mensagem ela riu e o estendeu para mim.

– Seu irmão é persistente mesmo.

Aqui é o Parker. Tenho algumas perguntas e acho que você talvez tenha as respostas. Pode vir até aqui?

Dei uma risada baixinha e sacudi a cabeça. Persistente era a palavra certa... e isso não era necessariamente um elogio.

– Respondo daqui a pouco. – Chloe enfiou o telefone de volta no bolso.

Balancei a cabeça, mas mantive os olhos nos papéis rasgados que ela ainda segurava com a outra mão.

Chloe leu as palavras em voz alta e perguntou:

– O que isso significa, Jack?

– Significa que ainda dá pra achar as respostas. – Fiquei de pé e dei uma alongada na coluna antes de colocar os óculos escuros. – Só vai ser muito mais difícil.

– Desculpa. – Ela se pôs de pé ao meu lado, e dessa vez me olhou bem nos olhos. – Foi uma puta burrice. Eu devia ter esperado.

Retribuí o olhar, surpreso com sua sinceridade, e percebi que, apesar de termos sobrevivido juntos a duas explosões, sabia pouquíssima coisa sobre ela.

Quando me virei para a van, falei:

– Você tem razão. Deveria ter esperado, mas eu também não estou a fim de desistir.

– Aonde a gente vai? – Ela pegou a água, deu uma corridinha para me alcançar e se acomodou no assento do passageiro.

– Meu irmão quer que a gente volte para lá, então vamos voltar.

– Olhei para ela antes de continuar: – Além disso, sabe o que é o tal “segundo” da mensagem?

– Não.

Engatei a marcha e pus o pé no acelerador.

– Era assim que o meu pai chamava o Parker.

+++

Quando meti a mão na maçaneta da casa de Parker, hesitei. Desde que saí carregando todas as minhas coisas naquela manhã, tecnicamente não morava mais ali. Senti uma pontada de tristeza ao pensar em todas as pessoas da minha família que perdi. Era como uma praga: quem se aproximasse demais acabava morto. Parker e sua mãe provavelmente estariam mais seguros sem mim. Afastei esse pensamento negativo da cabeça e toquei a campainha.

Ouvi passos se aproximando e, quando a porta se abriu, me surpreendi ao dar de cara com a mãe do Parker, a sra. Chipp. Uma coisa que eu tinha aprendido durante minha estadia ali era que ela quase nunca ficava em casa, pelo menos muito menos do que ela gostaria.

– Oi, Jack! – Ela sorriu e manteve a porta aberta para mim, mas percebi um quê de hesitação em seu rosto.

Desde que Parker contou quem o nosso pai e eu realmente éramos, ela nunca deixou de ser gentil e educada, mas nem por isso deixava de ver que eu era filho de seu marido com outra mulher.

Pelo que notei em seus sonhos, aparentemente saber que meu pai deixou minha mãe para ficar com ela a abalou um tanto. Ela se sentia ao mesmo tempo culpada e enciumada, o que provavelmente era normal...

Ou, pelo menos, o mais normal possível em uma situação como essa.

– Oi, sra. Chipp – falei ao entrar, e Chloe surgiu atrás de mim, mantendo a cabeça baixa.

Foi impossível não reparar que a mãe de Parker não esboçou o menor cumprimento para Chloe. A sra. Chipp resistiu muito a aceitar a presença de Chloe na casa, por saber que se tratava de uma Apropriadora e que havia feito o que fez, mas Parker e eu a convencemos de que manter Chloe por perto traria menos aborrecimentos.

– Acho que já falei para você me chamar de Emily. – A sra. Chipp fez uma falsa expressão de contrariedade, que depois amenizou com um sorriso. – Mas fique à vontade.

Ela pôs a mão no meu ombro. Fui pego de surpresa e fiquei um pouco tenso, sem saber o que viria a seguir.

– Que bom que voltou. Queria conversar com você, mas, quando falei com o Parker, ele me contou que você tinha ido embora. – Ela lançou um olhar para Chloe, que entendeu a deixa e se afastou. Foi difícil para mim não me sentir mal por ela, mesmo sabendo que se tratava de uma Apropriadora.

– Pois é, eu só vim dar uma passadinha rápida. Preciso falar com o Parker sobre uma coisinha.

Aquela conversa estava me deixando sem graça, apesar de não entender muito bem por quê. Eu me perguntei se deveria avisar que sairia da vida dos dois em breve. Minha visita à casa deles já tinha durado mais do que deveria.

A sra. Chipp tirou a mão do meu ombro.

– Você precisa mesmo ir?

Não era a pergunta que eu esperava, principalmente da parte dela.

– Eu... Tem uma coisa que preciso resolver.

Ela fez um aceno lento com a cabeça e me encarou outra vez. Já sabia o suficiente sobre mim para entender que havia coisas que eu não poderia – nem deveria – contar. Eu não sabia ao certo que tipo de detalhe Parker havia revelado, mas ela sabia que o nosso pai tinha me dado uma missão. E isso era tudo o que eu queria que ela soubesse por enquanto, pelo menos da minha parte.

– Certo. Bom, eu queria que, quando você terminasse de resolver isso, ou quando se sentir pronto, ou quando achar melhor, na verdade... – Ela começou a remexer os pés, deixando bem claro seu desconforto. – Você gostaria de se mudar para cá definitivamente?

Pisquei os olhos algumas vezes e fiquei boquiaberto, como se meu cérebro soubesse que eu precisava responder, mas fosse incapaz de fornecer uma resposta adequada. Eu não estava preparado. Ela queria que eu morasse lá com os dois? Em uma casa sem rodas? Em um lugar em que não fosse preciso saber para onde ir na próxima fuga? Minhas mãos começaram a transpirar só de pensar. A ideia me pareceu ao mesmo tempo o céu e o inferno. Mas não era possível dar uma resposta, porque eu sinceramente não sabia o que dizer.

– Eu não...

– Não precisa responder agora – ela falou, como se estivesse lendo meus pensamentos. – Só me diga que vai pensar a respeito.

Corrigi a postura dos ombros e tentei agir como se não fosse a pergunta mais difícil que já me fizeram.

– Certo, eu vou.

Ela abriu um sorriso largo dessa vez e me deu um abraço repentino. Demorei alguns segundos para me dar conta de que eu sabia como retribuir o gesto, e a envolvi nos braços de um jeito todo sem graça. Ela deu uma risadinha junto ao meu ombro e se afastou.

– Sei que ainda não nos conhecemos muito bem, mas você faz parte da *família*. Parker é seu irmão, e você sabe melhor que ninguém o que é ser um Observador. Eu não sou como vocês dois, é difícil para mim entender. Conversei com o Parker a respeito, e ele concordou.

– Eu... obrigado. – Senti um nó na garganta, e aquelas foram as únicas palavras que consegui emitir.

A mãe do Parker apertou o meu braço e se virou para a cozinha.

– Preciso sair para mostrar um imóvel. Espere que vou chamar o Parker. Pode entrar e sentar.

Fiquei parado por um momento no hall de entrada vazio, surpreso ao constatar que havia perdido o equilíbrio e precisei me segurar no batente da porta. Uau... Fazia um bom tempo que não sentia tanta privação de sono. Já nem sabia mais quanto tempo passei sem um Construtor, mas obviamente eram noites demais. Eu precisava de um Construtor com urgência. Decidi que, logo que falasse com Parker, ligaria para avisar Libby que estava indo para Cypress Crest. Eu sabia que ela viria comigo se pudesse – ela sempre fazia isso. Crescemos juntos. Quando eu precisava dela, Libby estava lá. Sempre.

Quando recobrei o equilíbrio, sacudi a cabeça e me endireitei, aliviado por não ter ninguém ali para me ver. Esse, definitivamente, foi um daqueles momentos de fraqueza que meu pai aconselhou a nunca deixar ninguém testemunhar.

Fui andando pelo corredor e dei de cara com Chloe, rápido o suficiente para que seu rosto se chocasse contra o meu peito. Ela se

desequilíbrio e derrubou um abajur de uma mesa.

– Opa. – Estendi a mão direita e apanhei o abajur, envolvendo as costas de Chloe com o outro braço e puxando-a para junto do meu corpo para equilibrá-la.

Só de vê-la assim, tão perto, meu coração disparou. Sua bochecha estava pressionada contra o meu pescoço, e senti seu hálito quente sob a gola da minha jaqueta. Ela se afastou com uma risadinha constrangida e se virou para mim. A essa distância, seus olhos pareciam esferas brancas e escuras de mármore. Eram absolutamente lindos.

Ela era uma Apropriadora. Seus olhos eram mortais.

Me afastei tão depressa que ela ficou até boquiaberta. Em seguida, me concentrei no abajur que tinha na outra mão, devolvendo-o em segurança ao lugar de onde tinha caído. Quando pensei que não havia como eu estar em situação mais constrangedora, me virei para a sala em busca de um pretexto para ir embora.

Em vez disso, dei de cara com Finn e Parker nos observando, cada um com um sentimento diferente estampado no rosto. Finn parecia um tanto horrorizado, enquanto meu irmão tentava, sem sucesso, esconder a risada.

8

Parker

– Uau, já voltou? – Eu sorri e tentei disfarçar o quanto estava me divertindo.

Era difícil não achar graça da cara absolutamente sem jeito de Jack. Apropriadora ou não, desde que Chloe saiu do corpo do Finn, eu estava começando a gostar cada vez mais dela. Qualquer um que fosse capaz de fazer Jack agir como um ser humano faria bem para ele.

Finn disfarçou sua expressão de choque rapidamente e voltou a ser o Finn de sempre.

– Pois é. Sem dúvida, foi a missão mais rápida de todos os tempos.

– Não exatamente. – Jack franziu a testa ao passar por nós e se acomodar em uma cadeira na sala de jantar. – Onde estão a Addie e a Mia?

Fiz o mesmo, sentando em uma cadeira do outro lado da mesa.

– A Mia está na aula de pintura, e a Addie foi com ela.

– Ah, que ótimo. – Jack pareceu surpreso.

– É mesmo. – Balancei a cabeça de leve e voltei ao assunto. – Como foi em Longdale?

Jack ficou olhando para a mesa de madeira enquanto Finn se acomodava à minha direita. Ele olhou para o Finn, para o chão... para todo lugar menos para mim. Ele cada vez mais vinha evitando o contato visual comigo. Eu só queria entender por quê.

– Nós tivemos um... probleminha – Jack disse por fim.

Vi uma movimentação atrás dele, e percebi que Chloe não tinha vindo se juntar a nós na mesa. Ela continuava com uma tendência de se esconder pelos cantos, provavelmente por causa da maneira como Finn reagia à sua presença. Mas, ao ouvir a última palavra de Jack, ela demonstrou fisicamente seu incômodo e foi sentar numa poltrona na sala de estar, de onde ainda conseguia nos ver.

– Que tipo de problema? – questionei.

– Do tipo que complica tudo. – As palavras de Jack eram tensas, mas se amenizaram à medida que ele continuou: – O problema não importa. O que importa é que temos uma pista para ir atrás, mas na verdade não entendo o que ela significa.

Finn abriu a boca para falar, mas eu fui mais rápido:

– Eu tenho uma coisa que também pode ajudar, mas vamos começar por você. Qual é a pista?

Jack ergueu as sobrancelhas, surpreso, e me olhou diretamente nos olhos. Ele deve ter considerado uma boa sugestão, no entanto, porque continuou falando:

– “O crânio do segundo contém a chave.” – Jack procurou no meu rosto algum sinal de reconhecimento ou compreensão.

Repeti baixinho aquelas palavras:

– “O crânio do segundo contém a chave”... Que segundo? – Sacudi a cabeça, sentindo meus ombros caírem um pouco, talvez prevendo a decepção que causaria a ele.

Meu irmão se voltou para mim. Ele queria a minha ajuda... e eu não tinha nada a oferecer.

– Que misterioso – murmurou Finn, erguendo uma sobrancelha.
– Por que nada nessa família pode ser simples?

– Você. – Quando viu a expressão vazia no meu rosto, Jack continuou: – Quando o pai falava de você, às vezes falava “o segundo”, tipo o segundo filho.

– *Eu sou o segundo?* – Me recostei na cadeira e tentei entender a mensagem.

– Espera... Quer dizer que tem uma chave dentro do crânio do Parker? – A voz de Finn ficou mais aguda no final da frase, e ele parecia não saber se ficava horrorizado ou se fazia uma piadinha.

– Pois é, essa foi a parte que não entendi. – Jack apoiou a cabeça sobre os braços cruzados.

Ele estava começando a mostrar os sinais de exaustão que eram a pior parte de ser um Observador. Tentei lembrar se ele tinha comentado sobre dormir nos sonhos da Mia. Eu vinha mantendo Addie só para mim.

Me senti um pouco culpado por isso, mas ainda sentia uma pontada de ciúme que se intensificava com a ideia de Addie e Jack no mesmo sonho. Não era justo da minha parte, e o meu lado mais racional entendia que ele precisava dos sonhos dela tanto quanto eu. Todos nós sabíamos que ela havia escolhido a mim, e Jack respeitava isso. Eu precisava parar de ser egoísta e dividi-la caso ele concordasse em morar na nossa casa, como minha mãe e eu queríamos.

Afastei esse pensamento e concentrei minha atenção de novo na conversa. Eu precisava me esforçar mais se quisesse mesmo ajudar. Experimentei repetir de novo a pista para mim mesmo:

– “O crânio do segundo contém a chave.”

Em seguida, me levantei tão depressa que derrubei a cadeira. Aquelas palavras... “O crânio”? Estava na cara!

– Parker? – Jack ergueu a cabeça e olhou para mim.

Eu me virei, saltei sobre a cadeira e fui correndo para meu quarto, gritando por cima do ombro:

– Já volto!

Antes mesmo de eu chegar ao fim do corredor, ouvi Finn levantando a cadeira e resmungando:

– Que malcriado... Nem pra arrumar a bagunça que fez.

A porta do meu quarto estava fechada, e eu virei a maçaneta e empurrei com o ombro, escancarando tudo. Acendi a luz e fui direto pegar a carteira que tinha deixado na escrivaninha quando Jack não respondeu à minha mensagem.

Poderia não ser a isso que a pista se referia, mas era meu melhor palpite.

Fiquei de pé num pulo, então vi meu reflexo no espelho. Perdi o ar com a impressão nítida de que havia alguma coisa errada.

Toda vez que isso acontecia, eu seguia o mesmo procedimento. Era a única coisa capaz de me equilibrar novamente. Fechei os olhos, esperei meus batimentos voltarem ao normal e vasculhei minha mente à procura de um sinal, algum indício de que o Sombrio tinha se separado de mim e de que eu tinha voltado a ser um Dividido.

Não encontrei nada.

Eu estava sozinho... com o meu medo.

Abri os olhos e me olhei de novo no espelho. Estava tudo normal.

Ele tinha desaparecido e eu precisava me controlar.

Fui recuperando o fôlego à medida que atravessava o corredor. Quando voltei, vi Jack ajoelhado junto à poltrona onde estava Chloe. Eles estavam conversando tão baixinho que não dava para entender as palavras.

Ergui as sobrancelhas. Parecia ser uma conversa mais pessoal do que qualquer outra manifestação de Jack que eu já havia visto. Me senti como se estivesse espionando, apesar de não ouvir o que eles falavam. Mesmo assim, não consegui disfarçar um sorriso. Não era esse tipo de coisa que os irmãos mais novos faziam? Encontrar maneiras de descobrir os podres dos irmãos mais velhos para chantageá-los mais tarde? Eu não teria problema nenhum em fazer isso com Jack. Apesar de suspeitar que ele era imune a uma coisa assim tão... mundana.

Jack percebeu minha presença. Ele se levantou imediatamente e veio até a mesa falar comigo.

– O que foi aquilo? – Sua testa estava franzida, e ele me observava com atenção.

– Isto aqui chegou pelo correio hoje. – Estendi a mão com a carteira, mas ele respirou fundo por um instante antes de pegá-la.

– A carteira do pai? – Ele sentou na cadeira e tocou o couro gasto com um gesto de reverência.

Eu me acomodei ao lado dele, um tanto aliviado por ver que sua reação à visão da carteira foi semelhante à minha. Talvez no fundo não fôssemos assim tão diferentes. Estendi a mão e virei a carteira, expondo o outro lado, onde havia o símbolo da SDS bordado. Era estranho vê-lo na presença de Jack, porque Caveira Cega era o apelido que dei para ele quando começou a me seguir, antes de sermos apresentados oficialmente. O que já parecia fazer uma eternidade.

– “O crânio do segundo”? – Sorri, esperando que a carteira estivesse ligada à pista, como meu instinto indicava. – Talvez ele estivesse se referindo a isto.

– Legal – falou Finn. – Essa opção parece bem melhor que tentar desencavar alguma coisa escondida na sua cabeça. Ela parece ser

uma confusão danada.

– Olha só quem fala... – Mal ouvi as palavras de Chloe, murmuradas de seu canto na poltrona, mas disfarcei um sorriso quando Finn lançou um olhar ligeiramente ofendido em sua direção.

Jack soltou um grunhido e abriu um leve sorriso, buscando nos diversos compartimentos da carteira alguma pista.

– Chegou só hoje?

– Sim. Está vazia agora, mas tinha uma coisa dentro... – Minha voz falhou.

Ler uma mensagem de Danny era algo que magoaria Jack, e eu não queria isso. E se eu mesmo dissesse o que o bilhete dizia?

– Me mostre. – Jack pôs a carteira de lado, sem tirar os olhos dela.

Um tanto relutante, enfiei a mão no bolso de trás, saquei e desdobrei com cuidado o bilhete antes de entregá-lo.

Jack leu com atenção. A não ser por um leve movimento no músculo da mandíbula, não houve nenhuma indicação de que tivesse ficado incomodado.

– Ele devia ter isso pronto e preparado pra mandar. Pra ser um último recurso caso ele... ele... – Jack se interrompeu, parecendo um pouco envergonhado mesmo depois de sua breve demonstração de sentimentos ter acabado.

Minha voz saiu trêmula e fraca, em comparação à sua fortaleza. Fiquei com raiva de nós dois por isso.

– Pois é, o esquema de envio já devia estar arranjado, mas por que mandar a carteira? Por que não só o bilhete? É algum tipo de lembrança que ele quis deixar?

– Não... ele não era do tipo sentimental. – Jack ficou observando a costura da carteira por mais de trinta segundos.

Eu estava quase arrancando-a de sua mão de tanto desespero quando ele enfim sorriu e falou:

– Aqui. Encontrei.

Dei a volta na mesa. Ele me mostrou um canto na carteira onde a costura não combinava com o restante.

– Eu nunca ia reparar nisso... – Os pontos eram quase idênticos. Era preciso procurar pela costura ou saber o que queria encontrar. – Como?

Jack abriu um sorriso tenso.

– Nada de mais. Só um truquezinho que o pai me ensinou muito tempo atrás.

Fiquei à espera, torcendo para que ele me despejasse uma avalanche de informações, mas Jack não disse mais nada. Depois de um instante, ele se voltou para a carteira e começou a mexer na costura outra vez.

Deixei de lado a mágoa por saber que aquele quase desconhecido sabia muito mais sobre meu pai do que eu. Batendo em suas costas com um pouco mais de força do que o necessário, peguei uma tesoura na gaveta da cozinha. Enquanto Jack desfazia com cuidado a costura, Finn perguntou se alguém queria comer. Não respondi, mas Finn nunca precisava de maiores incentivos quando o assunto era comida. Alguns bipes depois, ouvi o som de pipoca estourando.

– Jack? – perguntei, forçando minha voz para não parecer ansioso, apesar de ser a milionésima vez que pedia a mesma coisa. Finn estava em silêncio ao meu lado, e eu senti seu apoio mesmo sem ele se mover ou falar. – Quero saber mais...

Jack continuou remexendo nos pontos e, por um instante, me perguntei se ele não tinha ouvido, ou não entendido a pergunta.

– Mais sobre ele...

– *Eu sei.* Você vai ter que esperar um pouco mais, Parker. Ainda não chegou a hora. – O tom de Jack foi tão cortante que não seria preciso usar a tesoura para desfazer os pontos. Ele me olhou nos olhos e se esquivou, me dando as costas. Sua voz estava mais suave quando voltou a falar. Ele já havia me magoado o suficiente para me deixar sofrendo. – É que eu não estou... tem um monte de coisa acontecendo. Você precisa aprender a ter paciência.

Foi a primeira vez desde que me unifiquei com o Sombrio que desejei ainda ter a capacidade de liberar meu duplo à vontade. A raiva dele ainda fazia parte de mim. E havia uma boa dose de mágoa, frustração, culpa e vergonha para acompanhá-la. Qual era o problema de eu querer saber mais sobre o meu pai? Ele estava morto, e eu nunca tive a mesma chance que Jack de conhecê-lo. Nós dois éramos lados diferentes da mesma moeda, duas escolhas diferentes da vida de um homem que entraram em colisão e agora ficavam o tempo todo ricocheteando entre si. A cada impacto, a coisa só ganhava mais velocidade.

E eu não sabia o que fazer para reduzir o ritmo, muito menos para começar a entendê-lo.

A pior parte era a mágoa. Meu próprio irmão não conseguia me olhar nos olhos. Ele tinha vergonha de mim? Pensava que eu era um molenga por não ser um robô? Todo mundo era coração mole comparado a ele. Ele ainda se ressentia porque meu pai trocou a mãe dele pela minha?

Ele me culpava pela morte do nosso pai?

Ou era eu que o culpava?

Eu me mantive imóvel, mas percebi que Finn estava se segurando para não partir em minha defesa, e sinceramente não havia nada que ele pudesse fazer por mim naquele momento.

– O pai disse para você me contar tudo – afirmei simplesmente, na expectativa de que as palavras do meu pai agissem ao meu favor.

Jack levantou os olhos para mim.

– Ele quis dizer tudo sobre o nosso *mundo*, Parker. Sobre o que estamos enfrentando, nossos inimigos, não o que ele gostava de fazer ou sua cor favorita. Saber disso tudo não vai ajudar em nada agora... pelo menos pra mim nunca serviu pra nada.

Os olhos dele voltaram para a costura, e não havia muito mais o que dizer.

– Certo... algum dia, então – resmunguei.

Fui até o micro-ondas para observar o saco de pipoca em rápida expansão. Me esforcei para me acalmar, mas não dava pra negar que a cada dia o abismo entre nós crescia mais.

Quando o micro-ondas apitou, o ar estava tomado pelo cheiro de manteiga, e Jack estava desfazendo o último ponto. Alguns passos atrás, preni a respiração enquanto ele enfiava a mão lá dentro e tirava um pedaço de papel dobrado como o de um biscoito da sorte. Eu esperava que fosse pelo menos uma tentativa de nos dizer o que fazer a seguir. Em vez disso, era uma mensagem das mais simples:

Vocês estão juntos agora. É o melhor presente que eu poderia deixar para os dois. Valorizem isso acima de qualquer coisa, meus filhos. Estou muito orgulhoso, e amo vocês mais do que tudo.

Seu pai

9

Jack

Agora que Parker sabia que eu ia para Cypress Crest, era impossível convencê-lo a não me acompanhar. Principalmente depois de ele ameaçar pegar o carro e ir sem mim. E, como eu ainda estava me sentindo culpado por não ter respondido a suas perguntas sobre o nosso pai, não ofereci muita resistência. Obviamente, quando concordei que Parker viesse junto, Finn também quis. E Chloe estava esperando ao lado da van quando saímos na manhã seguinte. Fiquei aliviado ao ver que Addie e Mia não estavam lá para completar o circo.

– Eu ainda acho que precisamos de um nome. – Finn se virou para nós como se soubéssemos exatamente do que ele estava falando.

– Você quer pôr um nome em que agora? – Parker perguntou, dando risada.

– Em tudo e em nada – Chloe murmurou enquanto abria a porta da van e se acomodava no último banco, mas eu vi que ela estava escondendo um sorriso atrás da mão.

Finn fez que não ouviu o que ela falou e sentou no assento do meio.

– Esse novo medicamento, o Eclipse, tinha um nome... De repente pode ser uma coisa parecida, que tenha a ver com o céu ou as estrelas ou coisa do tipo, que tal?

Olhei para os outros, sem saber se Finn estava brincando, mas, fosse como fosse, ele tinha razão.

– Tipo o quê? – perguntei.

– Sei lá. Tempestade Solar, ou Aurora, ou...

– Se eu me lembro bem, Aurora é o nome de uma princesa da Disney. – Parker olhou para ele por cima do assento do banco do passageiro, com uma expressão de ceticismo. – E Tempestade Solar parece nome de super-herói.

– Exatamente! Quem não ia querer um nome assim? – Finn levantou um dedo para adicionar um pouco de ênfase.

– Vamos resolver as coisas primeiro e inventar nomes depois – sugeri quando me acomodei no banco do motorista.

Parker voltou sua atenção para o telefone que tocava assim que afivelou o cinto. Pôs a ligação no viva-voz para que ele e Finn pudessem explicar nosso plano para Addie. Quando chegamos à primeira esquina, Finn estava dizendo à irmã o que fazer com seu carro, que ela estava usando:

– Certo, só não deixa o Brewster em nenhum lugar esquisito.

– Eu ainda me recuso a chamar o seu carro de Brewster, mas, só por curiosidade, onde exatamente você considera um lugar esquisito pra estacionar? – ela perguntou com um tom risonho.

– Sei lá... no meio da rua... ou numa fazenda... num prédio do governo... ou num lugar proibido. – Finn franziu a testa, olhando pela janela à procura de outras possibilidades de desaprovação.

Addie soltou um suspiro de frustração:

– Eu estava indo pra uma fazenda agora mesmo, pra pegar alguns frangos e um galo, pôr no banco de trás em cima de um forro

de palha...

Finn não respondeu, e quando vi pelo retrovisor reparei que ele não estava achando a menor graça.

– Estou brincando – disse Addie. – E o carro é uma lata- -velha, aliás. Não sei por que tanta preocupação.

– Porque o Brewster é a *minha* lata-velha! – Finn argumentava como se estivesse fazendo todo o sentido do mundo.

– Da próxima vez, pega o meu carro, Addie – Parker aconselhou com um sorriso.

– Pode ser, obrigada. – Ouvi Addie suspirar. – Finn, prometo que vou levar o *Brewster* direto pra casa e cuidar muito bem dele.

Finn não parecia exatamente convencido, mas respondeu:

– Ótimo.

– Obrigada – ela falou e parecia disposta a complementar, mas não teve a chance.

– Não esquece que não pode ligar os limpadores e as setas ao mesmo tempo, senão o motor vai pegar fogo! – Finn abriu um sorrisinho sarcástico.

Addie grunhiu e perguntou:

– Posso falar com o Parker agora, por favor?

Com uma risadinha, Parker pegou o celular e desligou o viva-voz antes de falar com ela. Concentrei minha atenção no caminho. Parker e seus amigos eram um mistério para mim. Dava para ver que se gostavam muito, mas eu nunca consegui desenvolver esse tipo de laços com ninguém.

Pensando bem, talvez isso não fosse verdade. Minha relação com Libby era bem próxima, mas eu sempre pensei nela mais como uma irmã que qualquer outra coisa. Eu estava precisando de seu otimismo naquele momento.

Parker desligou o telefone e se virou para mim.

– Então, quem é esse Randall e por que é tão importante ir até esse camping de trailers?

– Cypress Crest não é só um camping de trailers. É um acampamento cheio de Sonâmbulos que enfrentam os Apropriadores. – Eu baixei o para-sol e peguei a rodovia. – Randall é o Construtor que atualmente comanda tudo por lá. É um velho amigo do nosso pai. Tomara que ele tenha alguma informação sobre essa fórmula.

+++

Cypress Crest parecia um lugar bem detonado para quem via de fora, mas para mim era o mais próximo que eu tinha de um lar. A primeira metade era um camping de trailers normal, com pessoas comuns – Sonhadores como Finn, Mia e a sra. Chipp. A segunda metade era habitada pelos Sonâmbulos rebeldes. As reuniões que organizávamos, combinadas com nossas medidas de segurança, fizeram alguns Sonhadores acreditarem que fazíamos parte de uma espécie de seita. Eles logo aprenderam a ficar fora do nosso caminho e fingir que não estavam vendo nada sempre que possível. Para os rebeldes, isso era ótimo.

Morei aqui durante anos antes de o meu pai voltar para me buscar. Mesmo depois de irmos embora, e durante nossos anos de fuga, meu pai e eu visitávamos o acampamento com frequência. Era onde minha mãe vivia e onde ela morreu. Foi onde meu pai tomou conhecimento da minha existência.

Dirigi a van com cautela pelo caminho estreito e sinuoso entre os trailers, tomando o cuidado de não acertar nada nem ninguém. Era quase hora do almoço, e o dia estava bonito. As pessoas conversavam e cuidavam de seus pequenos jardins. Estacionei no fundo do camping, ao lado de um gramado alto. Parker, Finn e eu

abrimos as portas. Já quando descemos da van, senti uma porção de olhos sobre mim.

Abri um sorriso. Que bom. Eles enfim tinham aceitado meu conselho e aprimorado a segurança do lugar. Antes disso eles estavam vulneráveis demais, o que ficou evidenciado pelas vezes em que pessoas desapareceram no meio da noite, ou pior, quando o acampamento todo foi atacado.

Quando ia fechar a porta, me detive ao ver Chloe agachada na parte de trás da van.

– Você vai ficar?

– Acho que descer e circular por aí seria uma péssima ideia pra mim. – Ela me olhou feio por cima do assento. – Você não concorda?

Fiz que sim com a cabeça, contente por ela ter tomado a iniciativa em vez de me obrigar a pedir para que ficasse no carro. Mesmo se estivesse do nosso lado de verdade, tentando nos ajudar, não era uma situação muito fácil de explicar.

– Certo. – Fiz um aceno de cabeça com toda a seriedade. – Vamos tentar não demorar.

Fui me juntar a Parker e Finn na frente da van.

– Tá tudo bem? – Parker apontou com o queixo para Chloe.

– Sim. – Não dei mais explicações, simplesmente comecei a andar. Parker e Finn me acompanharam de imediato.

– Ainda estou pensando... que tal Buraco de Minhoca? – Finn esfregou as mãos, determinado a resolver o único problema com que podia ajudar de fato.

Parker quase perdeu o fôlego.

– Você quer que o remédio se chame Buraco de Minhoca?

– Muito simples? – Finn franziu a testa e então sugeriu: – Buraco de Minhoca 2.0!

– Não pode ser nada com a palavra buraco... nem com a palavra minhoca, na verdade – falei, apertando o passo.

Um grupo de rebeldes, liderado por um sorridente Randall, tinha acabado de surgir dez metros à frente para nos receber.

– Então os Apropriadores tinham uma base aérea... e os rebeldes têm um camping de trailers? – Parker perguntou baixinho. Eu não respondi, e ele complementou: – Não é à toa que o nosso lado está levando a pior.

Detive o passo, paralisado. Respirei fundo antes de responder, para não dar vazão à minha raiva:

– Não é tão simples assim. Nosso lado estava sendo caçado. Nosso lado estava tentando não abusar do poder que temos. Nosso lado não estava disposto a destruir todos os Apropriadores do planeta.

– Certo. – Parker engoliu em seco, sacudindo a cabeça com tristeza. – Desculpa aí. Não foi isso o que eu quis dizer.

– Eu sei. – Meus olhos esquadriharam o grupo que se aproximava, à procura de Libby, mas ela não estava lá. – É por isso também que deixei você vir. Pra ver como o restante dos Sonâmbulos estava vivendo. E saber que o pai na verdade só estava fazendo o melhor *pra você*.

Parker pareceu surpreso, mas percebi mais um sentimento em seus olhos, algo mais próximo da tristeza que do desdém. Bom. Era isso que ele precisava sentir, para entender por que a nova fórmula do nosso pai era tão importante, por que aquela situação precisava mudar.

Randall se aproximou, com um sorriso ainda mais largo que antes. Tinha cinquenta e poucos anos, era bem próximo da minha mãe e sempre mantinha um olho em mim quando eu era menor. Seus cabelos pretos estavam ficando ralos no alto da testa um tanto

severa, mas seu rosto era amenizado pelas marcas de sorriso em torno dos olhos. Quando chegou mais perto, estendi a mão para cumprimentá-lo, mas ele me puxou em um abraço apertado.

– Lamento muito pelo que aconteceu com o Danny, filho. Ele era um bom sujeito. Vamos sentir falta dele.

O abraço de Randall desmanchou um pedaço da minha carapaça, me deixando vulnerável e exposto. Foi difícil voltar a controlar minhas emoções.

– Obrigado – foi tudo o que consegui dizer, ciente de que com mais uma palavra iria desabar.

Depois de um instante, Randall me soltou, me encarando enquanto recuava. O contato visual proposital era uma coisa importante por aqui. O maior sinal de confiança em um acampamento rebelde.

– Esse é o Parker, filho do Dan. – Apontei com o polegar para trás de mim. – E o amigo dele, o Finn.

Randall balançou a cabeça e passou por mim para cumprimentar Parker e Finn. Percebi quando ele desviou os olhos ao saudá-los. Os dois ainda não tinham sua confiança.

– Que bom finalmente conhecer você, Parker. Ouvi falar muito a seu respeito pelo seu pai. Lamento muito sua perda.

Parker apertou a mão de Randall, murmurou um agradecimento e balançou a cabeça, mas senti que seus olhos estavam voltados para mim. Nenhuma dessas pessoas sabia que Danny era meu pai. Achavam que era meu mentor, sabiam que éramos próximos, mas não tinham ideia da profundidade da nossa relação. Minha mãe contou para eles que meu pai teve um acidente de moto antes de eu nascer. Seguindo as orientações do meu pai de fato, jamais contestei essa versão.

Na maior parte do tempo, a verdade era um aborrecimento, uma inconveniência. Às vezes podia ser libertadora, mas com frequência acabava enredando a pessoa em uma série de situações das quais era impossível escapar. As mentiras magoavam os outros, mas era sempre possível compensar com a verdade. Quando era a verdade que causava a mágoa, não dava para fugir. Depois de tantos anos, não era o momento de revelar as mentiras que meus pais contaram para proteger um ao outro... e a mim.

Marisol apareceu de trás de um trailer ali perto. Abriu um sorriso largo, e um sorriso escapou do meu peito. Ela era uma Observadora e foi a melhor amiga da minha mãe. Perdi minha mãe muito cedo, e Libby ainda mais – ela tinha apenas 5 anos quando sua mãe foi morta em um enfrentamento com os Apropriadores. Marisol tomou conta de nós dois como se fôssemos seus filhos. Seu temperamento era bem esse. Como não teve filhos, acabou se tornando a mãe de todos no acampamento.

Randall sorriu também e apontou que o restante do grupo se dirigisse a uma área comum no meio dos trailers. Virando--se para Marisol e eu, ele disse:

– Vou deixar vocês conversarem, mas não vá embora sem antes falar comigo.

Dei um tapinha em seu ombro.

– Pode deixar. Tenho uma coisa pra perguntar pra você, aliás. A gente se fala daqui a pouco.

Marisol me abraçou, me conduziu alguns passos para fora do caminho e murmurou no meu ouvido:

– Sempre respeitei o segredo dos seus pais, mas sei que você está lamentando a perda de alguém que era muito mais que um mentor, menino. – Seus olhos escuros e enrugados nos cantos, combinados com seu leve sotaque jamaicano, estavam tão serenos

que suas palavras me pegaram de surpresa. Ela recuou um pouco para poder me encarar com seu olhar penetrante. – A questão é: ele sabe? – Ela apontou com o queixo para Parker e ergueu as sobrancelhas.

Fiquei todo tenso, não consegui evitar que meus olhos se arregalassem. Esse tempo todo Marisol sabia que Danny era o meu pai? Eu não fazia ideia disso, nem se o meu pai sabia. Mesmo assim, se meus pais fossem confiar em alguém, Marisol era sem dúvida nenhuma a melhor escolha. Ela havia se mostrado digna de confiança, sempre tentou cuidar de mim da melhor maneira possível e me manteve em segurança.

Assenti devagar.

– Sabe, sim.

Ela sorriu e me abraçou outra vez.

– Ótimo. É o momento perfeito para se voltar para a família.

– Marisol... – Dei um último abraço nela antes de soltá-la. – Este é o Parker, e o Finn, amigo dele.

– É um prazer conhecer vocês, meninos. – Seu sorriso se escancarou, e ela evitou olhá-lo nos olhos.

Dessa vez Parker se voltou para mim com uma expressão ligeiramente divertida. Abri um sorrisinho para ele, sem chegar a me surpreender com o fato de ter notado esse costume. Parker era mais perceptivo do que eu estava disposto a admitir.

Marisol fez um gesto para mim.

– Eu conheço a mãe do Jack desde criança, sabe? E o Jack e a Libby também.

– Por falar nisso... – Eu era alto o suficiente para olhar por cima de tudo mundo, mas ainda não tinha localizado os cachos escuros de Libby no meio do grupo. – Cadê ela?

Marisol sorriu e olhou para atrás de mim, depois se despediu com um aceno e se virou para ir atrás de Randall. No instante seguinte, alguém pulou sobre as minhas costas, e escutei a risada de Libby no meu ouvido.

– Então você ainda vem me ver de vez em quando?

Dei uma risadinha e estendi a mão para pegá-la pela cintura e trazê-la para a minha frente.

– Você tem mais com que se preocupar do que com meus sumiços ocasionais.

Ela parou de rir, mas seus olhos castanhos brilhavam da mesma forma do que em seus sonhos quando éramos crianças.

– Você sabe que eu sempre me preocupo.

Seus olhos se voltaram para Finn e Parker, e ela sorriu de novo, olhando-os nos olhos sem hesitação. A mesma Libby de sempre, confiante demais; ela nunca foi cautelosa como deveria.

– Arrumou outros amigos? Finalmente. Cheguei a me perguntar se mais alguém seria capaz de aguentar você.

Cobri sua boca com a mão e disse com a maior seriedade possível:

– Parker e Finn, esta é a Libby.

Ela falou por entre os meus dedos enquanto tentava se livrar das minhas mãos:

– Frazer em conhecer focês.

Baixei a mão, sem conseguir segurar o sorriso. Havia algo de contagiante em Libby. Era impossível não notar.

Parker e Finn já estavam sorrindo para ela.

– Que bom finalmente conhecer alguém capaz de manter o Jack na linha – falou Parker.

A expressão de Libby ficou bem séria ao responder:

– Não foi fácil, mas eu dou até aulas sobre isso às quartas e quintas à meia-noite. Pode haver alguns sacrifícios rituais envolvidos, mas garanto bons resultados.

Finn sacudiu a cabeça e deu uma risadinha.

– Gostei dessa garota.

– Todo mundo gosta – respondi, passando um braço pelos ombros de Libby. – Então, Lib, está a fim de sair pra uma aventura?

– Com três bonitões? – Ela me abraçou pela cintura e sorriu para Parker e Finn. – Sempre.

– Bonitões, é? – Foi estranho para mim ouvir Libby falar assim do meu irmão.

Ela bateu no meu peito com a mão livre.

– Até parece que você não sabe.

Sacudi a cabeça e decidi mudar de assunto o quanto antes:

– A gente deve ficar fora por alguns dias... talvez semanas. – Senti o sorriso desaparecer do meu rosto e vi a expressão de Libby também ficar mais séria. – Vai ser perigoso.

– Com você sempre é. – O sorrisinho que restou em seu rosto não se abalou. – Que tipo de encrenca arrumou desta vez?

Abri o sorriso mais malicioso possível.

– Uma encrenca química.

Ela ficou paralisada, de olhos arregalados.

– Por favor me diga que vamos derreter alguma coisa grande.

Finn caiu na gargalhada.

– Fala sério, por que a gente foi ficar com o Jack no programa de adoção de Sonâmbulos se dava pra escolher essa garota?

Libby deu uma risadinha e sacudiu a cabeça para Finn.

– Pois é, péssima escolha.

– Nem fale. – Finn fingiu uma cara de tristeza e soltou um suspiro exagerado. Parker ficou rindo e olhando para mim.

– Agora já foi. – Encolhi os ombros com um meio sorriso, e Libby deu o braço para mim. Nem me importei com os dois pegando no meu pé. Tudo ficava mais leve com Libby por perto, e eu não me incomodava nem um pouco com aquilo. Mas, no caso de Libby, eu já tinha aprendido fazia tempo como devolver a provocação. – Eu devia saber que não podia deixar você perto desses dois. Eles vão acabar corrompidos.

– Quem? Eu? – Ela fez uma pose de anjo, com as mãos juntas como se estivesse rezando, e deu uma piscadinha para Parker.

Eu a abracei pelo ombro e sussurrei para apenas nosso grupo ouvir:

– Você sabe que ele é meu irmão mais novo, né? Pega leve, ou vou ser obrigado a interferir pra impedir que ele se deixe levar pelo seu... charme.

Libby tinha sido a única pessoa em quem eu confiava o suficiente para revelar meus segredos de família, até conhecer Parker. E, nesse caso, não era nada de mais, já que *ele próprio* era um dos segredos.

– Você sabe que ninguém fica imune ao meu... charme. – Libby pôs a mão na cintura e repetiu a palavra exatamente da maneira como eu tinha dito.

Parker arregalou os olhos, e Finn parecia estar se divertindo como nunca.

– E é claro que eu lembro – ela continuou. – Você acha que eu ia esquecer de uma fofoca deliciosa como essa? – Ela se livrou do meu braço e foi voltando para o trailer. – Vou pegar minha mochila, e depois a gente já se despede da Marisol e do Randall.

Quando fiz que sim com a cabeça, ela se virou e saiu correndo. Fomos ficar na sombra de um toldo ali por perto para esperar. Os rebeldes tinham montado uma área aberta enorme no centro. No meio da clareira, havia um imenso buraco para fazer fogueira, ao

redor da qual eu me sentava para assar *marshmallows* quando criança. Cadeiras de jardim de todos os tamanhos e formatos ficavam na frente dos trailers, algumas ocupadas, outras não.

Diversos rostos familiares se reuniram, falando baixo e nos observando dos assentos. Quando eu os olhava eles acenavam, mas encaravam Parker e Finn com uma curiosidade e um pouco de medo impossíveis de disfarçar. Se não estivesse acompanhado pelos dois, a maioria dos rebeldes provavelmente viria me cumprimentar. O acampamento havia se tornado um lugar nada acolhedor, onde pessoas novas eram recebidas com desconfiança.

Mas isso era bom. Eles estavam mais seguros assim. Quando olhei para Parker e Finn para ver se tinham notado como chamavam a atenção, os dois estavam me encarando.

– Uau... – Parker falou enquanto ele e Finn se aproximavam de mim. – A Libby foi...

– Revigorante – completou Finn.

– É, ela causa esse efeito na gente. – Cocei a nuca e dei de ombros.

– Não. – O sorriso de Parker se alargou ainda mais. – Ela causa esse efeito em *você*.

Finn deu risada, que tentou esconder quando me virei para ele.

– Nunca vi você sorrir tanto nem ficar tão relaxado. – Quando fechei a cara, Parker se virou na direção para onde Libby tinha corrido. – Não estou falando por mal – ele acrescentou. – Isso é bom. É bom conhecer esse outro lado seu além do sargentão.

– Ter sentimentos também não faz mal pra ninguém – Finn comentou baixinho.

Senti minha frustração crescer. Eu não sabia o que Parker queria de mim, mas pelo jeito o que eu estava fazendo não bastava. Em

vez de responder, virei a cara e vi Libby sair do trailer do outro lado da clareira.

Quando ela se encaminhou para a nossa direção, ouvi o primeiro tiro. Vi Marisol ir para o chão. Os disparos substituíram as risadas enquanto os rebeldes começaram a correr. Cadeiras tombaram no chão, e as pessoas corriam para se esconder.

Meus instintos afloraram, e saltei na direção de Finn e Parker, agarrando-os pelos braços e jogando os dois atrás do trailer mais próximo. Assim que os escondi, ouvi mais dois tiros, e um acertou uma árvore logo atrás de onde estávamos.

– Fiquem aí! – gritei e espiei pelo canto do trailer.

Libby estava curvada sobre Marisol no chão, com outro homem caído ali perto. Os rebeldes estavam se organizando rapidamente para reagir, e ouvi Randall gritando ordens de algum lugar do outro lado da clareira. Houve mais tiros, de dentro e de trás dos trailers. Os primeiros disparos vieram da minha esquerda, mas agora partiam de todo lado. Era questão de tempo até Libby ser atingida, de propósito ou por acidente.

Eu *não podia* deixar isso acontecer.

Respirando fundo, permaneci abaixado e corri até ela, que estava com a mão no ferimento no peito de Marisol. Estava claro, porém, que o tiro havia cumprido seu intento. Os olhos sem vida de Marisol estavam voltados para mim e abriram um buraco na minha alma. Era como se eu estivesse ouvindo sua voz na minha cabeça: *Tire a Libby daqui.*

Estendi a mão direita e fechei os olhos de Marisol, depois agarrei Libby com o braço esquerdo. Ela tentou resistir, mas pesava tão pouco que não podia fazer quase nada para me impedir. Senti o deslocamento de ar quando algumas balas passaram perto, mas conseguimos chegar em segurança até Parker e Finn.

– Não, Jack! – Libby gritou assim que a pus no chão. Ela fez menção de correr de volta para lá, mas, mesmo atordoada pela tristeza, foi esperta o suficiente para retornar para onde estávamos. – A Marisol não pode estar... Ela não pode ficar ali...

Eu a puxei para junto do peito e acariciei seu cabelo. Tentei superar minha própria dor e meu estado de choque enquanto procurava o caminho mais seguro até a van. Marisol não tinha mais como ser ajudada. Eu precisava concentrar minha atenção na sobrevivência de Libby, Parker e Finn.

– Eu sei, Lib, mas tenho que tirar vocês daqui antes que alguém mais se machuque.

– Não! Quem vira as costas pras pessoas é *você!* – Libby gritou para mim, com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Esqueci tudo o mais ao nosso redor e me concentrei apenas nela. Nunca a tinha visto assim. – Mas não eu. Não posso ir embora daqui agora, Jack. E não vou!

Libby sempre demonstrava exatamente como estava se sentindo, deixava tudo às claras. No momento seus olhos estavam cheios de mágoa e de raiva. Eu sabia que não ia conseguir tirá-la dali, caso contrário ela jamais me perdoaria. Minha intenção não era virar as costas para os rebeldes em uma situação tão difícil, eu só queria levar Libby, Parker e Finn para um lugar seguro.

Mas não discuti com ela. Libby estava sofrendo e, se brigar comigo fosse ajudá-la a lidar com a situação, por mim tudo bem. Fechei os olhos por um instante e apertei o centro da testa com a mão direita.

– O que está acontecendo, Jack? – gritou Parker. – Quem está fazendo isso?

Abrindo os olhos novamente, dei uma encarada no meu irmão.

– Quem você acha?

Ele empalideceu e olhou para o corpo de Marisol.

– Eu... eu não pensei que a coisa fosse tão séria assim.

– Eu não contei todos os detalhes da guerra, mas avisei que não era brincadeira. Já tinha falado que eles matam pessoas.

A verdade era que eu havia deixado de fora os detalhes mais assustadores. Nunca mencionei as coisas de arrepiar que o líder deles, Steve Campbell, fazia com quem capturava. Nunca expliquei tudo isso, mas senti que não era mais necessário.

Dei mais um abraço em Libby e olhei para o meu irmão por cima da cabeça dela.

– A realidade é esta, Parker.

– Pois é, você me contou. – Sua voz saiu tão baixa que mal consegui ouvi-la no meio da confusão. – Mas ver tudo pessoalmente é diferente.

– É mesmo. – De repente me senti culpado por tê-lo levado. Talvez eu devesse ter batido o pé para ir sozinho. Foi um erro dos mais estúpidos. – Não era pra você ter visto isso. O pai não deixaria.

– Não. – Os olhos de Parker mostravam um brilho renovado. Isso me surpreendeu, embora não devesse. Ele não estava a fim de fugir. Estava pronto para a luta. – Eu precisava ver isso... e agora tenho que ajudar. Você *precisa* me deixar ajudar, Jack. O que eu posso fazer?

– Libby, você fica com o Finn. – Quando Libby ameaçou protestar, eu me antecipei: – Você quer que eu fique pra ajudar. Pra fazer isso, preciso saber que você está segura. Ninguém vai embora enquanto isto não terminar, Lib. Eu prometo. Parker, você vem comigo.

Finn foi ficar ao lado de Libby.

– Não é melhor chamar a polícia ou coisa do tipo?

Não consegui evitar a risada seca que me escapou da garganta.

– Ah, sim, claro. Pode chamar. Isso vai resolver tudo.

Finn pareceu ofendido.

– Por que não?

Olhei pela beirada do trailer, para o lugar de onde estavam vindo os tiros. Havia dois carros de polícia parados. Eu estava torcendo para estar enganado, mas não. Quando corri para tirar Libby do meio do fogo cruzado, vi as luzes piscando sobre um carro branco com o canto de olho.

– Porque os Apropriadores não são idiotas, Finn, e podem assumir o corpo de quem quiserem. Quem está atirando na gente agora é a polícia.

10

Parker

– Quê? Eles se apropriaram da polícia? – Finn perguntou enquanto nós dois olhávamos de boca aberta para Jack.

Voltei meu olhar para os rebeldes ao nosso redor. Nenhum deles parecia muito surpreso. Libby parecia arrasada. Mas os responsáveis pelo ataque eram claramente os Apropriadores. Era a única opção que fazia sentido. Eles não tinham nem anunciado sua chegada. Não pediram para ninguém se render nem tentaram nos prender.

Simplesmente começaram a atirar.

E não era só para assustar, não. Estavam atirando para matar.

Os rebeldes revidavam os disparos de trás de carros, trailers e cercas de metal. Pareciam ter bastante munição. Já tinham passado por isso antes, talvez até por coisa pior.

– É uma possibilidade. Vocês vivem esquecendo que eles podem usar *qualquer um*. – Jack baixou o queixo e encarou Finn. – Você deveria saber disso melhor que ninguém.

Finn estremeceu e fez um aceno de cabeça. Pensar no que Finn passou me fez lembrar de algo que eu havia quase esquecido... da *pessoa* que havia quase esquecido: Chloe. Ela ainda estava na van? Pela expressão de Jack, ele estava se perguntando a mesma coisa.

– Finn, vá com a Libby lá pra van. Vá ver a Chloe e não deixe ela aprontar nada nem ir a lugar nenhum. – A expressão de Jack ficou mais séria. – Vou ter uma conversinha com ela quando voltar.

Sacudi a cabeça.

– Você acha que ela tem alguma coisa a ver com isso?

– Talvez... mas não tenha dúvida de que vou perguntar. – Ele encolheu os ombros e jogou a chave do carro para Finn. – Se alguém aparecer ou se o tiroteio não parar em quinze minutos, vá embora com o carro e espere a gente ligar antes de voltar.

Finn hesitou e olhou para mim. Quando fiz um aceno positivo com a cabeça, ele pegou Libby pelo braço e começou a caminhar na direção da van. Ela não estava mais resistindo. Seus olhos estavam vazios, e sua mente, perdida em algum lugar.

Jack pôs as duas mãos nos meus ombros e me fez encará-lo.

– Não saia de perto de mim e tente não levar bala.

–Hã... certo – respondi, e logo em seguida ele saiu correndo.

Fomos nos esgueirando por trás, por dentro e por baixo dos trailers até chegarmos ao local onde Randall estava entocado com duas armas e um balde inteiro de munição.

– O que a gente pode fazer? – perguntou Jack, me puxando e me prensando contra a lateral do trailer.

Meu coração batia em disparada, ecoando nos meus ouvidos. Bastavam alguns passos em qualquer direção e eu seria visto. Era uma sensação surreal e assustadora.

Randall olhou para nós e, em seguida, se dirigiu a Jack:

– Ele sabe atirar?

– Não – nós dois respondemos ao mesmo tempo.

– Você disse que esses caras estão sendo controlados pelos Apropriadores? – Tudo o que estava acontecendo no acampamento

parecia errado, e eu não conseguia encontrar uma resposta que me convencesse.

– Eles podem ter sido chantageados ou coisa do tipo, mas provavelmente foram apropriados... – Jack hesitou, como se já soubesse o que eu ia dizer.

– Então por que matá-los? – questionei.

– Fácil – Randall ironizou antes de esvaziar mais um pente. – Eles estão atirando em nós.

Olhei feio para Jack.

– Se eles foram apropriados, estão como o Finn. Não são *eles* que estão fazendo isso. Matando gente inocente, não existe muita diferença entre nós e os Apropriadores.

Randall ergueu as sobrancelhas até alturas impossíveis.

– O que foi que você disse?

Jack grunhiu e pôs a mão no ombro de Randall para tranquilizá-lo.

– O que você quer que eu faça? – meu irmão perguntou. – Até entendo o que está dizendo, mas a gente precisa se defender.

Randall acenou com desdém para mim e recomeçou a atirar.

– Arrume um jeito de acabar com o tiroteio sem matar os caras – pedi. – Se existe alguém capaz de fazer isso, é você.

Jack ficou me olhando sem nenhuma expressão por alguns segundos, mas dava para ver a dúvida em seus olhos. Ele se agachou e tirou uma faca de cada bota.

– Não posso prometer que não vou machucar ninguém... mas prometo não matar. Está bom assim?

– Pode ser. – Fiz que sim com a cabeça.

Randall olhou para nós com uma cara de quem estava pronto para contestar.

– Vou ter que chegar mais perto. – Os músculos no maxilar de Jack se contraíam tão rapidamente que pareciam espasmos. – Tente não me acertar, Randall.

O líder dos rebeldes sacudiu a cabeça.

– Vou ver o que dá pra fazer. Tome cuidado, Jack.

– Eu vou com você – falei.

Jack não respondeu, então o segui enquanto ele corria por trás de vários trailers, circulando pelo local até um dos carros de polícia entrar no nosso campo de visão.

– Vamos tirar os dois de combate e depois deixar os rebeldes decidirem mais tarde se eles são culpados ou inocentes – Jack falou.

Ouvi com atenção e segui seus movimentos como se a minha vida dependesse disso, – o que provavelmente era verdade.

Quando nos posicionamos atrás deles, Jack ergueu a mão para me pedir para esperar. Era o mesmo tipo de comunicação que ele usou quando atacamos a base dos Apropriadores. Eu o observei com atenção, esperando a instrução seguinte. Os dois policiais estavam ao lado do carro, atirando pelas janelas das portas abertas com as munições abundantes acondicionadas em caixas nos bancos dianteiros. Contei até dez, observando e aguardando.

Jack parecia esperar ouvir alguma coisa específica, mas eu não sabia o que... até perceber quando Jack o encontrou. Ele apontou para um terceiro policial uns cinco metros à nossa esquerda, abaixado atrás de uma árvore para recarregar a arma.

Jack me fez um aceno de cabeça, e deu para ver exatamente o que ele estava pensando: *Três homens armados? E nós sem nenhuma arma de fogo? Sem problemas.*

Como era possível que nós fôssemos parentes? Meus pensamentos eram algo no estilo: *Estamos em minoria. Claramente precisamos de mais gente pra ajudar... e de coletes à prova de balas.*

Quando o terceiro cara terminou de recarregar e começou a atirar para uma direção diferente, Jack fez um sinal e fomos em frente. O atirador atrás da árvore estava de olho no pessoal da clareira. Ele só viu a aproximação furtiva de Jack quando já era tarde demais. Jack passou o braço pela garganta do policial e pressionou com força até o homem parar de resistir, alguns segundos depois.

Jack baixou o sujeito lentamente até o chão e mediu seus batimentos cardíacos com o dedo. Quando ouvi o policial respirar, enfim consegui soltar o ar também.

– C-como você sabe quando parar? – murmurei tão baixinho que só tive certeza de que Jack tinha ouvido quando ele respondeu.

– Três segundos. – Ele apanhou um graveto grosso e curto ali perto e me entregou. – O pai me ensinou que esses três segundos são a diferença entre ser um combatente e um assassino, entre a vitória e a derrota... e, para o inimigo, esses três segundos são a diferença entre a vida e a morte. Três segundos depois do desmaio é tempo suficiente para garantir que seu inimigo perca a consciência de vez, mas *geralmente* não basta pra matar.

– Geralmente? – Peguei o graveto sem nem olhar. Meu estômago estava meio revirado com a conversa.

– É... – Os lábios de Jack se contorceram em uma linha reta, e ele começou a se inclinar na direção do carro de polícia quando acrescentou baixinho: – É esse “geralmente” que pode causar problemas.

Ele fez um gesto para acompanhá-lo até atrás de uma árvore. Uma vez lá, continuou estendendo o pescoço para fora e voltando a se esconder.

Ele franzia a testa um pouco mais a cada vez que olhava, até que perguntei:

– Qual é o problema?

– Não consigo encontrar uma posição boa pra acertar o policial mais velho. Daqui só dá pra acertar no pescoço ou na cabeça... e ia ser letal. – Ele juntou as lâminas e sacudiu a cabeça. – Preciso que ele se mexa um pouco.

Arrisquei uma olhada por trás da árvore e entendi o que ele estava falando. Tive que sufocar uma onda de medo, ciente do que ia precisar fazer.

– Se prepare – falei, sabendo que Jack me questionaria se soubesse qual era meu plano. Mas para que servia toda minha velocidade na corrida se não a pusesse em prática numa situação como essa?

– Quê?

– Não me deixe morrer. Fique esperto! – murmurei e logo saí correndo de trás da árvore em uma direção na qual o policial mais velho certamente me veria; se quisesse acertar o tiro, ele precisaria se afastar do carro.

Antes de me distanciar cinco metros, ouvi o som agudo da lâmina de Jack cortando o ar. O policial mais novo deu um berro. Não olhei para trás, mas ouvi os passos do policial mais velho se afastando do carro para me seguir. As batidas do meu coração reverberavam dentro da minha cabeça. Tudo se movia lentamente, mas em velocidade suficiente para que eu sentisse que não havia nada que pudesse fazer para me proteger.

Escutei outro som agudo pouco antes de mais um disparo de arma de fogo. A dor tomou conta do lado esquerdo da minha cabeça. Tropecei e fui ao chão, afetado pela velocidade do ambiente ao meu redor. Visões de Addie dando risada, da minha mãe sorrindo para mim do outro lado do balcão da cozinha, de Finn fazendo palhaçada no quintal... essas imagens me envolveram por todos os ângulos.

Minha vida, encerrada em um instante.

A arma escapou dos dedos do policial, que soltou um grito de dor. Consegui ver uma movimentação perto do carro antes que um grupo de rebeldes armados cercasse os três.

Eu não conseguia me mexer. Nem respirar. Nem ao menos piscar. Com o canto do olho, vi Jack correndo até mim. Aparentemente, estava gritando meu nome.

– Parker! Parker! Você se machucou? – Sua voz começou a me tirar do atordoamento. – Parker! Ele *acertou* você?

Me virei devagar para o meu irmão. O pânico absoluto em seu rosto era quase tão chocante quanto o fato de eu ter levado um tiro. Recuperando o fôlego, senti o mundo começar a voltar ao normal, e a cor voltar ao rosto de Jack, quando enfim falei:

– Eu, eu estou bem... Acho que tá tudo bem.

Jack estendeu a mão na direção da minha cabeça e a recolheu com o dedo sujo de sangue.

– Acertou de raspão na sua orelha. Você é um baita sortudo.

– Só de vez em quando – resmunguei e me virei para ajoelhar. O alívio tomou conta de mim quando vi que tudo poderia ter sido muito pior. – Além disso, funcionou, né?

Jack sorriu, e vi o respeito estampado nos seus olhos.

– Pois é.

O caos ao nosso redor tinha acabado. Não havia mais balas nem gritaria. Até mesmo o vento parecia ter prendido o ar para esperar o enfrentamento terminar.

Jack me ajudou a ficar de pé antes de sair correndo até um trailer ali perto. Ele voltou com duas toalhas de mesa na mão. Passou pelo policial mais velho, que o encarou por cima da mordaca. Havia rebeldes a postos para terminar de amarrá-lo, mas esperaram que Jack removesse cuidadosamente a lâmina de seu bíceps,

limpasse na toalha e a guardasse na bainha. Ele amarrou o pano com força na ferida do homem. Quando terminou, peguei a outra toalha e fui até o policial mais novo. Ele parecia mais assustado que com raiva e estava sentindo muita dor.

Pensei em fazer o mesmo que Jack, mas a faca estava encravada no antebraço do sujeito. Fiquei com medo de, caso puxasse do jeito errado, acabar causando mais estrago.

Jack foi até ele, segurou o cabo da faca e olhou para mim.

– Pronto?

Fiz que sim com a cabeça. Quando ele arrancou a lâmina, amarrei rapidamente o pano em torno do braço do homem. A ferida ainda sangrava em abundância, mas a toalha cumpriu seu papel. Os rebeldes amarraram esse policial também. Jack limpou a faca na bandagem improvisada antes de enfiá-la de volta na bota.

– A gente até que forma uma boa equipe, né? – eu disse essas palavras de forma hesitante, mas precisava falar.

Jack era obrigado a reconhecer que eu era mais que alguém que estava sempre entrando em seu caminho. Ele balançou a cabeça em concordância, mas não olhou para mim.

– É.

Randall se aproximou. Tinha levado um tiro no ombro poucos minutos antes, mas alguém já havia posto uma bandagem no ferimento, e ele parecia bem.

– Isso foi incrivelmente corajoso... e incrivelmente idiota. Mas obrigado a vocês dois. – Randall sacudiu a cabeça e olhou por cima do ombro para alguns dos outros, que cobriam o corpo de Marisol com um lençol branco. – Eu esperava que as coisas fossem melhorar depois... depois do que Danny fez.

– E vão. – Jack tentou parecer confiante, mas impossível não notar a hesitação em seu tom de voz. – Eu só preciso de mais

tempo.

Randall se inclinou na direção dele.

– No que você está trabalhando, Jack?

– Danny me deu uma coisa pra resolver – Jack disse bem baixinho, olhando ao redor como se pudesse haver alguém que não era de confiança ouvindo.

– Não, por favor, não. – Randall ficou pálido enquanto falava, e eu demorei um pouco para entender. – Por favor, não me diz que ele passou a fórmula do Eclipse para você. Pensei que tínhamos nos livrado disso de vez. Se ele deu para você...

– Não, Randall. – Jack colocou uma mão sobre o ombro do homem para tranquilizá-lo. – Danny fez de tudo para garantir que ninguém mais voltasse a fabricar o Eclipse. Essa praga acabou, não tem mais volta.

O rosto de Randall voltou à coloração normal. Fiquei me perguntando se era um bom momento para ver se Finn e os demais estavam em segurança na van, mas Jack me lançou um olhar que fez meus pés grudarem no chão.

– Só o que posso dizer por enquanto é que nós estamos tentando ajudar, e que é uma coisa muito importante. – Jack me olhou nos olhos por vários segundos. O que ele quis dizer ficou bem claro: agora éramos *nós*. Em seguida: se voltou para Randall. – Danny me deixou uma mensagem. Pediu pra avisar você que “está na hora de começar”. Sei que ele andava bem paranoico ultimamente, mas isso faz sentido pra você?

– Faz – Randall respondeu sem hesitação, e uma tristeza profunda tomou conta de seu rosto como uma sombra. – Preciso entregar uma coisa pra você. Espere aqui enquanto vou pegar.

– A gente precisa ver como estão os outros. – Jack parecia relutante em sair dali, mas nós dois sabíamos que preci-sávamos

pensar na segurança dos demais. – Você encontra a gente lá na van?

Randall fez que sim com a cabeça, e nós retornamos ao local por onde chegamos.

Olhei para a movimentação na clareira. As pessoas pareciam abaladas, mas ainda dispostas a resistir. Marisol foi a única perda. O outro homem que levou um tiro já estava consciente e com um curativo no ferimento. Parecia que ia sobreviver também. Por sorte.

– Não seria uma boa todos se mudarem? – falei sem pensar, mas insisti na questão porque parecia fazer sentido. – Não parece nem um pouco seguro ficar aqui agora.

– Eles não têm para onde ir. – Jack olhou ao redor com tristeza e chutou uma pedra no caminho à nossa frente. – Todos os acampamentos rebeldes estão em perigo, de um jeito ou de outro. Não existe mais nenhum lugar que os Apropriadores não possam encontrar. Não dá para deixar isto para trás, não sem dispersar completamente, não sem abandonar o senso de comunidade que a gente tanto lutou pra construir. Pelo menos aqui, em grupo, é impossível eles sequestrarem pessoas e manterem em cativeiro sem que ninguém perceba. Eles precisam enfrentar todo mundo. Além disso, fugir é cansativo. Não é uma vida fácil. Na caça, quem é a presa nunca pode relaxar. Quando isso acontece, é morte certa.

Não sabia o que dizer. Por um lado, fiquei surpreso por Jack me contar tudo aquilo. Talvez fosse uma tentativa de fazer o que o nosso pai pediu em sua mensagem. Estava torcendo para isso. Nunca entendi muito bem qual era a dos rebeldes. Queria poder compreender, mas ao mesmo tempo me sentia aliviado por não estar naquela situação. Como eu podia comparar minha vida à deles?

Felizmente, Jack não esperava uma resposta.

– A gente está cansado de ser a presa, Parker. Pra mim, a questão é essa. Se tudo der certo, a nova fórmula pode fazer com que os Apropriadores tenham algo a perder nessa caça. A gente pode ter alguma vantagem, pra variar um pouco. Está na hora de ter uma arma eficaz pra manter todo mundo na linha, pra fazer os predadores terem medo da gente. Vou descobrir essa arma ou morrer lutando.

A raiva perceptível em seu tom de voz me fez pensar pela primeira vez que dar a Jack uma missão foi a pior coisa que o nosso pai fez com ele – e, como eu estava começando a descobrir, os outros itens da lista não eram nada irrelevantes.

11

Jack

Enquanto caminhava pela clareira com Parker na direção da van, parei junto do grupo de rebeldes reunidos em torno do corpo de Marisol. A maioria estava chorando, murmurando e oferecendo consolo uns aos outros. Parecia um velório informal.

Diversas lembranças vieram à tona na minha mente: Marisol sentada à mesa, ensinando Libby e eu a jogar baralho. Marisol rindo das histórias bobinhas que Libby inventava para me contar antes de dormir. Marisol chorando comigo, ajoelhada ao lado do corpo ensanguentado da minha mãe. Ela sempre foi como alguém da família. Cuidou de mim e me deu apoio durante os tempos difíceis, mesmo quando fingi que não precisava. Ela desmascarava as minhas mentiras e me amava apesar das fraquezas que eu imaginava esconder tão bem. Ser forte não fazia diferença para Marisol. Nunca fez.

– Você não está ajudando ninguém com isso, sabia? – ela me disse uma noite, mais ou menos uma semana depois da morte da minha mãe.

Havia me flagrado chorando no escuro, escondido em um matagal atrás do acampamento. Tentei limpar as lágrimas, apesar de

ela não precisar nem me enxergar para entender o que estava acontecendo.

– Como assim? – perguntei, torcendo para que ela estivesse se referindo ao fato de eu ter me afastado do acampamento ou coisa do tipo.

– Fingindo que não tem sentimentos desse jeito. – Marisol sentou ao meu lado e olhou para as estrelas. – Quando faz isso, você destrói algo dentro de *si mesmo* e, mais que isso, diminui a importância dela.

Algumas lágrimas escorreram pelo rosto dela; quando o mesmo aconteceu com o meu, não as limpei dessa vez.

– Sentimos falta dela porque ela era importante para nós. – Marisol enfim se virou e abriu um sorriso triste, com lágrimas nos olhos. – Não tire isso da sua mãe. A perda dela faz diferença.

Em seguida, Marisol me envolveu com um dos braços. Ficamos sentados assim no escuro até eu dormir sob as estrelas.

Me abaixei e apertei sua mão sem vida pela lateral do lençol. Minha garganta fechou, e tive que me esforçar para conter minhas emoções. Eu não ia suportar perder mais gente. Aquilo estava acabando comigo, e em breve eu não seria mais capaz de assimilar os golpes e me recompor.

– Vou cuidar da Libby e não vou decepcionar o meu pai. Prometo pra você, Marisol. – Fiz minha promessa tão baixinho que ninguém conseguiu ouvir. Em seguida, respirei fundo e fiquei de pé. – A sua perda faz diferença pra todos nós.

Olhei para o pessoal reunido no acampamento. Um grupo de rebeldes estava levando os três policiais para o trailer de Randall. Eles descobririam se os corpos dos homens haviam sido apropriados ou se foram só subornados ou chantageados, e decidiriam o que

fazer a partir daí. Randall era um homem justo, e as pessoas respeitavam sua liderança.

Os outros rebeldes circulavam lentamente, tentando começar a limpeza, ajudar uns aos outros... fazer alguma coisa. Eles se moviam como se tivessem um propósito, mas seus olhos estavam vazios, e mesmo os que não estavam perto de Marisol não conseguiam evitar dirigir o olhar para onde o corpo estava escondido sob o lençol.

Estava longe de ser a primeira vez que foram atacados, mas era a primeira em que Marisol tinha sido alvo dos Apropriadores. E não era algo do qual os rebeldes pudessem se recuperar com facilidade. Ela era o coração do acampamento não só para mim.

Libby e eu estávamos sofrendo o mesmo tipo de perda. A morte de uma mãe era uma dor terrível, e Marisol era quase isso para nós. Aquilo era o tipo de coisa que transformava alguém imediatamente em um adulto quando, na verdade, ainda se sentia criança. Nada era capaz de deixar uma pessoa mais assustada, vulnerável e solitária que perder um pai ou uma mãe.

Parker veio atrás de mim enquanto nos encaminhávamos para a van. Por mais que fosse difícil admitir até para mim mesmo, eu precisava da sua companhia. Principalmente agora, eu precisava dele. Meu pai me falou para tratá-lo como um aliado, mas não dava para dizer que eu estava fazendo isso. Eu não parava de perder as pessoas que amava. Apesar de mal conhecê-lo, ele era meu irmão.

Estava na hora de começar a agir de acordo.

Não devia ter demorado tanto para ir atrás dele. Jamais podia ter deixado o ciúme, nem mesmo a determinação inicial do meu pai de manter distância de Parker, me impedir de saber quem é meu próprio irmão.

Ele correu o risco de levar um tiro hoje, e eu o perderia sem nunca tê-lo conhecido de verdade. Só de pensar nisso meu peito

queimou de dor e senti dificuldade para respirar.

Então Parker queria saber mais sobre o nosso pai? Muito bem. Eu ia começar a responder a suas perguntas. Chega de segredos. Chega de deixar que a memória do nosso pai nos afastasse. Eu ia me aproximar mais do meu irmão.

Ia ficar próximo o suficiente para *garantir* que ele estaria em segurança.

Como se tivesse entendido meus pensamentos, Parker se manteve atrás de mim enquanto andávamos, silencioso como uma sombra. Contudo, sua presença me tranquilizava de uma maneira que eu não seria capaz de explicar nem se tentasse – o que obviamente não fiz.

E eu me sentia eternamente grato por não precisar fazer isso.

+++

Estávamos contornando o canto do trailer mais próximo da van quando ouvimos o grito de Libby. Parker e eu trocamos um rápido olhar e saímos correndo. Quando nos aproximamos, a gritaria já tinha parado, mas ainda dava para ouvir uns barulhos estranhos e abafados. Parker era mais veloz que eu, mas quando chegou à van suas pernas travaram e ele parou, como se estivesse grudado no chão. Tentei deter o passo, mas esbarrei nele, e fomos parar os dois no chão.

Ele gaguejou, rolou e me ajudou a levantar, murmurando desculpas enquanto eu tentava entender o que o havia feito parar no meio do caminho. Chloe estava ajoelhada ao lado da van, com uma expressão ligeiramente entediada enquanto imobilizava Libby com a cara no chão. Finn estava pendurado na janela do motorista, grunhindo enquanto tentava arrancar Chloe de cima de Libby.

Sacudi a cabeça e me levantei num pulo. Finn não tinha a mínima força de alavanca naquele ângulo. Não era à toa que seus esforços não estavam dando em nada.

Aquela não era a hora ideal para Chloe arrumar encrenca, não mesmo.

– *Sai* de cima dela – esbravejei.

Chloe me olhou com um meio sorriso, que desapareceu assim que viu meu rosto. O medo preencheu seus olhos, mas ela não reagiu com velocidade suficiente. Em dois passos, eu estava com as mãos em seus ombros. Com dois passos mais, eu a tirei de cima de Libby e a pressionei de costas contra a lateral da van.

– Que diabos você está fazendo?

Minha tristeza pela morte de Marisol abastecia a raiva nas minhas veias, e soltei um grunhido quando apertei ainda mais forte seus braços, descontando um pouco da minha dor em Chloe. Por que não? Ela era uma Apropriadora e estava aqui causando problemas.

A pele de Chloe assumiu um tom pálido parecido com o de seus olhos acinzentados, e ela tentou me afastar, mas eu não permiti. Sua expressão mostrou um traço de indignação, e ela ergueu o queixo, me encarando com uma raiva parecida com a que eu sentia. A fúria em seus olhos me deixou confuso. Com que direito ela se indignava desse jeito?

– Eu fiz uma pergunta. – Sua teimosia só estava piorando as coisas. – Por que você foi pra cima dela?

– Você está perguntando pra pessoa errada. – A voz de Chloe era veneno puro.

A voz de Parker estava afiada quando me chamou pelo nome. Soltei os ombros de Chloe.

– Ela veio aqui com *você*? – Ouvi Libby gritar. – E logo depois os Apropriadores chegam atirando? A Marisol está morta. Por causa

dela!

Fui empurrado por trás pelo corpo miúdo de Libby antes de ter a chance de me virar. O impacto me desequilibrou e me jogou para cima de Chloe. Em seguida, Libby parou de me atacar e soluçou.

– Como você foi fazer uma coisa dessas?

Olhei de novo para Chloe. Ela estava perfeitamente imóvel, sem ao menos piscar direito. O que vi nos olhos de Chloe não foi a perplexidade que deveria se seguir à acusação de Libby. Havia algo mais ali: um sinal de compreensão? Reconhecimento? Obviedade, talvez?

– Não... – Fiquei olhando para Chloe, me segurando para não esganá-la com os dedos. Se ela tivesse traído minha confiança, e Marisol estivesse morta por isso, não haveria como ela fugir nem se esconder de mim. – Diga que não foi você que deu a dica pra esses Apropriadores aparecerem aqui.

Chloe arregalou os olhos, com uma expressão de mágoa genuína.

– *Nunca.*

Procurei por algum sinal de que ela estivesse mentindo, mas, se fosse esse o caso, ela o estava escondendo bem. Quando me virei para Libby, senti um nó na garganta ao vê-la sofrendo tanto. Ela era muito nova quando seus pais morreram, provavelmente nem tinha lembrança de nada. Era a primeira perda que ela tinha idade suficiente para entender, para realmente sofrer.

– Libby, do que é que você está falando? – perguntei.

– Como você foi aparecer aqui com ela, Jack? – repetiu Libby. – Não sabe quem ela é? – Seus soluços tornavam difícil entender o que estava falando. – Ela é uma Apropriadora. Deve ter ligado pros outros e contado que estava aqui com você.

– Acho que não foi isso o que aconteceu.

Não tirei os olhos de Chloe, esperando que fosse verdade enquanto esfregava os polegares nos pulsos de Libby em uma tentativa de acalmá-la. Libby era sempre gentil, sempre sabia manter a compostura. Essa raiva toda estava me deixando exasperado. Esse tipo de sentimento não combinava com ela, e produzia uma dissonância que afetava o meu mundo inteiro.

– Ai, meu Deus, você *não sabe* quem é ela... – Sua voz baixou para um sussurro enlouquecido, como se estivesse contando um segredo.

– Eu sei que é uma Apropriadora, mas ela está tentando ajudar a gente.

Com o canto do olho, vi Chloe se mover lentamente na direção da parte traseira da van, e dava para entender por quê. Libby estava assustadora.

– Ajudar uma ova – Libby rosnou, estendendo a mão para agarrar a camisa de Chloe antes que ela saísse de seu alcance. – Ela não é uma Apropriadora *qualquer*, Jack. É filha do Steve Campbell.

Todos os meus pensamentos se voltaram para as palavras de Libby. Meu cérebro tentou colocá-las em uma ordem que confirmasse aquilo que eu sabia ser verdade: Chloe estava tentando me ajudar. Tinha cometido erros, mas também havia salvado Parker e Finn. E Steven Campbell era a coisa mais próxima da encarnação do mal que eu conhecia, a razão pela qual os Apropriadores começaram a caçar o meu pai. A minha mãe morreu pelas mãos dele.

Senti minha pele gelar e minha boca se mover, mas não consegui falar nada até finalmente dizer:

– Você deve ter se enganado.

As lágrimas voltaram a escorrer, e ela balançou a cabeça com fúria.

– Eu não estou enganada. Ela é filha *dele*. O Campbell pode ter morrido, mas eles ainda seguem o que ele ensinou... Acabamos de descobrir que o filho mais velho dele assumiu a liderança dos Apropriadores. Como você pôde aparecer aqui com *ela*, Jack?

Minha mente girava, ainda tentando se agarrar ao meu antigo conceito. A informação de Libby devia estar errada. Chloe não era filha do Campbell. Eu não estava andando com uma menina cujo pai destruiu tudo o que era importante para mim. Não era possível...

– Eu não...

– Cooper? O novo líder, o nome dele é Cooper? – Parker estava ao meu lado, encarando Libby.

– Isso, é Cooper. – Ela se aninhou no meu peito, e eu acariciei suas costas, tentando confortá-la enquanto minha própria cabeça não parava. Libby soltou a camisa de Chloe e sussurrou:

– O Cooper deve ter mandado aqueles atiradores pra cá. Ele matou a Marisol.

Quando olhei para a frente, vi Randall e alguns outros rebeldes a poucos passos de mim. Randall estava com uma arma apontada para o meu ombro direito.

– O que *ela* está fazendo aqui, Jack?

Seguindo seu olhar, vi Parker e Finn cada um de um lado de Chloe, encarando-a como se ela pudesse fugir ou atacá-los. Ela não estava contestando nada nem se defendendo. Em vez disso, se mantinha de cabeça baixa, olhando para o chão.

Me afastei com cautela de Libby e a coloquei mais perto de Randall, pondo a mão sobre a arma até ele baixá-la e olhar para mim.

– O que Libby falou é verdade? Chloe é filha do Campbell? – perguntei. – Mas como? O sobrenome dela é Thornton.

Era por isso que Parker e seus amigos chamavam o outro irmão de Chloe de “Thor”. A possibilidade de que os três irmãos Apropriadores fossem filhos de Campbell *já* passou pela minha cabeça.

Minha voz saiu baixinha, mas eu não conseguia mascarar a raiva que sentia ao olhar para Chloe. E, mesmo sem a resposta de Randall, dava para ver que a acusação era verdadeira só de olhar para ela. Era como se a verdade estivesse pesando sobre seus ombros e a empurrando para baixo. Seus cabelos loiros platinados escondiam seu rosto enquanto eu tentava ler alguma coisa em sua postura, em sua conduta. Tudo nela apontava para a derrota. Era isso o que ela estava tentando me mostrar? Tentando ganhar minha solidariedade? Ela estava enganando todo mundo desde o começo, até a mim?

– Sim, é ela mesmo. – Randall manteve a arma abaixada, mas percebi que não tinha tirado o dedo do gatilho. – Os filhos usavam o nome Thornton para se esconder de nós. Funcionou por um tempo, mas descobrimos a verdade alguns meses atrás.

Libby foi se encostar na frente da van, sem tirar os olhos de mim.

Fui andando até Chloe, mas, antes que pudesse abrir a boca, ela falou, e sua voz parecia abalada e devastada:

– Quero ajudar com a nova fórmula. Não era minha intenção vir parar aqui no acampamento.

– Por que você não me contou quem era de verdade?

Minha frustração ficou bem clara no meu tom de voz, por mais que eu tentasse disfarçar, mas era uma mera gota d’água no mar de fúria que rugia dentro de mim. Se não fosse o pai de Chloe, a minha mãe ainda estaria viva. O meu pai ainda estaria vivo. Talvez eu tivesse uma vida normal, vivendo em uma casa de verdade. A guerra entre os Apropriadores e o restante de nós não teria nem começado.

Muitas vidas perdidas, e o pai de Chloe era, em última análise, o responsável por todas elas.

– Me responda! – rugi, agarrando o cabelo dela na parte de trás da cabeça e erguendo seu rosto para encará-la.

Quando vi seus olhos molhados de lágrimas, fui pego de surpresa. Soltei seu cabelo, mas ela continuou a me encarar. A expressão de sofrimento em seu rosto não era o que eu esperava, e fiz um sinal para Parker e Finn se afastarem.

– Não contei sobre o meu pai porque não faz diferença quem eu sou ou de onde vim. – Chloe soltou aquelas palavras como se estivesse sentindo nojo delas.

– Você é a filha do Steve Campbell – esbravejei. – Como isso pode não fazer diferença?

– Não faz. – Ela ergueu os ombros até as orelhas e cruzou os braços, como se sua postura de alguma forma a protegesse dos meus questionamentos.

– Esse tipo de resposta não vai salvar sua pele, Chloe. Pessoas foram feridas hoje. Uma delas foi *morta*. De onde você veio faz *muita* diferença pra *elas*.

Os olhos dela se ergueram e encontraram os meus. Eu sabia que ela tinha entendido o tom de súplica na minha voz. Eu não queria que fosse verdade, queria desesperadamente que houvesse alguma coisa escondida naquela situação. Mas, assim que ela abriu a boca para responder, a voz de alguém se levantou alguns passos à minha direita:

– Não interessa, Jack, porque ela abriu mão de tudo quando traiu seu próprio sangue e escolheu vocês, seus imundos. – A voz de Cooper era tranquila, gelada e controlada quando ele saiu de trás de uma árvore e pôs o cano de uma arma na nuca de Parker.

Randall imediatamente apontou a sua, mas Cooper agarrou a camiseta de Parker e se agachou para usá-lo como escudo:

– Largue a arma! – ele rugiu, apertando o cano com tanta força contra a nuca de Parker que o meu irmão até fez uma careta.

Os olhos azuis de Parker estavam cravados nos meus. Eram idênticos aos do nosso pai, e por isso tornavam difícil encará-los sem que questões do passado viessem à tona. Dava para ver o medo estampado neles, mas também uma espécie de confiança. Era como se ele estivesse tentando me dizer que ia dar tudo certo. Mas o irmão mais velho era *eu*. Era *minha* função protegê-lo e garantir sua segurança, não o contrário.

Meu pai tinha me passado essa função um ano atrás, quando me pediu para seguir Parker e descobrir se ele era ou não um Sonâmbulo. Tinha sido uma mudança bem grande de sua postura anterior, quando disse que eu devia manter distância. E, desde que fui encarregado de sua segurança, meu irmão não só tinha passado por várias experiências de quase morte como quase se tornou um Dividido, quase tentou fugir, quase levou um tiro, e agora estava sendo feito refém pelo inimigo... tudo isso debaixo do meu nariz.

Eu estava fazendo um ótimo trabalho...

12

Parker

– Solte ele! – A voz de Jack ecoou pelo espaço vazio em um volume tão alto e grosseiro que quase me assustou mais que o metal gelado contra minha nuca.

Forçar o próprio corpo a se manter imóvel com todos os instintos gritando para fugir é uma habilidade bastante subestimada.

– Acho que não vai rolar. – A voz de Cooper veio de trás de mim.
– Como o seu químico babaca resolveu explodir nossa base junto com a maioria das nossas lideranças, eu assumi um papel mais... decisivo. Sou eu que estou no comando agora. Finalmente vou fazer as coisas acontecerem.

Jack fez um sinal para Randall baixar a arma, e Cooper afrouxou um pouco a pressão. Vendo nisso uma possibilidade, tentei dar um tranco para a frente, mas minha camiseta estava bem presa em sua mão. Ele então me puxou para trás, batendo a arma com ainda mais força no meu crânio latejante.

– Não é uma boa ideia – grunhiu Cooper. – Não tente de novo.

Dava para ver pela expressão no rosto de Jack que enfim conhecer Cooper não estava sendo nada bom. Virei a cabeça e consegui dar uma olhadinha também, antes de Cooper me cutucar com a arma e me obrigar a virar para a frente de novo.

Não foi muito mais que um relance, mas deu para ver o que estava incomodando Jack: a pele do rosto de Cooper parecia solta, e suas olheiras estavam muito profundas e escuras, pareciam tatuagens. Mas nem foi isso o que me assustou mais. A pior parte eram os seus olhos.

Eles me lembravam os olhos do Sombrio. Havia uma loucura desesperada dentro deles que me deixava apavorado. Meu corpo estremeceu involuntariamente.

Eu não sentia a menor falta de me olhar no espelho e dar de cara com aquilo.

– Como assim, a Chloe *escolheu* a gente, Cooper? – Finn perguntou num tom alto.

Com o canto do olho, vi que ele me observava atentamente. Sua voz e sua mão tremiam, e eu sacudi negativamente a cabeça. Eu o conhecia bem o suficiente para saber que estava se preparando para fazer algo corajoso e burro. De alguma forma, Chloe pareceu perceber também, porque estendeu a mão e o segurou pela manga. Finn estava tão vidrado em mim que mal percebeu.

Cooper se mexeu um pouco, e deu para notar pela maneira como Finn empalideceu para onde ele tinha voltado seu olhar demente. Cuspindo as palavras como se elas o deixassem enojado, Cooper respondeu:

– Ela deu as costas para seus semelhantes quando ajudou a libertar você. Apesar de saber que não devia, fez isso mesmo assim. Entrar no seu miolo mole enfraqueceu a mente dela. – Cooper deslizou a arma para as minhas costas, me segurou pelo braço e se pôs ao meu lado. Quando seus olhos se voltaram para Chloe, estavam frios como gelo. – E nós não toleramos fraquezas.

Finn olhou para Chloe com uma expressão surpresa. Nenhum de nós sabia que ela havia se sacrificado quando ajudou a libertá-lo. Ela

não mencionou isso em momento algum, e nunca entendi por que estava cooperando conosco. Sim, ela estava tentando se salvar, mas também sabia que as chances de sucesso na separação não eram das maiores. Isso podia ter matado Finn e ela muito antes. Com certeza, nós teríamos mantido o corpo de Finn aprisionado ou o mataríamos, mas eu sabia, por ter testemunhado em primeira mão, que jamais conseguiríamos resgatá-lo vivo caso ela resolvesse resistir. Essa ajuda, porém, custou a Chloe a rejeição por parte de sua família e de todo mundo que a conhecia.

Por que ela quis ajudar, mesmo pagando um preço tão alto?

Ergui os olhos para Chloe, e o que vi me deixou paralisado. Ela não estava mais chorando e de cabeça baixa. Estava de cabeça erguida e peito aberto. Então ela largou a blusa de Finn e entrou na frente dele.

– Solte o Parker! Agora, Cooper.

– Ah, não, ele vem comigo. – Cooper abriu um sorriso malandro e deu um passo atrás, me puxando pelo braço até eu não ter escolha a não ser acompanhá-lo. – Se quiser ele de volta, vai ter que dar alguma coisa em troca.

– O que você quer? – Jack avançou um passo hesitante. Seu rosto estava pálido, sua boca em uma linha reta. Jack era sempre confiante, mas agora parecia assustado. A ideia de que ele não estivesse preparado para alguma coisa era aterradora.

– Quero o Eclipse.

Quando Jack franziu a testa e começou a sacudir a cabeça, Cooper continuou falando, sem dar brecha para ninguém se manifestar:

– Não venha me dizer que não consegue fazer. Eu sei que você trabalhava com o Danny. Sei inclusive que mentiu pra todo mundo pra não deixar ninguém descobrir que ele era seu pai.

Chloe soltou um grunhido baixinho, e Cooper abriu um sorriso malicioso quando acrescentou:

– Essa informação foi a única coisa útil que a minha irmãzinha forneceu.

O olhar de Jack se tornou mais duro, e ele cerrou e abriu os punhos na lateral do corpo. Ele estava em dúvida sobre o contato que Chloe ainda mantinha com os Apropriadores, e agora sabíamos que era suficiente para que essa informação fosse revelada.

Vi Randall e os rebeldes lançarem olhares para Jack, mas ninguém abriu a boca. Eles sabiam que os questionamentos podiam esperar.

Os ombros de Jack caíram um pouco.

– Eu não sei fazer. Ele fez questão que eu não soubesse.

– Ah, mas eu acredito em você. Se tem uma coisa que o meu pai me ensinou foi que sua *família* é bem insistente. – Ele me arrastou mais alguns passos, para longe de Finn e Addie, para longe do meu irmão, para longe da minha vida. – Tenho certeza de que você consegue. Com a motivação certa...

Jack sacou a faca da bainha e eu me encolhi todo, imaginando que ele fosse lançá-la de novo. Em vez disso, ele segurou Chloe. Envolvendo seus ombros com o braço esquerdo, ele pôs a lâmina contra seu pescoço. Ela não esboçou reação. Nem ao menos pareceu ter ficado surpresa.

– Não tenho como fazer o que você está pedindo, mas posso propor uma troca. Você sabe que ele é meu irmão, legal, mas estou com a sua irmã. – Jack cerrou o maxilar com tanta força que suas palavras saíram ásperas como o cascalho aos nossos pés.

Chloe fechou os olhos, e uma única lágrima escorreu pelo seu rosto. Não sei se era porque Jack estava oferecendo sua cabeça de

bandeja para um monstro ou porque já sabia qual seria a resposta de Cooper.

Escutei e aguardei. Tinha medo de respirar ou até piscar. Esperava que Cooper estivesse blefando, que ele não fosse tão sem sentimentos. Quando ele começou a rir, meu coração caiu no chão, e cada gargalhada cruel o esmagava mais e mais.

– Pode ficar e fazer o que quiser com ela, até matar... Não estou nem aí. O seu irmão é muito mais valioso pra mim que ela. – A expressão de Cooper estava tomada pelo que parecia ser puro desprezo ao lançar um último olhar para Chloe. Em seguida, ele me empurrou para a beirada do trailer. – Não tente fazer nada nem seguir a gente, ou ele leva bala. – Ele apontou com o queixo para Libby. – Já vi que você tem outras pessoas que podem motivá-lo.

Jack soltou um grunhido grave, e deu para notar que Cooper tinha acertado um ponto fraco.

– É melhor se concentrar, Jack. – Cooper continuava se afastando, me puxando com ele, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir. – Seu pai só precisou de quatro dias pra fabricar um pouco de Eclipse depois de se convencer de que a vida do Parker dependia disso. Estou me sentindo generoso, então ofereço dez. Você tem dez dias pra me trazer o Eclipse, ou o Parker morre. Não tente vir atrás de mim, eu procuro você. – Ele começou a me puxar mais depressa.

Em um breve momento de lucidez, me lembrei de quem estava me levando... e de que eu era um Observador. Fiz um rápido contato visual com a única pessoa no grupo que com certeza era uma Construtora: Libby. Seus olhos cheios de lágrimas me observavam do lado da van. Estavam distantes, quase vendo através de mim. A conexão só durou um instante, mas bastava para ter certeza de que

tinha funcionado. Logo em seguida, Cooper me puxou para trás do trailer.

Alguns metros adiante, dois faróis acesos em meio às sombras sob uma árvore gigantesca lançaram seu feixe bem na minha cara. Espremi os olhos e tentei andar mais devagar para meus olhos se ajustarem à luminosidade, mas Cooper continuou me arrastando na direção do velho Ford que saía na direção do sol. Vi a silhueta grandalhona de Thor atrás do volante e soltei um grunhido.

Como se as coisas já não estivessem complicadas o suficiente. Joey Thornton, também conhecido como Thor, tinha o dom de marcar presença sempre que eu estava em maus lençóis. Ele me atacou no corredor da escola, no estacionamento do shopping e uma vez até no campo de futebol. Se existia alguém no mundo de quem eu queria distância até mais que de Cooper, era Thor.

Cooper me fez sentar no assento de trás e enfiou um saco de papel na minha cabeça. Senti o carro entrar em movimento quando o cara que me odiava começou a me afastar das pessoas de quem eu gostava.

13

Jack

Minha mente e meu peito estavam em chamas. Respirar causava dor, pensar era uma luta. Não podia ser. Eu não podia deixar Cooper levar o meu irmão embora, mas era isso que ele estava fazendo.

Com a faca ainda na garganta de Chloe, arrastei-a comigo para circular o trailer a tempo de ver o carro se afastando.

Agora que eles estavam longe, a poeira já tinha baixado.

E eu ainda não conseguia me mover.

De algum ponto distante, ouvi a voz de Finn, mas suas palavras estavam além do meu alcance. Parecia que a única coisa que ainda mantinha meu coração batendo era o contato com as costas quentes de Chloe. Os Apropriadores estavam com Parker.

Não, não os Apropriadores. O *filho de Steven Campbell* estava com ele. E Parker não entendia exatamente com quem estava lidando, já que eu não tinha falado muita coisa sobre o monstro que acabou com nosso pai. Por exemplo, não contei que Campbell ordenou pessoalmente que ele fosse caçado. Ou os experimentos terríveis que comandou, o fato de gostar de causar dor e destruição. Eu não queria que Parker tivesse que se preocupar com o responsável por causar tanto sofrimento... a pessoa que transformou

a vida do nosso pai em uma fuga, deixando Parker e sua mãe sozinhos.

Eu sabia melhor que ninguém que esse conhecimento não ajudava em nada. A não ser que fosse possível estrangular o culpado com as próprias mãos.

Mas naquele momento desejei que tivesse contado tudo a Parker. Desejei ter respondido a cada pergunta, cada detalhe terrível, porque pelo menos assim sentiria que o havia preparado para o tipo de gente que estava enfrentando agora, para o que viria pela frente. Aquelas pessoas faziam *qualquer coisa* para obter informações ou manipular os outros. Isso quando tinham um objetivo – quando estavam entediados, podia ser ainda pior. Os Apropriadores faziam a vida de um rato de laboratório parecer férias no Caribe.

Eu não conhecia Cooper, mas pelos poucos minutos em que o vi ele parecia muito com o pai, e isso não era uma boa notícia para Parker. Eu queria ter treinado meu irmão, arrumado tempo para seguir de fato as instruções do nosso pai e contar tudo sobre o nosso passado. Queria tê-lo preparado para encarar algo desse tipo.

Queria ter feito muitas coisas de outro jeito.

Não tinha me movido desde que eles foram embora com Parker, porque isso tornaria o fato consumado. Me mover significava deixar o tempo avançar, o que me forçaria a admitir a única coisa que não estava preparado para assumir: eu não tinha sido capaz de impedir que eles levassem a pessoa mais importante da minha vida, a única que havia me restado.

Eu precisava agir, fazer alguma coisa, mas só conseguia ouvir a voz do meu pai gritando comigo dentro da minha cabeça, berrando meu nome e me dizendo para fazer alguma coisa para salvá-lo... para salvar...

– Jack? Jack! – Finn me puxou pelo pulso, afastando gentilmente a faca da garganta de Chloe. Os ombros dela estavam totalmente relaxados contra mim, e eu a ouvi falar:

– Finn, está tudo bem. – A voz dela era surpreendentemente tranquilizadora. – Ele não vai me machucar. Só espere um pouco...

Baixei o braço e pus a faca de volta na bainha, pigarreando.

Chloe quase caiu quando dei um passo atrás. Ela começou a examinar um pequeno ferimento no braço.

Finn balançou a cabeça, e seus olhos se voltaram para o ponto onde o carro de Cooper desapareceu na estrada.

– Certo. Você sabe o que a gente precisa f...

– Não, Finn. Não faço a menor ideia. – Suspirei e esfreguei o rosto com as duas mãos enquanto olhava para o nada e tentava forçar minha mente a ter alguma ideia útil. Em seguida, me virei para Chloe. – Como ele sabia que a gente estava aqui?

Ela piscou algumas vezes, e então franziu a testa.

– Não sei.

– Não foi você que avisou? – Cheguei mais perto, procurando algum sinal de atrevimento em seu rosto.

– Já falei que não. – Ela parecia ofendida.

– Não sei se eu acredito nisso. – Olhei de novo na direção para onde o carro tinha ido e especulei outra possibilidade: – Será que eles andam seguindo você?

Ela começou a sacudir a cabeça, mas hesitou. Vi a dúvida em seus olhos, e depois uma expressão horrorizada.

– Chloe, eles sabiam que você estava com a gente?

O rosto dela passou de vermelho a pálido, e seus olhos pareciam carregados de culpa quando encontraram os meus.

– Eles... Eles sabiam que eu não tinha para onde ir. Eles podem ter me seguido. Desculpa, Jack. Eu não fazia ideia.

Sem dizer uma palavra, me virei e caminhei até Randall, cujo braço envolvia Libby pelos ombros. Ela encarava apenas o vazio com olhos exaustos. Antes que eu pudesse pensar no que dizer, Randall se manifestou:

– Temos mais perguntas do que tempo pra fazê-las. Acho que o segredo está no seu sangue, não? – Randall contorceu os lábios em uma linha firme, mas não parecia irritado. O sentimento que vi no rosto de todos naquele momento foi medo.

– Pois é. Você conhecia o Danny tão bem quanto qualquer um. Não preciso explicar as razões dele para manter o segredo. Você deve entender. – Mantive meus olhos ligeiramente baixos, medindo a reação do líder do acampamento.

Agora que ele descobriu que minha família inteira mentiu sobre o fato de Danny ser meu pai, não dava para saber se Randall ainda acreditava em mim. Ele era sensato e inteligente, mas a confiança não era algo fácil de reconstruir depois de quebrada.

– Lamento muito que ninguém tenha contado – falei. – Você sabe que não era nada pessoal, não era falta de confiança. O Danny só achava que manter segredos era a melhor forma de proteger as pessoas.

Randall assentiu devagar, e sua expressão ecoava um pouco da perda que eu estava sentindo.

Ao lado dele, Libby parecia uma concha esvaziada de seu antigo eu. Não estava mais chorando nem gritando, só olhando para o nada. Eu estava preocupado com Parker e nossa tarefa de completar a nova fórmula, mas foi difícil conter a vontade de envolvê-la nos meus braços, fazer o que fosse possível em uma tentativa vã de curar suas feridas... qualquer coisa que pudesse fazê-la se sentir melhor. Mas eu sabia que era incapaz de ajudar. Conhecia aquele sofrimento. Não demonstrava da mesma maneira o lamento pela

perda de Marisol, mas isso não significava que não estivesse sentindo o mesmo.

Não significava que minha alma não mergulhava em um abismo de dor toda vez que me lembrava do meu pai, da minha mãe, de Marisol... e agora talvez de Parker. Eu já tinha perdido gente demais.

Randall ergueu os olhos lentamente até encontrar os meus. A pele ao redor estava enrugada, e vi o mesmo tipo de afeto e gentileza que sempre existiram nele. Soltei um rápido suspiro de alívio. Depois de tudo isso, ele ainda confiava em mim. A confiança de Randall era muito mais importante para mim do que ele podia imaginar. Ele e meu pai foram amigos por seis anos, e Randall sempre foi alguém com quem eu podia contar, uma pessoa de quem gostava e respeitava. Com tudo o que aconteceu, pelo menos eu não o havia perdido também.

Ele abriu um leve sorriso e balançou a cabeça de modo solene antes de voltar a tratar de questões práticas:

– O que podemos fazer para ajudar a resgatar o Parker?

Ao ouvir o nome do meu irmão, senti um frio na espinha e lembranças vívidas do nosso pai me voltaram à mente.

– Não sei. Não posso fazer o que o Cooper quer.

– Claro que não.

– Mesmo se eu quisesse, não tenho como. – Enfiei as mãos nos bolsos da jaqueta e fechei os olhos. – E só com dez dias de prazo minha única opção é seguir com o plano original. Preciso de alguma coisa pra oferecer e conseguir resgatar o Parker. Alguma coisa de que eles *precisem*... mesmo que não seja o que pediram.

Quando abri os olhos, Randall estava me observando, esperando que eu continuasse. Libby largou os braços contra a lateral de seu corpo, mal conseguindo manter os olhos abertos enquanto fitava o chão diante dos dois.

Baixei o tom de voz para ninguém conseguir me ouvir além de Randall e Libby:

– Antes de morrer, o meu pai descobriu outra fórmula, a que a gente estava procurando desde o início.

Randall arregalou os olhos e murmurou:

– A verdadeira?

– É. Ele descobriu como fabricar um medicamento capaz de fazer os Apropriadores dormirem como Sonhadores normais. – Mantive minha voz baixa e meus olhos voltados para Randall, mas no canto do meu campo de visão percebi que Libby levantou a cabeça. Fiquei aliviado ao notar que algo tão pequeno era capaz de arrancá-la um pouco de sua dor. – Ele queria que eu fosse o único a saber como fazer, e por isso ainda não tenho a fórmula completa, mas acho que já tenho o que preciso pra começar.

Randall fez um sinal positivo com a cabeça e enfiou a mão no bolso. Ele me entregou uma plaquinha de identificação militar com uma inscrição:

– É isso aqui que eu tenho pra entregar. Foi a única coisa que ele me deixou. Será que ajuda?

– Como eu disse, já é um ponto de partida. – Observei o metal prateado e li o nome *Wendy King* e também o da cidade, *Brimley Terrace*, antes de enfiar no bolso. – E agora tenho só dez dias pra alcançar a linha de chegada.

+++

Libby me acompanhou enquanto eu checava a van para ver se estava levando tudo de que ia precisar.

– Seu irmão é mais esperto do que você imagina. – Ela falou com mais vitalidade do que antes, mas ainda parecendo um mero fantasma de si mesma. E com os olhos ainda voltados para o chão.

Fiquei magoado com a ideia de que ela estivesse tão furiosa comigo que não suportava nem me olhar.

– Não duvido – respondi com um sorriso tristonho.

– Ele fez conexão comigo, Jack. – Ela estendeu uma das mãos e a pôs sobre o meu peito. – Um pouco antes de ser levado, olhou bem pra mim. Na hora não percebi o que ele estava fazendo, mas com certeza funcionou.

– Sério? – Uma chama de esperança se acendeu no meu peito, e não consegui decidir se me apegava a ela ou se a extinguiu antes que acabasse se apagando sozinha, me poupando de uma boa dose de sofrimento. – Que brilhante! Agora você só precisa dormir, e ele pode contar nos seus sonhos pra onde foi levado.

Ela abriu um sorriso cansado.

– Fico feliz de poder ajudar.

– Mais do que você imagina... – Hesitei, ciente do quanto ela estava sofrendo, mas na verdade achava que vir conosco poderia ser uma boa distração para ela. – Quer ir comigo, Lib? Pode ser bom pra você... e preciso da sua ajuda, além de querer a sua companhia.

– Você sabe o quanto gosto de você, Jack. Mas como eu posso ir se o objetivo da sua "aventura" é ajudar os *Apropriadores*? – ela sibilou a última palavra, expressando todo seu ódio de um jeito que eu nunca tinha ouvido antes. Demorei alguns segundos para responder, apesar de já saber o que dizer:

– Eu quero acabar com essa matança. – Falei a mesma coisa que ela costumava me dizer, esperando que isso amenizasse seu sofrimento. Mas, para me garantir, dei também uma razão mais urgente: – E, mais do que tudo, quero ajudar o Parker, salvar o meu irmão.

Sua raiva se atenuou, e depois de alguns segundos ela fez que sim com a cabeça.

– Eu vou, por você e por ele. Por ninguém mais...

– Certo. – Eu a abracei com força, e ela esmoreceu um pouco mais quando acrescentei: – Isso é tudo o que eu quero.

Quando chegamos à van, Libby entrou e foi se acomodar lá no fundo. Ela pegou meu travesseiro da pilha de suprimentos e deitou no banco de trás. Peguei um cobertor extra que mantinha sob o banco do passageiro para cobri-la.

– Obrigado. – Apertei sua mão outra vez. – Tente descobrir tudo o que puder sobre o lugar onde ele está... e avise que eu estou chegando.

Quando ela fechou os olhos, fiquei observando seu rosto. Ela parecia exausta, vulnerável.

Ela sempre tinha contado com o apoio de Marisol.

Agora eu precisava garantir que ela tivesse o meu.

Quando descii, fui até a parte de trás da van. Chloe aguardava sentada no para-choque, se esforçando para não atrair ainda mais atenção. Pelos olhares hostis que alguns rebeldes lançavam em sua direção, provavelmente era a coisa certa a fazer.

Quando passei diante dela, Chloe ergueu os olhos até os meus. Ela me encarou como se estivesse prestes a declarar uma sentença de morte.

– Você precisa procurar os seus irmãos e dizer que não posso fazer o que eles querem – eu disse, mantendo um tom de voz mais baixo. Esperava que, se caíssemos fora o quanto antes, nossas chances de tirá-la dali viva aumentariam.

Chloe começou a sacudir a cabeça antes mesmo de eu terminar a falar.

– Os Apropriadores não vão me ouvir. Eles não querem nem me deixar chegar perto, porque têm ordens dele. Você viu como ele é. –

Ela fez um sinal para onde Cooper esteve antes. – Você viu. Não tem a menor condição de ele ouvir a voz da razão.

Abri a boca para argumentar, mas a fechei em seguida. Ela estava certa. Cooper não chegava nem perto de ser racional.

– Devem existir outros – falei. – Você conhece os outros líderes dos Apropriadores. Com quem mais pode falar?

– Não, eles têm medo de se voltar contra ele. Além disso, agora ninguém mais confia em mim. E não só por eu ter me voltado contra Cooper... Eu era a esperança deles pro futuro, e estou levando a culpa por essa esperança ter se perdido. – Ela continuava sacudindo a cabeça. – Posso ajudar muito mais ficando com você.

– Não. – Minha resposta saiu com um tom involuntário de irritação. Fiz um sinal para ela sair de cima do para-choque.

Chloe ficou de pé e se aproximou de mim.

– Eu posso ajudar! – Seu tom era quase de súplica. – Me deixe ajudar.

– Não, Chloe. – Fui até a porta do motorista e segurei o puxador.

– Por que não? – Ela estendeu a mão para me segurar pela manga.

– Como posso confiar em você agora? – Arranquei meu braço de seu toque e me virei para encará-la. Meu medo de perder Parker estava assumindo a forma de raiva, e dei um passo à frente. Ela não recuou e me encarou. Estava quase pisando em seus dedos dos pés quando falei: – Você mentiu sobre *quem era*, e agora seu irmão de repente aparece aqui? Juro que, se tudo isso fizer parte do seu plano, você vai pagar.

– Eu *não* estou mentindo, Jack. – Ela não se encolheu nem se intimidou, mas vi uma mágoa tão profunda quanto a minha quando respondeu: – Não sei como Cooper sabia que a gente estava aqui.

Ele pode ter me seguido, como eu disse antes, mas eles têm espiões por toda parte. Pode ser que tenha um até aqui no acampamento.

Abri a boca para retrucar que os rebeldes jamais fariam isso, mas ela me interrompeu:

– Não entre os seus amigos, entre os moradores do outro lado do camping. Aqueles que vivem perto da entrada. Os Sonhadores, Jack. Nós dois sabemos como eles são fáceis de manipular. Eu já vi Cooper em ação, e a pior coisa que você pode fazer é subestimá-lo. Ele é capaz de convencer as pessoas de que pode destruir sua vida em uma noite se não colaborarem. – Seus olhos procuraram os meus, implorando para que eu acreditasse. – Para um Sonhador qualquer, isso é uma motivação e tanto.

Observei sua expressão, seus olhos, seus gestos, em busca de um sinal de que pudesse estar mentindo. Ela continuou:

– Você pode não me querer aqui. Pode acreditar no que quiser sobre mim, não estou nem aí. Eu vou atrás de você. Arrumo um jeito. E *vou* ajudar, você querendo ou não. Tenho motivos tão fortes quanto os seus pra querer ver essa fórmula pronta. Talvez até mais fortes. – A palavras dela saíam tão depressa que ela começou a ofegar, com os olhos faiscando de determinação. – Você pode dizer não, mas não tem como me impedir, a não ser me matando por uma coisa que eu *não fiz*. Mas eu prometo que, se você deixar, eu *vou* ajudar a resgatar seu irmão com vida.

Procurei em seus olhos algum motivo para pensar que ia me trair de novo... e ela era capaz disso. Seria idiotice pensar que não. Ela era uma Apropriadora. Não era o que eles faziam? Com eles, era quase inevitável.

Quando a encarava como uma Apropriadora, eu me recusava a confiar nela.

Quando pensava nela apenas como Chloe, porém, eu confiava de verdade.

– E como você vai me ajudar? – Eu me encostei na van, soltando um suspiro e massageando a nuca com a mão direita.

– Você já teve a ajuda de um Apropriador antes? – Chloe parou na minha frente, com sua malícia habitual faiscando dentro dos olhos.

– Não.

– Você vai ver. – Ela abriu um sorriso largo.

Finn veio em nossa direção. Percebi que ele estava na parte dianteira da van, só escutando, e parecia bem aliviado ao me ver totalmente funcional de novo.

– Então, qual é o plano? A operação de resgate? Na calada da noite? Ataque ninja camuflado? Estou dentro, seja o que for.

Sacudi a cabeça com firmeza e me virei para encará-lo.

– Não, Finn.

Ouvi Chloe dar uma risadinha.

– Se você continuar dizendo não – a voz de Finn tinha um tom leve, mas a determinação em seu rosto era inegável –, todo mundo vai continuar ignorando, e isso não seria muito esperto da sua parte. Sem querer ofender, mas acho que isso depõe contra sua capacidade de liderança.

– Finn...

– O Parker só é seu irmão há um mês, Jack. – Finn se virou para me encarar, chegando tão perto que dava até para contar o número de sardas no seu nariz. – Mas foi o meu durante toda a minha vida. *Então pare de me dizer não.*

14

Parker

Cooper e Thor rodaram no máximo dois quilômetros antes de cansarem de me ouvir bater nas janelas e chutar os bancos. Tiraram meu telefone, esmagaram debaixo do pneu e me jogaram no porta-malas. Ouvi o estalo do meu celular e soltei um grunhido, tentando tirar o saco da cara. Pedi para Cooper arrancar quando eles me puseram no porta-malas, mas ele recusou com uma risadinha cruel. A passagem do tempo se tornou difícil de rastrear desde então, mas acho que estávamos viajando fazia algumas horas.

Passei a maior parte do tempo segurando o vômito. O saco na minha cabeça parecia ter sido usado para guardar alguma coisa que acabou apodrecendo. Tentei manter a respiração sob controle porque, quando entrava em pânico e começava a ofegar, meus pulmões se enchiam de poeira rançosa, e eu tossia até minha cabeça doer. Além disso, não havia motivo para pânico. De três coisas eu tinha certeza:

1. Os Apropriadores iam me manter vivo por pelo menos dez dias.
2. Jack sabia que eles estavam comigo e tinha um histórico impecável de me encontrar quando prometia.

3. Só o que ele precisava fazer para me resgatar em segurança era descobrir a fórmula que nosso pai usava para fabricar o Eclipse. A fórmula que ele destruiu totalmente, e que Jack não conseguiria juntar de novo sozinho nem se tivesse dez anos de prazo.

Certo... Não havia mesmo nenhum motivo para entrar em pânico.

Quando comecei a cochilar, o carro finalmente parou. Deu para perceber que já era noite pelo ar frio que me atingiu quando abriram o porta-malas. Mãos ásperas e brutas me colocaram de pé. Não sabia quantos deles estavam ao meu redor. Pareciam pelo menos quatro. Minhas mãos estavam amarradas, mas com uma corda frouxa. Meus pés não estavam presos, e imaginei que essa seria minha única chance, já que eles não iam querer me matar e perder seu objeto de chantagem.

Respirei fundo e soltei um suspiro trêmulo, então fiz uma coisa em que não tive coragem nem de pensar desde que voltei a me unificar com o Sombrio: procurei dentro da minha cabeça por uma parte de mim que eu sabia estar lá, uma parte que ansiava pela sobrevivência acima de tudo. Tentei acreditar nessa força. Não conseguia mais ouvir a voz do Sombrio e, graças a Deus, ele não tinha mais controle nem poder sobre mim, mas saber que eu ainda tinha esse instinto obscuro e desesperado era mais útil do que eu imaginava em um momento assim.

Talvez de vez em quando a vida exigisse um pouco de loucura.

Evocando esse desejo de viver, senti meu corpo retinir de adrenalina e tentar detectar os movimentos e os sons no ar ao meu redor. Passos à minha direita, pés se arrastando no chão mais à frente, alguém murmurando à minha esquerda e logo adiante – estava escutando com tanta atenção que meus ouvidos doeram por causa do esforço. Esperei vinte segundos enquanto Cooper falava

com alguém alguns metros à minha direita; se eles encerrassem a conversa e me conduzissem para dentro de qualquer construção que fosse, minha chance estaria perdida. Atrás de mim e à minha esquerda, os barulhos eram bem mais sutis. Eu tinha oitenta por cento de certeza de que por ali não havia ninguém... e vinte por cento de certeza de que o capanga mais silencioso do mundo estava guardando aquela parte.

Tensionando discretamente os músculos das pernas, mas ainda sem me mover um milímetro, eu me virei e dei um pulo naquela direção. Arranquei com força o saco da cabeça e joguei atrás de mim, torcendo para não esbarrar em nada muito doloroso enquanto meus olhos se ajustavam à luminosidade fraca do local. Pisquei algumas vezes e por pouco não esbarrei em uma espécie de poste. Meus captores começaram a gritar, mas eu já estava a uns três metros de distância, correndo com a maior velocidade que minhas pernas rígidas permitiam.

Ao meu redor, formas bizarras se destacavam na escuridão. Arcadas com ângulos agudos, túneis escuros, contornos sombrios de pessoas ao lado de formas metálicas no chão. Meus olhos tentavam focalizar as figuras indistintas enquanto eu corria, desesperado para identificar alguma coisa familiar. Tudo ali, porém, parecia estranho. A única coisa que reconheci foram as estrelas piscando no céu mais acima.

Sem ter ideia de onde estava, fiz uma prece silenciosa de agradecimento por sempre ter tido disposição para correr, porque rapidamente consegui abrir uma boa distância dos meus captores.

De repente, os gritos dos homens de Cooper cortaram o ar, cada vez mais altos e urgentes:

- Não, você está indo pra...
- Pare!

– Imbecil! Você vai se machucar!

Meu dedão acertou um objeto metálico duro. A dor se espalhou pela minha perna, e meu corpo todo reverberou com o impacto. O mundo começou a girar enquanto eu voava pelo ar, caindo em seguida sobre as mãos e o quadril. Todos os nervos do meu corpo retiniram de dor enquanto meu corpo se arrastava pelo cascalho até enfim parar. Ergui os olhos lentamente, seguindo os trilhos que entravam em um túnel no que parecia ser uma cabeça humana gigantesca a uns cinco metros na minha frente.

Que lugar infernal era esse para onde me trouxeram?

Fiquei ali sentado, ofegante, olhando para a frente. Na escuridão não dava para ver nada além de olhos enormes. Eles brilhavam para mim. Meus joelhos e minhas mãos sangravam em abundância. Tentei decidir se era uma boa ideia me levantar e correr em outra direção.

Foi quando mãos enormes me envolveram pelos ombros e me fizeram ficar de pé. Cooper veio correndo atrás dos outros com uma lanterna. O feixe de luz iluminou a cabeça gigante, e percebi que era um palhaço: uma cara de palhaço assustadora, por cuja boca os trilhos avançavam.

Percebi com certo alívio que era uma espécie de atração ou brinquedo. A julgar pela pintura descascada e os trilhos quebrados diante de mim, tinham me trazido para um velho parque de diversões abandonado – e dos mais sinistros. A lanterna de Cooper clareou a cara de palhaço o suficiente para eu ver que, lá dentro, os trilhos desapareciam em um buraco cuja profundidade era impossível de determinar. Se eu tivesse continuado a correr...

Thor me arrastou da cara de palhaço gigante e eu não resisti, ofegando e limpando o sangue das mãos na calça jeans. Torci para que os Apropriadores não vissem que minhas pernas tremiam. Meu

instinto depois de respirar fundo e não ser devorado era de agradecer, mas Thor me empurrou com tanta brutalidade na direção de Cooper que as palavras ficaram presas na minha garganta, e me senti ridículo até por ter pensado em dizê-las em voz alta.

Um dos Apropriadores que não reconheci me segurou pelos braços e apertou com tanta força que doía até respirar. Tomei cuidado para não olhar nos olhos de Cooper, mas sua postura parecia algo entre entediado e cansado.

– Por favor, tente não se matar; deixe essa pra gente. Eu ia esperar dez dias, mas, se continuar fazendo bobagem, você não vai passar nem do primeiro.

– Um parque de diversão abandonado? – questionei, ofegante e confuso. – Aqui é o novo acampamento dos Apropriadores?

Cooper segurou a corda que prendia minhas mãos e me puxou com força atrás de si. Ele fez um sinal para uma placa semidestruída no local onde estacionaram o carro:

– Se chamava Funtopia. Eu gosto daqui.

– *Claro* – murmurei. Um dos Apropriadores me deu um chute no pé e quase me mandou de novo para o chão.

Para todo lugar que eu olhava, via carros de metal enferrujados e brinquedos cobertos de mato. Estremeci. Perto daquilo, pesadelos eram fichinha. *Ali* era onde a imaginação das crianças se refugiava para morrer. Forcei minha mente a se concentrar no que eu precisava fazer. Sabia que Jack não ia conseguir fabricar o Eclipse, como eles queriam. A troca que Cooper queria fazer estava fora de cogitação. E agora? O que Jack faria no meu lugar?

Isso era fácil. Ia procurar um jeito de fugir.

E era exatamente o que eu ia precisar fazer.

Decidi tentar manter Cooper falando. Talvez eu pudesse descobrir alguma coisa assim.

– Por que aqui? Não parece ter muito lugar para se abrigar – comentei.

– É um lugar que engana à primeira vista, como muitas coisas – Cooper resmungou enquanto me conduzia para a entrada de uma construção arredondada e baixa com portas duplas. Parecia mais um depósito que qualquer outra coisa.

Quatro guardas armados grandalhões cuidavam dos diferentes lados da entrada. Quando me aproximei, estreitei os olhos e fiquei boquiaberto ao vê-los melhor. A palavra “armado” era tão adequada para descrevê-los como as palavras do médico que escreveu na minha ficha que eu era um “adolescente com um leve problema de insônia”.

Quando invadimos a base anterior dos Apropriadores, os seguranças tinham apenas uma arma no cinto. Pelo jeito, os Apropriadores tinham aprendido a lição, porque aqueles caras mais pareciam soldados de uma tropa de elite. Tinham fuzis pendurados nos ombros, coletes à prova de balas, granadas presas à cintura, facas de todos os tamanhos nos coletes e no cinto, e cabos de armas brancas aparecendo nas laterais das botas – isso para falar só nas armas que eu conhecia. Havia várias outras que eu nunca tinha visto na vida.

– Desculpe, mas vocês mudaram a base pra Coreia do Norte enquanto eu não estava olhando? – Tentei parecer bem-humorado, mas minha voz soou trêmula.

Cooper se voltou para mim, e mal tive tempo para desviar os olhos antes de fazermos contato visual. Eu *precisava* tomar mais cuidado.

– Esta é a única parte da nossa segurança que deixamos você ver. – Ele abriu a porta e entrou. Um dos Apropriadores atrás de mim me empurrou lá para dentro. Cooper continuou: – Não vamos

cometer o mesmo erro duas vezes. E agora, se aparecer algum invasor, os caras vão atirar pra matar.

Segui Cooper até uma passagem, surpreso por encontrar uma sala vazia que parecia do tamanho do prédio inteiro visto de fora. No fundo do cômodo havia uma escadaria bem larga que levava para baixo. Meus captores me fizeram descer e me conduziram por corredor após corredor. A construção parecia cada vez mais antiga à medida que nos aprofundávamos no labirinto subterrâneo. Eu já tinha desistido de falar com Cooper, a conversa não estava chegando a lugar nenhum mesmo. Em vez disso, tentei prestar atenção no emaranhado de corredores e em alguma eventual falha na segurança.

Havia mais guardas armados circulando pelos corredores, o que não parecia muito promissor. Tentei ficar atento a possíveis saídas, mas não vi nenhum outro caminho que parecesse levar à superfície. Na verdade, todas as rotas desciam ainda mais às profundezas da Terra. Como eu ia sair?

Senti um aperto no peito ao reformular mais adequadamente a pergunta: como eu ia dizer para Jack vir me resgatar se a única entrada que vi era uma armadilha mortal?

Meu plano de evitar contato visual com os Apropriadores só ia funcionar se eu tivesse informações que ajudassem Jack. No momento, pedir para ele vir seria como decretar sua sentença de morte.

Eu não permitiria que meu irmão se submetesse a isso.

Obviamente, nada faria diferença se os Apropriadores me obrigassem a fazer contato visual com um deles antes de dormir. Minhas chances de sair daqui sem Jack ter que pagar algum tipo de resgate diminuía a cada guarda armado. Minutos se passaram sem que houvesse uma perspectiva de fim para o labirinto. Depois de

dobrar a décima quinta curva, já me sentia totalmente perdido. Mesmo se eu acreditasse que havia uma possibilidade em um milhão de Jack entrar aqui sem levar um tiro, não saberia dizer onde me encontrar.

Finalmente, chegamos a um corredor que devia ser o mais antigo até então. As paredes eram feitas de pedra, e o chão, de cimento rachado. Lâmpadas fluorescentes piscavam e zumbiam mais acima. A parede à esquerda tinha diversas portas, espaçadas por uma distância de mais ou menos dois metros e meio. As portas tinham janelinhas pequenas e empoeiradas, mas antes que eu pudesse olhar através de uma, reparei na única coisa que parecia nova.

Havia fechaduras brilhantes e reluzentes do lado de fora de cada porta.

Celas para prisioneiros. Os Apropriadores haviam criado seu próprio calabouço, assim como o que tinham na antiga base aérea. As celas foram construídas para substituir aquelas em que mantinham meu pai e os outros cativos.

Afinal, o que era uma nova base dos Apropriadores sem um bom lugar onde trancafiar e torturar os inimigos?

Cooper abriu caminho até uma porta com algumas trancas a mais.

– Ah, trancas extras só pra mim? – Tentei parecer mais corajoso do que me sentia. – Não precisava.

Ele abriu a porta e me jogou lá dentro sem nem se dar ao trabalho de desamarrar as minhas mãos. Desabei no concreto, batendo o ombro no chão. Não havia luz no recinto além da que entrava pela pequena janelinha na porta. A cama encostada junto à parede da direita deve ter sido trazida da base, porque estava bem gasta. O balde no canto do fundo era nojento a ponto de eu não ter

coragem de olhar diretamente para ele. Havia um rato morto logo ao lado da porta.

Nunca me enxerguei como uma pessoa bem de vida ou privilegiada. Nunca entendi a sorte que tinha por morar em uma casa bacana. Nunca parei para pensar que tinha uma cama ótima – se eu dormia de verdade nela ou não era outra história. Ou no quanto sentiria falta de Addie, Finn e Mia. Ou no quanto minha mãe era incrível, e no quanto ficaria chateada e assustada com o fato de eu não ir para a casa naquela noite... ou na seguinte... ou na seguinte.

E então me bateu uma vontade desesperadora de ir para casa. Tentei não deixar que meu medo de ser largado transparecesse no meu rosto enquanto Thor soltava minhas mãos. Por um instante, quase pensei ver um sinal de compaixão em seu rosto, que desapareceu com a mesma velocidade com que surgiu.

– Seja bem-vindo ao seu novo lar, Parker. – Pelo sorrisinho de Cooper enquanto fechava a porta e me largava no escuro, deu para ver que ele sabia exatamente o quanto isso era terrível para mim. E o quanto estava adorando tudo aquilo. – Espero que goste da sua estadia na nossa nova base tanto quanto o seu pai gostou na antiga.

15

Jack

O cansaço de Libby depois dos eventos do dia ajudou, e ela pegou no sono em poucos minutos. Cientes de que ela era nossa maior esperança de encontrar Parker, ficamos todos em silêncio para não acordá-la antes que tivesse a chance de conseguir a resposta que estávamos ansiosos para obter. Mesmo assim, eu não parava de olhar pelo retrovisor a cada minuto para ver se ela havia acordado antes do que deveria.

Chloe estava calada no assento da frente. Parecia com medo de que, se respirasse mais alto, alguém fosse chutá-la da van.

Pelo menos estávamos na estrada, e era mais do que um alívio sair de Cypress Crest. Não havia nada que eu pudesse fazer por eles. Nem por Marisol nem por Libby. Acima de tudo, não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar Parker... pelo menos não ali.

A única coisa útil que eu podia fazer por ora era encontrar Wendy King e terminar a fórmula nova do meu pai. Por mais que eu sentisse falta dele, minha vontade naquele momento era de socá-lo. Ele não podia me dar todas as informações pelo menos uma vez na vida? Por que precisava complicar tanto as coisas?

Apesar da raiva, me lembrei de que aquela era mais uma garantia que ele arrumou para sairmos vivos da base aérea. Se eles

tentassem nos matar, jamais teriam chance de sobreviver. A paranoia do meu pai nos salvou várias vezes ao longo dos anos.

Entretanto, a vida de Parker estava em risco. Eu precisava de respostas.

Assim que caímos na estrada, Finn mostrou o quanto poderia ser útil e começou a fazer uma pesquisa por todas as Wendy King da região de Brimley Terrace. Eram três. Ele ligou para as três, falando baixo, fingindo fazer uma pesquisa para o jornalzinho da escola local.

– Por que o jornalzinho da escola? – questionei.

Finn abriu um sorriso tristonho.

– É uma coisa que o Parker me ensinou. Segundo ele, a maioria dos adultos está sempre disposta a ajudar a molecada. Isso apela pra algum tipo de instinto de sobrevivência.

Assenti com a cabeça, impressionado.

Antes de chegarmos à metade do trajeto de uma hora de duração, Finn eliminou uma das Wendy porque ela havia morrido no ano anterior. E descartou mais uma porque seu número estava desligado – ainda era uma possibilidade, mas, como seria mais difícil encontrá-la, ficamos na torcida para que não fosse ela.

Então, graças a Finn, tínhamos o endereço da candidata mais provável e sabíamos que ela estava em casa. Parker tinha sido feito refém fazia poucas horas, mas, com um prazo de apenas dez dias, cada minuto era importante. Finn nos poupou pelo menos uma hora.

– Obrigado – agradei baixinho sem olhar para ele.

Deu para notar a surpresa em seu tom de voz quando respondeu:

– De nada. Mas eu fiz isso pelo Parker.

– Eu sei.

Brimley Terrace era o lugar onde meu pai foi criado. Talvez ele e Wendy se conhecessem fazia tempo. Talvez ela conhecesse meu pai desde antes de ele virar o homem com quem convivi. Talvez ele conhecesse Wendy antes de precisar se esconder o tempo todo por motivos de segurança.

Eu não conseguia nem imaginar meu pai como um homem sem segredos.

Lançando um breve olhar para os outros na van, ficou bem óbvio que eu não era o único ali que tinha se abalado. Finn olhava pela janela de modo tão intenso que parecia tentar atirar lasers na estrada diante de nós. Chloe passava o tempo todo olhando para Libby, como se achasse que de repente ela fosse acordar e tentar atacá-la de novo.

Meus olhos estavam começando a sentir o peso de tantas noites sem um Construtor. Pisquei algumas vezes e os esfreguei com as costas da mão. Sinceramente, não sabia como Parker conseguiu sobreviver quando contava apenas com Mia – e então uma nova onda de culpa me invadiu. Eu nunca tinha dito o quanto eu lamentava, o quanto me sentia mal, por ele ter se tornado um Dividido sob minha vigilância. O meu pai me falou para ficar de olho nele, eu devia ter sido mais atento. Mas Parker também soube esconder muito bem que era um Observador. A maioria não conseguia viver normalmente por muito tempo sem dormir. Meu irmão continuou indo à escola e tirando notas aceitáveis. Parecia meio aéreo, mas o mesmo valia para vários outros rapazes do colégio.

Então ele fez o impossível e de alguma forma conseguiu emendar sua mente de volta. Isso literalmente nunca tinha acontecido antes. Pelo menos não que eu tivesse ouvido falar.

Apertei o volante com tanta força que o couro estalou sob os meus dedos. Se algum Observador podia sobreviver a uma experiência como refém do filho de Steve Campbell, era Parker – o filho do maior inimigo de Steve, Danny Chipp.

Meu irmão ficaria bem, e eu garantiria isso chegando até ele antes que fosse tarde.

– Esse volante fez alguma coisa pra você? – sussurrou Chloe.

Pisquei uma vez antes de olhar para ela, mas não respondi. Chloe revirou os olhos e deu mais uma espiada em Libby.

– Não precisa ficar vigiando. Ela não vai atacar você de novo... ao menos não agora. – Voltei minha atenção de novo para a estrada, mas com o canto do olho via as sobrancelhas de Chloe se erguerem até quase sumirem debaixo da franja.

– Eu não tenho medo dela. – Seu tom de voz fez a ideia parecer totalmente absurda.

– Então por que fica olhando pra trás o tempo todo?

– Porque eu fico imaginando... – Ela hesitou e deu mais uma olhada em Libby. – Fico imaginando como é poder dormir desse jeito. E controlar os sonhos como eles fazem. Sabe como é?

Franzi a testa e olhei para Chloe, cuja expressão parecia bem sincera.

– Acho que sim.

– Eu não sei. – Chloe se recostou no assento, abraçou as pernas contra o peito e apoiou o queixo nos joelhos. Ela parecia pequena e vulnerável nessa posição, principalmente quando complementou: – Só acho que, de todos nós, os Construtores são aqueles que ficaram com a melhor parte.

Não consegui esconder minha reação. Uma Apropriadora, filha de um homem que comparava seus semelhantes a deuses, me dizendo

que seria melhor ser uma Construtora? Mesmo depois de tudo, Chloe continuava me surpreendendo.

O telefone de Finn tocou, e nós dois nos sobressaltamos. Ele sacou o aparelho do bolso e estendeu para mim, em pânico:

– É a mãe do Parker! O que eu falo?

– Deixe cair na caixa-postal – respondi depressa, torcendo para que não acordássemos Libby à toa. Finn franziu a testa e sacudiu a cabeça, mas fez o que sugeri e desligou o telefone antes que tocasse de novo.

– Pronto. Mas ela vai ligar de novo daqui a pouco, eu garanto. – Finn olhou para mim pelo retrovisor, mantendo a voz baixa. – Não vai dar pra ignorar as ligações dela por dez dias.

– Eu sei que não – murmurei.

Minha mente estava a mil, procurando respostas. O que poderíamos dizer para a sra. Chipp? Se contássemos a verdade, ela ia querer procurar a polícia? Isso só causaria mais problemas, como aconteceu um pouco mais cedo. Os Apropriadores tinham vantagem em todos os sentidos em relação aos Sonhadores. Por que eu ainda não tinha pensado nesse problema? Será porque nunca precisei me preocupar em lidar com uma mãe? Porque a minha mãe estava... bom, a minha mãe estava morta. Sendo assim, nunca estive por perto para se preocupar quando eu corria perigo; eu não fazia ideia do que fazer com uma mãe preocupada.

– Mande uma mensagem de texto. – Fixei meus olhos na estrada. – Diga que o celular do Parker está sem bateria e que o sinal está fraco, mas está todo mundo bem, e vamos dormir no acampamento com os outros Sonâmbulos. Finge que é ele. Você consegue fazer isso... certo, Finn?

Ele não respondeu, mas deu para ouvir quando começou a digitar a mensagem no celular, então eu soube que ele estava

fazendo o que pedi. Depois de alguns segundos, repeti:

– Certo?

Finn soltou um grunhido de contrariedade antes de apertar o botão de enviar e guardar o telefone.

– Você sabe que com isso vamos ganhar no máximo um dia, né?

– Sei.

– Então você precisa de um plano melhor pra amanhã. – Finn suspirou e se recostou no assento para olhar pela janela.

– Acho que já tenho um.

Pelo espelho, vi que sua cabeça se voltou para mim, e ele se inclinou para a frente, todo interessado.

– E qual é?

– Escute só. – Liguei a seta e embiquei a van para a saída da estrada cuja placa dizia *Brimley Terrace*. – Eu não sei nada sobre mães. Isso devia estar na cara pra todo mundo. Então o meu plano é deixar esse problema pra você resolver.

– Eu? – A voz de Finn saiu meio esganiçada.

– É. Já vi você convencer a mãe do Parker e a sua a fazerem coisas que elas não concordavam. Você entende como elas pensam. Você é um especialista. Então me diga. – Eu o encarei pelo retrovisor. – Amanhã, quando ela ligar de novo, o que a gente fala?

Finn contorceu a boca em uma linha reta. Fiquei surpreso quando sua resposta veio em uníssono com a voz de Chloe:

– A verdade.

Chloe comprimiu os lábios e ficou vermelha, mas a expressão de Finn logo passou da surpresa para a aprovação.

Ele balançou a cabeça e continuou:

– Ela não é uma mãe qualquer. Não está mais no escuro. O Parker já falou tudo sobre o pai dele e sobre ser um Observador também. Ela sabe como o pai dele morreu. A gente pode contar. Ela

vai ficar apavorada, vai querer ajudar, mas não vai causar nenhum problema se a gente disser que isso vai pôr o Parker em risco.

Chloe voltou a falar, mas tão baixo que mal deu para ouvir suas palavras:

– O Parker confiava em você, Jack. Ela também vai confiar.

– Exatamente! – Finn balançou a cabeça e lançou um olhar esquisito para Chloe, que fitava o chão, a maçaneta, qualquer coisa menos Finn. Essa conversa estava ficando bem esquisita.

– Tudo bem. Se você tem certeza, é isso que a gente vai fazer... amanhã.

Fiz outra curva à esquerda e parei a poucos metros de uma casa que pertencia a uma mulher chamada Wendy King. A construção era pequenina e cinza, mas a cerca do quintal tinha uma demão recente de tinta verde.

– Então Wendy King tem um ingrediente? – questionou Chloe.

– Ou será que ela é um ingrediente? – Finn ergueu as sobrancelhas. – E se as partes que faltam da fórmula forem *pessoas*?

Chloe revirou os olhos e o ignorou, então fui obrigado a responder:

– Tomara que o meu pai tenha passado pra ela a informação de que a gente precisa.

Finn se recostou no assento e murmurou alguma coisa sobre estar à frente do seu tempo.

Era difícil acreditar que o meu pai manteve contato com alguém que conheceu quando criança, mas talvez por isso mesmo ela estivesse a salvo. Ele poderia tê-la conhecido antes de saber que era um Observador.

– Vamos ver se a gente está pelo menos perto de descobrir essa fórmula.

16

Parker

A cama estava tão gasta quanto parecia. Testei a resistência com um dos pés, e a coisa toda despencou em uma pilha de trapos e metal retorcido. Juntei os pedaços de pano, estendi no piso duro de cimento e arrumei um lugar para sentar ou deitar. Não era muita coisa, mas não me provocava arrepios como o chão ao redor.

– Olá? Tem alguém aí? – A voz masculina parecia vir da parede atrás de mim. Por um instante, pensei que fosse minha imaginação, mas então ouvi de novo: – Por favor, me diga se tem alguém aí.

– Sim – sussurrei em resposta, mantendo os olhos na porta. – Quem é você?

– Ah, graças a Deus... – A voz ficou embargada de emoção. – Ninguém fala comigo há uma semana. Estou enlouquecendo.

Esperei até que ele respondesse à pergunta, imaginando se seria algum truque dos Apropriadores para mexer com a minha cabeça.

– Desculpe, meu nome é Shawn. – Ele falava bem depressa. O coitado pareceu ter ficado com medo do silêncio quando não respondi.

– Você está aqui há uma semana? – perguntei, tomando o cuidado de não exagerar no ceticismo.

– Não. Estou aqui desde a mudança, um mês atrás. – Suas palavras saíam tão apressadas que era difícil entendê-lo. – Esse silêncio da parte deles é que está durando uma semana. Antes disso, eles tentaram outras coisas.

Embora eu já estivesse com frio, essa última parte me fez estremecer.

– Que tipo de coisas?

Houve um silêncio que temi que fosse uma afirmação de que não falar era melhor que prosseguir naquela conversa. Quando ele respondeu, sua voz parecia atormentada:

– Espero que você nunca precise saber.

Pelo seu tom de voz, torci pela mesma coisa.

– Escute só, eu preciso dormir um pouco, mas acho que não vou sair daqui por um bom tempo. – Minha voz era suave. Eu não queria me indispor com o homem, já que ele podia ser a única pessoa com quem conversaria nos dez dias seguintes. – A gente pode conversar melhor quando eu acordar?

– Você consegue dormir? Então não é como eles? – ele perguntou, esperançoso.

– Como assim “como eles”? – Decidi não responder à pergunta até descobrir mais coisas sobre o homem.

– Você não é do tipo que pode se apropriar do corpo das pessoas quando dormem? – A voz dele parecia temerosa, e eu não podia culpá-lo.

– Não, eu não sou como eles – disse antes de encerrar a conversa. – Boa noite.

– Boa noite. – O tom de seu sussurro foi de alguém que se sentia rejeitado.

Tive pena do sujeito. Naquele momento, porém, eu precisava dormir. Fiquei surpreso por ter conseguido chegar até essa cela sem

fazer contato visual com ninguém. Ainda estava conectado com Libby. Apesar de não ter a menor intenção de dizer a eles onde estava – para sua própria segurança – podia pelo menos me comunicar com Libby, contar que estava tudo bem e pedir para ela transmitir uma mensagem para Jack.

Quanto antes, melhor.

Tentei ajeitar minhas pernas compridas em uma posição confortável naquele pequeno espaço. Não foi nada fácil. O frio do chão subia para a minha pele. Era impossível parar de tremer. Tentei apoiar as costas na parede... Melhorou um pouco, apesar de eu conseguir ouvir os movimentos ligeiros dos ratos na parede atrás da minha cabeça. Por fim, o estresse e a exaustão do dia tomaram conta, e eu caí no sono.

+++

Os sonhos de Libby eram o caos, e no centro de tudo havia ela. A única Construtora em cujos sonhos eu tinha estado era Addie, que sempre se esforçava para torná-los controlados e pacíficos.

Os de Libby não podiam estar mais distantes disso.

O sonho inteiro estava envolto em uma tempestade. O vento soprava com força, e o cheiro de chuva iminente pairava no ar, mas não caía água. Um relâmpago espocou, e o chão tremeu. Não era um simples sonho com uma tempestade. Havia algo mais acontecendo, e estar no meio disso tudo me machucava fisicamente. Minha cabeça doía. Era como se meu cérebro estivesse sendo lixado. O que estava acontecendo? O que Libby estava fazendo?

Foi quando percebi que ela não estava simplesmente construindo um sonho caótico no meio de uma tempestade. O caos era um subproduto de algo muito mais intenso. Sonhos têm camadas – essa foi uma das primeiras coisas que aprendi sobre eles. As únicas

exceções eram os sonhos induzidos pela auto-hipnose de Mia, ou os de Addie quando ela assumia o controle e juntava tudo em uma única camada para eu poder dormir.

Libby estava usando as camadas de um jeito completamente antinatural. Se não estivesse vendo com meus próprios olhos, eu nunca acreditaria que isso fosse possível.

Eu mal conseguia acompanhar seu processo: ela estava retalhando tudo em várias camadas, e depois chocava com força umas contra as outras.

O sonho como um todo era como uma tempestade violenta em alto-mar. Cada camada era uma onda que se quebrava sobre outras, destruindo-as instantaneamente.

Meu cérebro doía enquanto era envolvido por esses pedaços de sonhos fragmentados. Libby está projetando toda a mágoa e raiva que sentia nesse sonho, e o nível de devastação era atordoante.

Várias lembranças de um Jack bem mais jovem apareceram, e a emoção vinculada a essas recordações eram intensas. Ela o amava, mas era um sentimento misturado com um desejo e uma tristeza que só podia significar uma coisa: para ela, a relação era muito mais que fraternal, e vinha sendo assim fazia tempo.

Eu conhecia bem esse sentimento. Era muita sorte minha que meu amor fosse correspondido por Addie.

Mais um raio estalou ali perto. O chão tremeu enquanto as lembranças de Jack se desfizeram diante de mim. Pressionei as mãos contra a cabeça em uma tentativa de amenizar a dor.

Libby estava a poucos passos de distância. Suas costas estavam voltadas para mim, e sua cabeça, apoiada nos joelhos. Quando cheguei mais perto, pude ver seus dedos. Estavam agarrando seus cabelos com os punhos violentamente cerrados. A dor na minha

cabeça se tornou excruciante. Era inacreditável que ela conseguisse me machucar assim usando apenas a mente.

Concentrado em tocá-la e em não deixar meus dedos atravessarem seu corpo, pus a mão em sua nuca. Desesperado, gritei seu nome:

– Por favor, Libby! Você precisa parar.

Imediatamente, tudo ao nosso redor ficou imóvel e silencioso. Afastei a mão e a deixei cair para o lado enquanto tentava recobrar o fôlego. Minha cabeça ainda latejava, mas não com a mesma ferocidade de um minuto antes.

Libby se virou lentamente para me encarar. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela ainda parecia arrasada, mas agora se concentrava em mim, em vez de em destruir coisas.

– Não senti você entrar no sonho... Desculpe. – Seus ombros se inclinaram para a frente, e seu corpo todo estremeceu, como se estivesse se livrando de alguma coisa maligna que se impregnou nela. – Foi muita esperteza sua, aliás, olhar nos meus olhos antes de ser levado.

– Foi a única coisa que consegui pensar em fazer. – Esfreguei as têmporas com a ponta dos dedos, desejando que a dor de cabeça aliviasse um pouco mais, o que não aconteceu.

– Onde você está? Ainda está com ele, *certo*? – Libby me encarou, e seus olhos castanhos pareciam mais escuros e mais frios do que na minha lembrança. – O Jack treinou você?

– Se com “ele” você está se referindo ao Cooper, que me trancafiou dentro de uma cela, a resposta é sim. – Franzi a testa antes de continuar: – E como assim, se ele me treinou?

– Você consegue matar o Cooper? – Suas palavras saíram aceleradas, ansiosas.

Sua pergunta me deixou chocado.

– Você acha que o Jack me treinou pra *matar* pessoas?

Ela me observou por um momento antes de seus ombros desabarem de tal forma que fiquei com medo de que fosse acabar se machucando.

– Não, ele não faria isso.

– Não – respondi com firmeza. – E, mesmo que fosse o caso, *eu* não faria isso... a não ser que não tivesse escolha.

Libby obviamente não queria continuar falando nesse assunto.

– O que você quer que eu fale pro Jack?

– Diz pra ele que por enquanto está tudo bem, mas que é perigoso demais vir aqui me resgatar.

– Pra onde eles levaram você? – Libby estreitou os olhos como se não tivesse entendido muito bem o que falei.

Baixei o queixo e olhei para ela.

– Se você souber, ele vai vir atrás de mim. Estou pensando na segurança de vocês também.

Ela enrugou a testa.

– Você sabe que o Jack não vai gostar de você ter tomado essa decisão por ele.

Dei de ombros.

– Isso não é novidade. Ele não gosta de um monte de coisas que eu faço.

– Você pode pelo menos me contar por que não é seguro? – Ela me avaliava com o olhar.

Escolhi as palavras com cuidado, ciente de que Jack analisaria cada uma delas:

– Os Apropriadores estão fortemente armados e me puseram em um lugar quase impossível de encontrar.

Libby me observou por um instante e balançou a cabeça.

– E você tem certeza de que vai ficar tudo bem pelos próximos dias?

Minha mente não estava tão certa disso, mas respondi com um aceno convicto de cabeça.

– Tenho. Fala pro Jack ocupar o tempo dele tentando descobrir a nova fórmula do nosso pai em vez de se preocupar com... – Eu não consegui terminar a frase.

Os olhos de Libby se arregalaram. Senti uma pressão violenta no meu abdome e a ouvi gritar meu nome enquanto eu era arrastado à força para fora do sonho dela.

+++

– Não lembro de ter dito que era hora do cochilo.

O rosto de Cooper estava tão próximo que eu conseguia sentir seu hálito de tomate podre. Meu corpo se convulsionou por causa da água que foi despejada na minha cabeça, mas consegui me lembrar de manter os olhos fechados para não perder a conexão com Libby.

– Quanto tempo ele dormiu? – Ouvi quando ele perguntou para outra pessoa dentro da cela.

– Uma hora, talvez.

– Deve ter sido o suficiente...

Ele me empurrou para a parede com tanta força que a minha testa se chocou contra ela com violência, e minha dor de cabeça voltou com toda a intensidade no mesmo instante. Caído no chão, levantei as duas mãos enquanto tossia e cuspiu, limpando a água do rosto. Manter os olhos fechados não seria uma opção viável se eu quisesse me proteger. Então eu os abri, mas mantive meu olhar voltado para os tênis pretos de Cooper.

– Deu pra conversar então? – Ele parecia satisfeito. – Bateu um papinho com o seu irmão?

Senti meu sangue gelar.

– Você queria que eu falasse com eles?

Cooper deu uma risadinha.

– Me deixe adivinhar. Você disse que estava tudo bem e que eles não precisavam vir até aqui?

Não respondi. A longa e labiríntica caminhada até a cela, todos os guardas armados pelas quais passamos no caminho... foi tudo orquestrado. Eu havia feito exatamente o que ele queria, dancei conforme a sua música.

Fiz com que meu irmão não tivesse escolha a não ser concentrar todos os seus esforços na fórmula. O que Cooper não sabia era que Jack estava trabalhando em um novo medicamento, não no Eclipse.

Bom, pelo menos ele não era o único a ter cartas na manga.

Cooper me observava, esperando por uma resposta. Mas eu não iria entregar o que ele queria pela segunda vez no dia.

Esperar em silêncio por mim estava ótimo.

Os dez segundos se transformaram em minutos. Meus olhos ficaram pesados. Eu queria fechá-los de novo, mas só fiz isso quando ele se aproximou o suficiente para ameaçar um contato visual. Me esforcei para ir contra os meus instintos e não atacá-lo. Não havia motivos para jogar mais lenha na fogueira.

– Você sabe que isso não vai mais funcionar, né? – Cooper me surpreendeu quando voltou a falar, porque não parecia irritado nem frustrado... parecia estar tentando segurar o riso.

– O quê? – questionei com um grunhido.

– A gente se apropria do corpo das pessoas fazendo contato visual com elas. – Cooper deu uma risada que parecia mais de loucura que de divertimento. – Qual é. Você acha que a gente não tem um jeito de olhar nos olhos dos outros à força?

Endireitei as costas e me perguntei a que tipo de métodos ele estava se referindo.

Ouvi outros passos dentro da cela e percebi que havia mais gente lá dentro. Fechei os olhos de novo, tentando me preparar para o que viria.

Do nada, eles me agarraram. Alguém me imobilizou no chão enquanto outro abriu a minha boca e a encheu com um líquido de sabor rançoso.

Meu corpo teve um espasmo, e eu tossi, me esforçando para ficar calmo e respirar pelo nariz. Se eu mantivesse a tranquilidade, estaria bem. Mas então alguém fechou meu nariz. Imediatamente, meus olhos e minha garganta se abriram, em pânico. Cravei meus olhos nos de Cooper antes que pudesse pensar a respeito, mas isso não fazia mais diferença. Eu estava me afogando. Não conseguia respirar, e eles continuavam despejando o líquido na minha boca. Minha cabeça latejava com ainda mais força, minha garganta queimava. A cada vez que tenta-va respirar, meu peito ardia como uma cova vazia que eu jamais seria capaz de preencher.

Debatendo os braços e as pernas, consegui livrar um dos ombros e bater com força em Cooper com o punho direito, antes de a minha visão começar a ficar borrada. Ouvia vozes que pareciam distantes, mas meu corpo se limitava a sofrer tremor após tremor em meio à discussão. Eu havia gastado as últimas energias que tinha para resistir, meus últimos resquícios de vitalidade, que eles estavam afogando naquela água podre.

Manter a consciência estava difícil demais, o vazio que me puxava parecia bem mais acolhedor. Meu último pensamento foi torcer para que Jack cuidasse da minha mãe enquanto eu tivesse fora... e me perguntar por que nunca pedi isso para ele enquanto Cooper me jogava no banco de trás do seu carro.

17

Jack

Senti a ponta dos meus dedos dormentes quando bati na porta de Wendy King pela segunda vez. Olhei para trás, para Chloe e Finn, que pareciam ainda mais apreensivos. Deixamos Libby ainda dormindo no carro. Chloe apoiou o peso do corpo nos dedos do pé e depois de novo nos calcanhares em um balançar nervoso. Seus cabelos curtos oscilavam com o movimento, caindo sobre seus olhos e então os descortinando outra vez. Depois de alguns segundos, Finn estendeu as duas mãos e a segurou com força pelos ombros até ela se apoiar normalmente na sola dos pés.

– Desculpe – murmurou Chloe, e Finn voltou a olhar fixo para a maçaneta com a testa franzida.

A tal Wendy tinha que estar em casa. Nós tínhamos acabado de ligar para ela. Eram nove da noite, o sol tinha se posto meia hora antes. Um dia já tinha passado. Não havia tempo para esse tipo de coisa...

A maçaneta foi virada e a porta se abriu. O rosto que nos recebeu certamente não era o de alguém chamado Wendy, mas o de um homem de quarenta e poucos anos com cabelos castanhos bem penteados. Ele nos encarou com uma expressão cautelosa, de

alguém que não sabe ao certo o que vai ouvir, porém tem quase certeza de que não vai gostar.

– Precisam de alguma coisa? – ele perguntou como quem exige uma resposta, enquanto nós o encarávamos em silêncio.

– Sim – me apressei em dizer. – Viemos falar com a Wendy King. Ela está?

Ele deu um passo para dentro como se fosse chamar alguém, mas voltou atrás e falou:

– Vocês não estão aqui pra vender nada, né?

– Não – nós três respondemos ao mesmo tempo, o que só o deixou ainda mais desconfiado.

– Acho que ela pode ter conhecido o meu... o meu pai. – Resolvi falar a verdade, já que estávamos desesperados e se tratava de um risco que não existia mais... pelo menos não da mesma maneira. Ninguém mais podia usá-lo contra mim, ou me ameaçar para obrigá-lo a fazer as coisas. Ele estava livre disso agora; nós dois estávamos, ao que parecia.

O homem balançou a cabeça e fechou parcialmente a porta ao se virar para o interior da casa.

– Wen! Tem uma menina aqui querendo falar com você.

Não houve resposta, e depois de alguns segundos ele se voltou de novo para nós.

– Vou chamá-la.

Fiz um aceno de cabeça, e Finn murmurou um agradecimento quando o homem fechou a porta.

Alguns minutos depois, ouvimos vozes do lado de dentro da casa.

– Meninada? – uma voz feminina sussurrada questionou, e nós três nos inclinamos na direção da porta para escutar.

– Adolescentes – a voz do homem respondeu.

– O que eles querem? – ela perguntou, parecendo confusa mesmo abafada pela porta.

– Não sei. Você queria que eu pedisse pra eles preencherem um questionário? – O homem estava claramente irritado. Quando olhei para Chloe, vi um sorrisinho em seu rosto.

A porta se escancarou, e todos nós corrigimos a postura, tentando disfarçar o fato de que estávamos tentando ouvir a conversa. Wendy tinha mais ou menos a mesma idade do homem e cabelos pretos presos em um rabo de cavalo. Suas mãos e sua saia tinham pontinhos vermelhos, e demorei um instante para perceber que eram de tinta. Fiquei me perguntando se ela era uma artista como Mia ou se era a responsável pela pintura da cerca verde e agora estava trabalhando em outra coisa.

– Meu nome é Jack, e estes são os meus amigos Finn e Chloe. Acho que você pode ter conhecido o meu pai. Estamos atrás de umas informações. – Abri um sorriso simpático, tentando imitar a maneira como Parker usava seu charme para convencer as pessoas a entender seu lado das coisas. Era um talento genuíno e que pelo jeito eu não tinha. Ela me pareceu ainda mais cética.

– E por que você acha que eu o conheci? – As palavras dela saíram apressadas. Era como se quisesse mostrar que havíamos causado uma interrupção e que ela precisava voltar ao que estava fazendo. Ainda estava parada no batente, com a mão na maçaneta para o caso de decidir bater a porta na minha cara.

Eu não podia deixar que isso acontecesse.

– Ele foi criado aqui, e eu vi o seu nome escrito em um papel antigo. O nome dele era Daniel. Daniel Chipp.

Assim que mencionei o nome, ela levou a mão ao peito, e percebi que tinha achado a Wendy certa. Naquele momento, parecia

que ela estava segurando na maçaneta mais para se equilibrar que para qualquer outra coisa.

– Você se lembra dele – eu disse baixinho, como um fato, não um questionamento.

– Sim, claro. – Wendy estava ligeiramente pálida, mas parecia muito mais acolhedora agora, o que com certeza era um bom sinal. Ela apontou para uma mesa de piquenique com cadeiras no jardim da frente. – Que tal a gente se sentar um pouco?

Finn foi ver se Libby ainda estava dormindo. Chloe e eu seguimos Wendy até a mesa. Seu marido, que ela nos apresentou como Aaron, também se juntou à conversa.

Eu os observei com a máxima atenção enquanto falavam. Poderiam ser ambos Sonâmbulos? Qual dos dois seria o Construtor?

Wendy fez o questionamento que eu sabia que estava por vir.

– Você falou sobre o Daniel no passado... – Ela não parecia disposta a perguntar.

– Ele faleceu algumas semanas atrás. – Senti meu estômago revirar com as palavras que eu disse. Parecia errado usá--las para uma vida que terminou de forma tão violenta. Era algo que parecia desonrá-lo de alguma forma.

– Que terrível. – Wendy sacudiu a cabeça e estendeu a mão para colocá-la sobre a minha. – Lamento muito pela sua perda.

– Obrigado – murmurei.

Era difícil resistir ao impulso de tirar a mão. Eu sabia que ela só estava tentando ser simpática, mas eu não gostava de ser consolado. Não precisava, ou pelo menos não queria parecer que precisava.

Chloe estava sentada ao meu lado e, apesar de não ter visto quando ela se moveu, senti um apertão na minha mão que estava debaixo da mesa. Foi um gesto completamente inesperado, que me

pegou indefeso. O calor dos seus dedos parecia uma corrente elétrica contra a minha pele, provocando calafrios que subiam pelos meus braços e provocavam uma tremenda distração. Contudo, foram os modos dela que fizeram minha cabeça girar. Por ser sob a mesa, escondido de todos, exceto eu, a mensagem teve um impacto muito maior. Eu não sabia como essa menina podia me entender tão bem, mas era isso que parecia. Será que ela tirou tudo de suas observações do inimigo, como ela mesma disse?

Quando eu tinha deixado de ser o inimigo?

E, o mais importante, quando ela deixaria de ser para mim? Ou isso já tinha acontecido?

Limpei a garganta, surpreso e envergonhado pelos sentimentos repentinos e confusos que surgiam dentro de mim. Imediatamente, Chloe recolheu a mão, e minha pele se sentiu desamparada no local onde ela tinha encostado. Senti falta de seu toque e meio que fiquei com raiva de mim mesmo por isso. Forcei minha mente a se concentrar outra vez. Parker contava comigo.

– Tudo bem se eu perguntar como vocês se conheciam?

– Claro. – Wendy abriu um sorriso tristonho. – Nós estudamos juntos no colégio. Digamos que foi meu primeiro amor. A gente era bem novinho, ainda estava no Ensino Fundamental, era uma coisa bem inocente... Mas ele já mostrava que era brilhante. – Ela se virou e deu uma piscadinha para Aaron. Ele estendeu a mão para segurar a dela. – Sempre gostei de homens inteligentes.

Fiz as contas na minha cabeça. Os dois estavam no Ensino Fundamental. Meu pai desenvolveu suas habilidades de Observador mais ou menos com essa idade. Ela o conheceu nessa época. Talvez ela fosse uma Observadora e Aaron um Construtor que conheceu mais tarde, ou vice-versa.

Wendy continuou:

– Mas depois de uns anos a gente se afastou, e ele se mudou da cidade. A gente se viu pela última vez alguns anos atrás. Trabalho como farmacêutica aqui na cidade, e ele entrou na minha farmácia. Que mundo pequeno! Foi bom poder falar com ele de novo! Ele me contou que tinha virado professor de Química, e isso para mim não foi surpresa.

Ela olhou para o vazio atrás de mim, revivendo alguma lembrança agradável enquanto eu analisava cada palavra de seu relato. Wendy era farmacêutica, e meu pai não tomava remédios convencionais. Então, a não ser que ele estivesse doente e tivesse entrado por acaso em sua farmácia – o que era improvável –, ele provavelmente pretendia vê-la de novo para reatar o contato e conversar sobre o ingrediente. Na verdade, ele costumava trabalhar com frequência com farmacêuticos para obter ingredientes difíceis de conseguir para seus compostos e fórmulas. E se ela fosse uma fonte?

Mas então por que ela não me contava de uma vez? Por que essa encenação toda?

Talvez ela não confiasse em mim e não acreditasse que eu fosse quem dizia ser. Ou talvez o marido dela não soubesse... Talvez ele não fosse um Observador no fim das contas, talvez nem mesmo um Sonâmbulo. Podia ser só um cara normal que não fazia ideia de com quem era casado. Isso acontecia o tempo todo. Se ela fosse uma Construtora, fazia todo o sentido, pois Construtores não precisavam de Observadores. Alguns nem sabiam o que eram. Era perfeitamente possível que ele não soubesse o que ela era.

Dei uma tossida rápida e pus a mão na garganta. Deliberadamente desviei os olhos de Wendy e me virei para Aaron. Eu sabia que ela poderia se oferecer para ajudar, mas, se eu fosse bem claro, talvez ele fizesse isso para mim.

– Desculpe. Será que você pode me dar um copo d'água?

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou para a esposa. Ela começou a levantar, mas Chloe estendeu a mão e apontou por cima de seu ombro na direção da cerca.

– Estou vendo que tem tinta nas suas mãos. Foi você que pintou a cerca? Esse tom de verde é muito bonito.

Wendy interrompeu o movimento, olhando para o braço de Chloe na frente de seu nariz por um instante antes de se sentar outra vez com um sorriso largo no rosto. Ela olhou para a cerca chamativa atrás.

– Foi! Acabei na semana passada. Era branca, mas a tinta estava descascando e parecia mais cinza que qualquer outra coisa. Pensei que um toque de cor cairia bem.

Chloe balançou a cabeça com vigor.

– Ficou linda! Você vai pintar a casa também? Acho que ia ficar uma beleza com um vermelho vivo pra complementar a cerca.

Olhei para Aaron e dei outra tossida. Ele ficou de pé e tomou a direção da casa.

– Já volto – resmungou.

Assim que ele se afastou, eu me virei para Wendy, ciente de que não tinha muito tempo.

– Você sabe o que ele era, né?

Wendy pareceu sobressaltada com a súbita mudança de rumo na conversa, e sua boca ficou paralisada em um meio sorriso:

– Perdão, como?

– O Daniel, meu pai – falei rapidamente, me inclinando para a frente e mantendo os olhos na casa para o caso de Aaron voltar. – Você sabe que ele era um tipo 2.

Ela me olhou com uma expressão de interrogação. Não havia nenhum sinal de reconhecimento em seus olhos castanhos e

nenhuma reação em seus lábios.

– Que ele era um Observador? – insisti, como se uma mudança de vocabulário fosse ajudar, mas não consegui nem chegar perto de me fazer entender para Wendy.

– Do que você está falando? – Ela se inclinou para trás, olhando para nós dois com uma desconfiança renovada.

– Esqueça. – Certo, então ela não era uma Sonâmbula, ou então era uma ótima mentirosa. Eu estava ficando desesperado.

Pela janela, vi que Aaron estava a caminho da porta carregando garrafinhas de água mineral.

– Quando você viu meu pai, ele disse alguma coisa importante? – me apressei em perguntar. – Pediu pra você se lembrar de alguma coisa ou falou sobre ingredientes e coisas do tipo?

Wendy estava com a testa franzida e começava a parecer incomodada.

– Do que você está falando? Não, ele nunca me pediu para lembrar nada.

– Você vendia algum medicamento ou produto químico da sua farmácia pra ele sem receita? – fiz a pergunta em um tom apressado, de olho em Aaron, que vinha saindo pela porta. Quando me virei de novo para Wendy, vi seus olhos furiosos, e percebi que tinha cometido um erro.

– Como é? – Ela ficou de pé, olhando feio para mim do outro lado da mesa. – Não sei quase nada sobre você, mas com certeza o Daniel teria vergonha de um filho assim tão grosseiro.

– Desculpe, sra. Ki... – Sinceramente, não quis insinuar nada, e suas palavras me atingiram com dureza, apesar de estar claro que ela não conhecia Daniel tão bem quanto imaginava.

– Não. Por favor, vão embora. – Ela se virou e voltou pisando duro para casa, bem no momento em que Aaron pôs as garradas na

mesa.

– Obrigado. – Peguei uma e abri sem olhar para ele.

Chloe ficou de pé, e fiquei um tanto surpreso quando ela pediu desculpas por nós dois e apertou a mão de Aaron antes de voltarmos para a van. Por que tudo precisava ser assim tão difícil? Eu não sabia o que fazer a seguir. Como meu pai pôde ter me deixado uma pista que me levou a um beco sem saída?

Tirei os óculos escuros do bolso e pus no rosto como uma última tentativa. Eu tinha feito contato visual com Wendy por último. Tentaria descobrir alguma coisa em seus sonhos naquela noite. Talvez ela fosse uma Construtora ou Observadora e estivesse mentindo a respeito. Talvez não fosse, mas podia estar escondendo alguma outra coisa. Não importava: se houvesse algo que ela não queria me dizer, eu descobriria em seus sonhos.

Ninguém conseguia esconder nada de mim lá dentro. Era o único lugar do mundo onde todo o poder estava nas minhas mãos.

18

Parker

A vida voltou ao meu corpo em violentos espasmos de queimação dos dedos dos pés até as pontas dos meus cabelos molhados. Todas as células do meu corpo gritavam em uníssono em reação ao ataque brutal. Eu estava quase em paz, e agora não sentia nada além de dor. Meu estômago e meus pulmões pressionavam meus órgãos internos, desesperados para expulsar seu conteúdo. Tossi e vomitei todo o líquido que Cooper havia me enfiado goela abaixo. Com a garganta queimando, senti um grande alívio ao soltar jatos em todas as direções – líquido para fora, ar para dentro, líquido para fora, ar para dentro. Eu estava passando muito mal. Meu corpo tinha sido envenenado e precisava expelir toda a toxina ingerida... mas não encontrou nenhuma.

O método de Cooper era mesmo eficiente, fui obrigado a admitir. Meus olhos se abriram por reflexo. Não tive escolha. Quando mandei uma mensagem por Libby para que Jack não viesse atrás de mim, tinha feito exatamente o que Cooper queria, apesar de não saber. E agora minha conexão com Libby estava desfeita.

Rolei para o lado de novo e apertei meu estômago ao sentir mais uma pontada de dor na barriga. Na escuridão do recinto, ouvi alguém dar risada. Pensei que estivesse sozinho. Foi uma impressão

que tive, sem saber por quê. Abri os olhos, tentando recuperar o foco, mas precisei piscar várias vezes antes de ver alguma coisa que não estivesse enevoadada.

Cooper estava ali comigo. Ele se encostou contra a parede ao lado do meu leito improvisado.

– Pensei que eu tivesse avisado que a gente não ia matar você – ele falou baixinho.

– Eu também – grunhi em meio a uma pontada agonizante de dor.

– Então você devia parar de fazer tanta força pra morrer. – Cooper sorriu e se inclinou para a frente até seu rosto ser iluminado pelo feixe de luz fluorescente que entrava pela janelinha da porta. Era perturbador ver como cada hora que passava o afetava. Ele parecia mais exausto agora do que quando cheguei, o que devia ter sido no máximo algumas horas antes.

– Se você me quer vivo... – Cerrei os punhos, engolindo a dor para que minha voz pudesse sair com mais força. – Se é isso mesmo, é melhor parar de me afogar, ou pelo menos não usar água contaminada.

Cooper não respondeu, mas estreitou os olhos e chegou um pouco mais perto. Era como se não tivesse escutado ou entendido o que falei.

– Aquela água estava estragada, e acho que você me envenenou. Isso significa que vou ter que reavaliar um conceito. – Eu me apoiei sobre um dos braços e o encarei. Não havia por que evitar o contato visual se ele já tinha me forçado a fazer isso pouco antes.

Mesmo com as olheiras escuras e profundas, seu olhar ainda parecia fascinado. Seus olhos faiscaram quando ele perguntou:

– Que conceito seria esse?

– Eu sempre achei que o Thor fosse o idiota da sua família. – Soltei um grunhido quando uma onda de dor especialmente intensa me invadiu. Não dava mais para me segurar. Eu me encolhi todo no chão, e a minha voz ficou tensa quando concluí: – Agora tenho certeza de que é você.

A risada de Cooper saiu fria, e eu só observei quando ele ficou de pé junto à parede.

– Ah, não precisa se preocupar com ter bebido água contaminada, Parker. Aquilo não era água.

Ergui ligeiramente a cabeça, sentindo um arrepio diante do toque ameaçador de suas palavras.

– Então o que era?

– Eu diria que é... o começo. – Cooper foi caminhando lentamente na direção da porta, e vi sua mão esquerda ser acometida por um tremor que subiu até o ombro antes de ele agarrá-la com a direita para fazê-la parar. Ele se virou para me encarar, fingindo que nada havia acontecido, mas nós dois sabíamos que a verdade não era bem essa. – Nós só estamos começando.

– Começando o quê? – questionei, e então meu corpo todo começou a tremer. O tremor só tornou a dor mais intensa, e não consegui conter um palavrão.

– Não adianta resistir. Você tomou nosso preparado especial, que foi feito pro seu corpo reagir dessa maneira. – Cooper observou meu sofrimento com um sorriso escancarado. – A gente até pode não matar você, mas, enquanto estiver aqui, vai desejar ter morrido. Vai implorar por isso antes de o seu irmão trazer o Eclipse. Eu garanto.

Depois disso ele saiu e trancou a porta atrás de si. A cela ficou gelada poucos minutos depois. Na verdade, o ar ao redor não esfriou, fui *eu* que esquentei. Estava com febre. Meu corpo estava

tentando resistir ao que quer que fosse que enfiaram em mim. Eu só precisava aguentar firme e continuar lutando.

Era isso que Addie e Finn iam querer que eu fizesse. E minha mãe também.

Mais uma onda atordoante de dor me atingiu, e um grito áspero escapou da minha garganta. Algum tempo se passou, mas era impossível determinar quanto. Uma das pontadas de dor foi tão forte que não consegui me manter consciente. E a seguinte me acordou enquanto rasgava meu corpo com a força de um desastre natural. Consegui sentir a presença do Sombrio. Ele estava ao meu lado. E sentindo dor também.

Eu não estava mais tão sozinho.

Meus olhos se fecharam em um momento em que a dor deu uma aliviada por um tempo. No silêncio, ouvi a respiração de alguém. Ao abrir os olhos, vi um vulto feminino contra a luz que entrava pela janelinha da porta.

– Oi? – resmunguei, me perguntando que tipo de menina pirada ia querer ficar aqui me vendo sofrer desse jeito.

– Ai, Parker – ela sussurrou meu nome, mas manteve distância. Aquela voz... eu a reconheceria em qualquer lugar.

– Addie? – Tentei levantar a cabeça, mas não consegui. – Como você me encontrou?

Ela não respondeu. Em vez disso, veio se ajoelhar ao meu lado, em silêncio. Um fósforo foi riscado, e ela acendeu uma pequena vela que segurava no colo. Seu rosto se iluminou, ganhando um aspecto etéreo à luz da vela, e seus cabelos brilhavam como brasas.

– Estou aqui – ela falou.

– Não devia. – Meus instintos protetores entraram em ação. – Se a encontrarem aqui... Você precisa ir embora, Addie. De repente dá pra encontrar uma saída deste lugar. A porta ainda está destrancada.

– Não. A gente não vai pra lugar nenhum. – Seu tom era de cortar o coração. Sua expressão parecia distante, quase fria.

Tentei me apoiar no cotovelo, mas minha cabeça começou a latejar de novo, e voltei a me deitar.

– Como assim? Como foi que você entrou?

– Vim aqui pra ajudar, mas não sei se consigo... – Addie fez um gesto na minha direção. – O Cooper estava certo. Você é mais fraco do que eu pensava.

– Cooper? – Meu corpo já febril foi percorrido por um novo calafrio. – Como assim, Addie?

– Você confia demais nas pessoas. – Ela se inclinou e passou um dedo pela minha testa e pelo meu rosto. Perto do meu queixo, ela de repente aumentou a pressão da carícia e me arranhou. – Nunca nem desconfiou de mim.

Eu me inclinei para trás, observando-a com uma expressão de total perplexidade, sacudindo a cabeça, meu coração a ponto de sair pela boca.

– Não...

– Ah, sim... – ela murmurou, abrindo o sorriso alegre de que eu tanto gostava. – É tão fácil manipular você. Fácil demais.

Meu coração se partiu em um milhão de pedaços, e perguntei a única coisa que importava:

– Por que você fez isso?

Ouvi um baque surdo, e o som distante de alguém gritando.

– Você sabia que não era bom o suficiente pra mim, Parker. Talvez as suas escolhas ruins estejam me incomodando um pouco demais. – Seu rosto se contorceu em uma expressão de pura malícia, e fiquei até com um pouco de medo. Fechei os olhos e tentei me convencer de que era um pesadelo, que aquilo não podia ser verdade.

O problema era que eu não tinha pesadelos.

– Addie, esta não é você. – As lágrimas escorriam pelo meu rosto, e com elas a dor voltou. – Você não pode estar falando sério. O que eles fizeram com você?

– Foi uma escolha minha, Parker. Escolhi isto em vez de você, e agora você vai ter que aprender a aceitar a minha escolha. – ela falava baixinho, perto da minha orelha, mas não parecia Addie. Nunca a tinha ouvido destilar tanto ódio. Então eu não a conhecia de verdade? Isso tudo estava escondido dentro dela o tempo todo?

Ouvi a batida e o berro distante outra vez, mas agora o reconheci. Shawn, o cara com quem falei antes, estava gritando comigo.

– Ei, cara, está me ouvindo? – ele gritou a uma distância que parecia mais de um quilômetro. – Eu queria saber o seu nome.

Ele continuou berrando. Mais uma onda de dor me atingiu e me fez chorar de agonia.

– Parker – enfim consegui responder quando a dor aliviou um pouco. – Meu nome é Parker.

Shawn ficou em silêncio por alguns segundos antes de dizer:

– Que coisa, então eles finalmente conseguiram pegar um de vocês.

Abri os olhos e vi que Addie estava olhando pela janelinha, de costas para mim. Todas as vezes em que eu a abracei, a beijei, olhei em seus olhos, tudo isso voltou à minha mente de uma vez, e não acreditei que pudesse ter sido mentira. Seria mais um truque cruel da minha mente?

– Addie, por favor... – foi tudo o que consegui dizer, e era tudo o que eu tinha para falar.

Ela se virou para me encarar, sacudiu a cabeça e voltou a me dar as costas.

– Parker. – A voz de Shawn tinha um tom de urgência, e parecia mais próxima, como se ele tivesse se posicionado no mesmo local onde eu estava junto à parede. – Eles enfiaram aquele líquido horrroso goela abaixo em você, não?

– Sim – respondi, apesar de não ter ouvido bem o que ele falou.

– Preste atenção. O que quer que você esteja vendo aí, não é de verdade – Shawn gritou. Dessa vez, uma sombra passou diante da janelinha, e alguém bateu na porta.

– Silêncio! – berrou uma voz no corredor.

– Essa coisa causa alucinações – ele falou, dessa vez em um tom de voz mais próximo do normal. – Isso mexe com a sua cabeça. Não acredite em nada do que está vendo.

Addie se virou para a parede de onde vinha a voz de Shawn e franziu a testa. Fiquei observando seus movimentos, piscando algumas vezes enquanto a verdade vinha à tona. Claro que não era ela. No meu delírio de febre e de dor eu acreditei, mas no fundo a conhecia bem demais. Não fazia sentido que ela estivesse aqui, e Addie *já* diria essas coisas.

Não a *minha* Addie.

Ela me lançou um olhar maligno, como se soubesse que eu tinha descoberto tudo. Em seguida, deu de ombros e se dissipou em um milhão de fragmentos de sombra.

Fiquei lá sozinho, recobrando o fôlego.

– Obrigado, Shawn.

– Não foi nada. – Ele parecia revigorado mesmo através da parede.

– Só uma pergunta... – A exaustão tomou conta de mim, e torci para desmaiar de novo, porque assim teria algum alívio.

– Sim?

– Como posso saber que você é real?

Houve um silêncio do outro lado da parede por alguns segundos, e então ele falou:

– Talvez você não saiba isso nunca. Mas eu estava aqui antes, se é que isso ajuda. E não vou desaparecer.

– Faz sentido – grunhi.

– Aguenta firme, cara. – Ele parecia bem infeliz. – Vai passar.

Mas não parecia. As ondas de dor continuavam indefinidamente, se aliviando de tempos em tempos, mas sem jamais passar. Meu cérebro febril começou a questionar a si mesmo. Dez dias inteiros disso e eu não ia precisar implorar pela morte – ia ficar surpreso se sobrevivesse. Eu provavelmente ia morrer. Mas Cooper falou que era apenas o começo. O que mais ele estava planejando? Seria algo ainda pior?

Ouvi uma movimentação na minha cela. Havia alguém ali dentro de novo. Podia ser uma pessoa real? Rezei para que não fosse Addie. Mesmo sabendo que não era ela, ouvi-la dizer aquelas coisas era doloroso demais. Ela parecia extremamente real.

Alguma coisa tocou minha boca, e mais líquido foi jogado dentro da minha garganta. Eu lutei para não engolir. Não queria mais veneno. Não queria mais dor. Mas então parei de resistir. Aquilo com certeza era água fresca, sem nada de remédio misturado. Isso trouxe um alívio imediato tão agradável que quase chorei.

A pessoa que me visitava se afastou, e tentei piscar algumas vezes, sentindo a dor se amenizar. Quem quer que fosse que estava me ajudando, talvez tenha me salvado. Era uma pessoa que podia ser considerada amiga e, se eu tinha um amigo ali dentro, *precisava* saber quem era. Quando enfim consegui focalizar minha visão, a porta já estava fechada e trancada.

Alguns minutos depois, a tremedeira tinha quase passado, e a porta se abriu de novo. Dessa vez foi Thor quem entrou. Eu fiquei

observando, sem saber se devia fingir a dor que provavelmente estava sentindo. Gemi e tremi para que ele visse. Sem me olhar nos olhos, ele chutou minha perna com força suficiente para garantir um belo hematoma. Soltei um grunhido e pensei em devolver o pontapé, mas meu corpo estava literalmente incapacitado de fazer um movimento como esse. Esfregando minha coxa recém-contundida, me encolhi todo. Fingi que estava com os olhos fechados e esperei que ele terminasse o que tinha ido fazer.

Quando achou que eu não estava olhando, Thor pegou uma lata de lixo no corredor, recolheu um rato com uma pá, jogou lá dentro e saiu.

19

Jack

Estacionei a van em uma área de piquenique ali perto. Desci do carro e sentei no para-choque traseiro, tentando controlar minhas emoções. Parker estava correndo mais perigo a cada minuto que se passava sem que eu o salvasse. Talvez eu tivesse tomado a decisão errada. Talvez tentar descobrir a nova fórmula primeiro não fosse um bom plano.

Talvez eu estivesse perdendo tempo e a essa altura já devesse estar à procura de um jeito de chegar até ele. Queria que Libby acordasse logo para dizer o que tinha descoberto, mas com certeza eu não queria interrompê-los.

Meus pulmões estavam apertados e quentes. Era como se estivessem se enchendo de fogo, e não de oxigênio. Me inclinei para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos para tentar me acalmar. Eu era mais forte que isso. Precisava ser. Meu pai confiava em mim... E ele confiou a mim a tarefa de cuidar de Parker e resolver o quebra-cabeça da fórmula.

Afastei a dor de saudade que os pensamentos sobre o meu pai sempre causavam e tentei me concentrar. Por ora, a única coisa que eu podia fazer era passar a noite nos sonhos de Wendy e torcer para que tivessem mais respostas do que nossa conversa proporcionou.

Quando corriji a postura e me encostei no metal gelado da van, percebi que Chloe tinha descido e estava parada na minha frente. A maioria das pessoas não conseguia me pegar de surpresa assim. Ela estava de óculos escuros também, e me perguntei se sabia o que eu estava planejando e por isso se prevenia contra um contato visual.

– Já decidiu? – Chloe falou baixo, e fiquei sem saber se estava tentando não acordar Libby na van ou tentando manter a conversa em segredo, para que ninguém que estivesse por perto ouvisse. Em seguida, Finn desceu da van e foi se encostar ao meu lado.

– Decidi o quê? – Minha voz e meu corpo estavam começando a mostrar o nível total de exaustão que eu sentia por dentro. Queria poder entrar nos sonhos de Libby e dormir de verdade, ter sua ajuda para me curar, mas isso no momento não era uma opção.

– O que a gente vai fazer agora – respondeu Finn, erguendo uma sobrancelha e olhando para Chloe em busca de confirmação. Ela fez que sim com a cabeça, e ficaram os dois à espera da minha resposta.

Eu estava acostumado a liderar. Meu pai me ensinou a comandar durante boa parte da vida. Isso não me assustava. A única coisa que me deixava com medo era saber que Parker estava em perigo. Perdê-lo seria um golpe duro demais para mim, pois não me restava quase nada.

– A gente tem duas escolhas – respondi. – Eu posso entrar nos sonhos da Wendy hoje à noite pra ver se ela está escondendo alguma coisa. – Fiquei de pé e estiquei as costas. – Ou eu posso aceitar que estou num beco sem saída, acordar a Libby e ir atrás do Parker... como provavelmente eu já devia ter feito.

– Eu, eu, eu... Eu, eu, eu... – Finn disse em tom de brincadeira, apesar de todo o peso visível no seu olhar. – Você não conhece outro pronome, não?

Chloe deu uma risadinha e abriu um largo sorriso para Finn.

– Você é impagável! – Depois, virando-se para mim: – Voto na primeira opção. Você não sabe nem pra onde ele foi levado.

– Eu já acordei. – A voz de Libby vinha de dentro da van.

Olhei para cima e vi que ela estava olhando para nós. Ela foi até a porta para descer, mas cheguei lá antes. Sua pele morena estava pálida, e o abatimento era nítido em seu rosto, mas sua aparência era melhor e mais sã do que antes de dormir.

– Você está bem? – perguntei e imediatamente senti vontade de retirar aquelas palavras. Claro que não. Eu também não estava.

Para minha sorte, ela fingiu não ter ouvido a pergunta.

– Vi seu irmão. Ele estava bem...

Uma onda de esperança gigantesca surgiu dentro de mim, e eu vi um sorriso aparecer no rosto de Finn.

– O que ele falou? – perguntei, começando a temer que a razão para ela estar tão para baixo podia ser Parker, não Marisol.

– Ele se recusou a contar pra onde tinha sido levado. Pediu pra dizer que tem guardas armados por toda parte, Jack. – Libby estendeu a mão para segurar a minha, com o sofrimento estampado nos olhos.

– E daí? – Encolhi os ombros, ajustando os óculos escuros no rosto com a minha mão livre. – Já lidei com situações como essa antes.

– Eu sei, mas mesmo assim ele não quis me falar. Disse que seria quase impossível você chegar até ele sem ser pego.

– Por que ele precisa ser tão teimoso? – Soltei um grunhido e dei um passo atrás, enfiando as mãos nos bolsos.

– Não é só isso, Jack.

O tom de lamento em sua voz fez meu coração disparar. Ela encostou no meu braço, e quase o puxei para longe de seu toque.

Eu sabia que havia mais a contar, mas, pelo olhar em seu rosto, estava com medo de ouvir.

– Ele pediu pra dizer pra você não ir. Que era perigoso demais, que ele vai ficar bem, e que você deveria se concentrar em descobrir a nova fórmula. – Ela estava toda trêmula. – Mas então ele foi arrancado do sonho, e a conexão se perdeu. Não sei o que fizeram com ele, mas eu s-senti que ele se f-foi, Jack.

Um calafrio de medo percorreu minha espinha, e puxei o meu braço.

– Não. É impossível pra você saber com certeza.

Libby foi até o para-choque e se deixou cair. Ela nem percebeu que Chloe estava a poucos passos de distância. Só isso já era suficiente para mostrar o quanto Libby estava abalada. Só isso já era suficiente para mostrar que acreditava que Parker estava morto... E isso fez meu corpo tremer com uma onda de medo paralisante e uma sensação de perda.

Libby pareceu hesitante quando voltou a falar:

– Eu ainda estava conectada a ele, Parker ainda não estava totalmente fora do sonho. Senti... senti mais que uma simples quebra de conexão. Queria que você soubesse o que senti. Mas você tem razão. Não dá pra ter certeza de que ele morreu... que não foi só...

– Certo. – Fui até a frente da van e sentei na grama.

Ninguém veio atrás de mim, mas ouvi Finn fazer perguntas para Libby. Ele parecia apavorado. Era como eu me sentia.

Parker não podia ter morrido, eles pediram um resgate para devolvê-lo. De acordo com o plano original, precisavam mantê-lo vivo.

Agarrei a grama entre os dedos e arranquei alguns tufos do chão. Se eles não cumprissem o que prometeram, a fórmula que fosse

para o inferno; eu ia matar todo mundo.

Chloe se sentou do meu lado, o que quase me fez dar um pulo de susto. Por algum motivo eu me sentia mais distante de conseguir a fórmula do que algumas horas antes. Parker não quis revelar sua localização, e agora eu não sabia nem se ele estava vivo para poder resgatá-lo. Minha mão tremia. O tufo de grama que arranquei do chão voou pelo ar e caiu no colo de Chloe.

– Desculpe.

Ela arregalou tanto os olhos que deu para perceber mesmo por trás dos seus óculos escuros. Parecia genuinamente surpresa.

– Você não precisa se desculpar. Por que está pedindo desculpa?

– Por um milhão de razões... Por não saber o que fazer. Por talvez nunca conseguir completar a fórmula como prometi pra você. E por seu irmão ser um babaca e eu estar morrendo de vontade de acabar com ele.

Cerrei os punhos e me apressei em continuar falando antes que ela me interrompesse. Não sabia se ela faria mesmo isso, mas no momento não ia suportar ouvir ninguém defendendo Cooper.

– E é melhor você não ficar mais com a gente a partir de agora.

A decepção surgiu no rosto de Chloe com a força de uma onda que se quebra na arrebentação.

– Por que, Jack? E pra onde eu po...

–Por quê? – Minha voz saiu alta demais, e ela ficou tensa, então baixei o tom antes de continuar: – Sério mesmo, Chloe? Como você me faz uma pergunta dessas? Acho que nem vou conseguir fabricar essa fórmula, então não tem motivo pra você ficar por perto. Seu irmão pode estar matando o meu neste exato momento. O seu pai foi o responsável por tudo de ruim que aconteceu na minha vida. E você... você sabia muito bem quem era o seu pai e nunca falou nada. Preciso continuar?

Virei as costas, mas ela veio ficar de frente para mim.

– E quando exatamente eu tinha que contar sobre a minha família, Jack? Enquanto fingia que era o Finn? Não... isso não ia fazer o menor sentido. Que tal depois de ter ajudado você e traído todo mundo que eu conheço? Só voltei a falar com eles uma vez, e foi pra tentar ajudar *você*. Contei que o Parker era seu irmão, e que você só estava tentando proteger a sua família. Pedi pra eles respeitarem isso e deixarem você em paz. Quando apareci por lá de novo, eles não estavam mais na Base de Benton e nem me disseram pra onde iam. Eles puseram a culpa pela explosão e pela perda do Eclipse em *mim*, Jack. Era nessa hora que eu tinha que contar? Entregar de mão beijada uma informação que ia fazer você me matar ou me expulsar da casa do Parker? Eu devia ter contado tudo naquela hora... mesmo sem ter *mais ninguém* a quem recorrer?

Eu não respondi, e o silêncio entre nós foi preenchido pela respiração acelerada de Chloe. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela conseguiu segurar o choro.

– Toda vez que eu pensava em contar pra você... – Chloe se interrompeu e respirou fundo. Apoiando as mãos nos joelhos, ela me encarou diretamente. Sua postura, sua expressão seu corpo, tudo nela exalava sinceridade. – Não teve nenhum momento propício pra você não reagir dessa mesma forma. Nunca é uma boa hora pra alguém contar pra um amigo que é filha de alguém que ele odeia, que destruiu sua vida. É uma coisa que ninguém quer ouvir.

Fiquei olhando bem para ela. Era como se ela estivesse no fio da navalha, esperando pelo momento em que a verdade viria à tona, e agora enfim tinha a chance de pôr tudo para fora. Era impossível deixar de me perguntar como uma garota corajosa e inexplicável como Chloe podia ser filha de um monstro como Steve Campbell. Se

a genética tiver mesmo influência sobre o caráter da pessoa, a mãe dela devia ser uma pessoa extraordinária.

Fui obrigado a retribuir o sorrisinho que ela abriu para mim. Apesar de ela ter suas razões, isso não mudava nada. Saber que Cooper podia ter matado Parker me fez lembrar do que significava lidar com os filhos de Steve Campbell. Pensei que talvez Chloe pudesse ajudar, mas estava enganado.

– Isso não importa. Você não pode mais continuar comigo.

– Por que não? – Ela estava começando a parecer menos abalada e mais questionadora. Enfim, uma Chloe com quem eu poderia lidar.

– Por causa de *quem você é* – enfatizei bem as três últimas palavras, irritado. – Não estou dizendo que você é como seus irmãos, mas ainda é uma Apropriadora. Como posso confiar em alguém que foi criada junto com os inimigos que combati a vida toda?

– Você não entende? – Chloe chegou mais perto de mim, mas, quando me inclinei para trás, interrompeu o movimento e ergueu a cabeça para me encarar. Seus cabelos curtos caíram atrás das orelhas. – Isso é exatamente o que você é pra mim, Jack. Está me dizendo que não posso confiar em você?

Havia algo de magnético nela, mas eu estava me esforçando para não me deixar atrair.

– Considerando que pouco tempo atrás eu estava com uma faca na sua garganta, não diria exatamente que sim.

Ela não se moveu.

– Você não ia me machucar. Eu sei disso, e você também.

– E o Cooper sabia? – questionei.

Chloe fez uma careta, e imediatamente percebi o quanto minha pergunta a magoou.

– Desculpe.

Ela não respondeu, mas se afastou alguns centímetros.

Continuei:

– Me desculpe por tudo, Chloe. Por mais que eu não queira acreditar, meu instinto diz que você não é como eles. Eu agradeço por ter ajudado Parker a libertar o Finn e...

– Você acha que eu fiz isso por eles? – ela perguntou baixinho enquanto olhava para o chão entre nós.

Quando pensei em suas palavras, fiquei surpreso ao notar o que havia nas entrelinhas. Mas nós dois mal nos falávamos nessa época, não era possível...

– Você fez aquilo... por mim? – Minhas palavras saíram tão baixas que mal consegui ouvir, e sabia que tinha entendido tudo errado quando ela ergueu a cabeça e sua boca se curvou em uma expressão que ficava no meio do caminho entre o choque e o divertimento.

Senti minhas costas ficarem rígidas e apoiei o peso sobre os joelhos, me preparando para levantar.

– Já entendi. Não foi por mim.

– Jack. – Chloe segurou minha mão, e o contato de sua pele contra a minha fez meu braço inteiro se arrepiar. Fiquei paralisado e me virei para o outro lado, para que ela não visse a expressão no meu rosto.

– Chloe, você precisa arrumar algum outro lugar pra ir, ok? Não sei se dá pra confiar que o Cooper não vai matar o Parker. Não sei se posso confiar em você comigo agora. Ele é importante demais. – Estava me sentindo um idiota. E detestando essa sensação.

– Jack, me escuta. – A frustração em seu tom de voz me fez parar e ouvir. – Eu não fiz tudo isso por nenhum de vocês, mas os motivos, os *meus* motivos, pra ajudar a libertar o Finn podem ser importantes pra você... Para mim, eles significam tudo.

– Continue...

– Entrar na cabeça do Finn com o Eclipse foi diferente de tudo o que fiz antes. Geralmente, quando eu me aproprio de um Sonhador, consigo acessar as informações de que preciso: senhas de banco, nomes, coisas assim. Mas o Eclipse mudou a conexão. Com o Finn, parecia que era tudo sentimento e memória. Meu pai passou anos convencendo todo mundo da verdade *dele*... sabe como é, fazendo lavagem cerebral. Ele sempre ensinou que nós éramos mais que pessoas normais, que éramos quase deuses... *evoluídos*.

Suas palavras pareciam embargadas e surpreendentemente cheias de repulsa quando ela disse a última frase. Era a maneira como eu imaginava que soaria se falasse aquelas mesmas palavras.

– Mas eu sempre acreditei nele, Jack – ela continuou. – Achava que ele sabia mais que eu e que tinha razão. Ele era o nosso líder e o meu pai. Todo mundo acreditava nele. Por que eu não acreditaria? Mas com o Finn a conexão foi tão diferente, deu pra ver logo de cara que o meu pai estava muito errado.

Não sabia o que esperava que Chloe dissesse, mas com certeza não era isso.

Ela baixou o tom de voz e foi em frente:

– O Finn se importa muito com as pessoas: os pais dele, a Addie, o Parker. Eu testemunhei em primeira mão o que eles são capazes de fazer um pelo outro. Coisas que nunca vi um Apropriador fazer por outra pessoa. Nunca. – Chloe passou as mãos na nuca e puxou os cabelos curtos para baixo quando desviou o olhar. – Minha própria espécie me sacrificou por um experimento que poderia ter me matado. Fui usada como um rato de laboratório pra testar um medicamento que os ajudaria a roubar a vida das pessoas, Jack. Eu não queria ser cobaia de uma droga experimental e não gostei nada quando eles tomaram essa decisão por mim. Fui obrigada a decidir

entre continuar na luta em que sempre vivi, a maneira como a minha família me ensinou a viver, ou escolher um novo caminho, diferente e assustador. Queria ter o que Finn tinha na vida, e era difícil aceitar a ideia de que roubei isso dele, por vontade própria ou não.

Chloe fechou os olhos por um instante antes de voltar a falar, dessa vez com um tom bem suave:

– E agora estou decidindo ajudar você, Jack. Porque quero coisa melhor pro meu povo do que as escolhas da minha família. Quero o melhor pra mim mesma. Os meus irmãos me deixaram aqui com você. Disseram que os meus inimigos podiam fazer o que quisessem comigo. Isso não é ser mais que humano, na minha opinião. É ser menos.

Ela apoiou o peso do corpo nos joelhos e olhou diretamente para mim.

– Por favor, Jack. O meu povo precisa parar o que está fazendo. Meu pai transformou todo mundo em monstro. *Preciso* ajudar a acabar com isso antes que a coisa vá ainda mais longe. *Preciso* fazer a minha parte para pôr um ponto-final nisso tudo.

Antes que eu pudesse responder, captei uma movimentação com o canto dos olhos e vi Finn parado a alguns passos de Chloe. Ele obviamente tinha escutado tudo.

Ela não percebeu a presença dele e complementou:

– Pode confiar em mim porque, aconteça o que acontecer, não importa quem esteja em risco, eu *já* vou deixar você entregar o Eclipse pro Cooper. Sei que você diz que é impossível de qualquer maneira, e quero acreditar, mas, se conseguir fabricar a droga e ficar desesperado, eu vou ter que intervir. Mesmo que isso signifique perder o seu irmão e os meus, eu ia dar um jeito. *Nada* é pior do

que o que meu irmão pode fazer com a gente com o Eclipse nas mãos.

Houve um instante de silêncio.

– Você vai observar os sonhos da Wendy hoje à noite. Eu vou me apropriar do corpo do marido dela – ela disse. – Posso não conseguir informações sobre o passado como você, mas vou vasculhar a mente dele e as memórias mais recentes, descobrir se não esconde nenhum segredo da Wendy.

Então isso explicava os óculos escuros *dela*. Mas eu não gostava da ideia de ela se apropriar do corpo de alguém. Abri a boca para protestar, mas ela já foi dizendo antes que eu tivesse a chance:

– Relaxe. Prometo que não vou fazer nada de mau. Ele só vai se sentir um pouco mais cansado e dolorido que o normal, nada mais.

Em seguida, ela ficou de pé e foi até a porta do motorista da van antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Depois que ela se afastou, Finn soltou um suspiro profundo e veio caminhando em silêncio até mim.

– Então ela viu tudo dentro da minha cabeça, é? – Ele estremeceu.

– Pelo jeito sim. Você não sabia? – Ergui as sobrancelhas.

– Eu desconfiava. E isso explica muita coisa. Ela sabe exatamente o que eu estou pensando quase o tempo todo. – Finn franziu a testa e estendeu uma das mãos, puxando uma orelha. – Mas, sabe, eu também vi algumas lembranças dela.

Eu me virei para ele, em choque. Não fazia ideia de que as coisas podiam funcionar assim.

– Ah, viu?

– Vi, e ela não está mentindo. – Ele pegou uma pedra no chão e jogou na estrada com raiva. – Acho que ela pode ajudar a encontrar os ingredientes. E acho que você devia deixá-la ir com a gente.

A surpresa deve ter ficado bem evidente no meu rosto, mas Finn simplesmente deu de ombros e levantou. Fiquei sentado por mais algum tempo enquanto tentava encontrar as respostas certas. No fim, decidi que, se o cara de cujo corpo Chloe se apropriou achava que eu devia confiar nela, então estava na hora de começar a escutar.

A voz de Dan surgiu dentro da minha cabeça, me dizendo para não confiar em ninguém. Mas os motivos de Chloe tinham me abalado. Talvez fosse o momento de aprender alguma coisa com ela. Se não queria a minha vida como a do meu pai – guardando segredos de todas as pessoas próximas, sempre em fuga e fazendo sacrifício desde muito cedo –, então por que cometer os mesmos erros?

Isso era outra coisa que eu precisava falar com Parker sobre o nosso pai, quando eu o resgatasse dessa confusão – se ele ainda estivesse vivo, *com certeza* ele será resgatado. Por ora, não havia nada a fazer além de me agarrar às minhas esperanças e acreditar que o meu irmão estava bem. Eu não tinha outra escolha.

Finn observava o parque vazio em silêncio, esperando por uma resposta ou uma pista minha sobre o que pretendia fazer. Quando apoiei o peso nos pés para levantar, ele estendeu a mão para me ajudar, e eu aceitei.

– A esta altura do campeonato, Finn, acho que não estou muito em posição de recusar ajuda, qualquer que seja. Não avancei nada, e o tempo está passando.

– Ótimo. – Ele me lançou um olhar que era pura determinação. – Foi isso que eu pensei.

Talvez eu precisasse aprender a ser mais como Parker em vez de querer ensiná-lo a ser como o meu pai... e como eu. Uma boa forma de começar isso seria confiando mais em Finn. Ele já havia salvado

Parker mais de uma vez e de mais de uma maneira. Talvez pudesse me ajudar a fazer isso de novo.

Refleti atentamente, tentando escolher a forma ideal de conquistar sua simpatia... do jeito como Parker faria. Quando me veio a ideia, abri um sorriso.

– Aliás, eu estava pensando, e você tem razão. A nova fórmula precisa de um nome. Alguma outra sugestão?

Finn abriu o maior sorriso que vi em seu rosto desde que perdemos Parker. Ver sua expressão desse jeito fez a situação parecer estranhamente mais contornável.

– Eu tenho *um monte* de sugestões...

20

Parker

A imensidão branca do Vácuo parecia um lugar pacífico e tranquilo depois do pesadelo que era estar acordado naquela cela. No limbo que não era exatamente o sono, eu não estava com frio nem tremendo. Não estava com dor, nem alucinando, nem desolado. Não parecia que estava me afogando.

Pelo jeito, meus padrões tinham baixado um pouco nas últimas horas.

Tentei não dar vazão ao medo que sentia afundar como uma âncora dentro de mim. Quando Cooper me forçou a fazer contato visual com ele, talvez só quisesse garantir que eu não estava mais conectado a Libby. Talvez seu objetivo *não fosse* fazer conexão comigo. Como Cooper era um Apropriador, havia gente normal de sobra que lhe seria muito mais útil do que um Observador como eu. E, se ele tivesse feito contato visual com algum Sonhador, não estaria mais conectado a mim, e eu estaria sozinho.

Pelo menos eu já sabia como a coisa funcionava para mim. Mas, para ser sincero, alguns dos detalhes de como os Apropriadores funcionavam ainda eram um mistério.

As bordas do Vácuo começaram a se expandir e se contrair. Mantive os olhos fechados, ciente do que provavelmente estava por

vir. Quando as mentes de um Apropriador e de um Observador se fundiam, um negrume sufocante e escuro era criado. Passei duas noites preso numa coisa assim algum tempo atrás: o preto sólido e imóvel do estado comatoso de Chloe – que me permitiu me unir com o Sombrio e separar a mente de Finn e de Chloe – e, antes disso, a inconsciência sem sono de Cooper, que libertou o Sombrio de uma maneira inédita. Em ambos os casos, a conexão entre Apropriador e Observador bagunçou meu cérebro e tornou difícil até respirar, e odiei tudo.

Pelo jeito, ia começar de novo.

Nossos estados de inconsciência sem sono se fundiram, e a sombra escura de Cooper preencheu meu vazio até estar tudo preto e sem fim. Era como um oceano, e eu era uma jangada minúscula. Não dava para ver onde a escuridão começava e terminava. Estava por toda parte, não me deixava escapatória.

Era ainda pior do que eu me lembrava. Era como um poço de tinta que transbordava até preencher tudo, inclusive eu. Meus pulmões pareciam mais pesados, assim como meus olhos, que eu já não sabia se estavam abertos ou fechados. Tudo em mim tinha se afogado na escuridão.

Mas eu havia sido treinado para controlar meus sonhos. Aquele espaço era pelo menos metade meu, estávamos na minha mente. Se o plano de Cooper incluía me manter naquela escuridão espessa e pegajosa a noite toda, eu não ia facilitar as coisas para ele. Graças ao que Jack me ensinou sobre manipular sonhos, eu sabia como resistir e ia usar esse conhecimento.

Forcei meu coração disparado a diminuir o ritmo, e então imaginei a escuridão se amenizando para um tom de violeta. Começou a funcionar. Imaginei a mim mesmo em um piso escuro, com ar ao meu redor, e não um nada envolto na escuridão. Não foi

nada fácil. Meu cérebro doía, parecia um músculo distendido, mas no fim deu certo.

Eu estava sentado em uma pequena bolha que emanava uma luz fraca. Inalei profundamente o ar fresco e limpo. Era agradável, e a dor na minha cabeça começou a diminuir.

Antes que eu inspirasse de novo, tudo o que criei se desfez. O ar ao meu redor entrou em colapso, me fazendo tossir e quase sufocar. A pressão asfixiante se intensificava drasticamente. A densidade ao redor espremia cada centímetro da minha pele, e de repente tudo começou a vibrar com o som de uma risada. Cooper estava ciente de tudo. Estava me espremendo, me machucando... e curtindo.

O pânico surgiu na minha mente, e a minha necessidade desesperada por ar me fez reagir com uma força furiosa à mudança de atmosfera imposta por Cooper. De repente, o ar ficou outra vez mais límpido ao meu redor, e eu me encolhi todo, ofegante no chão, me concentrando em controlar a escuridão por alguns minutos para poder respirar. Minha cabeça latejava. Ouvi um grunhido grave e furioso, que ecoou por todo o sonho, tornando impossível localizar onde Cooper estava. Mas então percebi que *eu* tinha emitido esse som.

Uma gota de vermelho pousou no dorso da minha mão, era meu nariz que sangrava. Aprendi enquanto tentava separar Finn e Chloe que esse tipo de batalha mental tem consequências físicas sobre o corpo. Cooper também devia saber. Ele não era burro. Então o que estava fazendo?

Sua risada reverberou pelo ar escuro que afastei de mim. Podia ser só impressão minha, mas ele também parecia um pouco cansado.

– Pare com isso – gritei, e a risada foi interrompida antes que eu continuasse: – Não está sendo fácil para você também. Você vai

acabar matando nós dois.

– Você está falando como se a gente fosse a mesma coisa. – Em um instante, a voz de Cooper passou de divertida para fria e calculista: – Não é bem assim, Parker. Ainda não.

Ele fechou a névoa negra sobre mim outra vez, e tive que me esforçar para me livrar dela.

Passamos a noite toda assim. As horas pareciam dias, que por sua vez pareciam semanas. A batalha se tornou uma repetição incessante. A cada vez que Cooper derramava seu líquido preto e espesso sobre mim, mais difícil ficava me livrar. Quando eu conseguia afastá-lo, ele voltava à carga imediatamente. Minha esperança diminuía à medida que eu me dava conta de que talvez estivesse errado. Talvez fosse mais fácil para ele do que para mim.

Não houve mais risada nem conversa, só dor e cansaço extremo. Quando o sonho acabou e enfim pudemos acordar de novo, a poça de sangue ao lado do meu rosto era grande o suficiente para me assustar. Meu nariz e minhas orelhas ainda pingavam. Eu estava tão fraco que mal conseguia levantar a cabeça, e meus pulmões queimavam como se tivessem sofrido para respirar a noite toda.

Cada respiração, cada batida do meu coração exigiam mais esforço que a anterior. Como meu corpo poderia estar tão exaurido depois de apenas um dia e meio aqui? Como eu ia sobreviver a mais oito dias assim?

Quando abri a boca para falar, só pude tossir. Por fim, consegui chamar com a voz rouca:

– Você tá aí?

Shawn respondeu prontamente:

– Sim. Você tá bem?

– Não... Eles fizeram isso com você também no começo?

– Não exatamente. O Cooper parece decidido a fazer você sofrer.
– O tom de Shawn era quase de raiva. – Eles têm uma porção de drogas que estão testando... mais do que você já tomou até agora. É melhor se preparar para o que vem pela frente. O Cooper tem até uma que deixa a mente dele mais poderosa.

– Como assim, “poderosa”? – Não entendi. Eles tinham sua própria versão do Eclipse?

– Ele pensa que é isso que está esticando seu tempo de vida, e pode até ser.. – A voz de Shawn falhou antes de continuar: – Mas definitivamente tem alguns efeitos colaterais desagradáveis.

– Achei quase impossível ir contra ele. – Encolhi meu corpo inteiro quando uma nova onda de dor me fez ranger os dentes. – Isso tem a ver?

– Provavelmente. Mas também está deixando o cara maluco. – As palavras seguintes de Shawn foram tão baixas que mal o escutei: – Ele está perdendo a humanidade.

Não consegui segurar o grito com uma pontada de dor que parecia que ia expulsar minha coluna vertebral para fora do meu corpo. Depois que passou, fiquei todo trêmulo.

– Eu não sabia que ele j-já foi humano.

Houve um silêncio por alguns instantes até Shawn responder:

– Escute só, eu sou testemunha do que ele é capaz e, tomando por base o que fizeram com você, eles não estão a fim de pegar leve. Ainda não acabou, você vai ter que ser forte.

Cooper falou que eles não iam me matar, apenas me fazer querer morrer. Agora eu acreditava que ele era perfeitamente capaz disso.

– Tinha alguém aqui antes de mim? Foi isso que você quis dizer quando falou que é “testemunha”? – perguntei.

Shawn hesitou por um momento antes de eu enfim voltar a ouvir sua voz:

– Tinha. Mas você é mais forte. Acho que, se não desistir, vai ficar bem.

Me afastei da parede, olhando para aquela superfície como se fosse capaz de ver através dela.

– Por que você está aqui?

– Porque eu parei de dizer sim. – O remorso era perceptível em sua voz mesmo através da parede.

– Você trabalhava pra eles? – murmurei, horrorizado.

– Por um tempo, sim. – Shawn não parecia estar se defendendo, apenas contava sua história. – Até eu finalmente dizer não. Falei que não ia fazer mais nada.

Esperiei que ele continuasse, mas, como ficou em silêncio, terminei a frase eu mesmo:

– E foi assim que você veio parar aqui.

– Isso mesmo. – Ele suspirou.

Me encolhi com ainda mais força e estremei enquanto tentava me manter acordado. Shawn falou que o pior ainda estava por vir. Quando meu irmão chegasse para me ajudar, ele seria capaz de me reconhecer?

Eu seria?

21

Jack

Wendy era definitivamente só uma Sonhadora... e das mais tediosas. As camadas de seus sonhos se acumulavam umas sobre as outras. Estavam repletas de tarefas mundanas, como limpar a casa, fazer algumas coisas na rua, jantar com o marido. Era como nadar em um caldo de normalidade.

Esfreguei os olhos de novo e tentei me concentrar nos detalhes, em busca de algo que parecesse estranho ou fora de contexto. No entanto, não parecia haver nada para encontrar ou para ver.

Passeando pelo sonho, me preparei para abordar Wendy. Era quase um hábito, saber como e quando me misturar ao cenário e quando aparecer no sonho de um Sonhador. Mesmo assim, quando estava *tão* cansado, como naquele momento, isso exigia certa concentração. Imaginei a mim mesmo como parte da cena ao redor, me camuflando na cozinha até ficar quase invisível. Em seguida, direcionei a mente dela para onde *eu* queria, guiando seus pensamentos para as lembranças do meu pai.

Geralmente, quando recordações eram evocadas, as mais recentes vinham primeiro. Então franzi a testa quando surgiu uma lembrança da adolescência. Wendy falou que eles tinham se encontrado recentemente, não? Passeei rapidamente entre as

diferentes memórias, tomando o cuidado de não deixar escapar nada importante até passar para a seguinte. Apenas depois de passar por quase todas cheguei à mais recente. Por algum motivo, não estava vindo à superfície como as outras, mas dava para sentir sua presença nos recônditos da mente. Ainda assim, não conseguia fazê-la se lembrar totalmente, o que era estranho. Isso era fácil com outros Sonhadores.

Confuso, vi quando ela se voltou de novo para uma lembrança mais antiga. Isso não fazia sentido. Tinha alguma coisa estranha acontecendo.

Franzi a testa e me concentrei, tentando guiar seus pensamentos para onde eu queria que fossem, mas parei quando Wendy fez uma careta. Tentei forçá-la mais, porém isso lhe causou dor física. Retirando a mão com cuidado, deixei que ela percorresse todas as lembranças do meu pai quando me afastei para tentar descobrir o que estava acontecendo. Que esquisito. Nunca vi *nada* parecido em sonhos antes. Um Apropriador poderia ter bagunçado a memória dela assim?

Não, isso não fazia sentido. Os Apropriadores não conseguiam acessar, e muito menos controlar e manipular, lembranças e sonhos.

Mas Observadores, sim.

O meu pai.

Meu coração acelerou, e pela primeira vez em várias horas me senti próximo de fazer algum progresso. Respirei fundo para me acalmar e me preparei para abordar Wendy de novo. Voltei para mexer nas outras lembranças e me agarrei àquela que sabia querer. Quando senti a mesma resistência de novo, fechei os olhos e investiguei suas formas na minha mente.

Todas as memórias de um Sonhador eram interligadas. Estavam vinculadas a outras lembranças, pensamentos e sentimentos, tudo

envolvido em uma esfera convoluta de personalidade. Meu pai me ensinou a encontrar essas conexões, localizar o ponto onde uma recordação se juntava a outra.

Nunca encontrei um Observador capaz de navegar na mente de um Sonhador como o meu pai, e ele foi um bom professor.

Então aquilo podia ser outra de suas armadilhas. Uma nova maneira que ele encontrou de garantir que ninguém mais obteria essas informações a não ser a única pessoa totalmente treinada por ele. Mais uma forma de ter certeza de que só *eu* poderia descobrir a resposta...

Um pontinho no meio das lembranças era um pouco mais flexível que os outros. Mexi nesse local, que cedeu, enquanto o restante ficou no lugar. Arregalei os olhos ao ver o pensamento ou a recordação que liberei, mas o ar ficou preso na minha garganta, e meus pulmões travaram com o que vi diante de mim.

Era como se eu tivesse me transformado em uma imagem estática, enquanto uma versão viva do meu pai se libertava e se colocava diante de mim.

Ele sorriu para mim, mas não disse nada.

Meu peito queimou por causa da falta de oxigênio, e finalmente me lembrei de respirar, em um gesto repentino e trêmulo.

– Pai?

Como se a minha voz fosse a deixa necessária, ele falou:

– Enfraqueço você, mas também o mantenho seguro. Suas mãos transpiram quando estou por perto, e seu coração fica gelado. Geralmente ando com o fraco, mas quase nunca com o ousado.

Pisquei algumas vezes e sacudi a cabeça, confuso.

– Quê?

Ele repetiu:

– Enfraqueço você, mas também...

Fiz um círculo ao seu redor, ignorando as palavras, mas prestando atenção a todo o resto. Suas roupas, que permaneciam na mesma posição quando ele se virava para mim, seus olhos, voltados sempre para o mesmo ponto, mesmo se eu me movesse alguns passos para a direita ou para a esquerda. Um sorriso tristonho se abriu no meu rosto. Meu pai sempre quis poder inserir algo desse tipo... ele finalmente devia ter descoberto como.

– Você plantou uma memória em *looping* – murmurei, e ele parou de falar.

A palavra “enterrado”, escrita no pedaço de papel que meu pai deixou, me veio à mente. Sacudi a cabeça. Pelo jeito, ele estava se referindo a mais coisas além da caixa.

A imagem do meu pai ficou à espera. Era uma charada. Ele sempre adorou charadas e quebra-cabeças, que às vezes assumiam um caráter violento e com consequências reais em caso de uma escolha errada – o que ficou bem claro no caso da caixa explosiva.

Eu me concentrei em Wendy de novo, já que tudo isso tinha sido plantado em seu subconsciente.

– Repita, por favor.

Meu pai fez conforme o solicitado:

– Enfraqueço você, mas também o mantenho seguro. Suas mãos transpiram quando estou por perto, e seu coração fica gelado. Geralmente ando com o fraco, mas quase nunca com o ousado.

Brincávamos muito disso quando eu era mais novo. Ele me dava apenas uma chance; se eu errasse, perdia.

Repeti a charada para mim mesmo algumas vezes até entender como resolvê-la.

– É o medo – falei bem baixinho.

Subitamente a imagem sorriu, e fui varrido por uma onda de dor e perda que estava fazendo de tudo para manter sob controle.

A resposta certa liberou toda a lembrança. Ela se abriu em uma imagem e, como tinta derramada de uma lata gigante, preencheu todas as superfícies existentes antes de se infiltrar no sonho. Minha atenção se despreendeu de Wendy nesse momento.

Meu pai e Wendy estavam ao lado de um carro no estacionamento de um mercado. Ele falava baixinho com ela:

– Preciso da sua ajuda. Meus filhos estão em perigo e, se alguma coisa acontecer comigo, vão procurar você. Preciso que você se lembre de dizer isto a eles. – Ele estendeu um pedaço de papel diante dela. Em letras garrafais ele havia escrito: $C_{10}H_{13}N_5O_4$ – $C_{10}H_{13}N_5O_4$ – $C_{10}H_{13}N_5O_4$.

Meu cérebro entrou em parafuso ao se lembrar de todos os compostos que meu pai tinha me ensinado. Aquele me parecia familiar. Demorou um tempo para que eu me acalmasse a ponto de reconhecer do que se tratava: adenosina. Uma purina nucleosídeo usada para transferência de energia. Fazia sentido.

Finalmente eu tinha encontrado um dos ingredientes faltantes!

Wendy, por sua vez, parecia confusa.

– O que eu tenho que fazer com isso, Daniel? Como posso ajudar seus filhos?

– Não se preocupe. Se eles encontrarem você, o Jack vai entender. Não se esqueça disto também. – Meu pai virou o papel, e no outro lado eu li: *Veronica Nelson – em Franklin*. Em seguida, ele baixou o bilhete.

– Danny, eu não vou conseguir me lembrar de tudo isso. – Wendy parecia sinceramente preocupada, o que fazia todo o sentido.

Nos poucos segundos em que tinha visto o papel, ninguém seria capaz de reter tanta informação sem anotar. Mas a verdade era que meu pai não queria que ela lembrasse. Só precisava que o *cérebro* dela lembrasse... e entraria nos seus sonhos naquela noite para

garantir. Ele reforçou a lembrança e a protegeu de modo que não desaparecesse nem caísse em mãos erradas.

Apesar de ser um Dividido e de ter o peso de uma guerra sobre os ombros, ele ainda era mais esperto que qualquer outra pessoa que conheci.

Mais um detalhe que eu jurei que contaria para Parker... assim que eu o resgatasse.

Meu pai sorriu e abraçou Wendy.

– Não se preocupe. Você vai lembrar. Prometo. – Em seguida, ele a olhou bem nos olhos e falou: – Diga pros meus filhos que eu amo muito os dois e lamento muito por tudo.

Wendy deu um tapinha no ombro do meu pai.

– Tenho certeza de que você vai ter a chance de dizer isso pessoalmente.

Abraçaram-se de novo e, enquanto ele a ajudava a entrar no carro, a lembrança se desfez. Tive que me esforçar para não me deixar levar pela dor. Era uma ferida ainda recente, e naquele momento me lembrei das palavras de Marisol sobre a perda da minha mãe: *Sentimos falta dela porque ela era importante para nós. Não tire isso da sua mãe. A perda dela faz diferença.*

Meu peito doía por tentar segurar tanta mágoa, então fui deixando que ela saísse aos poucos. Já estava na hora de a perda do meu pai fazer diferença.

O silêncio do sonho melancólico que se seguiu refletia minha sensação de perda. Wendy estava pintando a cerca sob o sol da tarde, com os passarinhos cantando no céu, e finalmente deixei que viessem à tona as lembranças do meu pai e de tudo o que eu tinha perdido... o que Parker e eu tínhamos perdido.

Aqui, neste mundo de sonho alterado por ele, encontrei o último esforço do meu pai para salvar os Sonâmbulos. Aquele era o lugar

ideal para me despedir. Baixei a cabeça quando os soluços começaram a sacudir os meus ombros. Vê-lo de novo foi muito mais difícil do que eu esperava.

Os sonhos de Wendy prosseguiram sem mim, e eu deixei de resistir. Vinha me esforçando demais para manter as lembranças dolorosas com o meu pai longe da superfície. Era uma batalha que precisava terminar naquele momento. Senti aquele peso se aliviando pouco a pouco. Aquelas lembranças me faziam sofrer, mas me ajudavam também, e eu precisava desesperadamente dessa ajuda. Nunca deixaria de sentir falta dele, mas, pelo menos por ora, graças a essa pista, tinha uma esperança de encontrar o caminho que o meu pai queria que eu seguisse. Havia uma chance real de voltar a ver Parker.

Por enquanto, isso bastava.

+++

Chloe não descobriu nada de novo com Aaron – em grande parte porque, como constatei nos sonhos de Wendy, na verdade eles não tinham escondido nada de nós.

Mas o meu pai, sim.

Como dormimos na van, paramos em um posto de serviços para tomar banho e comer antes de voltar à estrada. O surpreendente foi que a pessoa que mais reclamou das nossas condições de viagem foi Finn.

– Eca! Pensei que finalmente tinha me livrado dos chuveiros coletivos depois que acabaram as aulas de Educação Física – ele grunhiu, mas foi tomar banho assim mesmo.

A cidade de Franklin e as duas Veronica Nelson que viviam por lá estavam a apenas três horas de viagem. Finn ligou para elas, mas as ligações caíram na caixa postal, por isso não deu para descartar

nenhuma. E então ele começou a insistir para passarmos na casa de Parker para explicar a situação para a sra. Chipp, Addie e Mia antes de seguir viagem.

Por mais que eu não quisesse contar nada à mãe de Parker, tinha prometido a Finn. E Oakdale ficava no caminho de Franklin, então não tinha como justificar deixar para de-pois, não importava o quanto eu tentasse.

Além disso, quanto mais pensava a respeito, mais ficava claro para mim que era melhor tirar a mãe de Parker daquela casa. A última coisa de que eu precisava era que Cooper resolvesse fazer mais reféns.

Chloe tirou a chave da minha mão quando saímos do posto e voltamos para a van. Em dois passos eu a alcancei, mas ela a guardou no bolso e sacudi a cabeça quando estendi a mão.

– O que você pensa que está fazendo? – questionei.

– Eu dirijo. – Ela me olhou como se eu tivesse feito uma pergunta idiota, e talvez fosse mesmo.

– E quem disse que vou deixar? – Pus a mão na porta do motorista, mantendo-a fechada enquanto me postava ao lado dela, tentando intimidá-la para recuperar a chave. Pela maneira como ela cruzou os braços, não parecia estar funcionando.

– Você precisa dormir. Se for como com a Wendy, você vai precisar entrar nos sonhos dessa tal Veronica hoje. É melhor passar a viagem se recuperando um pouco com a Libby. – Ela ergueu uma sobrancelha e inclinou a cabeça para a frente. – E nem tente me dizer que não está cansado ou que não precisa. Uma Apropriadora conhece a exaustão melhor que ninguém.

Pensei em retrucar a parte de estar cansado, mas era uma afirmação incontestável, então mudei de tática.

– Você também está exausta.

Chloe engoliu em seco e baixou a cabeça.

– Mais uma razão pra gente pegar logo a estrada. Não tem nada que eu possa fazer aqui pra resolver o *meu* cansaço.

Respirei fundo. Era como se o risco de morte dela tivesse sido jogado na minha cara. Por mais que eu quisesse a fórmula para salvar Parker, era meu desejo salvar Chloe também. A ideia de ela morrer porque não consegui resolver o quebra-cabeça me deixava estranhamente ansioso e em pânico. Eu detestava essa sensação – não estava gostando da confusão que despertava em mim. De repente, senti a necessidade de fazer alguma coisa para remediar essa situação, mas sabia que já estava fazendo todo o possível.

Então simplesmente fiquei sem reação, parecendo tão impotente como me sentia.

Finn apareceu junto à van. Estava usando uma camiseta limpa, na qual se lia: “E, apesar dessa expressão na minha cara, você continua falando”. Ele esbarrou em Chloe, e a força do impacto foi suficiente para fazê-la cair sobre mim.

– Parem de discutir! Eu dirijo. Vocês dois precisam dormir... ou o que quer que façam quando fecham os olhos.

Ele estendeu a mão para pedir a chave. Chloe se firmou sobre os pés de novo, tirando a chave do bolso. Tive a impressão de que seu rosto ficou vermelho quando ela contornou a frente da van e se acomodou no assento dianteiro.

Libby já estava se ajeitando no último banco quando abri a porta. Ela bateu no assento ao seu lado e abriu um meio sorriso, que de forma nenhuma se refletiu em seus olhos. Eu me perguntei se algum dia ela voltaria a ser como antes, e se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para isso. Ela voltou a olhar pela janela quando me sentei ao seu lado e pus o cinto de segurança.

– Libby? – chamei. Quando ela não respondeu, resolvi pedir: – Você pode ajudar a me curar durante a viagem? Estou ficando bem cansado.

Ela concordou com um gesto lento de cabeça e se virou para me olhar nos olhos, garantindo nossa conexão. Em seguida, encostou a cabeça na janela, fechou os olhos e se preparou para dormir. Não demorei muito para me juntar a ela.

+++

Libby estava sentada em silêncio em uma nuvem branca quando entrei em seu sonho. Não havia nada acontecendo, mas dava para sentir uma tensão pesada no ar. Era como se ela estivesse escondendo emoções, pensamentos e sentimentos de mim. Isso me atingiu como uma punhalada nas costas. Eu sabia que às vezes ela ocultava um pensamento ou uma lembrança, mas nunca, nem uma vez sequer, tentou esconder tudo o que sentia.

– Libby, o que você está fazendo...

– A gente precisa começar. O tempo é curto – ela interrompeu, segurando a minha mão. Me puxou até que eu me deitasse na nuvem ao lado daquela em que estava sentada. Depois estendeu a mão e pôs os dedos na minha cabeça.

– Espere. – Eu sentei, e as mãos dela caíram. – Fale comigo primeiro, Lib. Estou preocupado com você.

Ela ficou me observando em silêncio, como se estivesse com medo do que ia dizer.

Suspirei:

– Você ia ficar melhor lá em Cypress Crest? Pensei que trazer você comigo fosse ajudar, mas se não...

Libby apoiou os joelhos sob o queixo e os envolveu com os braços. Seus olhos brilhavam com uma determinação teimosa que

eu conhecia até demais.

– Você precisa de mim aqui – ela se limitou a afirmar.

– Preciso que você fique bem. – Segurei sua mão. Ela olhou para a mão dela na minha e passou o polegar sobre as minhas juntas.

– Nem sempre você vai conseguir cuidar de todo mundo ao seu redor, Jack – ela falou tão baixinho que mal pude ouvir.

– Posso cuidar de *você*. – Baixei a cabeça até conseguir encará-la. – Você é minha melhor amiga, Lib. Me deixe ajudar.

Ela sacudiu a cabeça, soltando a mão antes de responder:

– Estou bem.

– Libby... – Lancei um olhar como quem dizia que nós dois sabíamos que ela estava mentindo.

– Está certo, não estou bem. – Libby soltou um grunhido longo e grave. – Mas vou ficar assim que souber que essa Apropriadora não está mais manipulando você a ponto de não enxergar mais a verdade. Enquanto você não tomar juízo, não vou a lugar nenhum.

Sacudi a cabeça, confuso.

– Está me dizendo que só está aqui porque acha que precisa me proteger da Chloe?

Ela não olhou para mim, mas também não respondeu.

– Ela não está me manipulando. – Pelo meu tom de voz, deixei bem claro que era uma ideia ridícula.

– Se você não relaxar, não temos por que continuar fazendo isto. – Libby parecia determinada a encerrar a conversa. Sua voz estava marcada pela raiva, e ela bateu na nuvem outra vez para que eu me deitasse.

Queria que ela falasse comigo, mas sabia que insistir só ia afastá-la ainda mais. Eu me resignei a parar de brigar e com relutância apoiei a cabeça onde ela me indicou. Teria que esperar até que ela estivesse pronta... gostando ou não.

Seus dedos pressionaram o meu cérebro, e tentei me livrar de todas as preocupações que se juntavam em nódulos de dor dentro de mim. Não queria que ela se sentisse assim; no mínimo queria protegê-la tanto quanto possível. Eu era parcialmente responsável pelas mortes e por todo o sofrimento que presenciei ultimamente. Seria Libby, minha melhor amiga, a pessoa que enfim começaria a me culpar pelo rastro de destruição que deixei?

Soltando um suspiro profundo, tentei relaxar quando senti que ela estava puxando os fios que criavam os nós dentro da minha mente. O medo e a tensão começaram a se dissipar. O alívio foi imediato, mas o fato de Libby estar me curando me parecia um tanto errado. Eu queria estar fazendo isso por ela, na verdade. Ela podia até me odiar, caso isso a fizesse se sentir melhor – qualquer coisa que trouxesse de volta a Libby que sempre conheci valia a pena, com certeza.

Antes de enfim cair em um sono pacífico, meu último pensamento foi que o meu maior desejo era que a Libby voltasse a ser a Libby.

Se de alguma forma eu pudesse fazer isso acontecer, talvez o restante do mundo se ajeitasse sozinho.

+++

Libby me sacudiu para me acordar algumas horas depois, com um leve sorriso no rosto. Fiquei desorientado, como se estivesse acordando em um universo paralelo onde tudo estava melhor...

Na verdade, talvez essa fosse a minha *esperança*.

– Estamos na casa do Parker – ela falou baixinho enquanto eu me sentava. – Está se sentindo melhor?

Alonguei alguns pontos doloridos nos músculos, mas era quase um milagre a maneira como eu tinha melhorado em um período de

tempo tão curto.

– Muito. Obrigado, Libby.

– De nada. – Ela balançou a cabeça e apertou minha mão. – E obrigada por me lembrar que eu não sou a única que está sofrendo.

Senti meu rosto ficar vermelho, mas continuei segurando sua mão. Não que fosse possível esconder segredos de uma Construtora, mas minha intenção não era despejar minha dor em cima dela. Libby já tinha problemas demais com que lidar. Mas, por algum motivo, ela parecia bem melhor... E, se o que causara isso tinha sido a preocupação e a dor que eu vinha sentindo, tudo bem por mim.

Antes mesmo de sairmos da van, Addie e Mia já estavam lá para nos receber. Finn tinha ligado para avisar que estávamos a caminho; segundo ele, ouvindo as más notícias juntas, elas poderiam lidar melhor com a situação.

Não entendi, mas era o que acontecia com todas as coisas que diziam respeito a famílias normais, então simplesmente acenei com a cabeça e deixei rolar.

Quando Addie notou que Parker não estava na van, ela ficou pálida e se virou para Finn.

– Cadê ele? – Seu tom de voz ficou um pouco agudo. A mãe de Parker estava na varanda, e percebi quando sua mão se agarrou ao gradil.

Conseguimos fazer todas elas entrarem e sentarem antes de começarem a nos encher de perguntas – ou melhor, a exigir que contássemos exatamente o que estava acontecendo. Eu ainda estava pensando no que dizer quando Libby tomou a frente para ajudar a resolver o problema:

– Parem com isso! – Libby ergueu o tom de voz, e todo mundo se virou para olhá-la. Ela parecia meio desvairada, com os cabelos ainda bagunçados pelo sono. Seus olhos pousaram sobre cada

pessoa na sala, exceto Chloe. – Nós achamos que o Parker está vivo e estamos tentando resgatá-lo, mas se não ouvirem a explicação de tudo só vão gastar o tempo do Jack, que já é curto.

Finn remexeu o corpo todo durante o constrangido momento de silêncio que se seguiu.

– Sra. Chipp, Addie, Mia... hã, esta é a Libby. Ela é uma Construtora e amiga do Jack. Ela está tentando ajudar a gente – ele disse.

Ficaram todas em um silêncio perplexo enquanto eu explicava tudo o que elas não tinham visto: que Cooper e Thor estavam com Parker, que queriam o Eclipse e que estávamos fazendo tudo o possível para trazê-lo de volta são e salvo.

Quando terminei, a mãe de Parker se levantou e veio até mim. Ela me olhou bem nos olhos. Seu queixo tremia e seus olhos estavam marejados, mas ainda não havia lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

– O Parker é seu *irmão*.

O fato de ela me lembrar disso como se fosse algo que eu não soubesse me atingiu como um soco no estômago.

– Pois é. Desculpe. – Eu a encarei e, sem que ela dissesse palavra, o sofrimento estampado em seu rosto me deixou sem ar. Minha garganta se fechou, e a emoção se tornou difícil demais de controlar. Eu era responsável por ele. Qualquer que fosse a dor que estivessem lhe infligindo no momento, a culpa era minha. Cerrei os dentes e desviei o olhar, incapaz de continuar vendo a agonia que eu deveria ter sido capaz de evitar. Minha voz estava trêmula quando voltei a falar: – Se eu pudesse trocar de lugar com ele, faria isso. *Por favor*, acredite em mim, eu faria isso.

– Nunca mais me fale sobre trocar de lugar com ele, entendeu bem? – Seus olhos castanhos me encararam com tanta autoridade

que senti que não havia opção a não ser obedecer.

Fiz que sim com a cabeça.

Ela deixou escapar um soluço, e as lágrimas escorreram pelo seu rosto.

– Você consegue *salvá-lo*, Jack?

Confirmei com outro aceno de cabeça, forçando minha voz a parecer confiante quando respondi:

– Acho que sim.

– Então não venha me falar em trocar de lugar com ele. Só se preocupe em fazer vocês dois voltarem para cá sãos e salvos. – Ela estendeu os braços e me envolveu pelo pescoço em um abraço apertado.

A princípio meus braços estendidos ficaram parados em pleno ar. Em seguida, fechei os olhos e retribuí o gesto, liberando um pouco da tensão, da pressão e do peso que carregava nos ombros. Aproveitei o momento para dividir o meu fardo com alguém. Eu tinha medo de que me aproximar da mãe de Parker fosse parecer uma tentativa de substituir a minha. Em vez disso, porém, ela parecia alguém com quem contar e em quem confiar, uma pessoa que gostava de mim e queria me ajudar.

Quando me afastei, ela sorriu para mim e limpou uma lágrima do rosto.

– Certo, então o que mais eu posso fazer pra ajudar?

22

Parker

A exaustão estava cravando as garras em mim, me envolvendo como uma segunda pele. Até para piscar eu tinha que me esforçar. Erguer os braços ou as pernas era como mover montanhas. Em pouco tempo essa fadiga se entranharia no meu DNA, se tornaria parte de quem eu sou – um componente da minha identidade.

Fiquei entrando e saindo do Vácuo o dia todo. Pouco tempo antes, me movimentar exigia um esforço tremendo, mas já estava um pouco melhor. Eu nunca tinha sentido tanta saudade da Addie... não a versão de pesadelo que apareceu na noite anterior, e, sim, a *minha* Addie. Eu queria ver seu sorriso, beijá-la, segurar sua mão. – O mais importante no momento, porém, era *sobreviver*. Eu sentia uma falta agonizante dos seus sonhos e do seu toque curativo.

Para ter alguma chance de fugir, no entanto, eu precisava descobrir qual era o objetivo de Cooper com tudo aquilo que estava fazendo comigo. Ele era apenas um simples sádico ou tinha um propósito em mente? O que ele queria comigo enquanto me mantinha como seu prisioneiro?

Se eu descobrisse, poderia ter uma chance de encontrar o ponto fraco de seu plano. Jack teria sido capaz de fazer isso se estivesse aqui no meu lugar. E, quando acontecesse, na certa ia arrumar um

jeito de fugir. Como nós éramos pelo menos cinquenta por cento parecidos em termos de genética, eu tinha meia chance de fugir sem acabar morrendo.

A essa altura, parecia um risco que valia a pena correr. Principalmente se isso fosse me poupar de mais uma noite de batalha mental com Cooper ou de ser afogado com aquela toxina.

Mesmo semiadormecido, estremei. Havia poucas coisas piores que pudessem fazer comigo além do que já tinham feito.

Totalmente desperto outra vez, estreitei os olhos diante da claridade da cela. Não conseguia enxergar nada. Estava tudo quente e ofuscante, como se houvesse um sol em miniatura dentro do recinto. A princípio, foi impossível distinguir algum detalhe do ambiente ao redor.

Erguendo a mão direita para produzir uma sombra sobre os olhos, pisquei algumas vezes, tentando forçar minha visão a se ajustar o suficiente para enxergar com clareza. A primeira coisa que percebi foi que o sangue que apareceu no chão ao meu lado depois de acordar daquele sonho não estava mais lá. Em seguida, percebi que não era o sangue que tinha sumido, e sim o chão de cimento em que estava deitado. Aquele cômodo era outro. Deviam ter me movido enquanto eu estava inconsciente. O chão sob o meu corpo agora era de cerâmica branca, as paredes eram brancas, inclusive o teto. Era tudo branco.

Eu não fazia ideia de onde estava, mas com um pouco de sorte podia ser um lugar não tão embrenhado no subsolo. Com tanta cerâmica branca, podia ser originalmente uma cozinha. Talvez fosse um cômodo mais próximo da saída. Talvez ter sido levado até ali pudesse significar uma chance de fugir.

A luz parecia vir de todos os lados, mas logo percebi que era mais um efeito visual dentro do cômodo do que a realidade.

Lâmpadas fluorescentes fortíssimas cobriam quase todo o teto. Além disso, havia vários refletores pendurados por fios curtos por todo o recinto. Os refletores estavam apontados para o local onde eu estava deitado no chão. A iluminação, combinada com a brancura absoluta de todas as superfícies, fazia a cerâmica branca brilhar.

Estranho... mas mesmo assim um grande avanço em relação ao local onde eu estava antes.

Pelo menos ali estava limpo. Isso era bom, apesar de me fazer notar o quanto *eu* tinha me sujado nas vinte e quatro horas anteriores.

Dolorosamente eu me pus de pé, sentindo minha cabeça latejar. Minhas mãos ficaram apoiadas nos joelhos até a sala parar de rodar. Caminhei devagar até a porta e tentei virar a maçaneta, mas estava trancada. Comecei a socar a porta até minhas mãos doerem... Ninguém apareceu. Encostei a orelha na porta e fiquei escutando; do outro lado, só havia o silêncio.

Me afastei da porta e deitei encolhido no chão, de frente para a entrada. Observei as dobradiças e, olhando ao redor do recinto, procurei por alguma coisa para arrancá-las.

A única coisa lá dentro era eu.

Decepcionado, pus o braço na frente dos olhos e tentei descansar um pouco mais no Vácuo até alguém aparecer. Mas, com uma luz tão forte, demorei alguns minutos para relaxar. Quando comecei a cochilar, uma sirene escandalosa ecoou pelo cômodo e me sentei recostado à parede com o coração a mil, procurando com os olhos a fonte do ruído.

Nada mudou, e o silêncio se fez de novo. Depois de alguns minutos, meus olhos começaram a se fechar outra vez. De novo, a buzina soou no momento em que eu estava quase dormindo.

Maravilha. Era mais uma tática de privação. Eles queriam me impedir até de entrar no Vácuo. Se minha cabeça já estava latejando antes, toda vez que a buzina tocava parecia rachar meu crânio ao meio.

Então a porta se abriu, e Cooper entrou. Meus olhos esquadriharam o corredor do lado de fora, mas não encontrei nenhuma pista do local onde poderia estar. Parecia idêntico ao corredor da outra cela... então meu palpite era que não tinha sido movido para muito longe.

Meus ombros despencaram, e observei Cooper com cautela. Havia um homem baixinho atrás dele, com uma maletinha branca. Eles deixaram a porta aberta. Antes que eu pudesse pensar em fugir, vi os guardas do lado de fora da porta.

Voltando a atenção para o estranho, vi que estava todo de branco e tinha um tom de pele pálido e fantasmagórico que quase o camuflava no cômodo. Demorei alguns segundos para reconhecê-lo como o médico que tinha cuidado do corpo de Chloe na noite em que entramos na base para encontrar o meu pai.

Quando estreitei os olhos na sua direção, ele se virou para mim, e até perdi o ar.

Seu lado direito – do pescoço, do rosto e a mão – estavam cobertos de pele em carne viva e queimaduras ainda em fase de cicatrização. Ele devia ter sido atingido pela explosão provocada pelo meu pai. O ódio em seu olhar era tão intenso que até me encolhi um pouco mais junto à parede.

– Ah, é verdade. Você já conheceu o dr. Rivera, né? – Cooper sorriu, e quando se virou para o médico vi uma gota de sangue seco em sua orelha. Pelo menos tive a certeza de que não fui o único a sofrer na batalha da noite anterior.

Com um sorriso malicioso, Cooper continuou:

– O doutor se lembra de você.

O dr. Rivera abriu a maleta. Lá dentro havia dezenas de frascos, uma infinidade de cores e consistências. Ele ergueu uma seringa e um frasco com um líquido preto sinistro e começou a extrair uma dose generosa com a agulha. Seus olhos me acompanhavam o tempo todo, como se eu fosse explodir tudo como meu pai se ele não me vigiasse.

Quem me dera.

Mas como eu não tinha nada inflamável por perto, nem ao menos uma caixa de fósforos, estava na cara que eles não corriam risco comigo. Colei ainda mais na parede, tentando me afastar de Cooper e do médico furioso.

– O que é tudo isso? – Apesar do meu esforço, minha voz soou tão medrosa como eu me sentia, e vi o sorriso de Cooper se alargar.

– O líquido preto é o seu remédio, Parker. Os outros frascos são para coisas diferentes. Depende de qual objetivo o dr. Rivera e eu pretendemos realizar.

– Objetivo? – minha voz saiu um pouco esganiçada. Cooper não respondeu, e eu olhei para a cerâmica branca ao meu redor. – Por que vocês me trouxeram pra cá?

– Mandei arrumar esta sala porque é muita preguiça sua tentar cochilar o dia todo. Nós queremos que você tenha um ciclo de sono mais regular. – Cooper balançou a cabeça. – É mais saudável, sabe.

– Sei. Que bom saber que você se preocupa com a minha saúde – respondi, exalando sarcasmo em cada sílaba. – Se disser que essa gosma preta é pra você eu até posso acreditar.

– Ah, isto? – Ele deu uma risadinha. – Esta droga especificamente não faria nenhum efeito em mim.

Ele fez um gesto atrás de si, e dois dos Apropriadores que ajudaram a me tirar do carro entraram no recinto. Tentei rastejar

para longe, mas eles foram mais ágeis. Agarraram meus braços e me puseram de pé. Foi um movimento rápido demais, e a sala começou a girar. As periferias do meu campo de visão escureceram antes de enfim tudo voltar ao normal.

O dr. Rivera terminou de encher a seringa e guardou o frasco de volta no bolso. Ele caminhou até mim e posicionou a agulha diante do meu rosto, me obrigando a encará-la. Em seguida, sorriu, entregou a seringa para Cooper e passou um algodão com álcool para desinfetar o meu braço.

– É uma pena seu pai não estar aqui pra ver isto. – A voz do dr. Rivera era anasalada como eu me lembrava da primeira vez que nos vimos. – Pelo menos em parte ele ia ter gostado do experimento.

– O que você está me dando? C-como assim *experimento*? – Fiquei vendo quando ele tirou a seringa de Cooper e a levou até o meu braço.

A adrenalina pulsava nas minhas veias, me fortalecendo temporariamente. Comecei a espernear, o que obrigou os guardas a me prensarem contra a parede. A mão de um deles escorregou, e aproveitei a oportunidade para dar um soco no nariz do que ainda me segurava. Ouvi um estalo, e ele gritou e me largou. A dor subiu pelo meu pulso após o impacto, mas senti uma alegria sinistra ao ver o nariz do sujeito começar a sangrar.

O guarda cuja mão escorregou se recuperou a ponto de pular nas minhas costas, me derrubando de quatro no chão. Meus braços cederam sob seu peso, e meu rosto doeu quando ele o empurrou contra o chão de cerâmica. Eles me viraram, cada um segurando um braço ou uma perna.

Prendi a respiração quando o dr. Rivera enfiou a agulha no meu braço e apertou o êmbolo, injetando a gosma preta dentro do meu corpo. Tentei manter a respiração sob controle, mas a frequência do

meu pulso parecia ter dobrado antes mesmo de a agulha ser inserida.

E então os outros efeitos da droga me atingiram com a força de um caminhão desenfreado.

A sala ao meu redor se inclinou levemente para um lado e depois para o outro. Tudo ao meu redor parecia escurecido de uma maneira nada natural. Me concentrei no rosto de Cooper, tentando entender o que estava acontecendo.

– O que você fez comigo? – minha voz ecoou de um jeito estranho, as palavras se embaralharam.

Cooper deu risada.

– Seu pai pode ter causado muitos inconvenientes, mas também era um gênio. Ele tinha uma teoria, sabe, de que os diferentes tipos de Sonâmbulos não eram tão diferentes em termos biológicos.

Parecia que eu não estava mais dentro do meu corpo. Estava pairando sobre mim mesmo, mas ouvi minha voz desorientada dizer:

– Em termos biológicos?

– Pois é. – Cooper abriu um sorriso largo e apontou para o dr. Rivera antes de se agachar ao meu lado. – O doutor aqui não é um Sonâmbulo. É só um médico qualquer que acabou envolvido em um dos esquemas do seu pai, que foi fazer para ele umas perguntas estranhas sobre diferenças químicas no cérebro, que tipo de coisa podia ser alterada sem danificar o tecido cerebral. No fim, o seu pai acabou contando o nosso segredo pro dr. Rivera.

Meu pai não trabalhava com esse médico horroroso. Esse pensamento ecoou na minha cabeça um milhão de vezes, como se estivesse sendo entoado na entrada de uma gruta. Eu ainda não tinha falado nada, mas estava tentando.

– Não. – Finalmente a palavra conseguiu descer do meu cérebro, passar pelo meu rosto e sair pela minha boca, mas soou quase

irreconhecível.

– Sim, Parker. – Cooper sorriu e se inclinou sobre o meu corpo amolecido. – O dr. Rivera demorou um tempo pra entender a gente, mas agora entende mais do que bem. Está aprendendo a manipular nosso cérebro. Mas o seu velho pai ajudou um bocado. O pai que você sempre considerou um herói na verdade trabalhava junto com o dr. Rivera pra testar a hipótese de que os Sonâmbulos são biologicamente quase idênticos. As principais diferenças tinham a ver com elevações de níveis hormonais e uma atividade mais acelerada em algumas áreas do cérebro. Eles conseguiram até isolar as diferenças que encontraram, que se resumiam a alguns poucos elementos químicos que podiam ser alterados, e pensavam que podiam encontrar um jeito de virar uma chave dentro do cérebro. Eles achavam que, com algumas drogas diferentes, dava para transformar um tipo de Sonâmbulo em outro... permanentemente.

Cooper enfiou a mão no bolso do jaleco do dr. Rivera e sacou o frasco quase vazio de gosma preta. Ele o segurou diante dos meus olhos cada vez mais distantes.

– E se a gente conseguir encontrar a droga específica para cada mudança, vai poder *escolher* o que quer ser. Basta *acionar um botão*.

Sua última palavra ecoou como se tivesse vindo de um ponto distante.

Tentei entender o que ele estava dizendo, mas meu cérebro estava enevoado, Cooper parecia muito longe. Eu não conseguia compreender as coisas da maneira como gostaria. Nada no meu corpo ou na minha mente estava funcionando direito. Um pensamento emergiu como uma folha seca na brisa, e ouvi meus lábios murmurando:

– Observadores iam poder se transformar em Construtores pra sobreviver.

Minha voz ficou tensa, como se fossem palavras importantíssimas, mas eu não tinha nem a clara noção de que as tinha falado. Tudo parecia inacreditavelmente enevoado e cheio de ecos.

– E os Apropriadores também... Apropriadores como você poderiam...

– Nos tornar menos do que podemos ser? Só pra *sobreviver*? – Cooper falou, cuspiendo a última palavra como se tivesse amargado sua boca. – Nós somos melhores que isso.

O dr. Rivera pegou um estetoscópio e estava auscultando o meu peito, mas eu não conseguia nem sentir a pressão que deveria quando ele o apertou contra a minha pele. Meus olhos não estavam vendo mais nada. Era como se eu estivesse flutuando sobre eles em vez de enxergá-los. Fiquei olhando para o meu corpo, todo encolhido no chão, tentando entender o que estava acontecendo.

– Mas então o seu pai fez outra descoberta. Ele encontrou uma fórmula capaz de ajudar os Apropriadores a sobreviverem como Apropriadores: o Eclipse. Isso ajudou a gente de outro jeito... um jeito melhor. – Cooper recitava as palavras como se fossem uma história que havia decorado. – Mas em vez de dar a fórmula pra gente, ele se voltou contra os Sonâmbulos, traindo todos nós e levando consigo a única coisa que podia salvar a vida dos Apropriadores.

Uma parte de mim queria discutir com ele. Eu sabia que não era essa a história que Jack tinha me contado, eu sabia que meu pai era um bom sujeito – só não lembrava por quê. Argumentar era difícil demais. Não agora... mais tarde. Eu defenderia o meu pai mais tarde.

Cooper voltou a falar, mas desta vez o tom de bravata não estava mais presente. Ele estava conversando com o dr. Rivera, não comigo.

– Você acha que funcionou?

– Vamos ter que esperar pra ver – respondeu o médico, guardando o remédio e a seringa. Ele usou o controle remoto para ajustar as luzes do recinto. – Pode não funcionar da primeira vez. Mas agora é melhor deixá-lo descansar pelo menos algumas horas, ou ele não vai sobreviver.

Cooper fez que sim com a cabeça.

– A gente pode não ter o Eclipse, mas, se isto funcionar...

Cooper seguiu o dr. Rivera porta afora, mas deteve o passo e acionou um interruptor no corredor, apagando as luzes que ainda restavam na sala. As palavras que murmurou em seguida ecoaram até mim na escuridão:

– Com certeza o Jack vai ficar bem mais motivado pra ajudar a gente quando souber que seu irmãozinho querido agora é um dos nossos.

E então ele me deixou sozinho com o meu novo pesadelo.

23

Jack

Uma hora mais tarde, saímos da casa de Parker e pegamos a estrada de novo. Agora tínhamos roupas, suprimentos e dinheiro. O mais importante de tudo era que eu havia conseguido convencer a sra. Chipp a ir com Addie e Mia para um dos esconderijos do meu pai durante mais ou menos uma semana até eu poder resolver a situação. Meu pai tinha dois esconderijos quando morreu. Cada casa era registrada com um nome diferente, e o aluguel tinha sido pago adiantado, em dinheiro. Não havia telefone nem internet, para que ninguém pudesse rastrear o endereço. Eram lugares bem tediosos, nada parecidos com um lar. Eram exatamente do que eu precisava no momento.

Estava com medo de que a mãe de Parker não pudesse se ausentar de seu emprego como corretora. Eu era testemunha do quanto ela se esforçava para fazer bem seu trabalho.

– É importante que você não entre em contato com ninguém além de mim – expliquei enquanto dava a ela um celular pré-pago. – Inclusive pessoas do trabalho.

– Eu não ia conseguir trabalhar mesmo, estou preocupada demais com Parker. – Ela sacudiu a cabeça. – Mas não vou criar

problema. Não se preocupe comigo, só me traga o Parker de volta são e salvo. *Por favor.*

– Farei isso.

Finn teve muito trabalho para persuadir Addie e Mia, mas no fim conseguiu convencê-las de que a melhor maneira que tinham de ajudar Parker era cuidando da mãe dele. Era *verdade*, mas, acima de tudo, eu não queria pôr mais ninguém em risco, e me sentia melhor sabendo que elas estavam juntas e de olho uma na outra.

– Escreva pra mim todos os dias. – Os olhos de Addie estavam cheios de lágrimas, mas ela estava ocupada demais dando ordens a Finn para chorar. – E não ouse se machucar, e você precisa... *precisa* trazer todo mundo de volta em segurança, Finn. Quero que você me prometa.

– Eu prometo. – Finn deu um abraço apertado nela, e pelo menos dessa vez não fez nenhuma piadinha.

Tive que conter minha impaciência enquanto Finn se despedia de Mia no quintal. Ela parecia assustada, mas ele segurou sua mão e sussurrou alguma coisa. Decidi esperar no carro, porque aquela parecia uma conversa que eu não deveria ouvir.

Por mais que eu soubesse que todas elas amavam Parker e queriam ajudar, minha principal preocupação era mantê-las em segurança. Isso era o mínimo que eu podia fazer pelo meu irmão no momento.

Eu esperava que, como Cooper já estava com Parker, ele não pensasse em ir atrás de mais ninguém – mas com ele tudo era possível.

A primeira Veronica que procuramos, Veronica O. Nelson, vivia em um apartamento, e tivemos que tocar o interfone do lado de fora do prédio. Apertei o botão ao lado do seu nome e esperei... depois de trinta segundos, apertei de novo. Sem resposta. Quase um

minuto depois, eu me virei para os outros para discutir nosso passo seguinte. Foi quando a voz de uma mulher mais velha falou pelo aparelho:

– Sim?

– É a Veronica? – eu me virei e me apressei em responder pelo interfone.

– Sim... Pois não? – Ela parecia incomodada.

Fui logo soltando minhas palavras seguintes antes que ela desligasse:

– Queria conversar um minutinho com você. Acho que você pode ter conhecido o meu pai...

– Duvido. – Ela era curta e quase grossa, e estava na cara que a conversa não ia chegar a lugar nenhum.

Libby me deu um tapinha no ombro e sussurrou no meu ouvido:

– Talvez com uma voz feminina ela fique mais à vontade.

Eu me afastei do interfone, e ela assumiu meu lugar:

– Oi, Verônica? Meu nome é Libby. O cara com quem você estava falando é o Jack, e desculpa interromper, mas...

– Você está me interrompendo *mesmo*, eu não tenho tempo pra isso – bufou Veronica. – Com certeza eu não conheço o pai dele. Por favor, me deixem em paz.

– Mas como você pode saber? Nós não falamos nem o nome de...

– Libby tentou responder rápido, mas não adiantou. Houve um ruído do outro lado, e Veronica desligou o interfone.

Libby resmungou e rosnou enquanto levantava o dedo para acionar o botão outra vez. Eu segurei sua mão antes.

– Não adianta. Falar com ela pelo interfone não basta. Preciso olhar nos olhos dela.

Me afastando um pouco do prédio, tentei encontrar uma maneira de fazer Veronica sair. Se eu pudesse descobrir uma porta dos

fundos destrancada, uma entrada de serviço, talvez... Uma maneira de acionar o alarme de incêndio a partir de fora também serviria. Qualquer coisa que fizesse aquela mulher teimosa me atender.

– Libby, vamos lá pros fundos comigo procurar outro jeito de entrar. – Começamos a nos afastar, mas olhei para trás e vi quando Chloe deteve o passo. Ela revirou os olhos, se segurou no braço de Finn e foi mancando até a frente do prédio. Quando bateu à porta, seus olhos estavam cheios de lágrimas, e dava para ouvir um choramingo.

Finn se manteve ao lado dela, parecendo chocado, o que só acrescentou um toque a mais de veracidade à encenação.

Depois que ela bateu pela segunda vez, um porteiro apareceu para abrir a porta. Seu crachá dourado estava preso à roupa, e era possível ler seu nome em letras bonitas: *Brandon*.

– Pois não? – Ele a olhou com uma preocupação evidente antes de disfarçar um bocejo.

Chloe piscou seus belos olhos cinzentos para ele.

– Acho que torci o tornozelo. Você tem algum lugar onde eu possa sentar e descansar um pouco?

– Me desculpa, moça. – Brandon parecia sinceramente chateado com o que ia ter que dizer. – O prédio tem regras, e ninguém pode entrar sem autorização dos moradores...

– Ah, tudo bem. Imaginei que não ia dar. – Chloe olhou feio para Finn. – Viu? Falei pra você que ele não ia poder fazer nada. Eu vou ficar bem. – Ela tentou apoiar o peso no pé supostamente machucado e fez uma careta.

Finn olhou para Chloe, para Brandon, e de novo para ela. Uma expressão de preocupação exagerada surgiu no rosto dele.

– Pensei que ele ia poder fazer alguma coisa pra ajudar...

– Querem que eu chame uma ambulância? Ou então... que eu pegue um pouco de gelo? – Brandon parecia ansioso para ser útil.

Ao meu lado, Libby fechou a cara. Escondi meu sorriso com a mão enquanto Chloe enganava o sujeito. Seria assim tão fácil para ela nos colocar para dentro do prédio? Quando entrássemos, eu ia conseguir apagar facilmente o tal Brandon, e então...

– Acho que não preciso de ambulância, mas um gelo seria ótimo. Obrigada!

Franzi a testa. Certo... E agora?

Brandon voltou lá para dentro enquanto Finn ajudava Chloe a sentar em um banco ali perto. Remexendo na bolsa, ela sacou os óculos escuros, e então entendi tudo. Ela ia se apropriar do corpo dele, como fez com o marido de Wendy. Eu ainda não sabia se me sentia confortável com esse uso de suas habilidades, mas não dava para negar que eram bem úteis.

Depois que Brandon trouxe o gelo, Chloe agradeceu e disse que já estava um pouco melhor. Ela pôs a mão em seu pescoço e fez uma leve carícia em seu rosto. Brandon voltou para o prédio, todo vermelho, esfregando a nuca, acreditando que havia salvado o dia.

Depois que ele entrou, Libby e eu fomos até os dois.

– Certo – falei. – Então... vamos ter que esperar até a noite pra ele ir pra casa e dormir...

– Qual é. A gente não tem tanto tempo assim. – Chloe deu risada e sacudiu a cabeça antes de permitir que Finn a “ajudasse” a voltar à van.

– Mas como? – Franzi a testa.

– Ele devia estar cochilando quando bati na porta. Demorou um tempão pra atender. – Chloe sacudiu a cabeça para mim, como se eu não tivesse prestando atenção. Ela baixou o tom de voz: – Além disso, eu posso ter dado uma ajudinha também, só pra garantir.

Segurei seu braço e a puxei para que se virasse para mim, resistindo ao impulso de começar uma discussão antes de entender o que ela havia feito.

– O que isso significa?

Chloe manteve os olhos baixos, mas estendeu a mão, e percebi que o anel em seu dedo mindinho estava virado para baixo. O símbolo do infinito que normalmente ficava voltado para fora estava virado para o lado interno de sua mão. Quando ela o ergueu para que eu visse, percebi uma pequena agulha encravada no metal. Diante dos meus olhos, ela empurrou um dos cantos do símbolo, e a agulha deslizou para baixo, desaparecendo das vistas. Em seguida, ela ajustou o anel na posição normal.

– Você injetou remédio no pescoço dele? – Libby rosou ao meu lado, em um tom surpreendentemente ameaçador.

– Só um pouco. – Chloe deu de ombros. – Não vai fazer mal pra ele, é só de curto prazo. Ele vai voltar a dormir em uns cinco minutos, e o efeito dura só meia hora...

– Não interessa! A gente não pode sair por aí drogando pessoas inocentes. E se ele tiver alguma reação inesperada ao remédio? Ou perder o emprego por dormir em serviço no meio do dia? – Libby se virou para mim. – Certo, Jack?

– Bom, acho que ele *já estava* dormindo no meio do dia – Chloe murmurou bem baixinho.

Olhei para Chloe e para Libby. Por mais que normalmente eu concordasse com Libby, qual era a diferença entre isso e eu entrar e nocautear o sujeito? Tecnicamente, isso ia causar menos efeitos danosos para ele. Mas eu não queria discordar de Libby na frente de Chloe... Não nesse momento, quando Libby precisava de mim. Antes que eu tivesse a chance de falar, Chloe me salvou.

– Não importa o que vocês pensam. Eu queria ajudar e vou aproveitar a chance. – Ela entrou na van, então parou e olhou para Finn. – Você sabe que não fiz nada pra prejudicar o cara, só quero ajudar o Parker enquanto ainda dá. Eu vou dormir. Por favor, Finn, vá até a frente do prédio pra ter alguém lá pro Brandon-eu deixar entrar.

Finn encolheu os ombros, se virou e foi até a frente do prédio.

Chloe fechou a porta da van em silêncio, e eu me virei para Libby, que me encarava com a testa franzida.

– Ela é uma *Apropriadora*, Jack. Não é de confiança. Espero que você não tenha esquecido.

Levei as mãos aos cabelos e a olhei nos olhos.

– Espero que ela esteja dizendo a verdade. Não se preocupe, estou preparado.

– Ótimo. – Libby fez um aceno de cabeça, mas não parecia totalmente convencida.

Libby e eu seguimos Finn até a frente do prédio, e só demorou uns dois minutos para Brandon-Chloe abrir a porta para nós. Ela nos conduziu até o elevador.

– Depressa. Não vai demorar muito pra ele acordar.

– Eu só preciso ver a Veronica por tempo suficiente pra fazer contato visual – afirmei, meio seco.

Não conseguia decidir se estava bravo com Chloe por não me consultar antes de agir ou impressionado por ela sozinha ter pensado numa solução e executado perfeitamente.

Fosse como fosse, era preciso admitir que ela estava certa. Ter uma *Apropriadora* do nosso lado estava se mostrando mais útil do que eu esperava.

– Eu sei. Boa sorte – foi sua única resposta ao voltar para a mesa de Brandon. Pegamos o elevador e apertamos o botão do décimo

primeiro andar.

Finn bateu na porta do apartamento de Veronica, para não correr o risco de ela reconhecer a minha voz do contato anterior pelo interfone. Quando ela atendeu, não fiquei nem um pouco surpreso ao constatar que era bem magra e séria. Tudo nela era seco e rígido.

– Sim? – ela perguntou.

Fingi um acesso de tosse até ela me olhar e fazer o contato visual de que eu precisava. Em seguida, Finn tomou a frente da situação.

– Hã... será que batemos no apartamento errado? – Ele sacudiu a cabeça, fingindo estar confuso, e se inclinou para trás para olhar o número da porta ao lado, claramente assinalado como 11B. – É aqui que mora o sr. Williams?

Ela sacudiu a cabeça e já foi fechando a porta enquanto respondia:

– Andar errado. Ele é do 12B.

– Foi mal. Desculpe.

Libby ergueu as sobrancelhas quando Finn se virou para o elevador.

– De onde você tirou a ideia de perguntar por um Williams?

– Vi o nome dele no interfone lá fora e achei que ia ser uma boa ideia. – Finn abriu um sorriso, parecendo bem orgulhoso de si mesmo. Eu sabia exatamente onde ele tinha aprendido isso, mas fiquei impressionado mesmo assim.

– Quanta esperteza. – Libby sorriu e deixou que ele abrisse caminho até o elevador. Assim que ele se adiantou alguns passos, ela me cutucou com o cotovelo e sussurrou: – Parece que você já está começando a influenciar os amigos do seu irmão. Vamos torcer pra que o Parker tenha aprendido algumas coisinhas também.

Fiquei sem saber se aquilo era ou não um elogio.

– Não esquenta. Estou falando como uma coisa positiva. – Libby pôs uma das mãos no meu braço e apoiou a cabeça no meu ombro. Seus gestos me confortaram, apesar de suas palavras terem gelado meu estômago. – Se ele aprendeu, garanto que vai ter bem mais chances de sair vivo dessa.

+++

Todo esse trabalho acabou dando em nada. Quando fui dormir naquela noite, não havia sinal de Sonâmbulos de nenhum tipo nos sonhos da Veronica nº 1. Meus esforços para encontrar memórias do meu pai foram em vão. Aquela Veronica jamais o conheceu.

E perdemos um dia todo por causa de sua irritante relutância em responder a algumas simples perguntas. Agora só restavam oito dias para o prazo final de Cooper, e ainda faltavam dois ingredientes da fórmula. Tive que me esforçar para não esmagar o volante com os dedos durante o trajeto até a casa da segunda Veronica.

Estava na cara que Finn estava se culpando pelo tempo perdido.

– Desculpem por não conseguir encontrar mais informações sobre ela na internet. – Sua camisa do dia resumia bem o episódio com a Veronica nº 1: “Eu costumava gostar de gente, mas certas pessoas me fizeram mudar de ideia”.

Chloe estava sentada no assento do passageiro ao meu lado, e vi que ela se virou para mim porque não respondi. Quando olhei em seus olhos, ela fez um gesto com a cabeça indicando o banco de trás e ergueu as sobrancelhas.

Tive que me segurar para não bufar quando falei:

– Tudo bem, Finn. A gente nem perdeu tanto tempo assim, e você poupou um bom trabalho quando eliminou as outras Wendy. Não tem por que pedir desculpa.

A parte sobre não perder tanto tempo era uma tremenda mentira, mas pelo menos a segunda parte era verdade.

Chloe sorriu e, por mais confuso que isso fosse para mim, seu sorriso por algum motivo fez com que eu me sentisse melhor. Em seguida, ela inclinou a cabeça e apoiou na janela. Com a luz do sol iluminando seu rosto, era impossível não notar as olheiras carregadas.

Pensar sobre isso me fez agarrar o volante com força outra vez.

A Veronica nº 2 morava em um condomínio bacana em uma área rica de Franklin. Uma menininha de 6 ou 7 anos foi quem atendeu à porta. Seus olhos castanhos eram bem grandes, e apenas um tom mais claro que sua pele. Os cabelos estavam presos em um coque no alto da cabeça, e ela usava uma roupa roxa de balé.

Estávamos só em três na varanda, já que, quando viu que Chloe desceu da van, Libby decidiu ficar. Para mim, não foi surpresa nenhuma, apesar de torcer para que em algum momento ela começasse a aceitar melhor a presença de Chloe.

– Seu nome é Veronica? – Finn perguntou com um sorriso, se agachando.

Revirei os olhos para Chloe. Se essa fosse Veronica jamais estaria na lista telefônica, sem contar que meu pai não ia deixar seus segredos mais recônditos nas mãos de uma bailarina mirim.

– Não, eu sou a Ruby! – Ela sorriu, mostrando um dente da frente faltando. – Veronica é a minha mãe.

– A gente pode falar com a sua mãe, então? – Finn ficou de pé outra vez e ergueu as sobrancelhas para mim, como se tivesse jogando algo na minha cara. – Ela está em casa?

Ruby ficou na ponta dos pés e se inclinou para dentro da casa, gritando:

– Mãe! Tem um pessoal aqui na porta pra falar com você!

Pouco depois, uma mulher apareceu, segurando uma colher comprida em uma das mãos e um telefone na outra. Seus olhos eram idênticos aos de Ruby.

– Pois não?

Dei um passo à frente.

– Veronica?

– Sou eu. – Ela apertou um botão no telefone, enfiou no bolso e olhou para mim à espera de que eu dissesse algo.

Me apresentei, expliquei que ela podia ter conhecido o meu pai e que eu estava atrás de informações.

Veronica pareceu desinteressada a princípio, mas parou de mexer na colher e fez uma expressão horrorizada quando contei que o meu pai morreu.

– Oh, querido. Eu lamento muito. Esse nome não me lembra nada, mas você não tem uma foto ou alguma coisa pra ajudar a refrescar minha memória?

Senti um aperto no coração. Queria ter uma foto dele, mas o meu pai nunca me deixou tirar uma...

– Eu tenho – Finn disse baixinho, me lançando um olhar meio constrangido. – Bom, não é ele, é o outro filho dele, mas acho que parece bastante uma versão mais jovem do pai.

Finn sacou uma foto da carteira, na qual ele, Parker e Addie estavam sentados à mesa da cozinha da casa dos dois irmãos. Estavam todos rindo tanto que pareciam prestes a cair da cadeira a qualquer momento. Era uma foto formidável, que me fez sentir saudade de Parker e do meu pai de uma só vez.

Veronica observou a imagem de perto.

– É, ele parece familiar, mas...

– Tenta imaginar o rosto dele com uns quarenta e poucos anos – Chloe interrompeu, e eu me virei para ela, surpreso. Ela me olhou

como quem pedia desculpas, e lembrei que Chloe e sua família passavam um bom tempo na base onde o meu pai era prisioneiro. Olhei para baixo, sacudindo a cabeça, quando ela continuou: – O cabelo dele estava ficando grisalho nas têmporas e...

Em um movimento súbito, Veronica levou a mão à boca, pegou a foto e a aproximou dos olhos, soltando um gritinho.

– Ai, não.

– Você lembra dele. – Pelo olhar em seu rosto, a resposta era bem óbvia. Senti uma faísca de esperança de que pelo menos tínhamos encontrado a Veronica certa.

– Sim. – Ela confirmou com um gesto de cabeça, baixando a mão. – O nome dele era Dan, mas juro que ele falou que o sobrenome era Richards. Ele morava no condomínio. Parecia um cara legal...

Ela ficou em silêncio por alguns segundos antes de uma expressão de pânico surgir em seu rosto.

– Por que ele mudou de nome? Ele era perigoso? – Ela se inclinou para trás e olhou para dentro de casa para ver se Ruby estava por perto para ouvir. Levou uma mão trêmula ao coração antes de perguntar: – Ele brincava com a Ruby... ele não faria nada com a minha filha, né?

– Não, não, não – nós dissemos todos ao mesmo tempo, e Veronica pareceu visivelmente aliviada.

Dei um passo à frente. Tinha passado a noite toda tentando afastar meus medos do que poderia acontecer com Parker, e criei o que imaginei ser uma forma melhor de obter respostas de desconhecidos. Era hora de testar a ideia e torcer para dar certo.

– Nós estamos tentando ir atrás de umas coisas que ele estava estudando – expliquei. – Ele deixou um monte de papéis, e muita coisa ali não faz sentido. Será que você não pode ajudar?

Finn me lançou um olhar de surpresa por trás das costas de Chloe, mas fingi não perceber. Eu só estava concentrado em fazer meu teatrinho.

Veronica deu de ombros.

– Não sei no que posso ajudar, mas se reconhecer alguma coisa eu falo.

– Ótimo. É disso que a gente precisa. – Eu sorri, me sentindo genuinamente aliviado. – Meu pai anotou umas palavras estranhas perto do seu nome nos papéis que encontrei. – Tirei o celular do bolso e fingi que estava lendo no bloco de notas: – As palavras “SDS”, “Sonâmbulo”, “Eclipse” ou “Tipos 1, 2 e 3” significam alguma coisa pra você?

Eu falei lentamente, observando atento a alguma fagulha de reconhecimento em Veronica. Se isso acontecesse, nós seríamos capazes de detectar sem deixá-la assustada.

Ela mordeu o lábio como se estivesse refletindo profundamente, mas não detectei o menor sinal de reconhecimento em seu rosto. Então ela respondeu:

– Talvez ele fosse... diabético? Os tipos da doença não são 1 e 2? Não podia ser algo do tipo?

Os ombros de Finn relaxaram, e Chloe me olhou com uma sobrelanceira erguida.

Continuei fingindo que se tratava de algo importante, apesar de ter ficado claro que Veronica não sabia nada sobre o nosso mundo.

– Humm... Ele não era diabético, mas vou investigar se conhecia alguém que fosse. Obrigado pela ajuda.

– Pois é, lamento muito pelo seu pai – ela falou, apertando minha mão.

– Obrigado. – Garanti que fizéssemos um bom contato visual mais uma vez antes de voltar para a van.

Ruby apareceu para se despedir, e vi Chloe se agachar, sorrir e dizer que ela era uma bailarina muito linda. Ruby ficou com um sorriso de orelha a orelha. Eu nunca tinha visto uma Apropriadora capaz de cativar as pessoas. Mais uma surpresa a respeito de Chloe.

Quando ela veio na minha direção, eu desviei os olhos e pus os óculos escuros. Antes que tivesse a chance de abrir a boca, Chloe suspirou.

– Já sei.

Isso me fez até deter o passo.

– Já sabe o quê?

– Você está preocupado com a Ruby. Prometo que não vou me apropriar dela nem fazer *nada* com a menina. – Ela pareceu magoada só por ter que se justificar.

Na verdade, eu nem tinha pensado nisso e me perguntei por que deveria. Eu confiava nela mais do que o indicado... ou menos? Todos os dias, Chloe jogava por terra alguma coisa que eu pensava saber sobre os Apropriadores. Até eu entendê-la melhor, era mais seguro manter a boca fechada.

Portanto não comentei sobre seus planos para Ruby. Simplesmente dei de ombros e voltei a caminhar na direção da van. Quando cheguei lá, encontrei Finn no assento do motorista.

Ele tinha um olhar de determinação no rosto. Quando me acomodei no banco de trás ao lado de Libby e fechei a porta, ele falou:

– A gente vai dormir em um hotel hoje, em camas de verdade. Estou com saudade de um travesseiro e de um chuveiro. E não quero ouvir um pio sobre isso.

24

Parker

O tempo passou de um jeito esquisito. Poderiam ter sido horas, dias ou anos... Não dava para saber. Fiquei um tempão na sala branca: as luzes ficavam desligadas até que eu caísse no sono, e de repente eram acesas. Se eu começava a cochilar no Vácuo, mesmo com as luzes acesas, uma buzina soava imediatamente e me acordava.

Eles me deram muitas injeções. Às vezes era a gosma preta que me transformava em um eco de mim mesmo. Outras vezes eram diferentes compostos químicos que pareciam criados especificamente para fazer meu corpo sair do controle de diversas formas diferentes. Eu era capaz de jurar que um deles era adrenalina pura. Meu coração batia com tanta força que parecia querer fugir do meu corpo, e eu não conseguia puxar oxigênio suficiente para que minha respiração o acompanhasse.

Senti falta dos dias em que estava simplesmente exausto. Jamais imaginei que isso pudesse acontecer.

Eles sempre me davam as injeções na sala branca. Quando terminavam, me levavam de volta para minha cela imunda, me atirando lá dentro antes que passasse o efeito da droga que parecia adrenalina. Eu abria os olhos e não entendia nada toda vez que

mudava de lugar. No chão da cela, meu sangue continuava lá, seco e velho.

Quando eu tinha um momento a sós, meus pensamentos se voltavam para a última coisa que Cooper me falou. Eles estavam tentando me transformar em um Apropriador? Nunca imaginei que uma coisa como essa fosse possível.

Mas, pelo jeito, se o que eles disseram era verdade, foi meu pai que teve a ideia de bagunçar nossos cérebros, e agora o dr. Rivera estava tentando tornar isso uma realidade.

Por enquanto eu ainda era um Observador – então talvez eles ainda não soubessem como fazer isso. E eu manteria essa esperança até que me provassem o contrário.

No silêncio da minha cela, ouvi sussurros. Shawn falava comigo de tempos em tempos, me incentivava, dizia que eu era forte o suficiente para aguentar aquilo, que ficaria bem. Estava começando a acreditar que ele não era real, mas gostava de sua companhia mesmo assim. Ele era gentil e paciente, e nunca apareceu na minha cela para tentar me matar... e isso era tudo de que eu precisava.

Além disso, mesmo se Shawn fosse uma alucinação, era preferível àquelas que tive com Addie. Nessas, ela me beijava e então falava que estava decepcionada comigo. Dizia que me amava e depois que me odiava. Se eu argumentava que ela não era real, ela às vezes ria e às vezes me atacava. Uma vez, me esfaqueou. Senti a dor, vi o sangue, e então tudo sumiu, inclusive ela.

Comecei a me irritar com a minha própria mente e com os truques cruéis que estava pregando em mim.

Quando acordei de novo na minha cela, minha cabeça latejava tanto que mal conseguia erguê-la. Minha boca estava tão seca que fiquei com medo de que, quando fosse abri-la ou fechá-la, eu rasgasse os lábios. Pressionei a cabeça contra o cimento frio, me

esforçando para recobrar o fôlego. Meu coração estava disparado, e parecia que eu ia vomitar ou desmaiar.

– Parker. – A voz de Shawn chegou até mim através da parede. – Respire mais devagar e mais fundo. Sei que parece que o seu corpo não aguenta, mas você precisa se concentrar em respirar devagar, certo? Puxe pelo nariz e solte pela boca.

Fiz o que ele falou e em instantes a reação à medicação amenizou.

– C-como... como você sabia o que fazer?

Sua resposta demorou tanto que eu chamei seu nome, com medo de que ele tivesse desaparecido.

Por fim, ele soltou um longo suspiro e respondeu:

– Como falei antes, eu trabalhava pra eles antes de vir parar aqui. Tenho alguns conhecimentos de medicina. Eu era assistente do dr. Rivera...

Sentir o ar ser arrancado do meu peito. Essa pessoa, que tanto tinha me ajudado, colaborou com o dr. Rivera para fazer coisas terríveis com gente inocente.

Foi quando tive um estalo. Era exatamente o que aconteceu com as alucinações com Addie. Ela aparecia, fingia que me ajudava ou dizia alguma coisa gentil e em seguida acabava me magoando.

– Você não é real – comentei.

– Quê? – Shawn parecia absolutamente confuso, mas com Addie foi a mesma coisa na primeira vez que a confrontei.

– Não importa. – Suspirei e rolei de lado, tentando fechar os olhos e descansar agora que meu pulso tinha desacelerado.

– Foi horrível. Estava sendo corroído pela culpa depois de ver o que alguns remédios eram capazes de fazer. – Shawn parecia estar encostado à parede, tentando me forçar a ouvi-lo. – Eles me jogaram aqui depois que me recusei a colaborar.

– ã-hã... Estou tentando dormir agora. – Fiz o melhor que pude para parecer entediado. Se Shawn fosse real e estivesse falando a verdade, eu não queria ficar de conversa com alguém que já tinha infligido esse tipo de tortura a alguém. Caso fosse uma alucinação, eu gastaria melhor meu tempo descansando o máximo possível.

– Certo – Shawn disse depois de um instante e complementou: – Desculpe. Eu só queria ajudar.

Não respondi. Simplesmente fechei os olhos e deixei a exaustão tomar conta de mim.

Não sei se foram minutos ou horas que se passaram antes de a porta da minha cela ser aberta de novo. Era impossível determinar. Só o que consegui sentir foi a minha garganta fechando de medo. Ignorei a dor que sentia a cada movimento enquanto tentava me encolher em um canto.

Foi Thor quem entrou na cela. Ele soltou um palavrão com a voz baixa e grave antes de pegar um saco de papel e fechar a porta atrás de si.

Quando se aproximou, soltei um grunhido instintivo e me agachei um pouco mais. Thor deteve o passo. Ele abriu o saco e tirou de lá uma garrafa de água limpa, um sanduíche e uma banana, mostrando cada coisa lentamente para mim antes de guardar de volta e deixar o pacote no chão. Em seguida, ele foi andando para trás e parou ao lado da porta. Observei-o virar-se para olhar pela janelinha da porta, enquanto eu rasgava o saco e jogava um pouco da tão necessária água na boca.

Meu estômago roncava, mas me esforcei para comer devagar o sanduíche, para não passar mal e acabar pondo tudo para fora. Dei mais um gole de água, olhando para as costas de Thor.

– Por que você está me ajudando? – Minha voz saiu áspera e baixa, mas deu para ver que ele me ouviu só pela maneira como

suas costas ficaram tensas.

– Só estou tentando manter você vivo – grunhiu Thor.

Ele sempre foi uma força silenciosa e assustadora no nosso time de futebol, e nunca conversou comigo. Agora que estava falando, fiquei com medo de interromper, para não fazê-lo desistir de novo.

– Não vai ter pagamento de resgate se você estiver morto – ele acrescentou.

– Pode ser que a gente seja mais parecido do que você imagina...

– eu disse por fim. Ele tinha sido o único a me ajudar aqui. Talvez eu consiga convencê-lo a me ajudar ainda mais.

– Nada disso.

– Você é o filho mais novo do Steve Campbell, certo? Cooper é o mais velho. – Eu comia devagar, falando baixo, fazendo de tudo para refletir sobre cada palavra que ia dizer.

Thor ajustou a postura e olhou para o outro lado do corredor pela janelinha.

– Pelo menos o seu pai criou você – continuei. – O meu voltou pro meu irmão mais velho e me deixou pra trás. – Dei mais uma mordida, tentando mascarar o quanto me magoava dizer aquelas palavras em voz alta. Por mais que eu quisesse acreditar que a escolha do meu pai não era nada pessoal comigo, uma parte de mim ainda temia por isso.

Thor se virou para me encarar, mas não consegui ler a expressão em seus olhos.

– Durante quatro anos, eu não sabia nem se meu pai estava vivo – falei, me esforçando para não deixar a exaustão e os sentimentos envolvidos nessas palavras me dominarem. Talvez não tenha sido uma boa ideia remexer nessa dor que eu tanto me esforçava para deixar no passado. Mas instintivamente eu sentia que Thor se identificava comigo nesse sentido, apesar de não estar certo disso.

Tentei mais uma vez:

– Ele sempre estava presente pra ajudar o meu irmão... mas não pra *me* ajudar.

Thor fez uma careta, como se tivesse sido afetado pelas minhas palavras, e então se virou de novo para a janela.

– Cala a boca e come. – Sua voz estava mais suave, porém era impossível não notar que ele tinha cerrado os punhos. Talvez minhas palavras tivessem cumprido seu objetivo, no fim das contas.

Sem querer exagerar na dose, terminei a comida e a água em silêncio, com medo de acabar irritando a única pessoa que aparentemente não me queria morto. Assim que estendi o saco com o lixo, Thor o apanhou e saiu.

Então fiquei sozinho de novo, mas, como sempre, era impossível determinar quanto tempo tinha se passado, pois não havia luz natural na minha cela. Fazia dois dias? Três? Mais? Jack estava fazendo algum avanço com a nova fórmula?

Por mais que eu lutasse contra os meus receios, minha conversa com Thor sobre os nossos pais tinha me abalado mais do que eu gostaria. Na escuridão daquela cela horrorosa, era difícil não questionar o que Jack estava fazendo. Ele viraria as costas para mim, como meu pai fez tanto tempo antes?

Ou eu estava duvidando de alguém que jamais me trairia, – assim como meu pai duvidou de Jack quando os Apropriadores o trancaram em uma cela não muito diferente desta?

Mais tarde, Cooper apareceu com os seus lacaios para me arrastar de volta à sala branca. A comida e a água que Thor me trouxe me deram um pouco mais de força, mas não deixei que Cooper percebesse. A última coisa que eu queria era que Cooper soubesse que eu não estava tão fraco quanto ele pensava ou que

Thor se encrenhasse. Isso podia me fazer perder o único aliado potencial que eu tinha ali.

25

Jack

Naquela noite, tentei fazer no quarto da Veronica nº 2 tudo o que fiz com Wendy, mas não encontrei nada. Algumas lembranças antigas vieram à tona facilmente, mas nada que o meu pai tivesse enterrado ou modificado. Ou ele tinha escondido o ingrediente com Veronica de um jeito totalmente diferente, ou não havia nada enterrado em sua mente para eu encontrar.

Quando sentei na areia da praia do sonho de Veronica, precisei fazer muita força para não conduzir o sonho a um caminho destrutivo. Eu me sentia tão sem saída que parecia que estava sufocando. O tempo estava acabando. Na manhã seguinte, só restariam sete dias. Como em uma semana eu resolveria esse quebra-cabeça, principalmente se ainda havia tantas peças faltando? A paranoia do meu pai e a caça ao tesouro em que ele me meteu iriam acabar me custando a única família que me restava...

Mas que opção eu tinha além de continuar tentando? Eu não podia – e não iria – entregar o Eclipse para Cooper. Sem uma alternativa para oferecer, como eu convenceria Cooper a libertar Parker, que era praticamente a única arma em seu poder?

Não dava nem para tentar elaborar outro plano para resgatar Parker, porque ele se recusou a dizer onde estava. Ultimamente ele

pegou uma mania terrível de querer me proteger. Não estava na cara que isso interferia na minha capacidade de mantê-lo em segurança? O irmão mais velho era eu... essa era a *minha* função.

Quando enfim acordei na manhã seguinte, tinha passado a noite toda revirando a mente de Veronica, e o meu cérebro estava em frangalhos. Todo o trabalho de cura que Libby me fez dois dias antes foi para o espaço, e não havia mais nenhuma nova pista que pudesse ajudar a libertar Parker.

Com um grunhido, rolei para o lado na minha cama de hotel e dei de cara com Finn. Ele roncava tão alto que até moveu os cabelos da minha testa.

Sentei e fui em silêncio até a porta. Ainda me sentindo um tanto surpreso por Libby não ter reclamado por ter que dividir a cama com Chloe, olhei para o lado e vi que, além de Libby ser a *única* na cama, o lado de Chloe estava intocado.

Chloe não dormiu lá.

Esfreguei a barba por fazer no meu rosto, tentando imaginar aonde Chloe podia ter ido. Na noite anterior, mais ou menos na hora em que todos foram dormir, ela avisou que ia dar uma caminhada para espairar. Se ela tivesse seguido seu plano de entrar nos sonhos de Ruby, deve ter ido deitar em algum lugar.

Ou então desistiu de vez e resolveu não seguir com a gente.

Soltando um palavrão baixinho, não parei nem para calçar os sapatos quando saí silenciosamente porta afora. Se Chloe tivesse decidido virar as costas para nós e voltar para os Apropriadores para relatar todos os nossos passos...

A van ainda estava estacionada no mesmo local, então pelo menos ela não deixou a gente aqui sem um meio de transporte. Fui caminhando aos tropeções no chão de cascalho do estacionamento, ignorando as pontas afiadas que espetavam meus pés. Quando

cheguei até a van, a primeira coisa que fiz foi abrir a porta para ver se Chloe havia roubado nossos suprimentos.

Em vez das coisas, encontrei a própria Chloe dormindo no banco de trás, tremendo, encolhida sob um cobertor fino.

Ela sentou quando abri a porta e deu um grito de susto antes de me chutar com força no peito. O impacto me levou ao chão de cascalho, e ralei as palmas das mãos. Ela ficou de quatro sobre o banco em um instante, me olhando da van com olhos assustados.

– Jack? – sussurrou. Em seguida, pôs os chinelos, ficou de pé e desceu. Ela estendeu a mão para me ajudar a levantar. – O que você está fazendo aqui fora?

– Eu? – Tentei me livrar das pedrinhas nas palmas das mãos esfregando-as na calça, mas fiz uma careta ao ver que isso só tinha feito as afiadas cravarem ainda mais fundo na minha pele. – O que você estava fazendo aqui?

Chloe me olhou como se eu fosse maluco.

– Hã, dormindo. Sua vez.

Desviei os olhos, desejando ser capaz de mudar, como a garota diante de mim. Fui um idiota e estava me sentindo incrivelmente culpado por ter chegado com tanta facilidade à conclusão de que ela traiu a gente.

– Vim ver se os suprimentos estavam em ordem – res-munguei.

Ela ergueu as sobrancelhas e me olhou de cima a baixo.

– De roupa de dormir, descalço, antes de todo mundo acordar?

Não a olhei nos olhos ao ficar de pé, recusando sua ajuda. Ela não fez mais nenhuma pergunta, mas o silêncio entre nós era constrangedor e tenso.

– Vem cá. Vou pegar o kit de primeiros socorros pra limpar você.

Sacudi a cabeça.

– Posso fazer isso sozi...

– Cale a boca.

Ela pegou o kit de primeiros socorros na frente da van e pôs sobre o colo, fazendo tudo em silêncio. Vi seus dedos se movendo habilmente sobre a minha mão. Ela limpou os arranhões, passou uma pomada e fez um curativo. Estava na cara que já tinha feito isso antes.

Seu rosto estava escondido atrás dos cabelos quando ela se debruçou sobre a minha outra mão. Ergui seu queixo: seu rosto estava molhado de lágrimas, e seus olhos cinzentos, marcados pela mágoa.

– Chloe... – Dava para ver que ela entendeu o que eu estava pensando. Ainda era difícil para mim acreditar que as minhas dúvidas ou suspeitas podiam magoá-la tanto, mas ela não merecia esse tratamento da minha parte. Merecia estar em companhia melhor.

– Eu dormi aqui porque a Libby claramente não me quer na cama... nem no quarto... nem na vida dela. – Ela limpou as lágrimas do rosto com um movimento brusco, como se estivesse com raiva da própria existência, mas não adiantou muito. Logo em seguida, outras caíram para substituí-las. – Minha família me odeia. A Libby me odeia... e, por mais que eu me esforce, você... você nunca...

Ela sacudiu a cabeça e se inclinou para trás até minha mão perder contato com seu rosto, e em seguida removeu a mão com o curativo do colo. Ela se virou e começou a pôr suas coisas em um saco plástico.

Limpei a garganta e tentei encontrar alguma coisa para dizer, qualquer coisa que pudesse remediar a situação.

– Minha investigação da noite fracassou – contei, me esforçando para não fazer uma careta por causa da dor nas palmas das mãos. –

A segunda Veronica também não sabe os ingredientes. Não sei por que o meu pai me mandou aqui.

– Você devia tentar a Ruby – murmurou Chloe, com o rosto virado para o outro lado. Suas palavras saíram rápidas e furiosas, a voz estava embargada e trêmula.

– Quê? – Eu só queria que ela parasse... de se mover, de se irritar, de me afastar.

– Acho que Ruby tem a sua resposta – ela murmurou, ainda sem me olhar. – Quando me apropriei dela à noite, percebi que seu pai não apenas passava um tempo com ela. Ele foi babá da menina quase todos os dias por seis meses. Meu palpite é que os ingredientes estão enterrados nos sonhos dela.

Imaginar meu pai como babá era difícil, mas eu já o vi fingindo ser coisas mais estranhas quando havia motivo para isso. Então ele devia ter um motivo. Chloe estava certa. Eu precisava entrar nos sonhos da Ruby.

Aliviado por ter um plano, voltei a me concentrar no fato de que ela estava irritadíssima, e que isso me deixava apavorado. A ideia de que ela pudesse ir embora, com o meu tempo para salvar Parker passando tão depressa... Suas habilidades de Apropriadora estavam *ajudando*. Isso era inegável. Mas o fato de ela *estar aqui* me ajudava de um jeito totalmente diferente – e a ideia de tentar resgatar meu irmão sem ela parecia impossível.

Na verdade, apesar de eu ter tentado mandá-la embora mais de uma vez, a última coisa que queria era que ela fosse.

– Pare, Chloe. – Estendi os braços e, constrangido, pus as mãos com os curativos nos seus ombros.

Ela parou de se mexer, mas não se virou.

– Por quê? – Sua voz estava embargada de emoção, e ela ficou à espera.

Não sabia o que dizer nem como. Só sabia que *precisava* convencê-la a ficar.

– Não entendo você – grunhi, finalmente dizendo palavras que tinha certeza de que eram verdadeiras. Deixando as mãos caírem, enfim expressei minha frustração. – O que você quer de mim? Essa coisa de “você nunca”... Eu nunca o quê?

Ela se virou até ficar de frente para mim. Toda a dureza havia desaparecido de seu rosto, e ela parecia abalada, totalmente vulnerável.

– Você nunca vai me ver como outra coisa além da filha do Steve Campbell.

Fiz uma careta ao ouvir aquele nome e imediatamente entendi que só estava confirmando o que ela falou. Chloe recomeçou a enfiar suas coisas no saco plástico com ainda mais raiva. Estendi o braço de novo para segurá-la, e ela se virou para me encarar.

Seus olhos encontraram os meus, com toda a mágoa escancarada para que eu visse. Ela estava certa. Eu jamais perdoaria o que o pai dela fez. Mas sabia que a culpa não era *dela*. Sabia mesmo? Eu acreditava que ela estava tentando ajudar, e ela tinha ajudado mais do que eu esperava. Mas não falei que me sentia grato. Senti meu peito doer ao me dar conta de que estava tratando Chloe como se achasse que ela era igualzinha ao pai.

Estendi a mão e passei meus dedos de leve em seus cílios escuros. Ela ficou paralisada. Derrubei lágrima por lágrima até liberar todas elas. Chloe me olhou com seus olhos cinzentos enormes, e enfim a vi de verdade. A determinação feroz que escondia seu sofrimento, sua lealdade incontestável que eu só fiz questionar, a exaustão absoluta que ela suportava melhor que qualquer Observador que já conheci. Vi suas olheiras. O fato de que ficavam mais escuras cada vez que eu as via fez uma onda renovada de

pânico me invadir, ao me dar conta de que havia mais a perder nessa situação do que eu imaginava.

Inseguro, tentei aninhá-la entre os braços.

Por vários segundos, ela ficou tensa, em choque, e me perguntei se ela iria me afastar, se eu havia cometido um erro. De repente, ela envolveu meu pescoço com os dois braços e me puxou com força contra si.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer ou dizer, então murmurei as únicas palavras que podiam ter algum significado contra seu rosto marcado de lágrimas:

– Eu vejo *você*.

A tensão que ainda restava em seu corpo se desfez, e ela enterrou o rosto no meu pescoço, incendiando minha pele cada vez que respirava.

– Estou com medo, Jack.

Pensei em encontrar palavras que pudessem fazê-la se sentir melhor. Dizer que tudo ia ficar bem e tentar aparentar ter confiança nisso. Ou então falar que estaria ao seu lado, não importava o que acontecesse... porque era essa a verdade.

Em vez disso, decidi dizer de um jeito diferente que ela não estava sozinha. De uma maneira que desejei que meu pai tivesse me ensinado, para que eu soubesse que era normal sentir medo em um mundo tão conturbado.

Pressionei os lábios contra sua testa, apertei com ainda mais força e sussurrei:

– Eu também.

Ficamos sentados juntos sob a luz da manhã silenciosa. Continuamos abraçados enquanto todo mundo naquele hotel ordinário dormia, e pela primeira vez em muito tempo eu não desejei estar fazendo o mesmo.

+++

Assim que todos acordaram, fomos comprar mais suprimentos e procurar outro hotel. O novo tinha um sofá-cama, para que Chloe não precisasse passar outra noite na van. Durante o restante do dia aproveitamos para fazer contato com as pessoas que eram importantes para nós – pelo menos aquelas que podiam ser contatadas. Liguei para a sra. Chipp, Finn falou com seus pais, e Libby, com Randall. Naquela tarde, voltamos à casa de Veronica e, assim que ela abriu a porta, usei o mesmo pretexto que Finn usou antes.

– Desculpa incomodar você de novo. Não consigo encontrar o endereço do lugar onde o meu pai morava nos papéis dele. – Abri o sorriso mais simpático de que era capaz. – Você lembra qual era a casa dele?

Veronica fez que sim com a cabeça, engolindo a conversa.

– Ele morava ali na esquina – ela falou, apontando para uma varanda duas casas adiante.

– Obrigado – respondi, sentindo um aperto no estômago.

Fiquei surpreso por ainda ficar tão abalado por esse tipo de coisa. Eu sabia que ele morava por ali, mas ver a casa fez tudo parecer diferente.

Ruby apareceu entre as pernas da mãe e acenou para mim, me fazendo lembrar da razão para eu ter ido até lá.

– Oi, Ruby. – Eu me agachei um pouco, só o suficiente para fazer contato com ela, que sorriu. Apontei para seu short roxo e sua camisa listrada. – Não está de bailarina hoje?

Ela franziu a testa.

– Estas são as minhas roupas normais, mas eu ainda posso ser bailarina quando quiser. Entendeu? – Ela se ergueu na ponta dos pés e deu uma voltinha.

– Ah, desculpe. – Dei uma risadinha e olhei para o céu. Fingindo que o sol estava me incomodando, pus os óculos escuros. Eu me virei para Veronica. – Obrigado pela ajuda. Agradeço muito.

– Não foi nada. – Ela balançou a cabeça e puxou Ruby de volta para dentro. Quando estava quase fechando a porta, ela falou: – Espero que você encontre o que está procurando.

Enquanto caminhava até a van, murmurei comigo mesmo:

– Eu também espero.

+++

Os sonhos de Ruby eram repletos de estranheza. Eram habitados por adultos sem rosto, parquinhos evanescentes e crianças que na maior parte do tempo nem a viam. No zoológico onde ela foi, os animais a princípio pareciam normais, mas sempre tinham alguma coisa esquisita: um cavalo roxo sem cascos, uma girafa com duas cabeças, pinguins com barriga preta e asas brancas. Foi quando me dei conta de que nem me lembrava mais da última vez que visitei os sonhos de uma criança. Elas ainda não tinham as leis da realidade totalmente entranhadas, então tudo ali era exótico e incomum.

Em algum lugar, enterrado no meio dessa bizarrice, encontrei meu pai e sua nova charada. Ele falou:

– Eu enfraqueço os homens por horas dia a dia. E apresento visões estranhas em momentos de ausência. Roubo você à noite, e de manhã devolvo. Ninguém sofre quando estou presente, mas sim depois que me vou.

Dessa vez não precisei pensar muito.

– Sono.

Ele não deixou nenhuma mensagem desta vez, apenas apresentou o ingrediente seguinte, que reconheci como um tipo de inibidor de acetilcolinesterase: $C_{24}H_{29}NO_3$. Eu lembro que o meu pai

uma vez falou que essa substância tinha efeito sobre o sono REM e sonhos lúcidos, mas isso era só o que eu sabia.

Mesmo assim: dois ingredientes estavam na mão, só faltava um.

Depois disso, meu pai revelou o último nome: Mason Butler.

Soltei um suspiro. Mason era o homem que salvamos da prisão na Base Aérea de Benton, o que fugiu de lá com a van roubada. Que ironia do destino, a última pista para salvar Parker e Chloe estava com alguém que já conhecíamos. Aquele homem comum era a nossa esperança de descobrir a última peça do quebra-cabeça que poderia trazer a paz para todos os Sonâmbulos.

E eu carregava o telefone e o endereço dele anotados em um papel na minha carteira por mais de um mês.

+++

Só faltavam seis dias, mas, com dois ingredientes já descobertos e restando apenas Mason, enfim estávamos fazendo algum avanço. Talvez Parker ficasse bem. Talvez todos nós ficássemos.

Depois de acertar os trâmites de saída do hotel e devolver a chave, calculei quanto tempo levaria para chegar até onde Mason morava. Tentei ligar para ele duas vezes desde que tinha acordado, sem resposta.

Atravessei sozinho o estacionamento até o local onde tínhamos parado a van. Passos apressados me seguiram, mas, antes que eu tivesse tempo de me virar, fui atingido por trás, com um golpe forte e repentino.

Thor e eu estávamos rolando no chão antes mesmo que eu pudesse olhar para ele. Seus punhos acertavam meu rosto, e tentei erguer os braços para bloquear os golpes. Estava distraído demais com os meus próprios pensamentos e ia pagar por isso.

Por fim meus instintos entraram em ação e, quando fiquei por baixo de novo, dei uma joelhada em seu estômago numa tentativa de escapar de seu controle. Foi um pouco difícil, porque ele estava me agarrando pela camisa, mas consegui me agachar antes que avançasse sobre mim de novo. Meu olho latejava, mas o restante dos ferimentos parecia superficial.

– Cadê a Chloe? – Thor grunhiu.

Alguma coisa dentro de mim reagiu mal à ideia de que ele tivesse vindo atrás dela.

– Por quê? Pra vocês se desfazerem dela como se fosse lixo outra vez? – Cuspi um pouco de sangue no chão.

– Estou aqui pra lembrar quem está de verdade do lado dela.

Thor tentou me acertar outro soco, mas agora eu estava preparado, e seus movimentos eram lentos e fáceis de evitar. Me esquivei e mandei dois golpes rápidos em sua costela antes que ele pudesse se afastar. Era exatamente disso que eu estava precisando: uma boa briga para liberar todas as minhas frustrações. Abri um sorriso quando ele me deu outra brecha e acertei um murro de baixo para cima em seu queixo.

Thor fez uma careta de dor e cambaleou um pouco para trás, tentando recuperar o fôlego.

– Só o que a sua família faz é atacar a minha – ele falou, ofegante. – Vocês só sabem mentir, roubar e matar.

Fiquei parado por um instante, deixando minhas mãos caírem, confuso, já que ele parecia acreditar de verdade no que estava dizendo.

– Você devia ir atrás é de quem falou *isso* pra você...

Passos se aproximavam atrás de mim, e eu não queria ser cercado, por isso me desloquei um pouco para esquerda. Mas no fim foram Finn e Chloe que apareceram correndo. Finn parecia indeciso

entre a ideia de me ajudar entrando na briga ou saindo do meu caminho. Chloe estava pálida a ponto de parecer que todo o sangue havia sido drenado de seu corpo.

Minha empolgação com a briga diminuiu. Se bater no irmão de Chloe fosse magoá-la, então não valia a pena – não mais.

– O Thor veio fazer uma visita – falei com um sorriso de desânimo, tentando estancar com a bandagem da mão direita o sangue que escorria da minha sobrancelha.

– O nome dele não é Thor, você sabe disso. – Chloe me olhou como quem implora para não tornar a situação ainda pior. – É Joey, por favor.

– Joey? Ah, é... Joey, então. – Mantive o tom de voz tranquilo e controlado. Seria melhor para todo mundo se Chloe conversasse com Thor antes que ele acabasse se machucando.

– Joey... – O tom de voz dela era suave. Ela estava tentando ser gentil com o gigante diante de mim. – O que você está fazendo aqui? Como me encontrou?

– Isso não importa. – Thor, ou melhor, Joey, respondeu com um leve tom de bravata.

– Claro que importa. Como você sabia que eu estava aqui? – Chloe parecia bem triste e um pouco irritada.

Ele não respondeu, apenas olhou para o telefone nas mãos dela. Foi uma coisa rápida, mas eu percebi, e Chloe também.

– Você não fez isso... – Chloe virou seu celular e tirou a tampa de trás, com uma expressão de choque no rosto. Ela tirou o pequeno rastreador metálico lá de dentro, jogou no chão de cascalho e pisou em cima.

Joey ficou na defensiva e soltou um grunhido.

– Você achava que a gente não estava nem aí? Você é minha irmã...

Chloe ergueu a cabeça, fazendo uma careta de raiva.

– O engraçado é que você e o Cooper só lembram de mim quando é conveniente.

Joey se inclinou para trás como se tivesse levado um soco.

– Vou levar você de volta pro seu lugar. Não se deve dar as costas pra própria família, não importa o que aconteça. – Ele falou com autoridade, mas havia um leve tom de choramingo em sua voz que o deixava surpreendentemente vulnerável.

Mantive minhas mãos erguidas, à espera do que ele faria, preparado para o caso de ele agarrar Chloe e fugir. Meus maxilares estavam tão cerrados que meu rosto até doía. Se ela não quisesse voltar, ele teria que passar por cima de mim para tirá-la dali.

– O Cooper não me quer lá. – Chloe corrigiu sua postura, e uma faísca de raiva apareceu em seus olhos. – Além disso, acho que estou ajudando mais ficando aqui.

– Mas como você pode querer ajudar esse pessoal? – Joey rugiu e depois apontou para mim. – Como você pode querer ajudar *esse aí* ?

– Um monte de coisas que o pai falou pra gente não era verdade, Joey. Ele estava enganado em muita coisa que dizia e que fazia. Pensa na maneira como ele tratava você. – A voz de Chloe se suavizou um pouco, e ela foi ficar ao meu lado. – Estou ajudando o Jack porque acho que é a melhor maneira de ajudar todo mundo de quem eu gosto... inclusive você.

Joey parecia absolutamente confuso. Quase senti pena dele. *Quase.*

– Você precisa confiar em *mim* – Chloe implorou, com um turbilhão de sentimentos transparecendo em seus olhos.

Dava para ver a convicção de Joey fraquejando. Ele baixou as mãos para as laterais do corpo e me encarou de novo. E então, de

repente, sua raiva ressurgiu. Ele cerrou os punhos e falou entredentes:

– Eu confio no Cooper.

Ele estava prestes a avançar sobre mim quando ouvi um baque surdo. Joey caiu de joelhos, com a mão na nuca. Libby apareceu atrás dele, com um sorriso maldoso no rosto e um pedaço de pau na mão que deve ter pegado do chão. Vi um fio de sangue escorrendo pelo pescoço de Joey, e ele sacudiu a cabeça como se estivesse tentando clarear a visão.

Chloe correu até ele, mas Joey cambaleou para ficar de pé e se afastou, olhando para todos com uma expressão desconfiada. Vendo que estava em minoria, ele se virou e saiu correndo.

– Joey! – Chloe gritou para ele, que entrou no carro do outro lado do estacionamento e foi embora.

Chloe se voltou para Libby, e notei a raiva em seus olhos. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, eu a abracei pela cintura e a puxei na direção da van.

– Obrigado – falei para Libby sem emitir som.

Quando estávamos a alguns passos de distância, sussurrei no ouvido de Chloe:

– O seu irmão está bem, a Libby não tinha escolha. Não arrume briga com quem está só tentando proteger a gente.

Ela olhou feio para mim quando chegamos à porta da van, mas parecia estar se segurando para não dizer nada de que acabasse se arrependendo. Sua expressão se amenizou quando ela estendeu a mão para tocar com delicadeza a pele que estava começando inchar ao redor do meu olho.

– Está doendo?

Soltei o ar com força e baixei a mão dela, dando um apertão de leve antes de soltá-la. Abri a porta do passageiro e esperei que ela

entrasse.

– Não. Vamos acabar logo com isso. Não vai ser fácil... mas você está começando a me fazer acreditar que na verdade é possível convencer alguns Apropriadores a aceitar uma nova fórmula. A gente pode se preocupar em apaziguar todo mundo depois de sobreviver ao próximo mês. Pode ser?

Ela bufou e balançou a cabeça afirmativamente.

– Pode.

Fui andando para a porta do motorista, mas antes que pudesse abri-la, Libby apareceu e me segurou pelo ombro. Ela me olhou bem nos olhos.

– Você acha mesmo que ela não sabia que podia ser encontrada pelo irmão quando ele quisesse? Ela achou aquele rastreador bem rápido, né? – Libby sacudiu a cabeça e suspirou. – Eu sei que está rolando alguma coisa entre vocês dois... – Ela se interrompeu, esperando que eu argumentasse em contrário.

Mas eu não podia. Fosse um equívoco ou não, uma coisa correspondida ou não, eu estava criando um sentimento por Chloe. E não ia mentir sobre isso para a minha melhor amiga. Tinha o exemplo de Parker para me mostrar quanto problema esse tipo de coisa podia causar.

Quando percebeu que eu não ia argumentar, Libby deixou seus ombros desabarem. Quase me arrependi da minha decisão de não negar a verdade.

– Só não se deixe fazer de bobo por ela, Jack. Você é mais esperto que isso. E merece coisa muito melhor. – A mão de Libby caiu do meu ombro e ficou parada junto à lateral do seu corpo. – Os Apropriadores só fizeram a gente sofrer a vida toda. Vê se não mostra pra eles mais um jeito de fazer isso.

Em seguida, ela se afastou e foi se acomodar no banco traseiro da van sem me dar chance de dizer nada.

26

Parker

Meu corpo tremia sem parar na sala branca. Meus olhos queimavam. Todos os meus músculos ardiam. Além de tentarem me transformar em um Apropriador – o que felizmente não parecia estar funcionando –, eles também tinham maneiras de acelerar os efeitos da privação de sono nos Observadores. Nossos corpos e cérebros eram condicionados a suportar melhor que as pessoas normais a falta de repouso, mas com o tempo não havia como evitar as consequências. Era o que estava acontecendo comigo quando conheci Mia. E agora, em *muito* menos tempo, passei de ligeiramente cansado para o pior estado em que estive na vida.

Quanto tempo levaria até eu começar a enlouquecer? Quanto tempo até a sanidade estar definitivamente fora do meu alcance? Quanto tempo faltaria para eu implorar para que me matassem?

A porta da sala branca se abriu, e me encolhi todo junto à parede quando vi que era Thor, trazendo uma cama dobrável que parecia inteira e um cobertor sem nenhum furo. Quando ele ficou de costas para mim, notei um calombo e um pequeno corte na parte de trás da sua cabeça. Ele parecia um tanto torto ao andar, como se suas costelas estivessem doendo. Fiquei me perguntando o que podia ter acontecido.

Eu sabia que era melhor não agradecer nem mesmo parecer grato, porque essas coisas só serviam para irritá-lo. Então simplesmente rolei para fora do caminho e deixei que ele terminasse a arrumação.

Foi quando Cooper apareceu na porta. Ele estava cambaleante de exaustão, mal enxergando o que Thor fazia. Quando enfim percebeu, pareceu perplexo.

– Que diabo é isso, Joey?

Thor, ou melhor, *Joey* – como ele era meu único aliado, talvez fosse melhor começar a chamá-lo pelo nome –, parecia ainda mais irritado que Cooper. Em vez de se virar para falar com o irmão, ergueu a mão e puxou um dos refletores da sala, arrancando-o do teto. A luz se apagou imediatamente. Um dos cantos da sala ficou um pouco menos claro que o restante do ambiente, e fiz o meu melhor para ir me arrastando até ali.

– *Isso* é pra garantir que a gente ainda tenha o que trocar quando os dez dias acabarem. – Joey fez um gesto de irritação na direção de Cooper e falou: – E você? Que diabo é *isso*, Cooper?

Cooper franziu a testa, confuso, e seu nariz começou a sangrar. Ele limpou com a manga como se nada tivesse acontecido.

– Do que você tá falando?

– O que você está fazendo aqui não vai dar em nada de bom. Você vai acabar se matando, e ele junto, antes de a gente conseguir fazer a troca pelo Eclipse! – Joey deu uma olhada em mim e em seguida puxou seu irmão porta afora, fechando-a atrás de si. Tentei respirar com o mínimo barulho possível para escutar a voz dele, que ainda atravessava a porta fechada. – Você deve saber que não está pensando direito agora.

Esse era meu único vão consolo. Cooper já estava mal quando me trouxe e não estava melhorando. A supervisão dos experimentos

e as batalhas mentais que estávamos travando todas as noites cobravam seu preço dele também. Me deixar nesta condição exigia muito esforço, e ele estava chegando ao fim da linha. Toda vez que eu o via ele parecia pior...

Assim como eu.

O único plano de fuga que consegui elaborar se agarrava a esse fato. Se eu conseguisse resistir mais que Cooper, talvez Joey assumisse o comando e eu tivesse mais chance de sobreviver.

O tom de voz de Cooper quando respondeu era frio, teimoso e exausto:

– Estou fazendo o que o pai teria feito.

– Eu sei que sim! – Joey elevou a voz, expondo todo o seu desespero. – Você não está vendo? Isso é *exatamente* o que o pai teria feito! O problema é esse!

A resposta de Cooper saiu bem ácida:

– Você não entende. Nunca entendeu porque não é um de nós, e morre de raiva disso.

Ouvi o som de passos se afastando e fiquei sem saber quem estava indo embora até ouvir um grunhido e Joey res-mungando:

– Bom, pelo menos os meus genes fracos de humano não vão me matar.

Tive que me esforçar para não reagir fisicamente a esse comentário. Assim que fiquei sabendo sobre Cooper e Chloe, presumi que Joey também fosse um Apropriador. Eu e todo mundo. E pelo jeito estávamos todos enganados.

Jack tinha me contado que ser filho de um Sonâmbulo não era garantia de ser um também, só aumentava muito a possibilidade. Parecia que no caso da família Campbell foram dois de três, – o que na verdade explicava muita coisa. Joey não era tão mais novo que Cooper, mas não tinha nenhum dos sinais de exaustão do irmão.

Esses sintomas já teriam aparecido se Thor... se Joey fosse um Apropriador.

Não foi fácil, mas consegui me elevar até a cama. Suspirei ao sentir o material aliviar a tensão dos meus músculos depois de tantas horas no chão duro.

A porta se abriu de repente e, quando Joey me olhou, pensei em dizer alguma coisa para mostrar que nem todos os Sonâmbulos consideravam os humanos inferiores. Mas foi como se ele tivesse entendido o que eu estava prestes a falar e não quisesse ouvir. Tomando o cuidado de não fazer contato visual direto, jogou um saco de papel com comida sobre o meu peito com força suficiente para amassar o sanduíche. Em seguida, pôs uma garrafa com água do lado da cama e saiu apressado, fechando a porta atrás de si.

Abri a sacola e peguei o sanduíche ligeiramente avariado. Apesar de não ter conseguido agradecer, esperava que ele soubesse o quanto me sentia grato. Minha visão tremeu quando meus olhos tiveram mais um de seus miniderrames, então os fechei com força.

Dei uma mordida e mastiguei lentamente por um minuto até abrir os olhos de novo. Aliviado ao constatar que o tremor tinha parado, observei o recém-escurecido canto da sala, onde Joey havia arrancado o refletor. As sombras se intensificaram diante dos meus olhos.

Concentrei o olhar naquele ponto, sentindo a cabeça latejar, mas não havia mais nada.

Soltei um suspiro trêmulo.

Eu já tinha vivido aquilo. Era só uma questão de tempo antes que acontecesse de novo. Ninguém nunca tinha conseguido voltar ao normal depois de se tornar um Dividido; eu fui o primeiro. Era quase certeza, portanto, que ninguém sabia o que aconteceria se uma pessoa se tornasse Dividida duas vezes na vida. Considerando o

quanto foi assustador e terrível conviver com o Sombrio aquela vez, definitivamente eu não queria ter que passar por tudo de novo. Não neste momento, quando eu já estava tão enfraquecido.

Deitado na cama, fechei os olhos e pus um braço sobre eles, tentando amenizar o latejar que me castigava fazia horas – ou talvez até dias. A dor não me deixava mais. Só se movia de um lugar para outro e trocava de intensidade. Eu estava muito cansado, e cada movimento estava se transformando em um sacrifício.

Não me movi quando ouvi Joey entrar mais tarde para recolher o lixo. Quando saiu, ele acionou os interruptores do corredor para apagar todas as luzes, uma a uma. O alívio da passagem da luz quente para a escuridão fria sobre a minha cabeça dolorida foi imenso. Um soluço de gratidão escapou do meu peito. Decidi que não me importava se ele ia se irritar, eu precisava agradecer.

– Obrigado, Joey – sussurrei em meio ao silêncio.

– Veja se descansa. – Seu tom de voz não era raivoso, ele só parecia surpreso e confuso. Então a porta se fechou.

Com Joey me ajudando assim, os Apropriadores podiam até ser uma ameaça menor do que aquela que me assombrava dentro da minha mente. Depois de tudo o que Cooper fez comigo, eu não tinha mais forças para suportar muita coisa.

Se o Sombrio voltasse... Duvidei que ainda restasse energia dentro de mim para impedir que ele me dominasse totalmente.

27

Jack

A cabana de Mason era tão afastada do centro de Fairview que tecnicamente nem ficava na cidade. Era uma região de mata fechada e estradas quase inutilizáveis. Fomos sacudindo em silêncio sobre os buracos. Tentei ligar para Mason mais algumas vezes, mas ele não atendeu. Não sabia o que isso significava, mas não devia ser coisa boa.

Finn sacou o celular.

– Vou contar para a Addie e para a Mia que já sabemos o segundo ingrediente e estamos a caminho do terceiro. Tudo bem?

– Claro. – Liguei a seta do carro, aliviado por Finn ter se oferecido para manter as meninas informadas. Se eu tivesse que fazer uma lista com meus maiores pontos fracos, a comunicação provavelmente viria em primeiro lugar, como Parker com certeza confirmaria, e em segundo a capacidade de tranquilizar as pessoas.

Finn era sem dúvida a melhor escolha para isso.

Estávamos viajando fazia duas horas, e nos aproximando cada vez mais, mas eu ainda não sabia o que dizer a Mason. Como estive no cativeiro dos Apropriadores, dava para garantir pelo menos que ele sabia da existência dos Sonâmbulos. Mas, fora isso, o sujeito era quase um mistério.

Libby estava com um livro aberto, deitada no último banco, lendo e ignorando o restante de nós. Depois de terminar de falar ao telefone, Finn parecia entediado, inclinado no banco do meio sobre a fileira da frente, onde estávamos Chloe e eu. Em sua camiseta do dia estava escrito: "O que precisamos mesmo é de lacaios". Era uma frase com uma boa dose de razão. Uns lacaios viriam bem a calhar com tanta coisa se acumulando ultimamente.

– Então, esse tal de Mason... ele não pode ser um Apropriador? – Finn perguntou.

Dei uma olhada para Chloe, e nós dois sacudimos a cabeça antes de eu responder:

– Ele deve ter no mínimo uns 50 anos. Um Apropriador jamais...
– Eu me interrompi, percebendo que não era boa ideia dizer aquilo na frente de Chloe.

– Um Apropriador jamais viveria tanto tempo. – Chloe terminou a frase para mim, como se não significasse muita coisa. – Tudo bem, pode falar. Não é nenhuma novidade.

– Certo. Mas ele pode ser um Construtor, então? – Finn pareceu ansioso para propor uma nova possibilidade.

– Pode ser – respondi, e Chloe concordou com a cabeça.

– E você não sabe por que ele foi levado pra base dos Apropriadores? – perguntei a Chloe mais uma vez. Não era uma questão de desconfiança, eu só queria que ela conseguisse se lembrar de alguma coisa relativa à base.

– Não. Eu não tive nenhuma participação nisso. – Ela se remexeu desconfortável no assento. – Já disse, eles não confiavam em mim. Não me contaram nem pra onde se mudaram quando saíram de lá.

– Isso é o que você diz... – Ouvi Libby murmurar do assento lá de trás.

– E por que ele não pode ser um Observador? – questionou Finn.

– Porque ele está quase sempre sozinho. – Libby largou o livro e começou a falar. – E os Observadores não duram muito se não puderem *usar* alguém como eu.

Olhei pelo retrovisor e encontrei seus olhos, mas ela imediatamente virou a cabeça. A palavra *usar* pareceu ter sido escolhida apenas para me atingir. A Libby que eu conhecia jamais ia querer fazer isso. Ela estava abalada por tudo o que estava acontecendo, e eu não sabia o que fazer para mudar.

Quando parei diante da cabana de Mason, era fim de tarde e o sol já estava se pondo. A casa parecia estar em silêncio, mas havia um carro antigo parado na frente. Torci para que Mason estivesse lá.

Subimos os degraus da frente correndo, e bati com força na porta. Ouvi quando alguns pássaros saíram voando de um grande carvalho perto da casa. Eles contornaram a árvore algumas vezes antes de concluírem que estava tudo bem e que podiam voltar para o galho onde estavam quando eu os assustei. Um minuto inteiro se passou, e eu ergui a mão para bater outra vez, mas então ouvi um rangido lá dentro.

– Mason? Você está aí? – chamei, torcendo para que ele só estivesse sendo cauteloso e não soubesse quem estava batendo. Em resposta, ouvi mais alguns rangidos e então o som de trancas sendo destravadas do outro lado da porta.

Alguns segundos depois, uma frestinha se abriu na porta, depois mais um tanto e por fim totalmente. Mason apareceu, espremendo os olhos por causa da luz do sol.

– Ora, mas que surpresa... – Ele sacou um rifle e apon-tou bem na testa de Chloe. – Você anda viajando com um pessoal bem esquisito, Jack.

– Ei, ei, Mason. – Meus instintos me mandavam pular em cima dele, derrubá-lo e afastá-lo de Chloe. Em vez disso, fui entrando

lentamente na frente dela até a arma estar apontada para mim. – Ela está *ajudando* a gente. Pode confiar.

Mason me encarou com seus olhos marejados, deu uma espiada em Chloe por cima do meu ombro e baixou a arma.

– Só espero que você saiba no que está se metendo.

– Eu sei – respondi enquanto Chloe soltava um suspiro trêmulo. Senti uma de suas mãos vacilantes nas minhas costas.

– Bom, então entrem. – Mason escancarou a porta e fez um gesto para o interior escuro da cabana. – Acho que você não viria até aqui se não tivesse uma coisa importante pra falar.

– Eu podia não precisar vir até aqui se você atendesse o seu telefone de vez em quando. – Abri um sorriso malicioso ao passar por ele.

Chloe ficou tão perto de mim que parecia minha sombra. Dava para entender por quê. Além disso, sentir a presença dela tão próxima não era nada ruim.

Depois que entramos e nos instalamos, comecei do início e contei para Mason uma versão resumida do que estávamos fazendo. Como ficou claro pela maneira como reagiu a Chloe que ele sabia coisas de sobra a respeito dos Sonâmbulos, resolvi não omitir nada. Contei sobre Cooper e Parker, sobre a nova fórmula do meu pai e os ingredientes que precisávamos descobrir. Ele pareceu surpreso e disposto a ajudar no início, porém, quanto mais detalhes eu revelava, mais quieto Mason ficava.

– O seu nome é o último da lista, Mason. – Procurei por algum sinal de surpresa, mas o rosto dele estava impassível, então continuei: – A gente sabe que foi com você que o meu pai deu um jeito de deixar o último ingrediente. Você é um Construtor, certo?

Mason se inclinou para a frente, soltando um suspiro audível, e coçou a barba com a mão.

– Era melhor eu ter atendido o telefone. Acho que você veio até aqui pra nada. – Por algum motivo, ele parecia visivelmente mais velho do que quando chegamos. – Seu pai não deixou segredo nenhum comigo, garoto. Acho que você fez alguma confusão.

Sacudi a cabeça, achando que ele tinha me entendido mal.

– As outras pessoas também achavam que não podiam me ajudar, mas estavam enganadas. As informações estavam enterradas em um lugar que elas nem sabiam que...

– Eu não sou como elas, Jack. A situação é diferente. Desculpe. – Mason levantou e tomou o caminho da porta.

– Não! – Eu o agarrei pelo ombro, forçando-o a me encarar, mas ele evitou o contato visual. – A gente não vai sair daqui. Dá pra ver que você está escondendo alguma coisa, Mason. A gente salvou a sua vida. O Parker arriscou a própria pele pra salvar a sua. Você não vai mandar a gente embora e deixar que ele morra sem contar tudo o que sabe.

Mason cambaleou de leve, fechando os olhos e sacudindo a cabeça. Por fim, seus ombros caíram para a frente e ele me deu as costas. Sua voz tinha perdido toda a aspereza quando ele voltou a falar:

– Eu não tenho as suas respostas, Jack. Queria ter, mas não tenho.

Sacudi a cabeça, sentindo o pânico me dominar diante da ideia de que tudo poderia ir por água abaixo porque Mason se recusava a me ouvir.

– Como é que você sabe?

– Eu simplesmente sei, entendeu? – Mason se virou para mim, mas seus olhos estavam cautelosos, como se ele estivesse guardando um segredo. Mas que tipo de segredo? Se ele fosse um

Construtor, poderia criar um sonho dentro de um sonho para esconder as coisas de mim...

Então ele não era um Construtor.

Entrar na cabeça de outro Observador seria um desafio para mim. Eu precisaria brigar para arrancar alguma coisa dele, que não me deixaria tomar o controle tão facilmente. Com a idade que tem, Mason devia ser mais experiente, o que podia ser uma vantagem para ele. Mas onde estava o Construtor que o mantinha vivo?

Assim, só restava uma alternativa – uma possibilidade inacreditável.

Sacudi a cabeça e dei um passo atrás.

– Você não pode ser...

Ele ergueu os olhos para me encarar, obviamente em choque com as minhas palavras. Deu para ver em seu rosto no mesmo instante que eu estava certo.

Eu só não sabia como isso podia ser possível...

Ele voltou para a poltrona e sentou de novo. Fiquei parado onde estava, encarando-o, temendo que aquilo que ele diria a seguir confirmasse minhas suspeitas.

– Seu pai não pode ter escondido nada nos meus sonhos... porque eu não sonho. – Mason apontou com o queixo para Chloe e concluiu: – Eu sou como ela. Sou um deles. Tipo 1.

Libby bufou atrás de mim, e ouvi quando ela disse:

– Eles estão por toda parte.

Chloe arregalou os olhos. Tentei processar aquela informação de um modo que fizesse sentido. Nunca ouvi falar de um Apropriador que tivesse vivido tanto tempo.

– Como? – grunhi aquela palavra, furioso por ele fazer segredo sobre algo que o vinha mantendo vivo por tanto tempo.

– Eu ajudei o seu pai no trabalho dele durante anos. Ele passou noites e noites estudando a minha mente, Jack. Queria descobrir por que o Eclipse tinha o efeito que tem. Danny estava tentando descobrir como funcionava a conexão entre o meu tipo e os Sonhadores. Queria as verdadeiras respostas pra poder encontrar a verdadeira cura, uma coisa que vinha tentando descobrir desde o início. – Os olhos de Mason estavam perdidos em suas lembranças. – Eu era o único do meu tipo em quem ele ainda podia confiar. O único que não abriria a boca sobre suas descobertas. Pelo menos não até termos a certeza de que encontramos a cura definitiva.

– E por que ele acreditava que não ia ser traído por você? – questionou Libby, com a desconfiança bem clara na voz.

– Porque eu ajudei a destruir o Eclipse logo depois de criado, quando percebemos o que a droga era capaz de fazer. – Ele se afundou na poltrona e fechou os olhos, franzindo tanto a testa que parecia estar tentando deixar uma ruga permanente na pele. – Ninguém deve ter esse tipo de poder.

Repeti a única pergunta que interessava no momento:

– E como você ainda está vivo?

– Ajudar seu pai me trouxe alguns benefícios. – Mason abriu os olhos, e um sorriso cansado apareceu em seu rosto. – Nós descobrimos umas ervas e uns tipos de meditação que ajudam a criar uma espécie de sono hipnótico. Isso ajudou um bocado a prolongar a minha vida, mas só ajuda até certo ponto. Foi por isso que não atendi as suas ligações, na verdade. A coisa chegou a um ponto que, se eu não fizer esse ritual durante pelo menos doze horas por dia, vou estar morto em uma semana.

Chloe o encarou, boquiaberta. Aquela informação parecia incrível para mim; para ela, então, devia ser muito mais.

– Só não sei se vale a pena continuar vivendo assim. – Mason gemeu de leve e se ajeitou na cadeira. Ele viu a maneira como eu o encarava e soltou um grunhido. – Escute, já falei tudo o que podia pra convencer você de que não tenho a resposta. Agora só o que resta é você entrar na minha cabeça enquanto estou em repouso. Veja você mesmo, se ainda não acredita.

– Não. – Chloe falou antes que eu pudesse me manifestar, o que me pegou de surpresa.

– Por que não? – perguntei.

– Porque, se ele for mesmo um Apropriador, pode ser perigoso pra você. – A postura de Chloe relaxou quando ela se inclinou sobre o braço da poltrona, mas a preocupação estava bem clara em seus olhos.

– Ela tem razão, Jack. – Finn balançou a cabeça. – Não foi por forçar uma mente já exausta que o Parker virou um Dividido?

– Estou cansado, mas não estou nem perto de virar um Dividido – respondi com convicção.

– Eu nunca vi o Jack tão cansado assim – entregou Libby.

– Os últimos dias foram difíceis, mas estou bem. Já estive pior – falei, tentando minimizar a preocupação dela e dos demais. Nós não tínhamos tempo para procurar opções. E eu estava dizendo a verdade: fazia só dois dias que Libby tinha me curado. E, apesar de ter aprendido com meu pai – e não por experiência própria – tudo o que ensinei a Parker sobre estar na mente de um Apropriador, eu tinha certeza de que daria conta da situação.

Além disso, se eu precisasse virar um Dividido para salvar Parker, jamais me arrependeria. Apesar de saber o que ter a mente rompida desse jeito fez com o meu irmão e com o meu pai.

Parker era meu irmão. Eu precisava salvá-lo. E *faria* isso. Com a fórmula completa ou não, eu não o deixaria morrer.

Custasse o que custasse.

– Estou pronto.

Olhei nos olhos de Mason de novo. Depois de pedir a Finn para me acordar em quatro horas caso não despertássemos até lá, fomos os dois deitar em quartos separados. Estava na hora de entrar na mente de um Apropriador.

E estava na hora de descobrir se o meu pai tinha mesmo perdido tanto tempo só para me deixar em um beco sem saída, sem nenhuma esperança de encontrar as respostas de que tanto precisava.

+++

Mason deve ter adormecido antes de mim, porque não houve nenhuma pausa no Vácuo antes de entrar na escuridão profunda em que nossas mentes mergulharam. Tudo era um negrume absoluto, com um ar tão carregado que quase parecia líquido. A pressão ao redor era intensa e me jogava para baixo. Tudo era dor e sofrimento. Era difícil me mover, respirar e até pensar. Resistir era muito mais difícil do que eu pensava. Tive que usar partes da minha mente das quais nunca precisei antes.

Demorou certo tempo para que eu me desse conta da verdade. Mason com certeza era um Apropriador, e estava certo. Não havia como meu pai ter escondido o último ingrediente aqui. Como eu fui me meter nessa situação? Expandi minha mente o máximo que podia e consegui criar uma pequena bolha ao meu redor para respirar. Era estranho demais. Exatamente como Parker havia descrito.

Tentei imaginar meu pai passando noites e noites nesse lugar terrível. Por que ele faria isso? O que tinha para ser descoberto ali?

O que poderia ser aprendido? Pus uma das mãos para fora da bolha, sentindo o peso do ar sombrio. Aquilo não fazia sentido.

Meu pai tinha cometido seus erros, mas jamais voltaria tantas vezes se não tivesse um bom motivo. Devia haver alguma coisa ali, alguma razão.

E, agora que eu estava ali dentro, precisava encontrar.

Desfiz lentamente a bolha e deixei o ar escuro e espesso me cercar. Meu primeiro instinto foi o pânico. Eu me sentia incapaz de respirar e precisava lutar contra isso. O que fiz então foi resistir ao instinto e relaxei. Tentei absorver o ambiente de diferentes maneiras, me misturar ao contexto da mesma forma como faria em um sonho. Tentei me tornar uma parte da névoa intensa em vez de tentar afastá-la.

Fiquei em choque quando começou a funcionar e me engasguei um pouco com uma lufada de ar quase sólido.

Relaxando ainda mais, tentei me imaginar me espalhando e me tornando leve como a névoa. Tentei imaginar a mente de Mason se abrindo para mim, e o ar foi ficando ainda mais leve. Eu me expandi na direção da névoa, tocando-a com as mãos e visualizando o meu pai. Eu o imaginei flutuando ao meu lado, fazendo as mesmas coisas que eu. Não foi fácil e pareceu tomar um bom tempo, mas no fim meu pai apareceu.

Sacudi a cabeça, sentindo meu corpo tremer de esforço. Então o meu pai podia, *sim*, esconder sua charada ali. Ele era brilhante.

Estava sentado na névoa escura e sorriu para mim antes de dizer:

– Aquele que me faz não me quer. Aquele que me compra não precisa de mim. Aquele que me usa não me vê.

Senti meu rosto ficar molhado. Pensei que fossem lágrimas, mas quando passei a mão no rosto percebi que estava sangrando. Como

tinha acontecido com Parker. Isso me assustou mais do que eu esperava. Limpei o sangue rapidamente.

– Dá pra falar de novo? – pedi em voz alta, projetando o pensamento pela escuridão até a mente de Mason.

Meu pai repetiu a mesma frase estranha, e eu sabia que já tinha ouvido aquilo antes. Tentei me concentrar, apesar de a minha cabeça estar latejando, e o meu nariz, despejando sangue sobre a minha mão. Eu sabia que, se estava sangrando, havia uma grande chance de estar acontecendo na realidade também. Caso estivesse, talvez Finn não me desse as quatro horas que pedi.

– Um caixão! – Finalmente encontrei a lembrança que estava procurando e gritei a resposta: – É um caixão!

O sorriso do meu pai se alargou, e ele estendeu os braços e me abraçou. Isso me deixou sem fôlego, e eu retribuí o gesto como se nunca mais quisesse largá-lo. Eu sabia que ele não era real, mas não estava nem aí. Ele tinha a aparência, a constituição física e o cheiro do meu pai, e eu nunca mais teria a chance de abraçá-lo assim de novo. Eu não fazia ideia de como o meu pai tinha conseguido plantar uma memória tão real nesse lugar, mas ele sempre conseguia me surpreender.

– Estou muito orgulhoso de você – ele sussurrou, dando um tapinha nas minhas costas. – O último ingrediente é sangue de Construtor. Você consegue, Jack. Agora vá.

E, depois disso, de alguma forma a lembrança que o meu pai plantou me expulsou do sonho de Mason para a luz da manhã que entrava pela janela. De volta à realidade... Uma realidade na qual o meu irmão ainda estava desaparecido e provavelmente morto, e na qual eu sentia mais saudade do meu pai do que imaginava ser possível.

28

Parker

Voltei um pouco para minha antiga cela e, apesar de a escuridão e a temperatura mais fria terem feito bem para a minha cabeça, senti falta da cama e do cobertor da sala branca. Quando Cooper entrou cambaleando, abri um olho e fiquei surpreso ao ver que vinha sozinho.

Ele raramente aparecia sem companhia. Nunca perguntei por quê. Na verdade, nós quase não conversávamos mais. Acho que estávamos exaustos demais para fazer qualquer tipo de esforço. O meu palpite era que os outros não permitiam mais que ele ficasse desacompanhado. Pelo menos Joey ou o médico sempre estavam por perto, como se sentissem responsáveis por mantê-lo na linha.

Dessa vez, foi Cooper que sacou uma seringa do bolso, e mesmo no escuro reconheci a gosma preta que tinham me injetado tantas vezes antes. Eu tentei resistir, então ele chamou alguns guardas para me segurar. Cooper se agachou e não se preocupou nem em desinfetar a minha pele antes de enfiar a agulha.

Que maravilha. Mas tudo bem, as condições de higiene aqui eram tão boas... Se tudo o mais que me fizeram não me matasse, eu ia morrer por causa de alguma infecção nojenta.

Não que fizesse muita diferença. Eu só queria que tudo acabasse o quanto antes. Já fazia tempo que só o que eu fazia era ignorar as alucinações com Addie e Shawn. Comecei a me perguntar se a ajuda de Joey não estava só prolongando a tortura de Cooper. Da última vez que ele me trouxe o que comer, não encostei em nada. Estava cansado demais para engolir qualquer coisa que não fossem uns goles de água. Ele franziu a testa, mas não disse nada.

Cooper ficou de pé, foi até a porta e saiu junto com os guardas. Fiquei parado em silêncio, esperando os estranhamente familiares efeitos da droga. Em geral demorava alguns minutos para bater, mas as doses estavam ficando cada vez maiores.

Notei uma faixa de luz na lateral da porta que não estava lá antes. Isso me pareceu importante, mas não consegui determinar por quê. Pisquei algumas vezes e ergui a cabeça para concentrar minha visão mais firmemente na porta.

Ainda estava aberta. Só uma fresta. Cooper não percebeu que não tinha fechado direito ao sair.

Eu estava esperando o que pareceu ser uma eternidade por uma chance como essa, mas demorou quase o mesmo tanto para eu conseguir erguer o corpo e ficar de pé. Me apoiei à parede, ofegante, desejando que meu corpo encontrasse energia para um esforço final.

Eu precisava sair, e tinha que ser naquele momento.

Tentando fazer o mínimo ruído possível com os meus passos, fui para o corredor e fechei a porta atrás de mim, para que ninguém que passasse a visse aberta. Não fazia ideia do caminho da saída, mas sabia que todo mundo virava à direita quando saía, então era essa direção que eu tomaria.

O primeiro corredor foi meio difícil, porque eu estava bem zonzo e tenso, mas no segundo já estava começando a me soltar. Os

batimentos mais acelerados ajudavam a me dar um pouco mais de clareza.

Vi um pedaço de tijolo no chão na lateral de um corredor. Parecia ter caído de uma parte da parede que estava meio podre perto do teto. Não era exatamente uma arma, mas pelo menos era alguma coisa. Eu não fazia ideia de aonde estava indo, mas tentei me lembrar dos lugares por onde tinha passado, para não acabar perdido naquele labirinto que parecia sem fim. Virava à direita sempre que possível, a não ser quando sentia que isso me faria andar em círculos.

Não havia quase ninguém nessa parte das instalações. Ouvi vozes vez ou outra, mas consegui parar a tempo e esperar as pessoas se afastarem, ou então seguir na direção oposta. Depois de fazer o que me pareceram ser umas cem curvas, o remédio começou a fazer efeito de verdade, e se tornou impossível saber para onde eu estava indo. Era como se todos os corredores fossem idênticos.

Meu corpo continuava se movendo sem muita interferência da minha consciência. Minha mente parecia estar flutuando mais acima. Eu não conseguia pensar no caminho a seguir. Não conseguia ficar atento à movimentação ao redor. Só era capaz de continuar andando e torcer para acabar em um lugar melhor.

Em vez disso, acabei esbarrando em Cooper pelas costas, mandando nós dois para o chão.

Parecia que o meu corpo tinha entrado no piloto automático. Observei como se estivesse de fora enquanto eu levantava devagar e saía cambaleando pelo corredor de novo.

– Como foi que você veio parar aqui? – Cooper me encarava com uma expressão confusa, ainda ofegante por causa do esbarrão.

Notei que seus olhos estavam voltados para além de mim. No fim do corredor vi o que ele estava olhando: portas com a luz do dia

entrando pelas frestas. Eu tinha finalmente encontrado a *saída*?

Cooper ficou de pé e me empurrou, então saltou nas minhas costas e me jogou no chão. Minha cabeça bateu com força no piso de cimento, e meu supercílio se abriu. O sangue começou a escorrer pelo meu rosto, mas mesmo assim meu corpo ainda lutava para levantar.

Pairando acima de mim mesmo, eu via tudo a distância, pensando vagamente que seria melhor ficar no chão. Seria a coisa mais inteligente a fazer. Mas quem estava no comando eram meus instintos de sobrevivência. Com a ponta mais afiada do pedaço de tijolo que levava na mão, bati forte no ombro de Cooper. Ele gritou de dor e saiu de cima de mim. Meu corpo conseguiu ficar de pé, mas desabou de encontro à parede.

Na outra ponta do corredor, as portas do lado de fora se abriram, e por ali entraram guardas fortemente armados. Eles observaram a cena com perplexidade até Cooper gritar:

– Atirem nele, seus idiotas.

Eles ergueram as armas e apontaram para mim, mas eu não parecia muito ameaçador naquele momento, me arrastando pela parede naquela direção. Um dos tiros me acertou de raspão no braço e outro na perna. Os tiros enfim derrubaram meu corpo, e eu desabei no chão. Meus olhos ainda estavam abertos, mas eu não me sentia como se ainda estivesse ali. Tudo parecia muito distante.

Havia muito sangue, e com certeza eu devia estar sentindo dor, mas só o que chegava até mim eram os ecos dos xingamentos que Cooper berrava.

Em seguida, Joey apareceu correndo e afastou o irmão mais velho. Ele gritou pelo médico e perguntou aos guardas por que tinham atirado em mim. As pálpebras de Cooper se fechavam a todo

momento, e ele tinha que sacudir a cabeça para abri-las novamente, sentado ao lado da minha perna sem ferimentos.

Antes que eu perdesse totalmente a consciência, ouvi a voz de Cooper nítida e clara, apesar de suas palavras terem saído em um sussurro.

– Eu devia ter deixado você morrer. Ter deixado você morrer como o seu pai fez com tantos de nós – ele ameaçou, e sinceramente torci para que cumprisse o que falou dessa vez.

29

Jack

Assim que disse a Mason o que encontrei na sua cabeça, ele foi fazer a mala enquanto eu pedia para Libby, Finn e Chloe voltarem para a van. Estávamos prontos para retornar à casa de Parker, ao meu laboratório no depósito da garagem. Mason falou que aquilo que aprendeu com o meu pai ia me ajudar a fabricar a fórmula. Ele inclusive tinha adenosina, o primeiro ingrediente, que usava para se manter vivo. Só restavam cinco dias, mas nós daríamos um jeito.

Finn veio correndo até mim, e parei de ajeitar os suprimentos na van quando vi o olhar de preocupação no seu rosto.

– O que foi?

– O esconderijo. – Suas palavras saíram apressadas. – Fica perto de Oakville?

Pensei por um instante, e em seguida inclinei a cabeça. Tudo em sua postura estava me deixando apreensivo.

– É, não fica longe daqui, só meia hora de viagem, mais ou menos. Por que, Finn?

– Mandei uma mensagem mais cedo pra Addie, e ela não respondeu. Acabei de ligar pra ela, e caiu direto na caixa postal. – Sua voz ficava um pouco mais aguda a cada frase. – Pode não ser

nada, mas estou com a sensação de que tem alguma coisa errada, Jack.

– A gente vai até lá – respondi imediatamente, fechando a porta traseira da van. – Mesmo se estiver tudo bem, a gente precisa saber.

Quando paramos na frente do esconderijo, os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Era uma casinha térrea com uma pintura verde desbotada que nunca foi grande coisa nem em seus melhores dias. Mas agora, mesmo com tudo parecendo normal, havia alguns detalhes estranhos. A luz da varanda estava acesa no meio do dia. A mãe de Parker geralmente prestava atenção a isso. A porta da frente não parecia bem fechada. E, acima de tudo, a casa estava silenciosa demais. Estacionei na sombra de uma árvore alguns metros à frente e desci da van.

Tentei dizer a mim mesmo que era só o fato de não ir ali havia tempos que fazia parecer que tinha alguma coisa estranha, mas fiz um sinal para os outros ficarem na van, por precaução.

Finn cerrou os dentes, e deu para ver a preocupação em seu rosto quando ele imediatamente começou a levantar para vir comigo. O olhar que lancei o fez hesitar, mas ele falou:

– Minha irmã pode estar em perigo... e a Mia.

Seria melhor para mim simplesmente dar ordens em uma situação como essa. Mas, em consideração a Parker, tentei explicar, apesar de não saber fazer isso direito:

– Eu já volto pra falar com você, Finn. Se tiver acontecendo alguma coisa, é melhor estar sozinho, pra não ter que me preocupar que você nem *ninguém* morram.

Finn pareceu ligeiramente ofendido.

Mason deu um tapinha de leve em seu ombro e o puxou de novo para junto do assento.

– Vá em frente, Jack. Eu fico de olho nas coisas por aqui.

– Obrigado. – Ignorando o olhar preocupado de Chloe, me virei para a casa e fui andando com a maior naturalidade possível até a porta dos fundos.

Assim que vi a porta aberta, sabia que havia alguma coisa muito errada. Saquei uma das minhas facas da manga e, apertando o cabo com força com a mão direita, fui me aproximando silenciosamente dos fundos da casa. Com as costas coladas à parede, fiquei à espera para ver se escutava alguma movimentação lá dentro.

Nada além do silêncio.

Estendi a mão e empurrei de leve a porta dos fundos. Meu coração disparou quando as dobradiças rangeram tão alto que qualquer um ali dentro seria capaz de ouvir. Com um movimento rápido, adentrei o interior escuro da casa. Parecia tudo vazio, então me agachei atrás da pequena mesa de jantar e aguardei.

Contei até três na minha cabeça, à espera do som de passos apressados, mas continuava tudo em silêncio. Levantei e olhei ao redor. Uma das cadeiras estava tombada. Sobre a mesa da cozinha, um prato de frutas quase intocado, provavelmente o lanche de alguma das meninas. Foi quando vi a confirmação de todos os meus temores: a bolsa da sra. Chipp e o celular pré-pago destruído sobre o balcão da cozinha.

A raiva e o medo invadiram as minhas veias como uma criatura viva. Até pensei na possibilidade de que isso acontecesse, mas parecia muito improvável. *Por quê?* Eu simplesmente não entendia.

Depois de revistar a casa, estava a caminho da porta da frente quando ouvi um barulho no closet do corredor. Fechei a porta da frente ruidosamente, então fui me movendo em silêncio naquela direção. Saquei uma das minhas facas e me preparei para a briga quando abri a porta.

Houve um grito de susto. Mal tive tempo de erguer o braço para bloquear a vassoura que descia com força sobre a minha cabeça. Envolvi o cabo de madeira com os dedos e puxei com força. O rosto pálido e apavorado de Addie apareceu.

– Addie. – Guardei a faca de volta na bainha e tentei controlar meu pulso disparado pela adrenalina.

Ela me olhou por entre os cabelos caídos no rosto e sussurrou meu nome:

– Jack!

Em seguida, pulou sobre mim, envolvendo o meu pescoço com os dois braços e me jogando contra a parede. Seu corpo todo tremia, e com movimentos inseguros ergui as mãos e dei um tapinha em suas costas. De repente, me peguei pensando em como adoraria que isso acontecesse um mês antes. Agora parecia que eu estava traindo meu próprio irmão.

– O que aconteceu? – Afastei os cabelos dos seus olhos e vi as lágrimas caindo do seu rosto.

– Um monte de gente apareceu aqui, uns c-caras armados. Eles... eles... I-levaram a Mia e a mãe do Parker. – Suas palavras saíram em golfadas, como se ela as estivesse segurando e finalmente não precisasse mais resistir ao impulso de falar.

– Quando foi isso? – Meu tom era sério e direto, e por um instante cheguei a me preocupar pensando que Parker seria mais gentil.

Mas o tempo estava passando, e a cada vez que olhava no relógio meu pânico aumentava pelo prazo apertado que tinha para salvá-lo.

Ele poderia me ensinar a lidar com as pessoas do jeito que quisesse... *depois* que eu salvasse sua vida.

– Eles ficaram um tempo aqui antes de irem embora com elas. Fazendo perguntas sobre você. Não faz muito tempo que saíram... uma hora, talvez? – Ela olhou para a vassoura com a qual me atacou. – Pensei que você fosse um deles. Descul...

– Não precisa se desculpar. – Sacudi a cabeça em um gesto rápido e firme. – Você fez a coisa certa. Por que eles não levaram você?

– Eu estava no banheiro quando eles chegaram, e quando ouvi...
– Addie se interrompeu e olhou para o chão, com a vergonha estampada no rosto. – A mãe do Parker começou a gritar como se quisesse que eu ouvisse... foi tipo um aviso, então me escondi.

– Muito bem. Era bem isso que você tinha que ter feito, Addie. – Estendi a mão e puxei seu queixo para que ela me olhasse. – Se não tivesse feito isso, a gente não ia saber o que tinha acontecido. Agora a gente pode tentar fazer alguma coisa por elas. Esses caras não vão conseguir usar isso como fator surpresa... graças a *você*.

Seus olhos se encheram de gratidão, e ela fez um aceno trêmulo de cabeça.

– Eles disseram como encontraram vocês aqui? – Franzi a testa, olhando para o esconderijo nem tão seguro ao meu redor, como se a culpa fosse da casa.

– Ouvi um deles dizer que era o primeiro lugar na lista do químico...

Soltei um palavrão.

– Falha minha. Escolhi esta casa porque era a que a gente nunca usava, mas por isso também ia ser o lugar que o meu pai entregaria aos Apropriadores quando fosse obrigado. – Estava me sentindo um idiota. Eu devia ter considerado essa possibilidade. – Desculpe, Addie.

– Pare com isso. – Ela sacudiu a cabeça e me abraçou. – Você só estava tentando proteger a gente, Jack. Não dá pra prever tudo o que eles podem fazer.

Fiquei grato por Addie tentar fazer com que me sentisse melhor, mas ela estava enganada. Prever os movimentos dos Apropriadores era exatamente o que eu passei a vida me esforçando para tentar fazer. Era o que eu esperava de mim mesmo, e o que o meu pai cobrava de mim.

Quando voltamos para a van, vi Finn andando de um lado para o outro junto do veículo. Ao olhar para Addie, sua expressão preocupada se transformou em um sorriso aberto, e ele correu para abraçá-la. Os olhos deles encontraram os meus por cima do ombro dela, e ficou bem claro que eu não estava escondendo minha preocupação tão bem quanto gostaria.

– Cadê a Mia? – ele perguntou.

Addie sacudiu a cabeça e fechou os olhos.

– Eles levaram a Mia e a mãe do Parker. – Eu mesmo dei a informação para que Addie não precisasse fazer isso.

Chloe despencou contra o encosto do assento como se tivesse levado uma pancada. O rosto de Libby se transformou em uma careta de dor. Ela sabia exatamente como era ter seus entes queridos levados pelos Apropriadores.

– Por quê? – A expressão de Finn passou do medo para a raiva, o que me pegou totalmente de surpresa. – Por que fazer isso? Eles já pegaram o Parker. Isso não basta?

Engoli em seco e dei de ombros, porque só havia duas razões que poderia imaginar para eles precisarem de mais reféns. E eu não tinha coragem de dizer nenhuma das duas em voz alta.

A primeira: eles precisavam obrigar Parker a fazer alguma coisa.

A segunda: o refém original não tinha sobrevivido.

Tentando segurar o nó que sentia no estômago, eu me concentrei na única coisa que conseguia controlar. Era uma aposta arriscada querer que Cooper trocasse Parker por algo que não fosse o Eclipse, mas era melhor que ficar sem fazer nada, só morrendo de preocupação.

– Vamos lá... o plano precisa ir em frente. Vamos pro meu laboratório terminar essa fórmula enquanto ainda dá tempo de fazer isso.

+++

A casa dos Chipp estava ainda pior que o esconderijo. Eles a tinham revirado toda. A fechadura da porta dos fundos estava arrombada, havia cadeiras viradas e gavetas esvaziadas. Provavelmente atrás de uma pista do paradeiro da família.

Um esforço em vão, porque aparentemente eles já tinham o endereço de que precisavam.

Fui andando pela casa, me sentindo desamparado. Os Apropriadores pareciam estar sempre um passo à minha frente. Eu odiava essa situação com todas as fibras do meu ser. Não estava acostumado a ser passado para trás desse jeito. Me abaixei e peguei um porta-retratos quebrado do chão. Uma lasca de vidro cortou meu dedo. Eu o virei e vi os rostos sorridentes do meu pai, da sra. Chipp e de um Parker bem novinho. Devolvi a foto cuidadosamente ao seu lugar e segui em frente.

Em todos os cômodos encontrei o mesmo cenário: tudo revirado, quebrado e fora de lugar. Todos os cômodos menos o meu laboratório, claro, que estava em perfeita ordem – nada deveria me impedir de fabricar o precioso Eclipse, que Cooper tanto queria. De repente senti uma vontade de arrebentar o laboratório eu mesmo.

Queria destruir tudo, da mesma maneira como tinham feito com a minha vida.

Ouvi o som de algo se arrastando, e quando me virei vi Chloe com uma vassoura e uma pазinha. Ela estava de costas para mim, varrendo os cacos de vidro do chão. Eu não tinha aberto a boca desde que saímos do esconderijo. Quando se virou para mim, vi em seus olhos uma expressão que era um pedido de desculpas que nunca quis ou esperei dela.

Respirando fundo, entrei no laboratório e comecei a me preparar para fabricar a fórmula que poderia salvar Chloe – porque, mesmo que não valesse a pena fazer isso por nenhum outro Apropriador, por ela *com certeza* valia.

+++

Libby ficou imóvel e em silêncio enquanto eu colhia um pequeno frasco de seu sangue. Ela me olhava como se quisesse dizer alguma coisa, e então virava a cabeça de novo. Depois de pôr um curativo em seu braço, a encarei e continuei com o olhar fixo no rosto dela, para que ela não virasse a cabeça de novo.

– O que você quer me dizer, Lib? – Eu me sentei diante dela e pus minha mão sobre as suas. – Tem alguma coisa pra confessar? Alguma doença hereditária que pode passar pros Apropriadores?

Um sorriso apareceu em seu rosto quando ela respondeu:

– Quem me dera.

Dei uma risadinha e sacudi a cabeça.

Ela pareceu hesitante enquanto me observava, mas depois pelo jeito resolveu ir em frente, porque falou sem rodeios:

– Como é que você pode estar fazendo isso?

Soltei um grunhido.

– De novo não. Não agora. Não está ajudando em nada.

– Você não está vendo? – Libby apontou para o próprio braço. – Eles ainda estão explorando a gente. Usando a gente pras necessidades deles.

Segurando um frasco de seu sangue diante dos meus olhos, ficava difícil refutar seu argumento. Ainda assim, sacudi negativamente a cabeça.

– Eles são parasitas, Jack – ela sussurrou. – Sempre foram, sempre vão ser. Quando você vai perceber que mudar o jeito como eles usam a gente não vai mudar quem eles são?

– Isto é diferente – falei.

Libby fez que não com a cabeça.

– Ela está bagunçando a sua cabeça, e você não está conseguindo pensar direito.

– Pode até ser. E talvez ela precise fazer isso mesmo. – Elevei o tom de voz um pouco antes de baixá-lo de novo. – Será que dá pra pôr todos eles no mesmo patamar e dizer que são todos iguais? Que não podem mudar? Seria justo dizer que você é exatamente igual a *todos* os outros Construtores?

Libby grunhiu e tentou soltar a mão, mas eu a segurava com firmeza.

– Tudo bem – ela falou. – Mas como é que você sabe que pode confiar nela? Como pode saber se a Chloe não está participando do plano do Cooper? – Ela apontou para a cozinha com a mão livre. – Quem garante que não foi ela que falou pra eles irem atrás da mãe do Parker?

– Eu confio nela. – Apertei sua mão e desejei ser capaz de fazê-la acreditar, ao mesmo tempo em que desejava desesperadamente que os meus instintos estivessem corretos em relação à Chloe. – Ela quer ajudar. É só isso que eu tenho pra dizer.

– Tomara que você saiba o que está fazendo. Que ela não tenha envolvido você numa mentira que vai acabar custando a vida de todo mundo. – O tom de Libby não era o de quem estava torcendo por uma coisa boa.

– É mesmo? – Soltei a mão dela, pus o frasco na mesa e fiquei de pé, aborrecido. – Porque parece que você está torcendo pra Chloe estar mentindo. Só pra mostrar que está certa. Isso pelo que você está torcendo ia acabar comigo. *Acabar*. Espero que você entenda isso.

Libby reagiu como se tivesse levado um tapa no rosto.

– O que v-você sente por ela é tão forte assim?

– Pode ser... – Dei as costas para ela e fechei os olhos, passando as mãos no rosto. – É uma coisa confusa. Sei lá.

Quando voltei para sentar à sua frente, ela estava com olhos baixos, voltados para o próprio sangue.

– Por que uma Apropriadora, Jack? Não faz sentido. Você é um Observador, devia ficar com quem pode ajudar. Devia ficar com... uma Construtora.

Eu sorri e pus a mão sobre a dela.

– Se tivesse mais alguma disponível além da minha melhor amiga ou da garota apaixonada pelo meu irmão...

Libby se recostou na cadeira e suspirou, me encarando com seus olhos escuros enormes antes de voltar a falar:

– Desculpe. Sei que estou tratando você muito mal ultimamente. Eu precisava de alguém pra culpar, e você está aqui, e sabia que não ia me odiar por isso. Precisava de alguém em quem descontar a minha raiva, e você me deixa fazer isso.

– Pare... – Eu a interrompi antes que terminasse o raciocínio. – Você não precisa pedir desculpa. Eu entendo. E também sinto falta

da Marisol. Pode continuar descontando a sua raiva em mim se quiser. Eu aguento o tranco.

– Não sei como vou continuar vivendo sem ela. A Marisol era uma mãe pra mim, mais que a minha mãe de verdade. Como eu vou suportar perder as pessoas que amo desse jeito? – Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

Balancei a cabeça em silêncio, tentando não interromper agora que ela estava finalmente pondo para fora aquilo que a estava envenenando por dentro fazia tantos dias.

– É que... eu odeio todos eles, Jack. – Ela soltou um rugido de raiva, e em seguida pareceu surpresa consigo mesma. Sua fúria parecia estar emergindo para a superfície. Dava para ver o sentimento mesmo quando ela tentava controlar com tanta força. – Eu sei que não devia ser assim. Eles não têm culpa por ser como são, mas não importa, é como me sinto. Odeio todos e não estou nem aí se morrerem. É isso que eu quero.

Não era fácil ouvir essas coisas saindo da boca de Libby, e não só porque ela sempre foi alegre e brincalhona, mas também porque era a mais racional de nós dois. Mesmo assim, não dava para fingir que não a entendia.

– Eu sei que é. E me senti assim durante um bom tempo também. – Ouvi o barulho de alguém passando no corredor e baixei o tom de voz. Passei o polegar no dorso da mão dela e tentei pensar nas palavras certas para expressar a minha opinião sem ofendê-la. – O que você está sentindo agora é um combustível. Essa raiva é o que está mantendo você de pé e seguindo em frente. Eu entendo. Já senti isso. Mas em algum momento você vai precisar de alguma coisa além do ódio. Vai precisar se apegar em outra coisa, porque isso não define quem você é.

Ela me encarou com uma expressão que não consegui decifrar. Não sabia se ela tinha entendido ou não.

– Essa nunca foi você, Lib. E a Marisol nunca ia querer ver você assim.

Libby refletiu por um instante, ficou de pé, me deu um abraço e saiu. Eu só podia torcer para que em algum momento ela entendesse.

Comecei a preparar os ingredientes, e Mason veio me ajudar. A adenosina foi ele que forneceu, e Chloe conseguiu o segundo, o inibidor de acetilcolinesterase, surrupiando de uma pequena farmácia de manipulação no caminho para cá. Por sorte, era uma substância bastante usada por quem sofre de Alzheimer, e não ficava trancada junto com os outros remédios controlados. O último item era o sangue de Libby.

Nós só precisávamos garantir que a mistura seria feita na proporção exata.

Em cinco minutos de trabalho com Mason ficou claro que ele sabia o que estava fazendo e tinha sido treinado pelo meu pai. A maneira como ele murmurava enquanto triturava os ingredientes, apertava os olhos ao ajustar a chama do bico de Bunsen, seu sorriso ao erguer um béquer contra a luz – tudo me fazia lembrar do trabalho com o meu pai. A segurança que isso me trouxe foi um alívio bem-vindo em meio à pressão do prazo que se esgotava.

O trabalho no laboratório me colocou em uma espécie de frenesi de concentração que me permitiu pensar apenas nas diferentes etapas de preparação. Esqueci quem eu era, com quem estava. – A única coisa que importava era o que eu estava fazendo.

Foi uma válvula de escape da tortura da preocupação com o meu irmão e do fato de poder ser tarde demais para salvá-lo.

– Humm. – Mason examinou a lista de ingredientes outra vez. – Então não é uma injeção?

– Não... – Conferi mais uma vez as medidas. – Como era pra uso de massa, o meu pai queria que fosse fácil de administrar. Alguns desses elementos são absorvidos na corrente sanguínea quase imediatamente. Acho que em termos gerais o efeito vai ser bem rápido.

Sua única reação foi soltar um resmungo antes de voltar ao trabalho.

Mason e eu conferimos três vezes cada medida e verificamos cada passo antes de fazer alguma coisa. Eu tinha acabado de acrescentar o último ingrediente e separar cada dose em frascos individuais quando me virei e percebi que Chloe estava sentada em uma cadeira logo atrás. Com certeza não estava lá o tempo todo, mas, a julgar pela maneira como estava afundada na cadeira com os pés para cima, já devia estar esperando fazia um bom tempo.

– Acho que vou tomar um ar – murmurou Mason, esticando as costas e saindo do laboratório.

Fui me sentar na cadeira ao lado dela, me esforçando para não ficar admirando o líquido azul nos frascos sobre a bancada. Ela se remexeu no assento, se afastando de mim. Suas olheiras estavam ainda mais visíveis que antes. Seus olhos pareciam enlouquecidos, e sua pele e seus lábios estavam pálidos, fazendo suas íris acinzentadas se destacarem em um contraste preocupante.

– Você está bem? – perguntei, mantendo um tom de voz baixo.

– Já está pronto? – Ela ignorou minha pergunta, e sua voz saiu embargada, afetada pela exaustão.

– Praticamente, mas não sei o que fazer agora. – Passei as mãos pelos cabelos.

Dava para confiar cegamente na nova fórmula do meu pai e levá-la até a base dos Apropriadores? Se conseguíssemos de alguma forma convencer Cooper a tomá-la – o que já era uma tarefa quase impossível – e a coisa *não* funcionasse, a vida de Parker estaria em perigo. Podíamos correr esse risco? Mas qual a alternativa?

– O que mais você ainda precisa fazer? – Chloe se inclinou para a frente e apoiou o queixo no joelho. Sua mão estava solta no ar, e notei que estava tremendo. Sua condição era pior do que eu imaginava. Fiquei me perguntando se a experiência com o Eclipse e a separação do corpo de Finn a tinham afetado de uma forma diferente do comum. Talvez ela tivesse menos tempo do que eu pensava.

Só de especular sobre essa ideia eu já entrei em pânico.

A droga ia funcionar. Precisava funcionar.

– O líquido só precisa descansar um minutinho, e então já vai estar pronto. – Tentei não ficar olhando para sua mão trêmula, que parecia pequena e vulnerável.

Finn enfiou a cabeça porta adentro.

– Então agora que a fórmula está pronta...

– Ela precisa de um nome – completei por ele, cruzando os braços.

– Que tal uma coisa durona, tipo Exterminador? – Finn disse a última palavra imitando o sotaque de um certo ator austríaco antes de se colocar diante de nós.

– Não que eu não goste das suas ideias, Finn... – Chloe ficou de pé e foi até a bancada. Finn se acomodou na cadeira onde ela estava enquanto víamos Chloe se ajoelhar para examinar de perto o líquido azul. A luz do sol que entrava pela janela era refratada pelo vidro, projetando um arco-íris nas mãos dela. – Mas que tal... Spectrum?

Olhei para Finn, e nós dois concordamos com um gesto de cabeça. Entre Sonâmbulos e Sonhadores comuns, um espectro nos representava muito bem. Todos juntos trabalhando para uma coisa melhor. Assim como estávamos fazendo naquele momento. Assim como o meu pai queria. Era perfeito.

– Então está decidido, é Spectrum – falei.

– E quantas doses tem aqui? – O tom de voz de Chloe parecia um pouco estranho, e ela ficou de pé ao lado da bancada.

– Cada frasco tem uma dose, então temos cinco, mas eu posso replicar. – Abri um leve sorriso. – Só queria ter certeza que o primeiro lote não ia explodir antes de fazer mais.

– Ótimo. Porque eu vou tomar este aqui. – Chloe se virou para pegar um frasco, e eu levantei com um pulo da cadeira, chegando bem a tempo de tirar a bandeja de seu alcance. Finn se inclinou para a frente na cadeira, mas não parecia saber muito bem o que fazer para ajudar.

– O que você está fazendo? – esbravejei, tentando manter meu tom de voz sob controle enquanto punha a bandeja na mesa atrás de mim.

Ela me encarou como se eu tivesse enlouquecido.

– Esse era o plano desde o começo, Jack. Pra quem você achava que estava fazendo essa fórmula?

– Não, Chloe. – Ela tentou estender as mãos por cima de mim, mas eu a segurei pelos punhos e os preendi junto ao meu peito. – Eu quero usar isto pra salvar você, mas não sou como os seus irmãos, não vou deixar você ser a cobaia.

Ela parou de se contorcer por um instante, parecendo surpresa.

– Obrigada pela consideração – ela disse por fim e depois acrescentou: – Mas eu preciso tomar isso *agora*. Não por eles, nem por você... Por mim.

– Por quê? Por que não esperar até a gente testar no Cooper? – Aliviei um pouco a pressão sobre seus pulsos, acariciando o dorso das suas mãos com as minhas, apreciando a sensação da minha pele quente contra a dela, que parecia estar sempre gelada.

– A gente não sabe nem se vai conseguir convencer o Cooper a tomar – ela falou. – É preciso ter *certeza* de que vai funcionar se a gente quiser ter alguma chance com ele. Eu conheço bem esse pessoal, o meu pai bagunçou a cabeça de todo mundo. – Seu tom de voz era suave e tinha um tom de súplica. – Isso é o melhor que eu posso fazer pra ajudar essas pessoas... talvez seja a única coisa. Você quer salvar o seu irmão. Eu quero salvar os meus semelhantes. *Me deixe ajudar.*

– Chloe, você já ajudou. – Vi que Finn estava saindo de fininho e fiquei torcendo para que tivesse ido buscar reforços.

– Não... Não foi o suficiente. – Suas mãos estavam espalmadas contra o meu peito, como se ela quisesse me empurrar, mas estivesse sem coragem.

– Isto nunca foi testado. A gente não tem ideia do que pode acontecer. Isso pode *matar* você, Chloe.

– Aqui. Toma. – Ouvi a voz de Libby atrás de mim e vi quando ela passou por mim e foi até Chloe, segurando um frasco.

– Libby, o que está fazendo? – Minha apreensão era visível, apesar de eu me esforçar para parecer calmo.

– Estou ajudando – Libby afirmou simplesmente. Ela usou as palavras exatas que fariam Chloe beber a fórmula, estando pronta para isso ou não: – Se ela não tomar, vai morrer do mesmo jeito. A Chloe diz querer nossa confiança, que os Apropriadores podem ser mais que meros assassinos que usam as pessoas pra conseguir o que querem. Agora é a hora de provar.

Chloe piscou algumas vezes, como se as palavras de Libby a tivessem deixado atordoada. Quando eu tentei me aproximar, ela pegou o vidro da mão de Libby e saiu para o corredor. Ao se virar, abriu uma versão enfraquecida de seu sorriso durão e ergueu o líquido como um brinde antes de levá-lo aos lábios.

– Chloe, não! – gritei.

Mas antes que ela pudesse beber, o frasco foi arrancado de seus dedos. Observamos em choque enquanto Mason virava tudo em um gole.

Ele sorriu para ela.

– Você não ia querer ser a primeira depois de todo o trabalho que eu tive. Estou esperando há muito tempo por isso, menina.

Todos ficamos em um silêncio aturdido quando ele limpou a garganta e falou:

– Fica um gosto bem estranho na boca, Jack. – Em seguida, ele cambaleou sobre a parede. Chloe só conseguiu amenizar um pouco sua queda quando ele se esborrachou no carpete do corredor.

– Mason! – Quando cheguei até ele, seu corpo inteiro convulsionava.

Finn ajudou a abrir um pouco do espaço, e nós o carregamos para a sala. Enquanto Libby e Finn tentavam me ajudar, Chloe ficou parada em um canto, observando. Dava para entender por quê. Seu rosto estava pálido, e seus dedos contorcidos junto ao peito enquanto a droga que supostamente salvaria os Apropriadores revirava o corpo de Mason como um tsunami.

Ele soltou um longo e trêmulo suspiro... e em seguida mais nada.

30

Parker

O cheiro de álcool, plástico e remédio me cercava. Só o que eu conseguia ouvir era o rugido, os bipes e o padrão vibratório das máquinas. Havia algo no meu rosto que eu queria arrancar, mas não conseguia mover os braços. As máquinas eram equipamentos médicos, percebi, e o som era o das batidas do meu coração. Eu estava em uma espécie de quarto de hospital.

Tentei me desvencilhar das amarras, me sentindo mais forte pela primeira vez em dias... e muito confuso. Estava drogado, isso dava para saber. Eu tinha sido medicado, mas não com a gosma preta. Era uma coisa mais normal, tipo analgésicos. Fiz ainda mais força para libertar minhas mãos, e senti uma onda de dor invadir meu corpo.

Pelo jeito, os analgésicos não foram suficientes...

Ouvi o som de algo metálico deslizando, e de repente o dr. Rivera estava inclinado sobre mim. Ele olhou nos meus olhos e apontou o feixe de uma lanterna para eles. Em seguida, verificou as máquinas ao lado da cama e injetou algo na bolsa de soro pendurada ao meu lado. Imediatamente o atordoamento da sedação tomou conta de mim. Isso era *muito* melhor. O que quer que tivessem me dado, era forte e incrível.

Parei de resistir ao descanso de que meu corpo tanto precisava e me deixei levar pela inconsciência outra vez.

+++

Quando acordei, minhas costas estavam doendo, porque estava debruçado sobre uma mesa. Endireitei a postura e me espreguicei, surpreso ao constatar o bem-estar que dominava meu corpo. Um papel da mesa grudou na minha testa, e eu o afastei com um bocejo. Ouvi uma voz e me virei rapidamente, mas não havia ninguém por perto.

Sacudi a cabeça, mas alguma coisa parecia diferente. Não... tudo parecia diferente. Meu cabelo não estava caindo sobre a nuca. Quando tentei tocá-lo com os dedos, não o encontrei. Estava curtinho, bem rente na nuca. Eles tinham cortado o meu cabelo?

E o meu braço... Eu não tinha levado um tiro? Ergui a mão esquerda para tocar o ombro direito, mas quando a vi fiquei paralisado. Parecia mais velha... enrugada, com manchas de sol. Meu peito ficou tão apertado que até doía. Ouvi uma voz de novo, mas as palavras não eram muito claras. Eu me virei na cadeira e fiquei de pé, recuando até a parede, em pânico. Eu não conseguia pensar. Não conseguia respirar. O que estava acontecendo?

Quando cheguei à parede, tentei refletir sobre a minha situação. Poderia ser um sonho? Por causa dos analgésicos? Isso não poderia acontecer, certo? O que era, então? Olhei para uma superfície prateada em cima da mesa e vi um reflexo distorcido da imagem... só que não era eu. Era o dr. Rivera.

Ergui uma das mãos e acenei, e o reflexo fez o mesmo.

Em seguida, lembrei que Cooper e o médico tinham dito o que estavam tentando fazer com as injeções de gosma preta. Senti um

frio na barriga, e minha cabeça começou a girar quando me dei conta da realidade. Havia funcionado: eles alteraram o meu cérebro.

Agora eu era um Apropriador, e tinha acabado de me apropriar do corpo do dr. Rivera.

Ouvi a voz com mais clareza dessa vez, e era a do dr. Rivera. Se eu me concentrasse o suficiente, conseguia ouvir seus pensamentos, seus sonhos e suas lembranças. Imaginei que, com um pouco de prática, poderia descobrir quase tudo o que quisesse a seu respeito. Ele era como uma marionete, e era eu quem puxava os cordões.

Estremeci e de repente me senti enjoado.

– Ora, que estranho – minha voz de sempre falou, e quando ergui os olhos me vi parado do outro lado da sala.

Pela maneira como o Sombrio entrava e saía de foco, imediatamente soube que aquele não era o meu corpo real. Apesar de parecer que estive no inferno e voltou, com certeza ele estava bem em comparação com a aparência atual do meu verdadeiro eu.

Eu havia me tornado um Dividido outra vez.

Sentei de novo na cadeira do dr. Rivera e apoiei a cabeça na mesa, tentando processar tudo.

– Que diabos eu faço agora?

Apesar de o Sombrio manter a voz em um tom baixo, havia um toque de grunhido em suas palavras:

– Bom... eu sugiro não desperdiçar mais nenhum segundo aqui sem fazer *nada*. O que você acha?

– Estou bem surpreso com isso, mas é bom ter você de volta. – Abri um sorriso pela primeira vez em uma eternidade.

– Eu sabia que você ia sentir a minha falta. – Ele abriu um sorriso malicioso.

– A gente precisa arrumar um jeito de dar o fora daqui... ou pelo menos arrumar um jeito de ligar pro Jack. Avisar que, se ele não vier

logo, não adianta nem vir... – Fiquei de pé e olhei ao redor da sala, mas parecia apenas um lugar para fazer anotações. Não havia nem um telefone por perto.

O Sombrio deu um passo à frente.

– Finalmente você está começando a fazer sentido.

– Não sei se isso é bom, mas por enquanto vou aceitar o elogio – murmurei enquanto ia até a porta, mas hesitei e me virei para o Sombrio. – Espera. Isso é exatamente o que eles queriam fazer: transformar a gente em Apropriador, certo? – Apontei para a porta e baixei a voz ainda mais: – Então devem ter tomado algumas providências de segurança, não? Faz sentido eles terem se preparado pro caso de o plano dar certo.

O Sombrio balançou a cabeça como se estivesse pensando.

– Mesmo que seja esse o caso, o que eles podem fazer? Não deixar ninguém fazer contato visual com o seu corpo? Eles não têm como saber se funcionou. Mesmo se *tiver* gente vigiando o corredor, ninguém vai saber que você não é o médico.

– Verdade, não tem como saber se eu não der bandeira. – Respirei fundo e inclinei os ombros, como o dr. Rivera sempre fazia. – Lá vamos nós.

Saindo para o corredor, fiz um breve aceno de cabeça para o guarda do outro lado da porta, que olhou bem para mim, mas não esboçou reação. Fingindo os trejeitos do dr. Rivera, fui andando pelo corredor. Quando não havia ninguém por perto, procurava por alguma saída ou um telefone. Aquele lugar parecia um labirinto. Não dava para saber nem a que profundidade eu estava debaixo da terra. Depois de alguns minutos, encontrei uma sala com telefone.

Mantendo a luz apagada, apanhei o fone com dedos trêmulos. O Sombrio só observava, quase tão apreensivo quanto eu.

– Que bizarro. É muito louco ver você assim, com essa aparência
– ele disse por fim.

– Nem me fala. – Digitei os últimos algarismos do número de Finn e esperei tocar uma vez... duas vezes... e então ele atendeu.

– Pois não? Quem fala? – Ele atendeu da maneira como recebia chamadas de números desconhecidos.

– Finn! – O alívio na minha voz agora anasalada era bem nítido.
– Sei que não deve parecer, mas é o Parker. Preciso conversar com você e o Jack. Ele está aí também?

– Eu... eu não... – Finn parecia mais do que confuso, mas pelo jeito decidiu que o melhor a fazer era pedir ajuda a Jack, porque em seguida ele disse: – Espere um pouco que eu vou chamar.

Ouvi o som de passos e conversas abafadas. Deu para entender algumas palavras, como “não parece ser ele”, “não tenho ideia” e “pensei que você fosse saber” antes de aparentemente Finn me pôr no viva-voz e eu escutar a voz de Jack.

– Qual era o nome da primeira pessoa que mandaram a gente ir atrás? – Sua voz fria e controlada me provocou um frio na espinha.

Olhei para o Sombrio, que me devolveu o mesmo olhar apavorado.

– Eu, hã... estou tentando lembrar.

A voz de Jack ficou gelada:

– Valeu a tentativa.

– Espere! – A minha voz ficou esganiçada. A ligação não tinha sido interrompida, então continuei: – Eu passei por um bocado de coisas aqui, Jack. Não me lembro mais do nome! Mas posso falar outra coisa.

– Última chance. Onde estava a mensagem escondida que o pai deixou pra você?

– Na costura da carteira dele – me apressei em responder. – Tinha uns pontos diferentes, e eu nunca ia ter percebido, mas você viu.

– Parker... – A voz de Jack saiu tão carregada de sentimentos que comecei a me perguntar se *eu* não deveria testá-lo para ter certeza de que não era alguém se passando por ele. – O que está acontecendo? Onde você está? O que eles fizeram com você? A Libby perdeu a conexão com você no sonho, então fiquei com medo de que... que...

Alguém gritou o nome de Jack e ouvi quando ele cobriu o bocal e falou:

– Certo. Fica lá com ele pro caso de precisar fazer boca a boca de novo.

– O que está acontecendo aí? – Gelei por dentro. – Quem está ferido?

– Não é ninguém com quem você precise se preocupar. Não é nada... – Mas Jack não parecia o Jack de sempre. Estava mais parecido comigo do que nunca: apavorado. Em seguida, ele voltou a falar, não me dando brecha para fazer mais perguntas: – Por que a sua voz está tão estranha, Parker?

– Não está fácil aqui. Eles me deram umas drogas, Jack, umas coisas horríveis. – Tentei não me preocupar com o que ouvi e me preoquei em falar tudo o mais depressa possível, sabendo que poderia ser interrompido a qualquer momento. – Disseram que o pai deu uma ideia pra eles. Assim descobriram como mudar umas coisas no nosso cérebro e transformar as pessoas em tipos diferentes de Sonâmbulos. Não foi fácil, porque comigo demorou um bocado... mas eles conseguiram.

– Como assim? – Finn perguntou ao fundo. Percebi que Jack devia ter me posto de novo no modo normal de conversa. Finn

parecia à beira de um ataque de pânico. – Um tipo diferente...? Eles transformaram você em alguma coisa...? Ai, meu deus.

Deu para ver que todo mundo entendeu o que eu tinha dito ao mesmo tempo do outro lado da linha, e houve um silêncio por alguns segundos que me pareceram uma eternidade. Por fim eu voltei a falar:

– Pois é. Eu me apropriei do médico que estava fazendo o experimento em mim. Foi assim que consegui ligar.

– A gente tem a fórmula nova agora, e dá pra resolver isso também. – As palavras de Jack eram determinadas e silenciosas. – Prometo dar um jeito de transformar você de volta.

– Isso não importa! – Minha voz falhou de desespero, e segurei o telefone com as duas mãos quando ouvi passos no corredor. – Isso agora não faz diferença. Você não entende? Nada disso vai me servir pra alguma coisa se eu não estiver vivo, se não conseguir sair daqui. Não vou conseguir sobreviver muito tempo assim, Jack. Eles atiraram em mim e estão me torturando. Me trouxeram pra um parque de diversões abandonado que chamava Funtopia. Pra uns túneis subterrâneos bem profundos. Mas eu não sei nada além disso. Não aguento mais. Não aguento... *Não dá mais.*

Cooper abriu a porta e dois de seus capangas me seguraram pelos braços. O telefone caiu e ficou balançando ao lado da mesa, preso pelo fio. Ouvi Jack gritar o meu nome. Pensei em fingir ser o dr. Rivera, mas pelo sorriso no rosto de Cooper estava na cara que ele ouviu o suficiente para saber que a meleca preta enfim tinha cumprido seu objetivo. Ele pegou o fone e falou com um sorriso:

– Ouviu isso, Jack? Agora você tem mais um motivo pra apressar o Eclipse, porque pode acreditar que seu irmão está certo: ele não vai conseguir viver muito tempo mais sem o remédio. – Cooper

sentou na mesa e se virou para me olhar, sorrindo: – Isso eu posso garantir.

– A gente tem do que você precisa, Cooper – ouvi Jack dizer do outro lado da linha. – Está tudo pronto. Se encostar a mão nele, juro que mato você e só depois destruo a droga.

– Ah, o amor fraternal. Que meigo. O parque de diversões fica a uma hora de viagem de Madison. Se não souber como chegar, é só perguntar pra Chloe. – Ele desligou, mas antes ainda deu para ouvir Jack gritando palavrões. Ele me encarou. – Bom, não poderia ter funcionado melhor nem se eu instrísse você a fazer *exatamente* o que eu queria.

Parei de resistir, e Cooper fez um aceno de cabeça para que os guardas me soltassem.

– Como assim?

– Tinha umas perguntas que eu não sabia como responder: quanto faltava pro Jack terminar o Eclipse? Como eu posso fazer pra ele acelerar um pouco as coisas? – Ele esfregou os olhos e demorou alguns segundos para abri-los. – O tempo está acabando pra você... e pra mim. Preciso de respostas sobre o Eclipse, e que ele se apresse, mas deixar você ligar torna tudo mais simples. Ele não ia mentir pra você. – Seu sorriso era triunfante e seu tom de voz exalava sarcasmo. – Muito obrigado pela colaboração.

O Sombrio estava logo atrás do ombro de Cooper, parecendo meio apavorado e meio com vontade de matá-lo com as próprias mãos. Bem que eu queria. Se o Sombrio fosse capaz de fazer isso, eu deixaria.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, – o que provavelmente era verdade –, o Sombrio falou:

– O Cooper está um bagaço, e a gente está com o corpo do dr. Rivera, que está saudável. A gente tem mais energia que ele. A

vantagem é nossa... *Agora.*

Dei um pulo para a frente e me liberei dos dois capangas, então dei um empurrão em Cooper e saí correndo porta afora, mas tinha dado só alguns poucos passos no corredor quando ouvi um grito de dor e me virei para ver mais quatro guardas... levando Mia e a minha mãe com eles.

– Cadê o meu filho? – minha mãe grunhiu, toda descabelada, olhando para mim.

Demorei um instante para me lembrar de que não estava com a minha aparência habitual.

– Não façam nada com elas! – pedi, erguendo as mãos em sinal de rendição.

Minha mãe ficou me olhando, confusa, quando passou por mim e foi conduzida na direção da sala onde eu tinha acordado. Parte de mim sentiu vontade de explicar tudo, mas eu também não estava entendendo muita coisa.

Em vez disso, simplesmente murmurei ao passar por elas:

– Vai ficar tudo bem.

Antes que eu pudesse me afastar, Cooper veio correndo até mim, com o nariz claramente quebrado. O Sombrio o acompanhava, rindo e provocando-o com palavras que só eu conseguia ouvir. Ele só não me atacou enquanto eu estava no corpo do dr. Rivera por causa de Joey. Abri um sorrisinho para ele e fiz um aceno, me divertindo com o fato de que, naquele momento, Cooper podia até me impedir de fugir, mas não era capaz de me machucar.

Os guardas me amarraram a uma cadeira, e o assistente do dr. Rivera me deu um sedativo. Ele queria que acordar o meu corpo e me forçar a fazer contato visual com outra pessoa para quebrar a conexão com o dr. Rivera.

Quando o sedativo começou a tomar conta, olhei para o Sombrio e fiz a única coisa que achava que era capaz para que nós – minha mãe, Mia e eu – tivéssemos alguma chance de sair vivos daqui. Cedi o controle total para o Sombrio. Na minha mente, falei que nós dois sabíamos que, em uma situação como aquela, ele era a melhor alternativa.

Se havia um momento para o meu instinto de sobrevivência operar a plena capacidade, era aquele. Então eu relaxei e deixei que o Sombrio assumisse o comando.

Foi o maior alívio que senti em muito tempo.

E então veio o nada.

31

Jack

Eu ainda segurei o celular de Finn com força por um bom tempo depois de Cooper desligar. Não conseguia fazer meus dedos soltarem o aparelho. Eles tinham transformado o meu irmão em um Apropriador? Isso era possível? Meu pai nunca falou nada disso. Por outro lado, ele também nunca mencionou a possibilidade de esconder coisas em sonhos... muito menos na mente de um Apropriador. Eu devia estar acostumado com a ideia de que ele escondia coisas importantes de mim, mas não. A cada nova descoberta, era como se eu me desse conta de que não sabia quem ele era. Como eu ia conseguir resolver tudo aquilo se ele guardou tantos segredos?

Minha mente estava tão acelerada que o meu corpo não conseguia acompanhar.

– Jack? – Chloe soltou o telefone dos meus dedos e entregou para Finn. Ela entrou na minha frente para que eu a encarasse.

– O Cooper falou que você conhece o lugar onde eles estão... um parque de diversões abandonado perto de Madison – eu disse por fim, em um tom de voz baixíssimo. – Você sabia que eles eram capazes de transformar o Parker em um Apropriador, Chloe?

Ela fez uma careta e virou o rosto. Senti meu coração se rasgar dentro de mim, como se ela tivesse feito isso com as próprias mãos. Era a única resposta de que eu precisava.

– Jack, espera...

Eu a empurrei do caminho e fui pisando duro até o sofá onde eu tinha colocado Mason quando ele enfim parou de ter convulsões. Seu coração parou duas vezes, mas por sorte Addie e eu sabíamos fazer ressuscitação cardíaca e conseguimos salvá-lo. A batalha por sua vida pareceu durar uma eternidade, mas na verdade só se estendeu por quinze minutos. Desde então, ele estava dormindo tranquilamente, e fazia mais de doze horas. Já tinha passado das dez da manhã. Todos os demais tínhamos dormido – ou tentado dormir – em turnos, para garantir que houvesse alguém sempre de olho nele, para o caso de

ter complicações.

Mas não houve nenhuma. Doze horas de sono pareciam suficientes para obtermos uma resposta, desde que conseguíssemos acordá-lo para ter certeza de que estava mesmo dormindo.

Com apenas quatro dias restantes para salvar Parker, era hora de acordar Mason.

– Mason – falei seu nome alto o suficiente para acordar uma pessoa normal, mas ele estava em um sono profundo demais para ser considerado algo convencional. Estendi a mão, sacudi seus ombros e o arranquei do travesseiro, aliviando um pouco da minha dor, meu medo e minha raiva com um grito: – Mason! Mason, acorda! Eu preciso da sua ajuda... – Minha voz falhou, um reflexo do caos que eu sentia por dentro, mas não desisti.

Libby se aproximou e pôs a mão no meu ombro.

– Jack, eu não sei se...

Finn tomou uma atitude mais direta. Ele soltou uma das minhas mãos e permitiu que Mason deitasse outra vez no travesseiro.

Em seguida, Finn gritou comigo:

– Pare! Você não está ajudando nada! Não pode sair descontando sua raiva nos outros. O Parker não ganha nada com isso. Mas você pode, sim, bolar um plano pra salvar o seu irmão, Jack. Ele está precisando de nós... de *você*. Não tem ninguém mais que possa ajudar tanto... e tem que ser *agora*.

– Que tal vocês pararem de gritar nos ouvidos de um velho? – Mason murmurou enquanto piscava para nós. Estávamos tão entretidos na discussão que nos esquecemos dele.

– Você tá bem? – Finn perguntou.

– Você acha que o Spectrum funcionou? – Eu não queria ser grosseiro, mas havia outras vidas que dependiam da resposta, não só a dele.

Mason bocejou e se sentou. A cor em seu rosto parecia melhor que nunca, e havia uma fagulha de vida nos seus olhos.

– Bom, acabei de ter um sonho incrível... Foi a primeira vez em quarenta anos, então eu diria que sim. – O rosto dele se contorceu no maior sorriso que vi Mason abrir.

Finn soltou um grito de alegria e se virou para mim, já contendo melhor seu sorriso.

– A gente precisa ir.

Chloe me segurou pelo braço quando tomei o caminho da cozinha. Puxei o braço para livrá-lo de sua mão.

– Agora não, Chloe. – Peguei os frascos restantes de Spectrum na geladeira e olhei ao redor em busca de um recipiente estável para transportá-los.

– Agora, sim! – Ela me segurou pelo braço outra vez e me puxou, me obrigando a encará-la. – Você precisa me escutar e acreditar em

mim. A gente foi até esse parque de diversões muito tempo atrás. Eles tocaram no assunto uma vez ou outra, mas eu não fazia ideia que era lá que eles iam se instalar. Sobre a outra coisa, eu ouvi o Cooper mencionar a ideia de que talvez eles conseguissem transformar um tipo no outro... mas não era nada concreto. – Ela parecia desesperada para me convencer, mas eu não estava certo nem de que queria ouvir. – Não pensei que fosse verdade, muito menos que eles pudessem fazer isso com o Parker. Se eu imaginasse que ia acontecer, juro que teria contado.

– Não importa. Eu não tenho tempo pra falar sobre isso agora. – Minha voz estava tensa, e as minhas palavras exalavam raiva, mas o meu foco estava todo voltado para os frascos diante de mim, em não desperdiçar nenhuma gota do precioso líquido. – Preciso me concentrar no Parker. Em trazê-lo de volta... e transformá-lo de volta.

– Mesmo se continuar sendo um Apropriador pra sempre, pelo menos ele está vivo, certo? – Ela me olhou e abriu um sorriso tímido. – E a gente trabalhou tanto. Agora, com o Spectrum, todos os Apropriadores podem ter uma vida normal...

– E eu lá vou deixar o meu irmão continuar sendo um Apropriador como você? – Me virei para ela e tive que agir rápido para evitar que os frascos caíssem, pois o meu movimento os derrubou do balcão. Eu baixei o tom de voz, olhando em seus olhos e concluindo de forma solene: – Nunca.

Ela se encolheu violentamente, como se tivesse levado um soco. Em seguida, balançou a cabeça e saiu em silêncio para o quintal. Meu coração se apertou quando ela se foi, mas meu cérebro estava furioso por eu ter confiado em uma Apropriadora.

Buscando algo em que pensar que não fosse Chloe, procurei outra vez por algum recipiente para transportar os vinte frascos que eu tinha prontos – fiz mais outros quinze enquanto Mason dormia.

No canto do balcão, vi que um dos potes plásticos de cozinha da sra. Chipp tinha compartimentos separados. Era perfeito, e também serviria como um lembrete de que não era apenas a vida de Parker que dependia de mim... eu precisava salvar sua mãe e Mia também.

– Acho que isto aqui vai servir. Vocês me ajudam a embalar tudo? – perguntei.

Demorei um instante para perceber que ninguém tinha se movido. Quando me virei, notei que Finn e Mason estavam me encarando com uma expressão de decepção, mas foi só quando vi Libby lançando um olhar triunfante para a porta por onde Chloe saiu que a culpa bateu e me dei conta de que havia exagerado.

Eu teria que me acertar com Chloe mais tarde. Por ora, precisava chegar até Parker antes que fizessem coisa pior com ele.

– Me ajudem a embalar essas coisas – resmunguei. – E vamos precisar de uma geladeira de isopor lá da garagem.

Finn sacudiu a cabeça de desgosto e foi atrás de Chloe.

– Eu pego o isopor. – Libby parecia relutante, mas mesmo assim me senti grato por sua ajuda.

– Seu pai sempre teve orgulho de você, Jack. – Mason veio me ajudar a embalar os frascos. Ele apontou com o queixo para a porta pela qual Chloe tinha saído. – Não me faça achar que ele estava errado.

Suas palavras me atingiram duramente. Chloe era tão forte e corajosa que era fácil esquecer os sacrifícios que tinha feito. Ela abriu mão de tudo e de todos de que gostava simplesmente por acreditar que estavam cometendo um erro. Era uma pessoa extremamente altruísta, e talvez com mais bravura que qualquer um que conheci... com certeza mais que eu. E na maior parte do tempo eu a tratava como se ela fosse idêntica ao pai.

No fundo, talvez fosse eu quem não era muito diferente dele. Talvez eu fosse quem menosprezava as pessoas só por causa do que traziam no DNA.

Seria uma honra para Parker ser como Chloe.

Libby e Finn ajudaram a carregar a van enquanto eu escrevia as instruções exatas para a fabricação do Spectrum.

– Imagino que o efeito passe, mas não sei quanto isso vai demorar. A gente ainda tem muito o que aprender. – Estendi o papel para Mason, mas antes de soltá-lo falei: – A gente sacrificou muita coisa pra conseguir isso. Meu pai confiava em você, e eu também. Você precisa proteger o Spectrum porque, mesmo se a gente não voltar vivo hoje, esta briga toda precisa parar. Esta fórmula não pode cair nas mãos deles. Eles têm

que *precisar* da gente pra isso. Precisam ter o que perder. Prometa que você vai entregar a droga pra qualquer Apropriador que queira ajudar e viver em paz daqui em diante. Isso vai ajudar um bocado a encerrar essa guerra.

que precisar da gente pra isso. Precisam ter o que perder. Prometa que você vai entregar a droga pra qualquer Apropriador que queira ajudar e viver em paz daqui em diante. Isso vai ajudar um bocado a encerrar essa guerra.

– Eu prometo. – Mason pegou o papel, dobrou com cuidado e enfiou no bolso da camisa de flanela. Em seguida, franziu a testa de preocupação. – O que você pretende fazer quando chegar lá?

– Não tenho muita opção. É uma aposta arriscada, mas acho que vou oferecer o Spectrum pro Cooper e torcer pra ele estar desesperado a ponto de aceitar. – Esfreguei os músculos tensos do meu pescoço com a mão direita. – Ou ele vai se curar e ajudar a gente a mantê-lo vivo, ou vai ter uma reação pior que a sua e

acabar morrendo. Não digo que ia ficar decepcionado com isso, mas a primeira opção é melhor.

– Boa sorte, então. – Mason abriu um sorriso preocupado. – Faça o que puder pra sair vivo desta, porque comemorar enquanto os outros morrem não tem a menor graça.

– Pode deixar. – Nós trocamos um aperto de mão, e tive que engolir o medo de que aquela fosse a última vez que nos víamos. Então Addie, Finn, Libby, Chloe e eu entramos na van e pegamos a estrada.



Chegamos só à tarde ao parque de diversões abandonado onde os Apropriadores montaram seu acampamento. Dava para ver logo de cara por que eles tinham escolhido aquele local. Cooper podia estar ficando louco, mas burro ele não era. Não havia como bisbilhotar por ali sem ser notado.

Antes mesmo de parar a van, vi uma sentinela montada no alto da roda-gigante que ficava bem no meio do parque. Devia ser um dos brinquedos mais novos quando o parque fechou, porque não parecia tão detonado quanto alguns dos outros. O restante do parque era um pesadelo. A estrutura da montanha-russa à minha esquerda parecia capaz de transmitir tétano só de olhar. Aquele lugar parecia um cemitério onde os sonhos felizes das crianças iam morrer.

Era o lar perfeito para Cooper e seus capangas, mas fiquei estranhamente aliviado por Chloe nunca ter vivido ali – mesmo que o motivo para isso tenha sido o fato de eles não a aceitarem de volta depois de ajudar Finn. Olhei pelo retrovisor e me arrependi mais uma vez do que falei.

Chloe estava sentada no último banco. Não disse uma palavra nem olhou para mim durante o caminho inteiro.

Eu definitivamente precisava me desculpar com ela.

Depois de estacionar e descer, peguei dois frascos de Spectrum no bagageiro da van. Deixei o restante onde estava. Apalpando as minhas facas extras, parei quando as segurei pelo cabo. Eu levaria as que costumava carregar sempre comigo, claro, mas achei que entrar com armas aparecendo só provocaria mais mortes, então deixei as outras por lá.

Me virei para os outros, que desciam da van, e Chloe imediatamente virou a cara.

– Acho que é melhor vocês ficarem aqui. Se eu for sozinho...

– Não. – Finn me olhou como se eu tivesse contado uma piada sem graça.

– De jeito nenhum. – Libby revirou os olhos.

Chloe simplesmente saiu andando na direção da entrada do parque.

– Tudo bem – resmunguei, fechando o bagageiro.

Parado ao lado da van, respirei fundo. Da última vez em que fui encarar os Apropriadores, acabei perdendo meu pai. Dessa vez, estava indo salvar meu irmão e não ia deixar ninguém para trás. Naquele momento, era como se meu pai estivesse a meu lado.

E, em vez de me enfraquecer, só me fortalecia.

Saí de trás da van e dei uma boa olhada na estrutura enferrujada perto da entrada. O mato que crescia no caminho estava pisoteado. Esse pequeno detalhe e o tamanho da construção eram tudo de que eu precisava para concluir que aquela era a parte do parque que os Apropriadores estavam usando.

Devia ser uma atração bem lúdica, porque havia um palhaço desbotado logo acima da porta. Seus olhos estavam escurecidos, e

seu cabelo antes vermelho tinha assumido um tom alaranjado.

Eu estremei. Nunca entendi a graça dos palhaços. Já tinha visto mais deles nos pesadelos das pessoas do que na vida real. Como alguma coisa que provoca sonhos assustadores em tanta gente poderia ser considerada engraçada? Não dava para entender.

As duas portas da atração de repente se abriram. Cooper saiu, acompanhado do que era praticamente uma milícia. Havia mais de uma dezena de homens fortemente armados atrás dele, de diferentes idades, alturas, tipos físicos... mas todos com sinais evidentes de exaustão. A mesma pele pálida e sem vida. As olheiras fundas.

Era um exército de Apropriadores sob o comando dele.

Que beleza.

– Bem-vindo! Que bom que você avisou que vinha, Jack. – Cooper tentava olhar para mim, mas o sol estava bem forte, o que claramente o estava fazendo sofrer, obrigando-o a usar o braço para bloquear a luz. Ele fez um gesto com o outro braço para

o grupo atrás de si. – Como você pode ver, conseguimos organizar um comitê de boas-vindas melhor, agora que tivemos tempo. Venham, entrem.

– Cadê o Parker?

Fui andando lentamente na direção da sombra, dando aos meus olhos algum tempo para se ajustar. Eu estava bem cansado, mas quando meus olhos recuperaram o foco dei uma boa olhada em Cooper. Seu estado era o pior de todos. Tinha perdido um bocado de peso desde a última vez em que nos encontramos, apenas oito dias antes. Seus olhos pareciam ausentes, com dificuldade para se concentrar. Seu corpo era acometido por um tremor após o outro.

Chloe deve ter percebido a mesma coisa, porque eu a ouvi suspirar atrás de mim e murmurar o nome do irmão.

Cooper olhou feio para nós.

– Ninguém nunca disse pra vocês que é feio ficar encarando as pessoas?

– Cooper, acho que você precisa do que a gente trouxe mais que qualquer um. – Falei essas palavras em um tom baixo e sincero, embora fosse ficar bem satisfeito se ele simplesmente caísse morto.

Cooper fez um gesto com sua mão trêmula para que dois de seus acompanhantes fortemente armados dessem um passo para o lado a fim de revelar três cadeiras de metal posicionadas logo atrás. Tique que espremer os olhos na escuridão até fecharem as portas e acenderem as luzes. O interior da construção era enorme, com as paredes cobertas de espelhos empoeirados. Muitos estavam rachados ou quebrados. Devia ter sido um labirinto em algum momento, mas todos os espelhos e as paredes do

meio haviam sido arrancados, deixando apenas as vigas de suporte.

Pessoas de todas as idades nos encaravam de diferentes pontos do ambiente. Muitas estavam de pé, mas outras estavam sentadas em plataformas triangulares de concreto espalhadas simetricamente pelo local, o que também devia fazer parte do projeto original. As crianças presentes estavam caladas e pareciam endurecidas pela vida. Os adultos estavam todos envelhecidos

e cansados.

Aquela gente não vivia como deuses, como Steve Campbell as definia. Eram apenas pessoas, muitas delas tão exauridas quanto eu pelas batalhas infindáveis. Uma faísca de ideia se sobrepôs aos meus pensamentos. Talvez não fosse Cooper que eu precisasse convencer...

Houve uma movimentação em um canto do recinto, e as pessoas abriram caminho para alguém passar. Dois guardas arrastavam

alguém atrás de si. Minhas mãos se fecharam, e eu desejei ter trazido mais armas. Era Parker que eles estavam carregando.

Meu coração quase parou, e o meu peito virou um poço de agonia. Ele estava amarrado pelos braços e as pernas. Seus olhos estavam fechados, e eles o sentaram em uma cadeira. Senti alguém apertando meu braço, e quando me virei vi que Addie estava tão pálida e assustada quanto eu me sentia.

Parker foi atado e amordaçado na cadeira. Apesar de eu querer matar todo mundo ao redor, meu peito estava aliviado por saber que ele estava vivo. Ninguém amarraria um cadáver a uma cadeira.

Os olhos de Parker se abriram e mal registraram a nossa presença. Ele me encarou antes de fechá-los de novo. Eu não estava nem aí se ele era um Apropriador, – estava realmente aliviado em vê-lo. Outros guardas apareceram, trazendo Mia e a sra. Chipp sob a mira de suas armas, e as prenderam nas cadeiras ao lado. Ambas pareciam intactas, o que foi um alívio. A mãe de Parker se virou para mim com olhos de súplica.

Chloe grunhiu e se posicionou ao meu lado.

– Quando isso vai parar, Cooper? Algum dia vai ter fim? Por que você trouxe as duas também?

– Cale a boca, traidora! – ele gritou com tamanha fúria que quase caiu e precisou ser amparado por quem estava logo atrás. Reconheci Joey antes que ele voltasse para as sombras. – Precisava delas aqui para manter o Parker na linha. Ele estava ficando... difícil de controlar.

– Você não *precisava* delas, Cooper – argumentou Chloe. Pus a mão em seu braço, pedindo para ela parar. Discutir com alguém mentalmente instável nunca era boa ideia.

– Me dá logo o Eclipse. – Cooper estava embaralhando um pouco as palavras e soava tão exausto quanto parecia.

Estava começando a me perguntar se não era melhor esperar uns minutinhos para que ele morresse e nos poupasse de um bocado de trabalho.

Ergui um dos dois frascos que tinha comigo. O líquido azul brilhou sob as luzes. Um guarda o pegou, levando-o com a mão trêmula até Cooper.

Meus olhos voltaram para os reféns e pararam em Parker. Eu o observei com atenção. Ele estava caído para a frente no assento. Não estava sentado normalmente como Mia e sua mãe. Mesmo sem ver seu rosto, dava para notar que tinha perdido bastante peso. Estava sujo, com sangue seco nas roupas.

A raiva borbulhava dentro de mim, e parei de me preocupar com os homens armados ao redor. Só queria enfiar a cara de Cooper na parede. Minhas mãos se fecharam, e tive que piscar algumas vezes para espantar o borrão vermelho que ameaçava tomar meu campo de visão. Sombras se erguiam do chão e tremulavam ao redor dos corpos das pessoas que as projetavam. Era horripilante... assustador. Meu corpo todo tremia, e me perguntei se a minha sombra estava prestes a me engolir também.

– Calma – Chloe murmurou ao meu lado. – Você precisa se acalmar, Jack.

As palavras dela espantaram as imagens, e percebi que eram só uma ilusão da minha mente. Eu estava mais cansado do que imaginava. Precisava mesmo me acalmar. Parker precisava de mim com todas as minhas energias. Sacudi a cabeça e desviei os olhos dele, me concentrando em Cooper.

Um médico de jaleco branco foi até ele e murmurou alguma coisa enquanto examinava o frasco de Spectrum. Por fim, ele sacudiu a cabeça em uma negativa inquestionável.

– Isso vai *ajudar* você, Cooper. Prometo... – tentei falar antes que Cooper tivesse uma chance de reagir.

Cooper contorceu a boca e bateu na mão do guarda, fazendo-o derrubar o frasco. O recinto inteiro pareceu prender o fôlego quando o vidro se partiu em um milhão de pedaços no chão de cimento.

– Boa tentativa, Jack. – A voz de Cooper oscilava entre a decepção e a pura raiva. – O médico falou que o Eclipse não é azul. Então meu palpite é que você está mentindo pra nós... que nem o seu pai.

– Não é Eclipse. É outra coi...

Antes que eu pudesse terminar, Cooper pegou a arma da mão do guarda mais próximo e apontou para mim. Suas mãos tremiam mais que nunca, e ele gritou de raiva e frustração. Sem que eu tivesse a chance de fazer qualquer coisa, ele deu um tiro na coxa de Finn.

Finn deu um berro e caiu no chão, agarrando o ferimento enquanto o sangue encharcava a perna da calça.

Cooper sorriu e continuou atirando.

– Por favor, me escute! – berrei, me agachando e puxando Chloe comigo para trás da plataforma triangular mais próxima.

As pessoas mais atrás pareciam ter certeza de que Cooper atiraria só em nós, porém se moveram alguns passos para o lado. Meu coração estava disparado enquanto eu contornava a plataforma, esquadrinhando o recinto em busca de uma forma de reagir, de fazer Cooper parar.

Pelo menos por enquanto, ele era o único atirando. Os guardas olhavam uns para os outros, sem saber muito bem se o detinham ou se sacavam suas armas e começavam a disparar também.

Parker ergueu a cabeça e olhou para Finn. Não havia nenhuma expressão no seu rosto, e ele logo desviou os olhos.

Seu melhor amigo estava baleado e caído no chão, e ele não reagia.

Estava tudo acontecendo rápido demais. Eu me abaixei, me preparando para correr até Finn. Ele estava sangrando muito. Se eu não estancasse o ferimento depressa, poderia sangrar até ser tarde demais.

Consegui me aproximar de Finn, mas, assim que ele apareceu no meu campo de visão, Cooper ajustou a mira na minha direção. Pouco antes de mais um tiro espocar, Chloe de alguma forma percebeu o que ia acontecer e fez o que sempre fazia.

A última coisa que eu esperava.

Ela pulou sobre as minhas costas, agarrando meu pescoço com os dois braços. Caí para a frente com o impacto, e desabamos no chão. A arma disparou ao mesmo tempo, e os olhos dela se arregalaram. O tempo saiu do controle, não consegui fazê-lo voltar como gostaria. Meu coração batia tão forte que eu tinha medo de que fosse machucá-la. Como ela pôde fazer isso? Eu ainda nem tinha pedido desculpas. Não consegui mostrar que havia mudado de ideia sobre os Apropriadores... sobre tudo, inclusive sobre mim mesmo.

Com cuidado, eu a tirei de cima de mim em câmera lenta, procurando por sangue, tentando descobrir exatamente quanto Cooper ia tomar de mim em um dia. Foi quando Libby soltou um suspiro de surpresa e desabou no chão atrás.

Chloe arrancou os meus dedos da sua cintura antes mesmo de que eu entendesse direito o que aconteceu. E então vi o sangue se espalhando, depressa demais, ao lado da barra da blusa verde clara de Libby.

Meu coração ficou dormente. Fiquei de pé em um pulo. Chloe me ajudou a deitar Libby sob a proteção da plataforma mais próxima.

Addie passou correndo por nós para ajudar Finn, ignorando completamente as balas que Cooper continuava direcionando para mim.

Ele estava totalmente enlouquecido. Os tremores nas mãos de Cooper já tinham feito com que acertasse dois dos seus. A essa altura todos haviam perdido a confiança de antes, e ao nosso redor reinava o pânico. No meio da confusão, Addie estava agarrando Finn pelos ombros e o arrastando para trás das plataformas, longe das minhas vistas e de Cooper também.

Os tiros cessaram por um tempo. Ouvi Joey e Cooper gritando, mas toda a minha atenção estava voltada para Libby.

As mãos trêmulas de Libby procuraram o meu braço. Chloe me deu sua jaqueta, que eu pressionei contra a blusa já ensopada de Libby. Ela perdeu sangue demais em questão de segundos. Eu mal conseguia olhar para ela. Não queria nem pensar em perdê-la.

Não aqui. Não assim.

– Precisamos estancar o sangramento – disse mais para mim mesmo que qualquer um.

– Jack. – Ouvi o murmúrio de Libby.

– Eu sei, Lib. Vai ficar tudo bem. Só agente firme. – Achei que, se dissesse isso em voz alta, contrariando as possibilidades, ia se tornar verdade.

– Desculpe – ela gemeu e então tossiu.

– Não fale nada, Lib. – Apertei uma das suas mãos e usei a outra para pressionar a jaqueta contra o ferimento. Ela fez uma careta.

Quando percebi, seus olhos estavam voltados para Chloe.

– Ela salvou sua vida... – Sua voz parecia em choque.

– Desculpa, Libby – murmurou Chloe. – Eu só queria tirar o Jack do caminho... E-eu não sabia que você estava logo atrás de...

– Não. – Libby sacudiu a cabeça com firmeza, e seu tom

de voz não deixava margem para questionamentos. – Você fez o que eu teria feito quando vi a arma. Tentou salvar o Jack.

– Shh, Libby. – Minha voz estava embargada de emoção, e vi a jaqueta rapidamente se encharcar de sangue.

– Jack. – Libby moveu um pouco a cabeça para me olhar, e sua tosse se tornou um chiado no peito. Ela levou minha mão aos lábios e beijou. – Eu quero que você saiba. Você sempre foi

o meu sonho favorito...

Ela soltou um último suspiro trêmulo e então ficou imóvel. Chloe suprimiu um suspiro baixinho e alisou o cabelo de Libby com a mão.

Apertei seus dedos com força entre as minhas mãos, com medo de soltá-la. Mais um tiro foi disparado e acertou um desconhecido vários metros atrás de nós. Devagar me pus de pé; enquanto levantava, meus olhos encontraram os do meu irmão. Por um instante, desejei me sentir vazio de sentimentos e dor, como os olhos dele pareciam nesse momento. O sentimento de perda sobre os meus ombros era tão intenso que eu tive que lutar para não ceder sob seu peso. Enfim havia chegado o ponto em que perdi mais do que era capaz de suportar. A tristeza me dominou como se fosse uma criatura viva.

Chloe começou a tentar me puxar na direção dos demais.

Vi que Cooper estava gritando com Joey, e em seguida deu um chute na cadeira de Parker, que tombou. A cabeça do meu irmão se chocou contra o chão, e seus olhos se fecharam imediatamente. Arrancando o meu braço da mão de Chloe, saquei uma lâmina da bota sem nem pensar e arremessei no ombro de Cooper.

Foi um dos meus raríssimos erros. Estava mirando o coração dele.

Cooper deu um berro e apontou a arma para mim outra vez. Chloe me segurou pelo braço de novo e me puxou para o meio do

grupo de Apropriadores em fuga, me conduzindo na direção da porta.

– Atrás deles! – Cooper gritou para os seus guardas.

Alguns correram na nossa direção, mas os Apropriadores em fuga transformavam o ambiente em um caos absoluto. Até mesmo os guardas daquele lado do recinto estavam se escondendo para tentar escapar da fúria enlouquecida de Cooper. Vi um guarda encostado contra a parede atrás de nós. Estava sangrando pela barriga.

Cooper nem se importava com quem atingia. Só estava interessado no poder que o Eclipse podia lhe proporcionar.

Cerrei os dentes e acelerei o passo para alcançar Chloe. No momento, por mais que os meus sentimentos exigissem que eu voltasse para buscar Parker, socorrer Finn, salvar Addie e as

demais – estar ao lado de Libby –, meus instintos me diziam outra coisa. A maneira como Cooper estava atirando na minha direção mostrava um desprezo total por todos ao redor, por isso todo mundo ali estaria mais seguro sem mim por perto.

Não havia escolha a não ser procurar um lugar seguro onde pudesse elaborar um novo plano.

Porque eu não estava mais disposto a convencer Cooper a tomar o Spectrum.

Minha única opção era matá-lo.

32

Parker

As coisas que estavam acontecendo ao meu redor deveriam ser consideradas importantes. Eu sabia que sim, mas ao mesmo tempo me sentia distante demais para me preocupar com o que quer que fosse. Desde que o Sombrio e eu despertamos de novo no meu corpo exausto, quem estava no comando era ele. Entreguei toda a responsabilidade para o Sombrio, e a sensação era ótima. Era estranhamente relaxante, principalmente se eu tentasse não prestar atenção ao que estava fora da minha cabeça. Era melhor assim.

Quando os guardas apareceram para me levar do pavilhão enorme, o Sombrio viu uma brecha e deu uma cabeçada no primeiro. A minha cabeça doeu, mas o nariz do sujeito estava sangrando o suficiente para ele ser substituído por outro guarda. Percebi logo de cara que tinha feito a escolha certa. Minha vontade de lutar estava aniquilada. Mas o Sombrio era um lutador por natureza.

E lutar era o que precisávamos fazer naquele momento.

Eles me sentaram em uma cadeira. Percebi que estavam colocando outras cadeiras ao meu lado, e ouvi alguém fazer um ruído à minha esquerda, mas a atenção do Sombrio estava concentrada na corda que prendia os nossos pulsos. Ele se inclinou

para a frente, de olhos fechados, enquanto sacudia as mãos alternadamente, tentando encontrar um ponto fraco nas amarras.

Um gemido veio da minha esquerda, e me perguntei se alguma coisa estaria acontecendo, mas o Sombrio não estava preocupado. A distância escutei a voz do meu irmão. Nem o Sombrio podia ignorar isso. Ele mal se moveu, mas deu uma olhada por entre os cabelos encardidos, e vimos Jack, Chloe, Finn, Libby e Addie a poucos metros de nós.

O Sombrio ficou encarando Addie até seus olhos preocupados encontrarem os meus, e vi o medo estampado neles. Aquela não era a alucinação terrível que estava transformando a nossa vida em um inferno. Era a *minha* Addie... de verdade. Ela estava ali.

Mas o Sombrio não se importava. A única coisa que interessava para ele era que ninguém estava de olho em mim. A porta de saída estava a pouco mais de cinco metros de distância. Ele voltou sua atenção para as cordas nos nossos pulsos, por mais que eu quisesse ver meus amigos e meu irmão e saber se estavam todos bem.

Um vidro com um líquido azul se arrebentou perto de nós, trazendo nossa atenção de volta para o ambiente. O Sombrio soltou um grunhido contra a mordaca e voltou a se preocupar em soltar nossas mãos, com movimentos cada vez mais frenéticos.

Então Cooper pegou uma arma. A raiva do Sombrio borbulhava dentro de mim, e a concentração na tentativa de romper as amarras se perdeu. Sua atenção se voltou para a ideia de que havia alguma arma ao alcance e em como poderia usá-la para fazer Cooper sangrar.

Mas o que vi foi Cooper apontando a arma para todos que eu amava, e meu mundo inteiro ruiu.

Lutei enlouquecidamente para tomar o controle das mãos do Sombrio, mas ele estava fortalecido por um estado de pânico movido

a adrenalina e não fez nem menção de ceder. Seus olhos pousaram em uma faca na bota de Cooper, a poucos passos de nós. Se ele pudesse alcançá-la, poderia cortar as cordas.

Eu não conseguia forçá-lo a me escutar – ou talvez estivesse fraco demais para tentar de verdade.

Um tiro foi disparado, e o Sombrio teve um sobressalto antes de dar uma boa olhada ao redor. Fui trazido de volta à consciência e consegui analisar a situação como um todo pela primeira vez. A minha mãe e Mia estavam amarradas ao meu lado; do outro lado do recinto, Finn tinha acabado de levar um tiro na perna. Meu coração disparou, batendo com força contra as minhas costelas.

O Sombrio olhou nos olhos duros e gelados de Cooper. O lunático abriu um sorriso, sua mensagem foi clara. Cooper gostou do que tinha feito. Sua sede de matar não estava satisfeita.

Foi quando senti algo vindo do Sombrio que jamais esperei. Ele estava se lamentando.

Só demorou um instante e logo passou, mas já era alguma coisa. Ele experimentou um dos *meus* sentimentos sem que eu precisasse impor nada. Estava mudando... e, se aconteceu uma vez, talvez pudesse ocorrer de novo.

Cooper começou a atirar outra vez. O Sombrio observou o caos tomar conta do ambiente. Por um instante, fizemos contato visual com Jack. O que vi nos seus olhos foi puro medo. E então ele saiu correndo.

Por algum motivo, isso fez com que o Sombrio voltasse à ação. Ele começou a tentar livrar nossas mãos das cordas outra vez, mas eu não queria mais fugir. Queria ajudar. Jack preci-sava de mim, e eu queria ajudar o meu irmão a pôr um fim em tudo isso – por ele, por mim e pelo meu pai.

Joey estava tão calado que parecia estar prendendo o fôlego. Por fim, ele se aproximou e falou baixinho, mas mesmo assim deu para ouvi-lo.

– Já chega – Joey disse, pondo a mão no ombro de seu irmão. – Isto precisa parar, Cooper.

Cooper afastou a mão dele e continuou berrando. Vi quando Libby caiu perto de Jack, e meu coração ficou apertado por ele. O Sombrio continuava ocupado com as cordas, e eu não queria atrapalhá-lo. Se ele conseguisse livrar nossas mãos, nós poderíamos tirar a arma da mão de Cooper. Era a única coisa que importava no momento.

Do outro lado do recinto, vi Chloe tentando arrastar Jack para um lugar seguro. Os olhos dele encontraram os meus, e mesmo a distância dava para ver que ele queria muito ficar e lutar. Mas em vez disso recuou, seguindo Chloe lentamente na direção no grupo de pessoas assustadas e em fuga.

Como assim? Era assim que ele ia me deixar... de novo?

Joey pôs a mão em cima da arma de Cooper e a empurrou para baixo.

– Você precisa parar. Está colocando o nosso próprio povo em perigo. Não está vendo a loucura que é tudo isto?

– Saia do meu caminho. O seu lugar nunca foi aqui. Você não faz ideia de como é ser assim – Cooper grunhiu, arrancando a arma do alcance de Joey. – Você anda se comportando como um molenga desde que pegamos o Parker. Se é fraco demais pra me ajudar, veja se pelo menos não atrapalha.

Furioso, Cooper deu um berro. O Sombrio levantou a minha cabeça. Os olhos de Cooper encontraram os meus. Ele se aproximou de mim e deu um chute na cadeira. O mundo todo se inclinou, e a

minha cabeça explodiu em dor antes de tudo ficar escuro e silencioso.

33

Jack

Chloe e eu saímos em disparada pelo Funtopia, tentando encontrar um bom esconderijo. Dava para ouvir os guardas de Cooper saindo da casa dos espelhos atrás de nós, mas eles estavam tão ocupados tentando se organizar em meio ao caos que ninguém nos viu quando contornamos rapidamente a antiga atração. Fomos nos aprofundando na carcaça do parque de diversões, virando correndo à direita e à esquerda até darmos de cara com uma casa mal-assombrada, cuja frente estava toda bloqueada por tábuas.

Segurando Chloe pela mão, corri até os fundos e encontrei uma janelinha parcialmente quebrada do que parecia ser um depósito. Arrancando a jaqueta de couro, enrolei-a em torno do punho e empurrei o que restava do vidro. Estendi a jaqueta sobre a moldura e fiz um apoio para o pé de Chloe. Ela entendeu em um piscar de olhos o que eu pretendia. Imediatamente, usou a minha mão para pular lá para dentro, e em seguida saiu do caminho enquanto eu saltava para dentro e caía rolando no chão.

– Toma – Chloe sussurrou ao pegar minha jaqueta da janela, sacudindo os cacos de vidro antes de devolvê-la.

Eu não falei nada enquanto vestia a jaqueta, desejando que meu pai de alguma forma me inspirasse através de sua antiga peça de

roupa. Em seguida, peguei a mão de Chloe e saímos do depósito para a casa em si. Dava para ouvir os guardas se aproximando.

Estava tudo escuro. Saquei meu telefone do bolso e liguei a lanterna para iluminar os arredores. Havia um caixão cenográfico no chão à minha direita, com a mão de um esqueleto ainda pronta para roçar os pés de quem passavam. Teias de aranha de mentira se misturavam às reais que se acumulavam no teto.

Fui rapidamente para o cômodo seguinte, deixando o instinto me guiar até o local mais próximo possível do centro do nosso novo esconderijo. Meu cérebro cogitava opção atrás de opção enquanto passávamos de um pesadelo para outro. Eu tentava desesperadamente elaborar algum plano para salvar todas aquelas pessoas de quem tinha aprendido a gostar. Não, era mais que isso: elas haviam se tornado minha família.

Tudo dentro de mim doía por causa da perda de Libby. Deixamos Finn sangrando no chão, e todos ficaram nas mãos enlouquecidas de Cooper. Eu sabia que Parker jamais seria o mesmo se Finn morresse... se algum deles morresse. Como eu ia conseguir salvar todo mundo?

Meu peito estava apertado e em chamas, desejei ser capaz de parar de sentir aquilo. Não poderia deixar que a tristeza, o pânico e o medo me paralisassem. Precisava lutar e encontrar um jeito de pensar claramente, apesar do sofrimento que me dominava.

Só percebi que estava rodando em círculos quando Chloe puxou de leve a minha mão para que eu parasse. Enfim parei de andar, mas me mantive de costas para ela, com medo de que algum sinal de solidariedade em seu rosto fosse me fazer desmoronar.

– Jack. – Ela contornou o meu corpo para ficar de frente para mim.

Eu estava olhando para os meus pés, remexendo-os na poeira até me lembrar de todas as coisas que queria dizer a ela. O nó na garganta tornava aquelas palavras ainda mais dolorosas.

– Desculpe. – O pedido saiu de supetão, como se eu estivesse arrancando um curativo de uma vez, na esperança de que não ardesse tanto. Meus ombros despencaram sob o peso de tudo o que eu sentia estar carregando sozinho. – Me desculpe, de verd...

Eu me interrompi porque Chloe começou a sacudir a cabeça. Em um piscar de olhos, ela eliminou a distância entre nós. Levando as duas mãos ao meu pescoço, ela me puxou para baixo e me beijou.

Foi algo tão repentino e inesperado que a minha mente pareceu explodir em resposta. As palavras que eu queria dizer desapareceram. O pensamento racional se foi, mas meu corpo sabia o que fazer sem isso. Eu a envolvi com força pela cintura e a puxei para junto de mim, tão junto que era como se ela fizesse parte do meu corpo.

Eu a beijei da maneira como queria fazer havia tempos. Juntei todos os sentimentos assustadores que me invadiam e os usei para mostrar à única pessoa que ainda estava comigo exatamente como me sentia em relação a ela. Eu a beijei até deixá-la sem fôlego e entregue a mim... exatamente como eu estava em relação a ela.

– Você precisa me ouvir e saber... – Eu a puxei para aninhá-la junto ao meu peito enquanto recuperávamos o ar. – Estava errado quando falei aquilo antes, sobre não querer que o Parker continuasse sendo Apropriador. Me desculpe.

– Eu sei. E você pode compensar isso mais tarde. – Chloe passou o polegar pelo meu queixo. O tom alegre desapareceu de sua voz quando ela continuou: – Por enquanto, o que a gente precisa fazer é arrumar um jeito de ajudar todas as pessoas que ficaram lá com o Cooper... a começar pelo seu irmão.

– Tenho quase certeza de que aquele não é o meu irmão. – Soltei um suspiro ao apoiar o queixo na cabeça dela, me consolando com a nossa proximidade. – Dava pra ver na cara dele. Pelo jeito como reagiu quando o Finn levou um tiro... eu não acredito que era ele.

– Você acha que ele virou um Dividido de novo? – Chloe sacudiu a cabeça e apoiou a testa no meu peito. – Como é que você pode saber?

– Tenho quase certeza, mas acho que só dá pra saber mesmo estando dentro da cabeça dele. – Dei um passo atrás para olhá-la, mas então uma ideia me veio à mente, e a puxei para perto de novo. Enfiei a mão no bolso da jaqueta, peguei os óculos escuros e pus no rosto.

– Jack, o que você está tramando? – Chloe recuou e estreitou os olhos para mim na escuridão.

– A última pessoa com quem fiz contato visual foi o Parker. – Eu estava pensando em voz alta àquela altura, elaborando meu plano enquanto falava.

Olhei ao redor, observando atentamente o recinto pela primeira vez. Os objetos cenográficos que deviam ficar aqui foram todos removidos, o que eu era obrigado a admitir que era um alívio. Entrar na mente de um Dividido já era assustador o suficiente.

– Você está pensando em entrar na mente dele? – Chloe parecia perplexa. – Tem certeza de que agora é a melhor hora pra isso?

– Se a gente ainda quer ter uma chance, preciso do Parker de volta pra me ajudar. – Eu me virei para ela, torcendo para que desse sua confirmação de que o plano podia funcionar. – Preciso descobrir o que está acontecendo naquela casa dos espelhos. De repente o Parker pode me dizer, me dar uma ideia de onde estão o prisioneiros, ou algum ponto fraco que dê pra atacar. E com um

pouco de sorte posso libertá-lo do que está acontecendo na cabeça dele enquanto isso.

– Como você sabe que ainda está conectado com ele?

– Porque ele apagou depois de ser derrubado pelo Cooper. – Não me preocupei em esconder a raiva por trás daquelas palavras. – Chloe, acho que não dá mais pra querer ajudar o Cooper...

Ela recuou instintivamente, mas então baixou a cabeça. Seus ombros caíram em sinal de derrota, e eu até quis poder ajudá-la, mas era uma conclusão à qual ela precisaria chegar sozinha.

– O Cooper que eu esperava encontrar não existe mais. – Seus olhos estavam tristes, mas ela estremeceu de leve e concordou com um aceno de cabeça. – Ele não pode ter a chance de machucar mais ninguém. Faça o que for preciso.

Apertei sua mão, ciente de que não havia nada que eu pudesse dizer para tornar a situação menos desagradável. A única maneira de ajudar era tentar impedir, o quanto antes, que Cooper machucasse mais gente.

Abri um espaço no chão perto da porta. Havia apenas uma entrada e uma saída daquele cômodo. Dava para fugir se eles viessem até nós, mas só seria possível armar uma emboscada se soubessem exatamente onde estávamos. Em um lugar perturbador como esse, era a melhor opção possível. Em algum ponto devia haver alguns objetos cenográficos bem sinistros por ali, porque a tinta vermelha na parede tinha a clara intenção de emular manchas de sangue. Na parede oposta tinham sido pintadas janelas enormes, e na pintura rachada apareciam galhos de árvores e sombras compridas e horripilantes.

Enrolei minha jaqueta como um travesseiro e me acomodei no único local do chão de concreto onde não parecia ter ocorrido um massacre.

– Espere, Jack. – Chloe se sentou ao lado do local que escolhi para me deitar. – Tem certeza de que dá conta disso? Eu entrei na mente do Parker enquanto ele era um Dividido. O poder é impressionante. A mente de um Dividido pode destruir qualquer Observador. Pelo que vi, com certeza ele tem força pra isso. E agora que não é Parker quem está no controle...

Fiz de tudo para esconder a preocupação no meu rosto.

– Ele não ia me machucar, Chloe.

– Mas, como eu disse, não é com ele que você vai ter que lidar.

– Ele ainda está lá. Eu vou ficar bem. – Dei um beijo carinhoso nela e lhe entreguei uma das minhas facas. – Se alguém aparecer enquanto eu estiver lá... você sabe o que fazer.

Ela fez um aceno firme de cabeça e se virou para a porta oposta.

Fechei os olhos, torcendo para encontrar apenas Parker quando entrasse no Vácuo.

34

Parker

Eu estava em uma névoa de escuridão. Nem dormindo, nem acordado. Mas aquilo me confortava e me envolvia como um cobertor. Parecia que eu estava encolhido em um casulo confortável onde nada era capaz de me atingir. Então era assim que a mente de um Apropriador era para um Apropriador. Não era um ambiente hostil como eu experimentei quando era um Observador, longe disso...

Mas então algo começou a perturbar o sossego.

Parecia que alguém estava arrancando pedaços do meu casulo, e eu queria que parasse. De pouquinho em pouquinho, uma parte de mim pareceu exposta, e então outra, e mais outra. Era uma coisa horripilante e bem desagradável.

– Parker! – Ouvi a voz de Jack gritar meu nome sem parar, mas não respondi. Podia ser mais um truque cruel da minha mente. Como a falsa Addie que destruiu meu senso de realidade, o falso Jack agora estava destruindo minha mente, e eu queria que ele parasse.

– Por favor, por favor... – Jack estava se aproximando e parecia bem cansado. – Preciso saber se você está bem, Parker. Você é meu

irmão, não vou aguentar mais uma perda. Por favor, me ajude a encontrar você!

Havia mais um barulho agora, como se ele estivesse lutando contra suas próprias emoções, e também alguns xingamentos baixinhos. Fiquei tão chocado que continuei escutando mais um pouco, só para garantir que tinha ouvido certo. Jack nunca ficava emotivo desse jeito. Eu tinha quase certeza de que ele não tinha sentimentos. Mostrá-los desse jeito, então, era inimaginável.

– Jack? – chamei, cheio de insegurança, incapaz de resistir à ideia de constatar que o meu irmão durão estava sofrendo por ser sentimental. Então todo o ruído parou.

– Parker? – ele gritou, e sua voz parecia ecoar dentro do meu cérebro.

– Shhh... Que coisa, eu estou aqui – resmunguei, esfregando as laterais da minha cabeça, onde os meus pesadelos sempre começavam. Jack continuou avançando até eu conseguir vê-lo por entre as frestas do meu casulo de névoa.

– Eu também estou – ouvi a minha voz dizer, e o Sombrio apareceu a alguns passos de mim, pronto para nos proteger de uma possível alucinação.

Jack finalmente conseguiu entrar, parecendo ter acabado de sair de uma guerra. Seus olhos estavam marejados. O sangue escorria de seu nariz e de ambas as orelhas. Quando me viu, ele começou a se aproximar, mas deteve o passo quando bateu os olhos no Sombrio, que estava a poucos metros de mim.

– Desculpe não ter conseguido tirar você de lá. – Ele parecia sinceramente arrependido, mas eu ainda não sabia o que pensar.

– Você me deixou lá? – perguntei, esperando que o Jack da minha alucinação me atacasse a qualquer momento.

Jack suspirou.

– Depois que o Cooper derrubou você, começou a atirar a esmo, e um monte de gente estava sendo atingida. Eu precisei sair.

– Ele atirou no Finn... – Minha voz falhou quando me lembrei do meu melhor amigo morrendo no mundo real, sem que eu pudesse fazer nada para ajudá-lo.

– Dava pra ver que não era você, Parker. Mesmo de longe, eu percebi. – Jack pareceu perder a força nas pernas e caiu de joelhos no chão. – Da última vez você achou que fosse ser completamente dominado... Lembra o que me pediu pra fazer caso isso acontecesse?

Eu lembrava, mas parecia uma época distante e até um mundo diferente.

O Sombrio me olhou e respondeu por nós dois:

– Pedi pra você não me deixar machucar mais ninguém. Mas nós não machucamos ninguém.

Jack balançou afirmativamente a cabeça, ofegando de leve, e então falou:

– Mas eu não sei se você está machucando o Parker.

– Eu *sou* o Parker – o Sombrio rosnou. Dava para sentir sua raiva crescendo. – Por que ninguém entende? Nós somos a mesma pessoa.

– Vocês não são a mesma pessoa. – Jack sacudiu a cabeça, mas sua voz não parecia a de alguém prestes a atacar. Ele estava sendo sincero. E tudo o que dizia estava fazendo sentido. Esse poderia ser o verdadeiro Jack? Nunca tive uma alucinação no Vácuo como Observador, então por que teria como Apropriador? Talvez fosse melhor supor que Jack era real, pelo menos até ele provar o contrário...

– Vocês são diferentes e opostos – Jack continuou. – Juntos vocês são o Parker. Mas separados assim, e isolando um ao outro no

fundo da mente, nunca vão ser o que poderiam, a não ser que aprendam a viver e funcionar juntos.

– Não faz diferença, Jack. Nós dois vamos morrer mesmo – eu disse, então me afastei deles, tomando a direção dos recônditos mais escuros da minha mente. – Que diferença faz quem vai estar no controle quando isso acontecer?

O Sombrio falou com Jack também, mantendo a voz mais baixa dessa vez:

– É por *isso* que eu estou no controle...

– A mente é minha ainda também – murmurei. – Não faz diferença se você cochichar, eu vou ouvir de qualquer jeito.

Jack limpou a garganta quando rolei para encará-lo. Ambos estavam me olhando com expressões preocupadas no rosto.

– Você precisa me ajudar – disse Jack.

– Eu não tenho como. – Argumentar exigiria muito esforço, então deixei por isso mesmo.

Infelizmente, o Sombrio tinha acesso aos meus pensamentos, e falou por mim:

– Ele está desistindo, Jack. Acha melhor morrer que continuar vivendo como Apropriador. Você já tinha falado que eles são terríveis, e agora vimos a coisa toda em primeira mão. Ele acha que o pai ia preferir que morrêssemos a vivermos como um deles.

– Não! – A voz de Jack exalava autoridade. – Sei que não contei muita coisa sobre o pai, apesar de você perguntar o tempo todo. Desculpe. Eu pisei na bola e quero corrigir isso, mas você está me tirando essa chance.

Ele veio andando na minha direção, com uma expressão de desespero no rosto.

– A primeira coisa que você precisa saber sobre o pai é que ele *nunca* ia preferir você morto, nem se fosse para viver como um

Apropriador. Nunca, Parker. – Jack parecia tão convicto que comecei a questionar tudo em que vinha acreditando. – Você acha que quer conhecer o pai? Então deixe eu contar o que ele diria ao ver o que você está fazendo. Ele diria que era melhor você morrer logo de uma vez em vez de se entregar desse jeito... como está fazendo agora.

A raiva invadiu as minhas veias, e eu sentei.

– Você não faz ideia do que está acontecendo. Do que a gente está tendo que aguentar.

– E depois ele ia falar: “Está cansado?” – Jack encolheu os ombros, mas o nervosismo era evidente nos seus olhos ao continuar: – “Grande coisa. Todo mundo está. Dá uma olhada ao seu redor, Parker... Você está num acampamento de Sonâmbulos. Para de resmungar e vai à luta!”

– *Agora* você decidiu me contar mais sobre o pai? Ótimo timing, Jack. – A raiva pura e simples me impulsionava, e eu cheguei mais perto dele. – O Cooper me fez sofrer o diabo. Você faz ideia de como um Observador se transforma em um Apropriador? É uma tortura, um ataque constante e com força total sobre o corpo e a mente. Você acha que eu estou só cansado? Então não entendeu nada...

O Sombrio preferia expressar sua raiva com ações, não com palavras. Ele saltou sobre Jack, que já estava preparado para isso, e afundou na névoa preta e ressurgiu apenas depois que o Sombrio caiu mais à frente.

Jack se virou para me encarar.

– *Você* é o verdadeiro Parker. E precisa controlar a sua raiva naquela outra metade ali...

– Ele me chama de Sombrio – falou o Sombrio, me olhando com cautela.

– Você precisa juntar forças com o Sombrio pra recuperar sua vontade de lutar. Acho que, no momento, ele é o seu maior trunfo.

Vocês precisam me ajudar se quiserem se salvar. E também o Finn, a Addie, a Mia, a sua mãe... todo mundo que você ama.

Então Jack chegou mais perto e me abraçou com força contra seu peito.

– Você é meu irmão, Parker. É a única família que me resta, e... eu amo você. Quero contar tudo o que precisa saber e até algumas coisas que não... sobre o pai, sobre mim... mas *tem que estar vivo pra isso*. Quero você lutando ao meu lado. Não desista de mim, porque eu *nunca* vou desistir de você.

Isso era o que eu sempre quis de Jack. O calor de seu sentimento me invadiu e me encheu de vida. Não era uma alucinação. Meu irmão estava ali e queria que eu lutasse. Envolvi seu corpo com os braços e retribuí o gesto afetuoso.

– Como você acha que eu posso ajudar? – perguntei, com o medo evidente na voz.

– Não sei... você está dentro da prisão dele. Dá pra dizer como chegar até você? Onde fica a sua cela? – Jack se afastou um pouco para me olhar.

– Fica num túnel subterrâneo. É só isso que eu sei. – Sacudi a cabeça e me lembrei de algo.

O Sombrio estava sentado no mesmo lugar onde caiu depois de seu ataque frustrado. Ele continuava nos observando, e todos os sinais de raiva tinham desaparecido. Em vez disso, ele parecia intrigado e até empolgado com a ideia de tomar alguma atitude para sair daquela situação. Mas alguma coisa o fazia hesitar.

– Isso tudo é muito legal – ele falou para Jack –, mas acho que você não é de verdade.

– Por quê? – Jack me encarou, confuso.

– Porque a última pessoa com que fizemos contato visual não foi você. – O Sombrio olhou para Jack e depois para mim. – Foi o

Cooper.

Jack abriu a boca para responder, mas desistiu e ficou pensativo. Ele se manteve em silêncio por um momento antes de responder, balançando de leve a cabeça:

– Então o Cooper e eu estamos conectados com você, Parker... como aconteceu com a sua mãe. Lembra que nós dois entramos nos sonhos dela, pra eu ensinar você a ser um Observador? É isso que está acontecendo, só que o Cooper está acordado, então só estamos nós aqui agora.

O Sombrio parecia estar entendendo tudo e balançou a cabeça afirmativamente.

– Prefiro ter você aqui em vez dele, aliás.

Jack abriu um leve sorriso.

– Obrigado... eu acho.

– Então daqui a pouco vou estar na cabeça do Cooper? – Soltei um grunhido, lembrando das vezes em que estive lá como Observador.

– Sim, se você não acordar. Não sei muito bem como funciona a conexão entre dois Apropriadores. – Jack sacudiu a cabeça e franziu a testa, murmurando: – É melhor perguntar pra Chloe.

– Você ainda está com a Chloe? – perguntei, me dando conta de que perdi tempo demais me preocupando se *Jack* era real em vez de perguntar o que estava acontecendo no *mundo* real.

Jack hesitou, mas então me contou todos os detalhes. Senti meu estômago se revirar ao ouvir as informações. Libby morta, Finn baleado e sangrando provavelmente até a morte, Addie, Mia e a minha mãe nas mãos dos Apropriadores. Chloe e Jack escondidos em uma casa mal-assombrada bizarra... parecia uma situação difícil de se safar.

– Como você quer que a gente lute contra isso? – grunhi, sem saber se entrava em pânico ou se me escondia de novo. Até mesmo o Sombrio parecia disposto a contemplar a ideia de desistir nesse momento.

– Eu... – Jack pareceu determinado por um instante, mas então o desânimo surgiu em seu rosto. – Eu não sei, mas estou aberto a sugestões. Qualquer coisa que fizer com que todo mundo saia vivo dessa seria ótimo.

– Bom, acho que eu *sempre* gostei da ideia de sobreviver. – Tentei sorrir pela primeira vez em um bom tempo. Foi surpreendentemente bom. – Acho que consigo voltar a gostar.

– Ótimo. Fico feliz. – Jack fez um gesto com a mão para o Sombrio e eu. – Sinceramente não acho que seja possível remendar um Humpty Dumpty. Mas, por ser o lado mais completo, o Parker precisa estar no controle. Então de repente o que vocês precisam fazer é arrumar um jeito de usar o que cada um tem de melhor com um pouco mais de eficiência.

Tinha me habituado àquela sensação entorpecida de ser um passageiro, mas sabia que Jack tinha razão. Por mais que eu tivesse agindo como se quisesse desistir, a verdade é que não queria.

– Acho que consigo – eu disse, então olhei para o Sombrio. Enquanto esperávamos por sua resposta, notei que os ombros de Jack ficaram visivelmente tensos.

– Eu estou dentro. No fim essa coisa de estar no controle o tempo todo é um pouco mais cansativa do que eu esperava. Já teria deixado toda essa confusão na mão do Parker se ele estivesse a fim de resolver. – O Sombrio se deitou de costas. – Nossa, preciso de um cochilo.

Jack deu risada, mas de repente parou e sentou com as costas bem retas, olhando para o Sombrio e para mim com a boca

parcialmente aberta. Ele ficou assim por uns bons dez segundos e ergueu as sobrancelhas para o Sombrio antes de dizer:

– Acho que tive uma ideia muito louca.

– Então você está com sorte. – O Sombrio ergueu a cabeça e abriu um sorriso. – De acordo com o Parker, a loucura é o meu ponto forte.

35

Jack

Minha mente girava com as possibilidades. Eu não sabia se ia funcionar, mas, como Parker tinha feito contato visual por último com Cooper e eu estava aqui na mente dele, então com certeza estava conectado com nós dois.

– Acho que a gente pode tentar derrubar o Cooper... de dentro pra fora.

Falei aquelas palavras lentamente, porque iam contra tudo o que ensinei a Parker sobre ser um Observador. Nós tentamos nunca machucar ninguém, mas dessa vez era diferente. Era com Cooper.

– Tipo, de dentro da mente dele? – Parker perguntou e então olhou para o Sombrio. Os dois pareciam em dúvida.

– O Cooper tem milhões de drogas pra brincar, Jack. – O Sombrio franziu ainda mais a testa. – Uma delas consegue superestimular sua mente. Ele é louco, mas bem forte.

– Acho que ele é lesado assim por causa das drogas. – Parker esfregou as mãos nos joelhos. – Acho que pode ser isso que deixou o cara desse jeito.

Eu me deitei de costas no chão, contemplando as alternativas por alguns segundos, mas não cheguei a conclusão nenhuma.

– Acho que é a nossa melhor opção. Nós estamos em três...

Os dois se olharam, e Parker respondeu:

– Mas não exatamente.

– Não mesmo. Mas a sua mente fica tão forte com você Dividido que, mesmo depois de tudo o que eles fizeram, dá pra sentir suas vibrações no sonho aqui ao meu redor, Parker. – Não consegui disfarçar que estava um tanto impressionado. – Quando vocês dois agem juntos, têm uma força admirável, mesmo sem mim. – Tentei transmitir toda a confiança de que era capaz na minha voz. – E, *comigo* junto, a gente dá conta.

Parker e o Sombrio trocaram olhares e então se viraram para mim.

– E agora, então?

Era essa a pergunta que me atormentava também. E se Cooper demorasse horas para dormir? E se os Apropriadores descobrissem onde eu estava com Chloe antes mesmo de tentarmos fazer isso? E se Cooper começasse a matar mais gente por estar entediado pela espera?

– Eu não sei muito bem – falei. – Acho que ele vai acabar dormindo, mais cedo ou mais tarde.

O Sombrio deu uma risada curta e rosnada. Parker me lançou um olhar malicioso e falou:

– O Cooper está mais cansado até que eu. Passa metade do tempo dormindo em pé.

– Enquanto tortura a gente – acrescentou o Sombrio.

– Então não deve demorar muito.

– Ótimo. – A não ser pela menção à tortura, fiquei aliviado pelo que eles disseram. – A gente só precisa que eles cochilem um instante. Posso fazer uma emboscada no meio da luta.

– Antes que aconteça, me diz o que esperar. – Parker se inclinou para a frente. – A gente não precisa de um plano pra saber o que

fazer por lá?

– Bom... – Eu queria saber dizer o que íamos fazer, mas não tinha uma resposta.

– Como é que vai ser quando estivermos todos conectados no mesmo sonho? – questionou Parker.

Tentei encontrar alguma coisa para falar, um ponto de partida, pelo menos. Se Cooper fosse forte como Parker falou, e estivéssemos despreparados, era encrenca certa.

Mas a verdade era que eu não fazia ideia do que esperar nem de como atacar em uma situação como essa. Nunca ouvi falar de alguém que já tivesse feito isso.

No instante seguinte, notei que o tempo de preparação já havia passado. Era agora ou nunca: o sonho ao nosso redor vibrava com tanta força que minha cabeça começou a doer. Cooper devia estar caindo no sono.

– Só continue lutando, Parker – falei. – Desistir agora pode significar a morte. Continue lutando que eu encontro você.

+++

A escuridão sufocante da mente de Parker se fundiu com uma outra camada, que parecia mais espessa e firme que o restante. Imediatamente senti a nova presença. Não era difícil. A mente de Cooper parecia tão intensa que se chocava com todas as camadas que encontrava pela frente. Pareciam ondas sono-ras em uma câmara de eco, ricocheteando em tudo o que estivesse remotamente próximo.

Concentrando todas as energias que ainda tinha, fui abrindo caminho entre as camadas e me aproximei rapidamente. Estendi a mão e rocei os dedos de leve na perna de Cooper. Ele soltou um

grito de dor, e ouvi um som de algo se quebrando ali perto enquanto Parker e o Sombrio penetravam o casulo de Cooper também.

– Que diabo você está fazendo? – Cooper olhou para mim, sacudindo a perna, tentando se livrar da minha mão, mas eu o agarrei com força.

Concentrei todas as minhas energias em mantê-lo atado ao sonho e a mim. Se ele quisesse se libertar, teria que me destruir. Algo que, levando em conta a dor lancinante que eu sentia toda vez que ele tentava se soltar, era totalmente possível.

Só me restava torcer para que Parker estivesse preparado.

– Ele está bem preso aqui – gritei para Parker, e Cooper fez ainda mais força quando se deu conta do que estávamos fazendo. – Você precisa entrar na mente dele e fazer exatamente o contrário do que ensinei. É pra destruir cada pedacinho de tudo que encontrar. Qualquer tipo de estrago que conseguir fazer já ajuda.

– Vocês não podem fazer isso. – Cooper deu risada e se debateu contra mim de novo. Minha mente parecia prestes a explodir a cada movimento. – Não têm força pra isso... nem mesmo juntos.

– Parker! – gritei, tentando fazê-lo se apressar antes que eu perdesse totalmente a capacidade de lutar.

Ele e o Sombrio partiram para a ação. Saltaram sobre as costas de Cooper, e senti o sonho estremecer ao meu redor quando Parker cravou os dedos no corpo de Cooper.

Agora era Cooper quem estava gritando.

O Sombrio se deslocou na direção de Parker e desapareceu dentro dele – os dois estavam agindo juntos. Os tremores no mundo ao redor tinham a força de um terremoto. Cooper parou de se mover. Parou de me empurrar. Levou as mãos à cabeça e as pressionou contra a testa.

De repente seus pensamentos e suas lembranças me invadiram. Ele estava usando isso para me afastar. Vi quando ele torturou o meu irmão como se fosse eu que estivesse fazendo aquilo. Senti sua alegria ao fazê-lo morrer e trazê-lo de volta. Vi uma sala branca com luzes fortíssimas, onde injetaram em Parker uma substância preta de aparência sinistra. Arranquei a mão dele como se tivesse me queimado, e Cooper fechou o casulo de negrume em torno de mim.

– Jack! – Parker gritou, e percebi que ele estava ao mesmo tempo segurando Cooper e tentando atacá-lo.

Saí escavando o espaço de sonho, tentando me mover naquela direção, o que consegui fazer depois de alguns segundos. Nesse curto período de tempo, Cooper já tinha ganhado bastante terreno. Parker ainda estava aguentando firme, mas caído de joelhos e aparentemente tendo convulsões. Mergulhei em sua direção, voltando ao controle de mim mesmo quando tornei a segurar Cooper.

Parker parou de tremer e ficou de pé de novo. Meu coração quase parou quando Cooper me bombardeou de novo com memórias horripilantes, mas segurei as pontas, ciente de que o plano de Cooper era se livrar de mim. Como Parker estava ganhando a batalha, Cooper queria desesperadamente fugir antes que fosse tarde demais.

Parker atacava com fúria, atravessando as lembranças que Cooper me lançava e destroçando-as de modo feroz. Cooper uivava de dor a cada golpe.

Então as recordações se tornaram menos densas, mais soltas. Vi Cooper punindo os Apropriadores por coisas banais, como notar sua exaustão. Vi Cooper matando gente só por desconfiar que fossem Construtores ou Observadores – assim como seu pai fazia, mas,

como estava determinado a ir mais longe, Cooper estava disposto a qualquer coisa.

E então vi Cooper gritando com Joey por ajudar o meu irmão.

Foi quando Cooper parou de prestar atenção em mim. Ele fez Parker gritar quando começou a enfrentá-lo. O Sombrio reapareceu, como se Cooper tivesse sido capaz de separá-los de alguma forma, e foi ao chão; estava tendo dificuldades para se levantar. Parker berrou de dor, e o meu coração se encheu de pânico. Cooper estava vencendo de novo...

Mas só porque parou de se preocupar comigo.

Reconcentrei minha energia e passei a usar apenas uma pequena parte da minha mente para mantê-lo no lugar. Com o restante, fiz exatamente o que pedi para Parker: comecei a destruir a mente de Cooper.

Comecei pelas lembranças de todos os Apropriadores que ele matou. Usando minha mente, visualizei que estava despedaçando cada recordação, como um vidro, estilhaçando-as em um milhão de pedaços. Cooper reagiu com violência, mas aguentei firme, arrebatando tudo o que podia com a maior rapidez possível.

A cada movimento, eu me sentia um pouco mais debilitado. O esforço necessário para quebrar um pedacinho de sua mente era inacreditável, mas continuei lutando, deixando lembranças do seu pai e do seu irmão destruídas no caminho. Percebi que as recordações de Cooper sendo cruel com Parker eram as mais fáceis de destruir. As outras eram mais complicadas. Aquela em que ele encontrava o pai morto foi a mais dura. Era fortalecida por um sentimento que eu conhecia bem: a tristeza.

Então tudo ficou mais fácil, mais rápido. Olhei para cima e vi que o Sombrio e Parker estavam unidos de novo, arrasando o que restou da mente de Cooper em uma velocidade impossível de acompanhar.

Parker parecia exausto, com as pernas bambas, lutando contra a dor claramente estampada nos seus olhos.

– Não! Por favor! – Cooper gritou, e então a última parte do que costumava ser Cooper explodiu, assim como o sonho ao nosso redor.

A última coisa que vi antes de acordar foi Parker afundando em nuvens de névoa negra e desaparecendo.

36

Parker

Sentei direito na cadeira e soltei um gemido. Parecia que as minhas veias estavam cheias de vidro moído. Cada batida do meu coração lançava uma nova onda de dor pelo meu corpo. Minha mente era a pior parte. Estava me matando. Eu mal conseguia pensar.

– Cooper? – Ouvi a voz de Joey chamar e ergui a cabeça para ver onde ele estava.

Joey estava de pé bem na minha frente, me encarando. Pisquei algumas vezes e olhei para as minhas mãos. Eram menores que as minhas, e eu estava usando o anel do Cooper...

– *Como assim?* – O Sombrio estava me olhando de um local à minha direita. Ele expressou meus pensamentos com exatidão. De alguma forma eu tinha me apropriado de um... Apropriador.

Mas quando fui vasculhar aquele corpo e seus pensamentos, como havia feito com o dr. Rivera, não encontrei nada.

Cooper estava liquidado, destruído... então eu me apropriei de seu *corpo*, porque é isso que os Apropriadores fazem.

– Você está bem? – As palavras de Joey transpareciam sua preocupação, mas sua voz não denunciava nada. – Quando entrei, você estava dormindo na cadeira e começou a ter uma espécie de convulsão.

– Eu estou... bem – respondi lentamente, então olhei para Joey para tentar entender o que estava acontecendo. Estávamos em um escritório, só nós dois. Não havia mais ninguém. Eu precisava de mais informações. – Nós já encontramos Jack e Chloe?

Joey franziu ainda mais a testa, e então suspirou.

– Você não está me ouvindo. Não sei por que ainda fico surpreso. Não estou dizendo só que *eu* não vou atrás dele... Estou dizendo que não vou deixar *você* continuar fazendo isso.

Não consegui esconder a surpresa na minha voz:

– Ah, não?

– Não. Isso precisa parar, Cooper. – Joey pegou uma arma de cima da mesa ao seu lado. – Não quero machucar você, mas vou *fazer* isso parar. Eu não sou um Sonâmbulo. Não sou nenhum deus, como o pai chamava vocês, e *até* posso ser inferior, como você sempre diz. Mas isso... – Ele fez um gesto para a porta do escritório, e seu rosto demonstrava um remorso genuíno. – Você matou pessoas lá hoje, dos dois lados. É uma guerra, e isso não é novidade. Mas você precisa parar. Vamos falar com a Chloe e ouvir o que ela tem a dizer. Ela é nossa irmã, Cooper.

Soltei um grunhido, para tentar ganhar tempo e pensar no que responder. Cooper jamais aceitaria a sugestão de Joey. Minhas mãos começaram a transpirar. Dava para ver nos olhos de Joey que ele estava falando sério. Parecia que eu tinha escapado do fogo para... pular em outra fogueira.

– Você vai atirar em mim? – perguntei.

Joey fez que sim com a cabeça sem hesitação, e dessa vez com a arma apontada para mim.

– Sempre me perguntei se o pai não tinha se matado porque não aguentava nem mais um dia vivendo daquele jeito, destruindo as pessoas como ele fazia. Esperava que você percebesse isso antes

que fosse tarde demais. Mas parece que você está determinado a ir ainda mais longe. Já cansei de esperar.

– Certo – respondi lentamente, fazendo o meu melhor para soar relutante. Não fazia ideia de que Steve Campbell tinha se matado. Não sabia nem se Jack conhecia esse fato.

Joey baixou a arma, e o choque era evidente no seu rosto.

– Certo?

Pensei em como manter a encenação em andamento, mas a verdade era que Cooper partiria para o ataque nessa situação... ou daria um jeito de sobreviver na base da trapaça. Poderia concordar com as exigências de Joey e então mandar um dos guardas matá-lo assim que pusesse o pé para fora da porta. Essa família era cheia de segredos, assim como a minha. Era chegada a hora da verdade. Minha única chance era contar tudo e torcer para que Joey fosse o cara legal que, lá no fundo, eu achava que fosse.

– Preciso contar uma coisa pra você. – Minhas palavras saíram um tanto emboladas, e minhas pálpebras caíram. Ergui as mãos em sinal de rendição, e Joey estreitou os olhos.

– O quê?

Dolorosamente, fiquei de pé para garantir que ia continuar acordado. Quem poderia prever o que aconteceria se eu dormisse de novo e me desconectasse desse corpo?

– Eu não sou o Cooper. Sou o Parker.

Joey baixou o queixo, claramente incrédulo, e levantou a arma outra vez.

– A gente estava em um sonho e teve uma briga... Não sei como, mas parece que acabei me apropriando do corpo do seu irmão. – Olhei para Joey bem nos olhos, tentando mostrar que estava dizendo a verdade. – Você me trouxe comida e água. E eu sei que você não é um Apropriador.

Joey sacudiu a cabeça.

– O Cooper sabe tudo isso. Não faz o menor sentido. Por que está tentando me convencer de que...?

– Porque é verdade, Joey. – Espantei mais uma onda de exaustão e continuei: – Mas não sei por quanto tempo vou continuar acordado e no controle aqui, então é bom aproveitar o momento. Posso dizer pra todos os Apropriadores que o Cooper... que *eu* mudei de ideia. Vou dizer pra eles que você está no comando. Sabe aquele líquido azul que o Jack tentou dar pro Cooper? É uma nova droga, que pode salvar os Apropriadores, e que também os impede de prejudicar alguém, então é muito melhor que o Eclipse. O nome dela é Spectrum. A gente *tem como* ajudar, só preciso convencer os outros Apropriadores de que vale a pena tentar.

Joey continuou olhando para mim, com a testa franzida, me observando atentamente.

O Sombrio sacudiu a cabeça.

– Não sei se ele está acreditando, não.

– Preciso da sua ajuda pra fazer isso, Joey. – O tom de súplica na minha voz era evidente.

– Como é que eu posso saber se isto aqui não é uma grande farsa pra você conseguir chegar até os seus guardas e mandar me matar? – O olhar de Joey estava tão concentrado que ele parecia estar tentando ler meus pensamentos. E provavelmente ia gostar muito de poder fazer isso.

– O fato de você perguntar não é uma prova de que o seu irmão *precisa* ser detido? – Bocejei e me encostei na parede atrás de mim.

O Sombrio apareceu ao meu lado e bateu palmas com força junto ao meu rosto.

– A gente precisa ficar acordado e agir depressa. Não vai ser nada bom se esse corpo acabar entrando em colapso com a gente

dentro. É melhor não afundar junto com esse barco.

Assenti lentamente e corrigi a postura.

– Em que posição eu jogava no nosso time de futebol? – Joey perguntou, com os olhos vidrados em mim.

Demorei um pouco para responder, porque fui pego de surpresa por uma pergunta tão óbvia.

– Você era zagueiro. O Cooper não sabia disso?

Joey guardou a arma na parte de trás da calça e respondeu com uma expressão de pura tristeza:

– Ele nunca deu bola pra mim, nunca prestou atenção no que eu fazia.

Dei um passo à frente e sacudi a cabeça.

– Isso foi um erro, um dos muitos que o Cooper cometeu. E eu também.

A expressão de Joey era parte surpresa, parte desconfiada.

– Eu devia ter me esforçado pra conhecer você melhor antes – expliquei. – Talvez a gente pudesse ter acabado com isso mais cedo, antes de chegar a este ponto. – Estendi a mão para ele. – Mas a gente tem a chance de fazer isso agora. Você topa?

Ele olhou para a minha mão antes de envolvê-la com a sua gigantesca.

– Topo.

37

Jack

Sentei de repente, respirando fundo por causa da dor de cabeça. Chloe tapou a minha boca com a mão. Ela me encarou com os olhos acinzentados arregalados e apontou para a porta do outro lado da sala. Em seguida, pôs um dedo na frente dos lábios, como um sinal para eu fazer silêncio.

Foi quando os ouvi. Havia Apropriadores dentro da casa mal-assombrada. Fiquei de pé em silêncio, com o coração a mil, e Chloe fez o mesmo. Pelo barulho que estavam fazendo, estava na cara que os Apropriadores não sabiam de nossa presença. Segurando a mão de Chloe, eu a puxei para a sala ao lado; por sorte, estava vazia.

Atravessamos silenciosamente mais duas outras salas sinistras, mas quando voltamos àquela pela qual precisávamos passar para sair havia um guarda postado na porta. Chloe me deu um tapinha no ombro e me devolveu a lâmina que eu tinha dado a ela para se proteger.

– Por favor, só use se precisar mesmo – suspirou.

Respondi que sim com a cabeça antes de espiar de novo a sala que dava acesso à saída. O guarda postado lá parecia entediado. Era bem jovem, mais que nós. Eu precisava arrumar um jeito de sair sem matá-lo. Fiz um sinal para que Chloe viesse atrás de mim e fui

me aproximando em silêncio. O guarda só percebeu minha aproximação quando senti minha faca no pescoço. Pus a mão sobre sua boca, seus olhos se arregalaram.

– Eu não quero machucar você, mas preciso sair daqui – murmurei no seu ouvido. Chloe se postou diante dele, tirou a pistola da cintura do guarda e a apontou. Ela parecia saber muito bem como usar a arma. Guardei minha faca, mas mantive a boca do rapaz tapada.

– Tem alguma coisa que a gente possa usar pra amarrar você? – Chloe perguntou.

Ele não respondeu imediatamente, mas pelo jeito concluiu que era melhor ser amarrado que morto. Ele apontou para um par de algemas de plástico no cinto. Chloe as apanhou, e nós voltamos para a sala onde estávamos escondidos. Levamos o guarda para um canto e prendemos suas mãos e seus pés.

Eu me inclinei sobre ele.

– Preciso que você espere uns trinta segundos. Se começar a gritar antes disso, ela vai voltar e atirar. Nenhum de nós quer isso, certo?

O pobre-diabo pareceu apavorado enquanto balançava a cabeça furiosamente em sinal positivo. Não fez o menor ruído quando tirei a mão, e nos deu pelo menos um minuto antes de começar a gritar e alertar os demais.

Garoto esperto.

A essa altura, Chloe e eu estávamos correndo pelo parque, circundando a entrada da casa dos espelhos. Torci desesperadamente para as pessoas queridas que deixamos ali pouco tempo antes ainda estivessem vivas.

Enquanto atravessávamos o parque, contei o que tinha acontecido na mente de Parker.

– Então vocês foram jogados pra fora? – ela murmurou, com o rosto pálido. – Você acha que ele... que o Cooper morreu?

Sacudi a cabeça e apertei sua mão.

– Não sei ainda, Chloe. Acho que fizemos um belo estrago, mas só vou saber quando estiver frente a frente com ele.

– Você acha que o Parker está bem? – Ela apertou a minha mão em resposta.

Prendi a respiração e a puxei para baixo quando alguns guardas passaram a uns metros de nós, a caminho da casa dos espelhos. Em seguida, de novo em pé, sacudi a cabeça. O fato de eu não ter uma resposta estava me devorando por dentro. Como fui pedir para Parker fazer algo assim tão perigoso? E se ele tivesse morrido junto? E se eu o tivesse perdido, não por causa de Cooper, mas do que eu fiz?

Assim que a barra ficou limpa, fomos até a entrada da casa dos espelhos e entramos discretamente, escondidos na sombra. Havia uma aglomeração do outro lado do recinto, e as pessoas estavam de costas para nós. Ninguém nos viu entrar.

Esquadrinhei o recinto com os olhos, procurando por uma oportunidade para me aproximar do meu irmão. Porém, quando meus olhos se firmaram em um determinado local, meu estômago se revirou de dor. No lugar onde tinha ocorrido o tiroteio, vi uma mancha vermelha no chão. Libby havia sido atingida bem ali. Foi onde ela morreu.

Só esperava que Finn não tivesse tido o mesmo destino.

Em seguida, ouvi a voz de Cooper, e o meu coração foi parar na boca.

– Preciso conversar com vocês. Uma coisa precisa ser feita, quer vocês queiram ou não...

Só aquela voz seria suficiente para amedrontar todos e fazer com que concordassem com o que quer que fosse. Enquanto ele estivesse na liderança, seria quase impossível organizar alguma forma de resistência.

Foi então que eu ouvi. O que tínhamos feito no sonho não funcionou. Larguei a mão de Chloe e puxei a minha faca. Me aproximando mais alguns passos, esperei até encontrar o ângulo ideal.

Dessa vez eu não ia errar.

Cooper continuou falando, mas eu estava tão concentrado em seus movimentos que nem registrei suas palavras. Ergui a mão para jogar a faca no momento em que ele se virou para mim. Seus olhos se arregalaram, e percebi que não estava mais escondido nas sombras. Puxei a mão para arremessar... e Chloe me atingiu com força por trás.

Fui lançado para a frente aos tropeções e deixei cair minha lâmina, mas imediatamente a recolhi antes de me virar para Chloe. Não estava acreditando que ela havia me traído depois de tudo por que passamos. Os guardas apareceram correndo e seguraram as minhas mãos atrás das costas.

Os olhos de Chloe estavam arregaladíssimos. Ela não parava de olhar para o local onde estava Cooper e depois para mim, como se estivesse tentando me dar algum tipo de aviso. Não entendi. Como ela pôde me impedir? Eu sabia que era o irmão dela, mas pensei que já tivéssemos concordado que aquela era a única saída. Em seguida, ela me deu uma encarada como se questionasse minha inteligência e formou uma palavra silenciosa com os lábios: *Escute*.

Virei a cabeça para Cooper de novo, mas os guardas bloqueavam minha visão. Do que ela estava falando?

– Tragam os dois até aqui. – A voz de Cooper se elevou sobre a balbúrdia, e todo mundo ficou em silêncio.

Os guardas nos empurraram até a frente da sala e só nos soltaram quando estávamos cercados. Cooper deu uma encarada em nós dois, mas deu para ver que suas mãos estavam trêmulas. De perto, ele parecia mais um esqueleto ambulante que uma pessoa.

– Como eu ia dizendo – seus olhos se fixaram em mim como se quisessem me rasgar –, estou quase no meu limite. Dá pra sentir. E nós já perdemos gente demais.

Senti minhas sobancelhas se levantarem. Chloe me deu um chute no pé, e me esforcei para não reagir. Não entendia por que, mas Cooper parecia ter mudado de postura, ou então...

– O Joey me ajudou a tomar a decisão, e a partir de agora vai assumir o comando. Acho que ele e a Chloe, minha irmã, podem começar a trabalhar juntos para encontrar a melhor solução e evitar que mais gente nossa perca a vida. – Cooper me deu outra encarada, e imaginei ter visto um leve sorriso se insinuar no canto da sua boca. – A não ser que você queira continuar lutando, Jack, porque a trégua precisa partir dos dois lados.

Era uma expressão tão típica de Parker que senti o ar se esvaindo dos meus pulmões. Parker tinha se apropriado de um Apropriador? Como?

Então me dei conta de que foi isso que aconteceu quando destruímos Cooper. Parker agora era um Apropriador, e por isso foi sugado para dentro do que na prática era uma casca vazia. E estava usando isso ao nosso favor. Brilhante.

E eu quase o matei com a minha faca.

Ainda bem que Chloe estava por perto.

Percebi que Parker ainda esperava pela minha resposta.

– Eu concordo – respondi –, se você libertar o meu irmão e os outros prisioneiros.

– E me deixar explicar pra todo mundo como funciona a nova droga, que se chama Spectrum – Chloe acrescentou antes que Cooper pudesse responder. – Acredito sinceramente que essa pode ser a nossa salvação.

Cooper parecia estar refletindo por um instante antes de soltar um suspiro de cansaço.

– Tudo bem. – Em seguida, ele olhou para Joey e os guardas. – Vão buscar o irmão dele e os outros.

Joey se posicionou ao lado dele enquanto os guardas se retiravam, com a perplexidade estampada no rosto. A expressão de Joey mostrava outro sentimento, porém: – ...tristeza. Ele olhou para Chloe e balançou a cabeça de leve. Ele sabia.

E nos ajudou mesmo assim.

– Acho que preciso descansar um pouco. – Cooper olhou para Joey, e suas pernas oscilaram sob seu peso. – Você sabe o que fazer.

– Sei, sim – respondeu Joey, e Cooper me deu uma última olhada antes de sair amparado por Joey.

Era surreal vê-lo andar e falar como alguém ainda vivo, quando na verdade era só uma casca. Cooper desapareceu de vista, e me dei conta de que, assim que ele adormecesse, seu coração ia parar. Era uma questão de minutos até que a vida abandonasse seu corpo cansado e doente depois do que Parker e eu fizemos com sua mente.

38

Parker

Assim que acordei de novo no meu corpo, o Sombrio falou que já tinha cumprido seu papel. Eu estava de novo no controle, e ele pediu para não ser incomodado enquanto descansava. Por mim, estava ótimo. Quando abri os olhos, vi os guardas ao meu redor e fiz uma careta; em parte porque tinha que fingir que não sabia o que estava acontecendo, em parte porque isso havia virado uma espécie de instinto para mim.

– Vamos levar você até seu irmão – falou o guarda mais próximo.

Ele parecia inseguro, e não sei se estava gostando da ideia de me libertar... ou de tudo o que tinham feito antes.

Fui conduzido até um escritório, onde Jack e Chloe estavam à minha espera.

Fui mancando até Jack, tão cansado que até ficar de pé parecia um desafio. Meu irmão se aproximou e me abraçou.

– Fiquei preocupado. Ainda bem que deu tudo certo. – Jack sacudiu a cabeça. – A propósito, você é um gênio – ele murmurou.

Ainda era uma surpresa para mim ver Jack agindo daquela maneira, mas eu o abracei com força e sussurrei:

– Conseguimos.

– *Você* conseguiu. – Jack deu um passo atrás e sacudiu a cabeça com um sorriso malicioso. – Eu ajudei, mas teria sido impossível sem você. O pai ficaria orgulhoso.

– Não só de mim. Mas ficaria mesmo? – O peso de tudo pelo que eu tinha passado se aliviou um pouco, e a minha voz ficou embargada de emoção.

– Com certeza. – Jack me conduziu até uma cadeira que Chloe tinha puxado, e eu sentei. – Mal posso esperar pra cansar os seus ouvidos contando tudo sobre ele.

– Isso significa que você vai morar com a gente? – Tentei não mostrar o quanto queria que ele dissesse que sim. Sabia que já tinha feito pressão demais.

Minha mãe apareceu, seguida por Addie e Mia. Ela me abraçou e estendeu a outra mão para Jack, puxando-o para perto também.

– Estou tão feliz que vocês estão bem! – Minha mãe deu um passo atrás e olhou para nós dois. Quando viu o quanto eu estava exausto, fez até uma careta. Ela se virou para Jack. – Então, eu ouvi o que o Parker acabou de perguntar. Você vai? – Ela parecia bem ansiosa.

Jack olhou para nós dois e sorriu.

– Eu adoraria.

Minha mãe nos abraçou de novo, abrindo o maior sorriso que já vi.

Addie e Mia me abraçaram em seguida, mas eu afastei Addie e a olhei nos olhos.

– Vi que o Finn levou um tiro... – Não consegui nem fazer a pergunta.

Addie tinha lágrimas nos olhos, mas abriu um sorriso.

– Eu tive uma ajuda. – Ela foi até a porta e a abriu.

Um sujeito um pouco mais velho que Jack entrou, empurrando uma cadeira de escritório com rodinhas. Finn estava acomodado no assento. Suas calças estavam rasgadas, e havia uma bandagem branca em sua perna. Seu rosto estava pálido, mas de resto parecia bem. Ele sorriu para mim, apesar de estar com dificuldade até para manter a cabeça levantada.

– Parker! Faz um tempão que a gente não se vê, cara. Por onde você andou? – Suas palavras saíram um pouco enroladas, e sua cabeça tombou para o lado.

Eu o abracei quando ele tentou corajosamente levantá-la outra vez.

– Que bom que você está bem – falei, dando um tapinha em seu ombro.

O homem que acompanhava Finn estava com as mãos limpas, mas as roupas sujas, e carregava uma caixa de primeiros socorros bem grande.

Addie apontou para ele:

– Este é o Shawn. Ele era assistente daquele médico maluco.

– Você é de verdade? – Pisquei algumas vezes em sua direção, e Shawn deu risada da expressão de perplexidade absoluta que deve ter aparecido no meu rosto.

Jack me lançou um olhar de interrogação, então expliquei que Shawn falava comigo pela parede da cela.

Shawn estendeu a mão para mim.

– Lamento muito pelo que o Cooper e o dr. Rivera fizeram com você. Queria ter ajudado mais.

– Você ajudou. – Esfreguei o pescoço e tentei me alongar. Todos os meus músculos doíam, eu estava cansadíssimo. – Teria enlouquecido se não fosse você lá, falando comigo... bom, enlouquecido mais, quer dizer.

Shawn sorriu.

– Estou feliz por ter feito uma coisa boa, pra variar.

– Você ajudou o Finn?

Quem respondeu foi Addie:

– Eu consegui diminuir o sangramento, mas eles jogaram a gente na mesma cela que o Shawn. E aí o Thor..

– Joey – Jack, Chloe e eu corrigimos ao mesmo tempo, dando risada. Chloe estendeu a mão, e Jack a segurou.

Addie ergueu as sobrancelhas, perplexa, mas continuou com um sorrisinho, segurando a minha mão:

– Aí o *Joey* trouxe a caixa de primeiros socorros, e o Shawn conseguiu tirar a bala e dar os pontos.

– Como você pode ver, tinha uns analgésicos fortes na caixa. Por pouco a bala não acerta a artéria femoral.

– A artéria feral é bem importante. – Finn desistiu de manter a cabeça erguida e a apoiou no encosto da cadeira com um sorriso no rosto. – Não acertou porque eu tenho sorte!

Dei risada.

– Tem mesmo. – Em seguida, abracei Addie mais uma vez e abri um sorriso para Jack e para minha mãe. – E eu também.

39

Jack

Ficamos esperando enquanto Joey reunia os Apropriadores para que Chloe pudesse falar com eles. Até então, eles não vinham mostrando muita resistência ao novo plano. Chloe disse que isso não era surpresa, mas eu ainda estava tenso, esperando que algo desse errado.

Joey havia trancafiado o dr. Rivera e alguns guardas que externaram sua discordância, mas no geral a transição estava sendo tranquila. Fiquei com a sensação de que eles estavam esperando mais explicações sobre o Spectrum para tomar uma decisão final. Eu só podia cruzar os dedos e torcer para que a nova droga não fosse tão perigosa para pessoas mais jovens que Mason.

Ele sobreviveu, claro, mas se os Apropriadores vissem alguém tendo múltiplas paradas cardíacas, seria um péssimo sinal em um momento como este.

Olhei para Parker e vi seus olhos tremerem. Eles se inclinou para a frente e os cobriu com a mão.

– Você está bem mal. Acho melhor pedir para irem buscar o medicamento pra transformar você de novo em Observador... se é que isso existe mesmo. Ou você prefere continuar sendo Apropriador

e experimentar o Spectrum? – perguntei, observando-o atentamente à espera de uma resposta.

– Eu queria voltar ao normal em algum momento, mas por enquanto topo qualquer coisa que me faça dormir um pouco. – Parker afundou um pouco mais na cadeira e fechou os olhos. Addie se aproximou de mim.

– Eu não posso mais ajudá-lo com os meus sonhos? – ela perguntou, com a tristeza estampada nos olhos.

– Não se ele continuar sendo Apropriador. – Apertei de leve o ombro dela. – Mas a gente vai ajudar. Fique tranquila que a gente dá um jeito.

Addie não respondeu, simplesmente caminhou até a cadeira de Parker. Ela sorriu quando ele a olhou, deu um beijo em seu rosto e segurou sua mão.

Quando me virei, vi que Joey estava parado na porta atrás de mim.

– Desculpe pelo Parker.

– Não é culpa sua, mas você pode ajudar a acertar as coisas. A gente precisa que a Chloe mostre pro pessoal o que a nova fórmula pode fazer. – Olhei para ele e então para Chloe. – É só isso o que eu quero.

– Tem certeza de que esse negócio de Spectrum funciona mesmo? – Joey parecia genuinamente apreensivo.

– Tenho certeza de que eles vão morrer sem isso. – Tentei parecer tão confiante como desejava estar. – Já funcionou com um Apropriador, e um muito mais velho que vocês. O corpo dele superou os limites normais dos Apropriadores faz tempo. Espero que o processo seja mais tranquilo pros outros.

– Como foi que ele conseguiu viver tanto? – Joey franziu a testa.

– Com umas ervas e meditação todos os dias – respondeu Chloe.
– Provavelmente não é a melhor opção, mas é bom saber que funciona.

Esses detalhes pareceram tranquilizar Joey.

– Então vamos em frente.

Ele nos guiou de volta para o salão da entrada, mas eu segurei a mão de Chloe e fiquei de olho o tempo todo enquanto os demais seguiam Joey.

– Você tem certeza? A gente viu como foi difícil com o Mason – falei baixinho em seu ouvido. – Estou tentando ser otimista, mas e se na verdade ele tiver reagido bem? Com você pode ser pior...

– Sim. Tenho certeza absoluta. – Chloe me olhou nos olhos, pôs as duas mãos no meu rosto e me deu mais um beijo. – Agora é torcer pra dar certo. Se eu não tomar, vou morrer do mesmo jeito, então prefiro cair lutando. Você, especialmente, deveria entender. A guerra precisa acabar. Você sabe muito bem. Estamos numa trégua agora, mas, se a gente não convencer todos os Apropriadores a abraçarem o Spectrum, isso não vai durar. É a primeira chance que temos de fazer acontecer... podemos fazer a diferença agora. Isto precisa parar, Jack.

Eu a beijei de novo e a puxei para junto do peito, cheirando seu cabelo e curtindo a sensação de tê-la tão perto. Senti sua respiração, seus batimentos e beijei seu pescoço. Em seguida, falei baixinho, com a voz embargada:

– Você precisa lutar pra sobreviver. Está me ouvindo? – Encostei minha testa contra a dela e olhei seus lindos olhos. – Trate de lutar pra voltar pra mim.

Ela fez que sim com a cabeça, determinada, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

– Sempre.

+++

Sáímos para o salão principal da casa dos espelhos. Estava lotado, mas havia um espaço vazio no centro onde um colchonete tinha sido colocado para Chloe. Addie foi buscar um frasco de Spectrum na van e o entregou a Chloe quando ela sentou no colchonete.

Shawn apareceu atrás de mim. Carregava um desfibrilador em uma das mãos, e agulhas e um kit de primeiros socorros na outra.

– Fique aqui na frente. A gente pode precisar de você. – Dei um passo para o lado e segurei o cabo da faca na minha cintura. – Não vou deixar ninguém interferir.

Shawn me olhou nos olhos e sorriu.

– Mudar a maneira de as pessoas pensarem não é fácil. Nem espero que seja. Mas peço que você só use isso se for muito necessário.

Acabar com os conflitos era só o que passava pela minha cabeça nos últimos meses... mas me segurar enquanto Chloe estava em risco era difícil demais. Lutar para mim era muito mais fácil que confiar. Não entendi por que ainda não havia me dado conta do tamanho do desafio que tinha diante de mim.

– Pode deixar – me apressei em responder. – Eu me esforcei demais pra isto, não vou estragar tudo agora.

– Ótimo.

Chloe começou a falar com os Apropriadores:

– Vai aparecer meio assustador no começo, porque é uma mudança muito grande pro nosso corpo. Vou ter alguns tremores e talvez umas reações mais sérias. – Ela apontou para Shawn. – É por isso que temos alguém com treinamento em primeiros socorros de prontidão. Mas essas reações adversas só duram alguns minutos.

Chloe estava tentando transmitir confiança, mas eu sabia que não era bem assim. Ela estava com medo; eu estava apavorado.

– Depois disso, eu devo dormir – ela continuou. – Dormir de verdade, com sonhos e tudo. Por enquanto é só isso. Alguma pergunta?

Todos os presentes a observavam com atenção, mas ninguém parecia disposto a perguntar nada. Chloe se virou para mim e deu uma piscadinha, mas vi sua mão tremer quando ela virou o líquido azul em um só gole.

+++

O coração de Chloe não parou. Ela teve convulsões e parou de respirar por alguns segundos, mas logo passou. Seu sono era tão tranquilo que senti que ia ficar tudo bem. Quando ela acordou na manhã seguinte, depois de oito horas preciosas de sono, Shawn confirmou que seus sinais vitais estavam estáveis. Dava para notar que o rosto dela até estava um pouco mais corado.

A semana seguinte foi de correria e muito planejamento. A não ser por uma pequena confusão no enterro de Cooper, os Apropriadores pareciam ansiosos para abraçar a ideia de um novo futuro. Quase todos se inscreveram para tomar o Spectrum, e Shawn assumiu a responsabilidade de fazer as escalas de administração da droga. Randall se ofereceu para doar seu sangue para fabricar mais Spectrum e pôr um fim na guerra, e outros Construtores fizeram o mesmo. Como ainda queríamos esperar alguns dias antes de trazer outros Construtores para a base dos Apropriadores, Shawn e eu fomos até Cypress Crest fazer a coleta.

Uma das coisas que fizemos logo depois de Chloe acordar foi trazer dois médicos de confiança para examinar Chloe e Mason em busca de possíveis efeitos colaterais negativos do Spectrum. Até

então, não havia aparecido nenhum. Pelo exame de sangue que fizemos, parecia que o efeito do medicamento ia durar pelo menos um mês, o que não era ruim, mas Mason já estava elaborando umas ideias com ervas que poderiam ser incorporadas à dieta dos Apropriadores ou à própria composição da droga para que durasse no mínimo o dobro.

A fórmula era tudo o que meu pai esperava que fosse.

A maioria dos Apropriadores tinha concordado com a decisão de “Cooper” de nomear Joey o novo líder da SDS. Ele só aceitou a indicação sob a condição de que os diferentes grupos de Sonâmbulos escolhessem um representante para serem seus conselheiros. Joey a princípio queria que um Sonâmbulo fosse o líder, mas Chloe o convenceu de que seria melhor alguém que não tivesse uma predileção específica por nenhum tipo, pois precisaria unir um grupo bastante dividido. Mason foi o escolhido para fazer parte do conselho pelos Apropriadores, Randall pelos Construtores e eu pelos Observadores.

Queria que o meu pai estivesse aqui para cumprir o papel que caberia a ele, mas concordei em fazer o melhor possível em seu lugar.

O corpo de Parker estava se recuperando bem de todo o abuso que sofreu. Ele tomou o Spectrum logo depois que Chloe acordou, e seu corpo reagiu de uma forma bem mais violenta. Não sabíamos se tinha a ver com o fato de ele não ser um Apropriador de verdade ou se era por causa da exaustão de seu corpo, mas ele sofreu convulsões durante uma hora. Durante esse tempo, me perguntei várias vezes se não teria sido um erro permitir que ele tomasse. Mas depois disso ele pôde ter várias noites seguidas de sono e parecia até outra pessoa.

Na verdade, como Parker tomou o controle no lugar do Sombrio o tempo todo, ele era *mesmo* outra pessoa.

O dr. Rivera se recusava a responder às minhas perguntas, então tive que usar o meu método de observação tradicional. Não precisei de mais de uma noite revirando seus sonhos para descobrir onde ele guardava suas drogas experimentais e quais delas poderiam ajudar Parker a se transformar em Observador de novo. Tentamos três vezes sem resultado, mas Parker falou que tinha levado um tempo para ele se tornar Apropriador, então o contrário não podia ser muito diferente.

No fim da semana, enquanto Randall, Joey e Mason me acompanhavam pelo parque para se despedir de mim na van, passamos por uma pista de bate-bate que eu não tinha visto antes. Os carrinhos ainda estavam lá, imóveis e silenciosos, e o mato ameaçava corroer o metal inteiro. Mesmo à luz do dia, aquele lugar era sinistro. Fiquei feliz de ouvir que Joey não tinha a intenção de se instalar ali em caráter permanente.

Randall deu uma risadinha de algo que Mason falou atrás de mim. Os dois se deram bem logo de cara, quando Randall e os outros rebeldes foram oficialmente apresentados a Joey e aos novos líderes da SDS. Desde então, Randall vinha passando um bom tempo na base dos Apropriadores. A liderança inclusive chegou a discutir enviar alguns rebeldes de Cypress Crest para a nova base definitiva... assim que encontrássemos uma.

Eu vinha pensando bastante a respeito da anterior: a Base Aérea de Benton. Conviver com aquele lugar era doloroso, pois foi onde o meu pai morreu. Mas a base desativada poderia ganhar outro aspecto caso criássemos uma organização que honrasse seu trabalho, em vez de aprisioná-lo. Parecia uma boa ideia.

– Andei pensando... Fui visitar a antiga base dos Apropriadores umas semanas atrás. O lugar é imenso, e mais de dois terços ainda estão intactos. – Estava sentindo todos os olhares sobre mim, e deliberadamente não olhei para ninguém, porque já estava difícil controlar as emoções. – As construções são bem firmes, e caberia muito mais gente lá que em qualquer outro lugar. Além disso, acho que o Danny... acho que o meu pai ia gostar que lá virasse um lugar que na verdade ajudasse os Sonâmbulos, como ele sempre quis.

Joey balançou a cabeça, e em seguida estendeu a mão para me cumprimentar.

– Parece um bom plano. Temos muita coisa pra resolver depois de tanta luta. Seria mesmo o lugar perfeito pra recomeçar. Muitos erros foram cometidos por lá, inclusive com o seu pai. Lamento muito.

– Obrigado. Mas a gente precisa parar de olhar pra trás e passar a olhar para a frente. Agora parece ser o momento ideal. – Abri um sorriso, que Joey retribuiu. Era a primeira vez que eu o via feliz. E foi bom. Estava torcendo para que no futuro ele tivesse mais motivos para sorrir.

– Tem certeza de que não quer voltar pra Cypress Crest, Jack? Vai ser bem mais seguro lá agora. – Randall parecia meio magoado, já esperando que sua oferta fosse ser rejeitada. Eu sabia que ele sentia falta de Libby tanto quanto eu, e que esse sentimento também estava por trás de seu pedido, mas voltar para lá não a traria de volta.

Meus planos eram honrar a memória daqueles que perdi. Estava tentando seguir em frente e levar uma vida normal, – a vida que todos poderíamos ter se não estivéssemos envolvi-dos em uma guerra. Era a melhor maneira de agradecer aos nossos entes queridos que se sacrificaram.

– Obrigado. – Dei um tapinha em seu ombro. – Mas acho que está na hora de viver com o meu irmão. A gente vai até lá pra visitar. Eu quero levar flores pra Marisol e pra Libby... e pra minha mãe.

Nós dois sabíamos que o cemitério do outro lado da entrada do Cypress Crest estava cheio de pessoas que conhecíamos e amávamos. Para Randall isso era ainda mais verdadeiro que para mim.

Ele abriu um sorriso tristonho.

– Vocês serão muito bem-vindos.

Eu sentia falta da minha mãe, do meu pai, de Libby e de todas as demais pessoas que perdi. Elas deixaram um vazio dentro de mim que jamais seria preenchido, mas se eu perdesse Parker nunca mais ia conseguir me recuperar. Agora que sabia que ele ia ficar bem, estava aprendendo que esse vazio não precisava ser uma ferida aberta para sempre. Cada passo que eu dava com novas pessoas ajudava a fechá-lo um pouquinho.

Quando chegamos à van, Parker e Chloe já estavam lá, terminando de carregar suas coisas. A sra. Chipp tinha ido embora no dia anterior, para preparar um quarto para mim. Eu falei que podia ficar em um saco de dormir no quintal, mas ela me abraçou e sacudiu a cabeça antes de continuar falando sobre como seria o “novo quarto”.

Joey pôs seu braço enorme no ombro de Chloe, que se dobrou sob seu peso, dando risada.

– Tem certeza de que não quer ficar aqui?

– Tenho. – Ela sacudiu a cabeça e deu um abraço nele. – Tenho que voltar pra escola ainda, esqueceu? Vou ficar na casa de Oakville e aparecer pra visitar sempre que puder.

Joey esfregou as mãos, visivelmente incomodado com a ideia.

– Quer que eu vá com você?

– Eu vou ficar bem. – Chloe pôs uma de suas mãos pequenas sobre as deles. – Você precisa ficar aqui. Precisa garantir que eles não vão voltar pro caminho apontado pelo pai. – Joey tinha avisado desde o início que não ia obrigar nenhum Apropriador que não quisesse a tomar o Spectrum.

Ele ainda parecia disposto a contestar o plano da irmã:

– Promete que vai mandar notícias e vir me visitar?

Ela ficou na ponta dos pés e o encarou, bem séria. Mesmo assim, só conseguiu chegar até os ombros dele.

– Prometo.

Ele soltou um suspiro resignado e deu uma olhada em mim e em Parker.

– E vocês não vão deixar que ela se meta em encrenca?

Chloe piscou para mim e sorriu.

Dei risada e falei:

– A sua tarefa de liderar os Apropriadores deve ser mais fácil que essa, mas a gente vai tentar.

Parker pegou o telefone para ver as horas.

– Se a gente ainda quiser chegar em casa a tempo...

Desde que tomou o Spectrum, ele não parava de falar em voltar para ver Finn, Addie e Mia. Os pais deles ordenaram que voltassem imediatamente quando ficaram sabendo que Finn estava ferido.

Baixei o queixo e olhei para ele.

– Vai acontecer *o que* se a gente se atrasar? Você sabe que eles vão estar lá mesmo se a gente chegar no meio da madrugada, né?

Parker fechou a cara imediatamente.

– Bom, está na cara que você tem muito que aprender sobre bons modos agora que vai morar lá em casa. Ser pontual é ser legal.

– Acho que já estou começando a me arrepender de ir morar lá...

Dei as costas para meu irmão, mas ele se aproximou sorrateiramente e esbarrou em mim, fazendo a chave voar da minha mão. Ele a apanhou no ar e saiu correndo na direção da porta do motorista, gritando:

– Vamos lá, eu dirijo!

Chloe e eu nos despedimos rapidamente de Mason, Randall e Joey antes de nos acomodarmos no banco de trás da van. Fiquei silenciosamente grato por Parker querer dirigir, porque não tinha conseguido conversar a sós com Chloe desde que ela tomou o Spectrum.

Meu irmão parecia disposto a nos dar esse tempo sozinhos. Antes mesmo de sairmos do estacionamento do Funtopia, ele ligou o rádio nos alto-falantes da frente e ajustou o retrovisor de um modo que só conseguia ver o teto.

Puxa, como ele era discreto... e nem um pouco sutil. Meu rosto ficou estranhamente quente, e torci para que Chloe não estivesse prestando muita atenção ao que Parker estava fazendo. Se reparou, não disse nada, e eu gostei.

Estávamos sentados perto o suficiente para que nossos braços e pernas se tocassem a cada movimento da van. Era uma distração para lá de agradável. Seu rosto foi recuperando lentamente um aspecto corado ao longo da semana. Ela parecia empolgadíssima com sua perspectiva de vida. Se antes eu já a achava linda, agora estava maravilhosa. Nós não nos beijamos desde antes de ela tomar o Spectrum, mas agora eu não conseguia pensar em mais nada.

– Acho que a gente precisa conversar – Chloe falou de repente.

– Ah, é? – perguntei, me ajeitando no assento.

– É. – Ela se mexeu um pouco para poder se virar para mim.

– Certo. – Eu me virei também antes de perguntar: – Sobre o quê?

– Drogas.

Franzi a testa. Com certeza não imaginava nem remotamente que fosse sobre isso que ela ia querer falar.

– Drogas?

– Estou pensando seriamente em mandar ver nas drogas. – Chloe estendeu as mãos para segurar uma das minhas. – Quero saber o que você acha.

– Sobre usar drogas e mandar ver? – repeti e então percebi que o que eu falei tinha soado bem estranho.

Chloe abriu um leve sorriso, mas mesmo assim fingiu um olhar de indignação. Antes que ela continuasse me provocando, decidi interrompê-la:

– Você está de palhaçada comigo. Me diz logo o que você quer de verdade.

Ela sorriu e, inclinando a cabeça de leve, me explicou:

– Estou pensando em tomar a droga que pode me transformar em Construtora. – Dessa vez não havia nervosismo em seu rosto, sua expressão era de absoluta sinceridade.

Entrelacei os meus dedos com os dela.

– Você é uma Apropriadora e agora está saudável. Por que mexer com o que está dando certo?

– Porque se eu fosse Construtora ia poder ajudar você. – Ela acariciou minha mão com os polegares, mas sem olhar nos meus olhos.

O que ela estava oferecendo significava muita coisa. Era uma coisa meiga, generosa e... perigosa.

Ergui sua mão até a boca e beijei cada uma das juntas.

– Obrigado, mas prefiro não arriscar. A gente não sabe nem se essas drogas são seguras. Não vale a pena. Além disso, você passou vários dias me dizendo que suas habilidades de Apropriadora na

verdade são bem úteis e incríveis. Com certeza não quer abrir mão disso de verdade. Outros Construtores podem me ajudar, e agora que você tem sonhos, posso visitar você lá.

Chloe pareceu um tanto decepcionada, mas também aliviada. Ela me olhou com um sorriso malicioso.

– De repente a Mia pode me ensinar uns truques de auto-hipnose...

Uma risadinha de surpresa escapou do meu peito.

– Acho que vale a pena tentar.

Envolvendo-a com os braços, eu a puxei mais para perto e a beijei primeiro nas pálpebras, depois no nariz e nas bochechas, e então na boca. Não precisávamos nos apressar, porque tínhamos todo o tempo do mundo e estávamos decididos a aproveitá-lo bem.

Fim

Agradecimentos

Concluir uma série é uma sensação incrível. A gente percebe o quanto avançou desde o começo, e às vezes se dá conta do quão pouco sabia quando ainda estava no início. No momento, as principais pessoas que quero agradecer são os leitores. Vocês leram e acompanharam a história até o fim. Vocês adoraram. Me mandaram e-mails compartilhando seus sentimentos em relação aos livros, como eles fizeram vocês grudarem na leitura e me pediram para continuar.

Vocês são incríveis. Esta história agora é sua. Os Sonâmbulos são vocês.

Obrigada por lerem. Obrigada por recomendarem a outras pessoas. Obrigada por gostarem de Parker, Jack, Finn, Addie e Mia, e espero que agora de Chloe também. A história deles ganha muita importância para quem lê e se importa com seus destinos.

E um grito de agradecimento especial para meus leitores de outros países espalhados pelo mundo. Seu apoio incrível me ajudou a perceber que o nosso mundo é pequeno e bem mais amigável do que eu esperava.

Também agradeço à minha superagente, Kathleen Rushall, que me dá força em literalmente tudo. Esta jornada teria dado em nada sem você! Obrigada a Taryn Fagerness, que ajudou o livro a chegar às mãos de editores e leitores de todo o planeta. Agradeço também a Brian Farrey-Latz, Mallory Hayes, Sandy Sullivan, Lisa Novak e aos demais membros da equipe da Flux por fazerem os livros da série se destacarem em diversos sentidos. Vocês tornaram esta caminhada empolgante.

Obrigada a todos os outros escritores incríveis que me ajudaram a dar forma a uma ideia de maneira que fizesse sentido, a começar pelos Seizure Ninjas, meu grupo de críticas semanais (o nome é uma

longa história, nem me perguntem): Janci Patterson, James Goldberg, Heather Clark, Cavan Helps, Heidi Summers, Lee Ann Setzer, Sandra Tayler e Alex Haig. MUITÍSSIMO obrigada a vocês todos! Este livro existe graças a vocês.

Obrigada a toda a comunidade de escritores, tanto aqui em Utah quanto no restante do país, e também aos grupos de internet, como os meus queridos YA Scream Queens e Lucky 13s. Agradeço por me aceitarem, mesmo com as minhas esquisitices.

Além disso, agradeço às minhas mais antigas e mais sinceras amigas da escrita: Michelle Argyle, Natalie Whipple, Kasie West, Candice Kennington, Renee Collins, Bree Despain, Sara Raasch e Nichole Giles. Vocês são fantasticamente incríveis. E sabem o quanto eu amo vocês.

Agradeço à minha família e aos amigos que leem os meus livros: mãe, Krista, Bill, Eric, vó Maurice, Nick Whipple, Dave Cutler e todo mundo que me ajuda e apoia de diversas formas. Vocês são o máximo!

Por último, agradeço ao meu incrível marido Anders e aos nossos meninos, Cameron e Parker. Vocês são a minha inspiração. Fico animada ao acordar todos os dias sabendo que vou passá-los com vocês. Obrigada por aguentarem minhas noites em claro e minha rotina caótica. Não teria conseguido escrever uma única página sem vocês. Obrigada. Amo vocês três com todas as minhas forças.

Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para OPINIAO@VREDITORAS.COM.BR
com o título deste livro no campo "Assunto".

Conheça-nos melhor em
vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr
twitter/VREditorasBR
instagram/vreditoras